

**DIÁRIO DE
BERLIM
OCUPADA**
— 1945-1948 —

Ruth Andreas-Friedrich



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Diário de Berlim Ocupada
1945-1948

Coleção Globo Livros

História

A Revolução de 1989, Queda do Império Soviético, Victor Sebestyen
A História Perdida de Eva Braun, Angela Lambert
O Expresso Berlim-Bagdá, Sean McMeekin
O Conde Ciano, Sombra de Mussolini, Ray Moseley
Declínio e Queda do Império Otomano, Alan Palmer
Churchill e Três Americanos em Londres, Lynne Olson
Napoleão, a Fuga de Elba, Norman Mackenzie
Diário de Berlim Ocupada 1945-1948, Ruth Andreas-Friedrich

Ruth Andreas-Friedrich

**DIÁRIO DE
BERLIM OCUPADA
1945-1948**

Tradução
Joubert de Oliveira Brízida

GZOBOLIVROS

Copyright © Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 1985
All rights reserved by and controlled through Suhrkamp Verlag Berlin
Copyright da tradução © 2012 by Editora Globo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Revisão: Carmen T. S. Costa, Dida Bessana

Capa: Negrito Produção Editorial

Imagem de capa: Russian soldier tries to buy bicycle from woman in Berlin, 1945 © Hulton-Deutsch Collection/corbis

Imagem de quarta capa: German woman knitting among ruins, Berlin, 1945 © Bettmann/corbis

Produção para ebook : S2 Books

1ª edição, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andreas-Friedrich, Ruth
Diário de Berlim ocupada, 1945-1948 / Ruth
Andreas-Friedrich ; tradução Joubert de
Oliveira Brízida. -- São Paulo : Globo, 2012. -- (Coleção Globo livros história)

Título original: Battleground Berlin : diaries, 1945-1948
ISBN 978-85-250-5285-8

1. Andreas-Friedrich, Ruth - Diário 2. Berlim (Alemanha) - Biografia 3. Berlim (Alemanha) - História - 1945-1990 4. Guerra Mundial, 1939-1945 I. Título.

11-13406

CDD-943.155087092

Índices para catálogo sistemático:

1. Berlim : Andreas-Friedrich : Diários de
Guerra : História 943.155087092

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo s.a.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo, sp
www.globolivros.com.br

Dedicado a Heike e Frank

Sumário

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1945](#)

[1946](#)

[1947](#)

[1948](#)

[Epilogo](#)

1945

Berlim, Domingo, 20 de abril de 1945

“Eles ainda estão atirando,” diz Frank no escuro. Posso ouvi-lo procurando fósforos. Uma pequena chama brilha, depois esmorece. Fumaça de querosene empesta o porão.

“O que está acontecendo?”

“Estão disparando,” repete Frank.

“Quem?”

Tento entender alguma coisa. Guerra? Não. Quando fomos para a cama, a guerra tinha terminado. Ontem foi a batalha final por Berlim. A linha de frente foi bem na nossa porta. Estávamos sentados no

porão. Jo Thäler, Frank, Andrik e Fabian. Heike Burghoff, Dagmar e eu. Dois ilegais, dois semilegais e três quase legais. A turma toda.

Aviões de mergulho atacando, lança-chamas, granadas explodindo. De entremeio, “lobisomens.” Seus disparos soando como latidos de cães contra os russos que avançam. De repente, um estouro, depois gritos. “Eles estão chegando,” berra alguém. Estranhos tentam forçar caminho pelo vestibulo. Andrik corre na direção deles. “*Drusya*,” o ouvimos exclamar. “*Drusya, tovarich!*... amigos!” Pronto, fomos vencidos. Agora é comer *kaska*, o mingau de aveia russo, com soldados russos. E oficiais russos estão alojados nos cômodos de cima...

“Frank,” sussurro, “quem está atirando?”

“Acorde os outros,” diz ele em vez de responder.

Levanto do colchão. A meu lado está Jo Thäler com o cobertor cobrindo a cabeça. A dois passos de distância, Dagmar, respirando fundo como uma criança adormecida. “Acordem!” Avanço aos tropeços para o vestibulo. “Heike! Fabian!” A meus pés, duas sombras rolam para fora dos colchões dobráveis. “Mas onde está Andrik?”

Seu lugar em frente à porta do porão está vazio. O travesseiro, frio. “Andrik,” grito. Ninguém responde.

Frank acendeu nossa lamparina de abrigo. Improvisada numa jarra de vidro. Uma fuligem avermelhada começa a sair do pavio feito com lã. Nós seis ficamos de pé em torno da pequena mesa onde, por três anos, tem estado nossa parafernália de abrigo. Ainda tontos de sono, ficamos olhando para as máscaras contra gases, as ataduras para queimaduras, os biscoitos, a garrafa com água e uma pilha de óculos para poeira.

“Que está acontecendo?”

“Você não ouve?” – indaga Frank. “Lobisomens!”

A fisionomia infantil de Heike parece apavorada.

Frank meneia a cabeça. “Tudo indica que eles ainda não entregaram os pontos. Como estarão as coisas lá em cima?”

Sobre nossa cabeça, o pisar duro dos soldados. Ouvimos um berro. Alguma coisa como “*Rassypatoya*.” Soa como um comando. Mais um tiro é disparado.

“Droga!” – resmungo Frank.

De súbito, Andrik reaparece. “Eles precisaram de mim como intérprete,” diz. “Estavam amistosos, mas...”

Tack, tack... tack, tack, tack é o barulho contra a parede.

“E chamam isso de paz,” – suspira Fabian, enquanto enrola uns cigarros.

“Que horas são?”

“Seis da manhã,” diz Jo Thäler.

Dagmar mexe nos nossos suprimentos. “Sugiro comermos alguma coisa.” Empurrando de lado ataduras e óculos, ela põe um pedaço de pão na mesa.

De garrafas, xícaras e potes, coletamos a pouca água que nos restou. Heike espalha geleia em pedaços de pão. “Um gole d’água para cada pedaço de pão,” decide ela. Comemos em silêncio. O copo com água passa de mão em mão.

Sete horas da manhã. Depois, oito. Acima de nós as botas dos soldados ressoam. De repente, a porta do porão é aberta.

“Ei!” – berra alguém. Andrik dá um salto à frente.

“Que é que há?” – pergunta em russo.

“Ordem de sair.” A sentinela mongol, que ontem parecia tão amigável, agora brande sua metralhadora. “Vinte minutos... *dvatset minuty*,” ordena.

“Deus meu, por quê?”

O soldado aponta para fora. Os disparos de metralhadoras irrompem de novo. “*Skoro... skoro...*” Ele

manda nos apressarmos.

Ficamos paralisados. “Vou falar com eles,” diz Andrik e corre escadas acima. Volta deprimido. “É por causa dos lobisomens. Estão passando o pente fino na vizinhança. Perderam dez homens na noite passada. Não posso censurá-los.”

“*Skoro... skoro...*,” a sentinela não nos deixa esquecer.

No porão, é o caos. Pôr coisas nas malas... procurar... abrir mala... fechar mala. Todos atravancam o caminho de todos.

“Meus manuscritos,” grita Fabian. “Estavam aqui há um minuto.” Em pânico, começa a arremessar a esmo tudo em volta.

Num canto, Heike prepara sanduíches de pão com geleia e os vai enfiando na mochila. Restam quatro minutos, dois minutos. Um nada de tempo para que deixemos uma vida à qual já nos acostumáramos.

“A máquina de escrever! Não esqueça a máquina de escrever,” exclama Frank. Abro uma das malas cheia de roupas de verão, e catando entre caixas, bolsas e coisas apanhadas ao acaso no armário encontro a máquina de escrever. As perdas em ataques aéreos, ao menos, resolvem o dilema de decidir sobre o que não será necessário para viver no futuro.

“Prontos?” Cambaleando com nossas cargas pesadas, subimos um a um as escadas do porão.

“*Aiye ucknyem...* vamos à mudança...,” assobia Fabian.

Não olhamos para trás. Em fila indiana, caminhamos penosamente pelo jardim do mercado que separa do cemitério nosso edifício de apartamentos da caixa d’água. Andrik vai a meu lado. Duas malas na mão direita, duas na esquerda. Suor escorre de sua testa.

“Para onde?” – pergunto.

“Qualquer lugar. Vamos ver.” Dá um sorriso para me encorajar. “De mãos dadas,” cita ele baixinho o tema de nosso amor.

A manhã está clara e linda. Ao menos da primavera eles não podem nos privar.

“Pelo cemitério,” brada Frank, que vai de batador por caminhar à frente. “A Bismarckstrasse está com cordão de isolamento.”

Viramos para o cemitério. No caminho, um soldado morto. Os braços abertos em cruz, a face voltada para o céu. E não é o único. Há outros caídos à direita e à esquerda. Espremidos entre as sepulturas como feixes de cereais depois da colheita. Em volta deles, a primavera luminosa. “Fiel até a morte...” – leio numa das lápides tombadas. Fiel a quem? Aos nazis? À pátria amada? Ao juramento de fidelidade? O silêncio dos mortos é a resposta emudecida. “A si mesmo... tão somente a si mesmo...”

“Ouça o melro!” Heike me cutuca. Por um momento, largo minhas malas. “É verdade... ainda existem melros.”

Uma sombra surge no céu. “Cuidado com os aviões de mergulho,” berra Jo. Numa fração de segundo, já estamos colados ao chão. O rosto amassado nas saliências das sepulturas, bem perto dos mortos abaixo e em torno de nós. Os disparos das metralhadoras zunem por cima de nossas cabeças, tão baixo que por pouco não nos atingem. Quase nos enfiamos terra adentro, ficamos achatados como selos. Então tudo se aquieta. Cuidadosamente, Frank levanta o olhar.

“Podemos continuar.” Põe-se de pé e sacode a areia dos joelhos.

“*Aiye ucknyem,*” assobia Fabian.

Além da Bergstrasse, sentinelas nos detêm. Andrik negocia. Tenta de todas as formas fazer que entendam. Não tiramos os olhos do rosto de Andrik. Parece que acabou.

“Para a cidade.” Resignado, ele pega suas malas. Cada vez mais devagar, nos arrastamos pelas ruas. Ninguém à vista. De vez em quando, um soldado russo passa por nós, olha-nos cheio de desconfiança, empunha firmemente sua metralhadora. Um pouco ao longe, o som de disparos.

“Parem!” – grita Frank.

Estamos diante de um prédio destruído. As bombas acabaram com o telhado e derrubaram os pisos mais do alto. Perto da porta esvaçada, um monte de escombros. Som de motores...

“Pra dentro,” grita Frank. Com nossas malas e pacotes tropeçamos nos destroços, descemos algumas escadas, subimos outras e, por fim, chegamos a um depósito subterrâneo de carvão. Vazio

“Nosso novo lar, que bom.” Heike joga a mochila no chão e inspeciona com o olhar tudo em volta. “Hum...”

Quinze minutos mais tarde, cessa o ataque. “E agora?” Com calma, fico imaginando como conseguiremos transformar vinte e nove peças de bagagem em sete camas passáveis.

“Temos de procurar por aí,” diz Frank. “Casa nenhuma é feita só de depósito de carvão.”

Uma hora depois, tentamos pela segunda vez chegar ao apartamento subterrâneo do zelador. Um quarto e cozinha. E mobiliados, pelo menos com o que sobrou depois das bombas.

“Se continuarmos nesse ritmo, só vamos chegar de noite ao primeiro andar.”

Puxamos as malas pela escada do porão. Na porta, mais um entrave. Cinco soldados russos bloqueiam a entrada. “Relógio? Relógio?” – perguntam.

Frank, obedientemente, levanta a manga da camisa. “São onze e oito.”

Não era bem isso que eles queriam. Num segundo, seu relógio de pulso desaparece dentro do bolso do soldado perguntador.

“Relógio? Relógio?” O tom de voz é amistoso, quase cordial. Cinco relógios trocam de mãos. Sem relógios e sem horas, nos movimentamos pelo apartamento subterrâneo parcialmente destruído e deixado por Erwin Machulke, o zelador.

Quatro homens e três mulheres. O que sobrou do grupo de resistência “Onkel Emil” (Tio Emílio) de Berlim.

“Acho que é bom limpar um pouco isto aqui,” diz Heike, olhando para o reboco caído sobre os móveis e no chão. “Se vamos ficar por algum tempo...”

Poeira em nosso nariz. Como galinhas assustadas, os homens fogem para um dos cantos afastados. Hora e meia mais tarde, o apartamento subterrâneo parcialmente destruído de Herr Machulke está razoavelmente apresentável. Dagmar inspeciona o armário da cozinha.

“Nada ficou,” declara. “Limpinho. E estou faminta.”

Faminta? De repente nos ocorre que não comemos nada desde bem cedo naquela manhã. Não se vive só de ar. Nem de manuscritos no interior de uma pasta de deslocado de guerra.

“Vamos ter de dar uma volta por aí,” repete Frank o conselho dado pela manhã. Vira-se para Jo. “Você vem comigo?” Jo Thäler concorda. Juntos, os dois tentam chegar aos andares de cima.

“Não vão cair!” – exclama Heike para eles. A escalada pelos degraus despencados, quase um exercício de barras, parece bem perigosa.

“Segurem,” logo ouvimos dizerem lá de cima. Dois colchões voam para baixo. Travesseiros, duas mantas de cavalos, uma frigideira, um roupão. Eles voltam com os bolsos cheios.

“Quase não valeu a pena o esforço,” diz Frank, jogando sobre a mesa uns saquinhos com aveia e pasta de pequeno formato, duas réstias de cebolas e um pacote de café artificial. “No máximo, o suficiente para uma refeição. Temos de continuar procurando.”

Olhando para aqueles pequenos saquinhos algo começa a nos incomodar. E o dono deles... Nossa consciência se manifesta. Todos conhecemos o Sétimo Mandamento: Não... Não... Permanecemos calados em torno da mesa.

“Huiiiii,” ouvimos do lado de fora. O chão treme.

Os pequenos saquinhos voam por cima da mesa. Chovem pedaços de reboco caídos do teto sobre nós e,

como num passe de mágica, esquecemos o Sétimo Mandamento.

Onde estaremos quando cair a próxima bomba? E os saquinhos então? Ou o dono deles? Longe daqui fica o edifício da caixa d'água onde morávamos e estava tudo o que tínhamos, tudo o que nos era caro. Acabou a ordem das coisas. De repente, sentimo-nos como intoxicados, e todos começamos a falar alto ao mesmo tempo.

“Venham cá,” chama Fabian. Corremos. Só Andrik fica para trás, pensativo, nos vigiando.

As ruas estão desertas. Não há mais ruas. Apenas valas viradas e cheias de escombros, entre filas de ruínas. Que tipo de pessoas viveu aqui? A guerra as jogou para fora, da mesma forma que nos levou ao quarto de subsolo de Erwin Machulke. Acabou a ordem das coisas. Para permanecer vivo é preciso comer. Estamos vivos. Como jamais antes, sentimos que estamos vivos.

“Este é o caminho certo para o abismo,” penso eu enquanto mergulhamos como aves de rapina nas ruínas à esquerda e à direita. Escalamos montes de destroços, remexemos entulho e vidros estilhaçados, rastejamos através de porões desconhecidos, abrimos e rasgamos caixas e sacolas que não nos pertencem. Bombas explodem acima de nós. Nem nos importamos. Raras vezes buscamos proteção. Parecemos assaltados por uma febre.

“Olhem, cubos de carne para sopa! Caixas repletas de cubos de carne,” grita Fabian do buraco de um porão. “E jujubas! E pó para sorvete! Dá até para abrir uma loja!” Sua face rubra e coberta de poeira surge detrás de um monte de entulho.

Pó para sorvete! Por que pó para sorvete? Nenhum de nós jamais ligou para pó de fazer sorvete. E agora, quando em bicas, arrastamos cinco caixas de pó para fazer sorvete de framboesa através das ruínas de Berlim. Radiantes como se tivéssemos descoberto um tesouro. Com ares triunfais, Frank nos mostra três camisas de fustão, um par de macacões, um par de botas de borracha e dois coletes desbotados de lã.

“Você quer usá-los?” – indaga Andrik. Parecemos desnorteados, como sonâmbulos que foram despertados. Sem dizer uma palavra, Jo Thäler empurra seu embrulho de roupa íntima feminina para trás do armário.



Segunda-feira, 30 de abril de 1945

Quatro de nós deitados na cama de casal dos Machulkes. Sobre colchões jogados lá de cima. Cobertos com as mantas de cavalos de origem desconhecida.

“Nada como nosso lar,” diz o bordado colorido sobre seda acima da cama. Raios do sol penetram no quarto. Ninguém tem a mínima ideia de que horas são. Na cozinha, Heike prepara sopa com os cubos de caldo de carne. Café da manhã? Almoço? Jantar?

Que importa? Come-se quando há alguma coisa para comer e quando se tem fome.

Estamos com fome. Temos algo para comer. Então vamos lá.

“Uma fatia de pão cairia muito bem,” murmura Fabian.

Dagmar o repreende: “Guloso. Você deveria se dar por feliz...” Interrompe a frase no meio. Escutamos passadas no vestíbulo. Um rosto aparece na porta. Nossa sentinela mongol do edifício da caixa d'água.

“*Strastitye*,” o soldado nos cumprimenta com um sorriso forçado. Ficamos de pé. Andrik traduz.

“Ele veio apenas para nos visitar,” explica. “Orgulha-se de nos ter encontrado.”

“Visitar?”

Ficamos aliviados. Heike corre para pegar uma cadeira e enche uma tigela com sopa de caldo de carne para nosso convidado. Desconfiado, o soldado cheira a sopa e a devolve com desdém.

“Não boa,” diz balançando a cabeça. “Boa para porcos.” Ofendida, Heike leva embora o produto de seus esforços culinários. Ninguém gosta de se sentir pessoa de segunda categoria. Pela primeira vez, nos conscientizamos de que fomos vencidos.

No meio-tempo, nosso convidado se pôs bem à vontade. Com um sorriso aberto, tira do bolso e joga sobre a mesa um punhado de balas.

“Para as moças,” traduz Andrik. Durante três horas, o mongol permanece sentado, conversando. A metralhadora sobre os joelhos, duas granadas de mão no cinto, ele garimpa no fundo de seus bolsos as coisas mais incríveis: relógios de pulso, isqueiros, anéis de ouro, colares de prata. Como uma criança, brinca com seus tesouros, passando-os entre os dedos, observando-os contra a luz.

“Onde você conseguiu isso tudo?” – pergunta Andrik.

“Troféus,” ele responde com simplicidade. Então esse é o nome – troféus. O pó para sorvete, os cubos de caldo de carne. As camisas de fustão e os coletes de lã. Roubo não – troféus! O Sétimo Mandamento não menciona troféus.

Por fim, o mongol se torna mais íntimo. “Vem, mulher,” diz para Dagmar e tenta puxá-la para seu colo. Dagmar recusa. Esperneia e tenta se livrar. O mongol se levanta irritado.

“*Tschort!*” – xinga. Empunha sua metralhadora e parece uma besta irada. Com alguma dificuldade, Andrik consegue acalmá-lo. “*Maya dotchka!*... minha filha.”

“Ah, *dotchka!* Família!” o soldado concorda com a cabeça e se aquieta. Mas a amizade ficou rachada, e todos respiramos aliviados quando, pouco depois, ele vai embora.

“Vamos catar troféus,” sugere Frank ao anoitecer. O sol acabou de se pôr. As ruas estão novamente desertas.

“Mas onde estão todos os berlinenses?” – espanta-se Heike.

“Nos *bunkers*, onde mais poderiam estar? Nem todos gostam de ser...”

“*Huiiii,*” uma saraivada de disparos de aviões em voo rasante atinge uma parede próxima... “um alvo ambulante.” Jo Thäler completa sua frase enquanto ficamos de pé depois de nos jogarmos na poeira. Levantar, deitar, deitar, levantar. Com cuidado, continuamos andando. De súbito, Heike dá um grito.

Na nossa frente, um boi branco vem trotando depois de dobrar a esquina. Tem olhar pacífico e chifres pesados. Só Deus sabe de onde vem; decerto não foram as ruas de Berlim que lhe deram origem. Frank e Jo olham um para o outro. Um troféu? Não roubarás... aviões de mergulho, granadas, ruínas... Poderíamos... deveríamos? Cauteloso, o boi circula tropeçando em torno de uma cratera de bomba. Sim, é um troféu; a cratera decide. Em segundos, cercamos o animal. Jo o agarra pelos chifres. Todos juntos, conduzimos o animal à força para o pátio do nosso apartamento-refúgio. Andrik, em dúvida, meneia a cabeça.

“Temos de perguntar aos russos.”

Perguntamos aos russos.

“Fiquem com ele antes que alguém fique,” – dizem os soldados, e um deles é mandado conosco para dar o golpe de misericórdia no boi.

Cinco minutos depois, o serviço já está feito. Cinco minutos depois, agimos como doidos. Brandindo facas de cozinha, com as mangas das camisas arregaçadas, Frank e Jo se curvam em torno do animal morto. Sangue pinga de suas mãos, sangue escorre por seus braços e deixa finos rastros vermelhos na grama pisoteada. Subitamente, como se o mundo subterrâneo os tivesse expelido, uma multidão barulhenta se junta em volta do boi morto.

Eles rastejaram para fora de centenas de buracos de porões. Mulheres, homens, crianças. Terá sido o cheiro de sangue que os atraiu? Correm em nossa direção segurando baldes, panelas e até tinas. Aos berros e com gestos frenéticos, eles despedaçam carne das mãos uns dos outros.

“O fígado é meu,” rosna alguém.

“A língua é minha... a língua... a língua!” Cinco pulsos ensanguentados arrancam sofregamente a língua da garganta do boi.

Heike começa a chorar. “Que tristeza!”

“Ah,” exclama uma mulher e, afastando-se depressa da multidão, dá duas voltas em torno de si mesma e sai correndo. Acima da cabeça, agita o rabo do boi.

Consigno esgueirar-me para longe de tudo aquilo. Jamais na vida me senti tão miserável. Então é isso que significa a hora da libertação. Foi por um momento assim que esperamos doze anos? Para que brigássemos por um fígado de boi? E para que pegássemos coisas das quais não precisamos, levássemos aquilo que jamais desejamos? Não, isso é...

Não quero saber o que é. De qualquer maneira é uma coisa horrorosa. Algo tão desesperançado que corro para a cama de casal dos Machulkes, jogo sobre a cabeça as mantas de cavalo – troféus recolhidos – e mergulho num sono de chumbo.

No meio da noite, desperto. A luz de uma lanterna passeia por meu rosto.

“Vem, mulher,” ouço uma voz. O fedor de bebida barata me assalta.

“Andrik! Frank!” – berro. A mão cobre minha boca.

“Boa mulher... vem,” repete a voz. Um corpo pesado desaba sobre o meu.

“Não, não,” gaguejo, meio sufocada, tentando escorregar o mais que posso para dentro dos travesseiros. O cheiro de aguardente barata. Junto ao meu ouvido, respiração ofegante. “Meu Deus!... Deus do céu!”

Naquele momento a porta se escancara. Andrik vem correndo e segurando uma vela, a face pálida e contorcida. Por trás dele, barulho. O soldado desconhecido me larga e se levanta. Não muito consciente, ele responde às perguntas autoritárias de Andrik.

“O que você está fazendo aqui?” – dispara Andrik na minha direção.

“O que eu estou fazendo?” Só então desperto completamente. “Acho que... nada!”

“Bem, então,” resmunga Andrik. Sua voz soa dominada pela emoção. Olha para o russo, aponta para a porta e se volta para sair. O susto passou. Estou novamente sozinha no escuro.

Só ao amanhecer os outros retornam. Desgrenhados, exaustos. Convidados dos russos a noite toda. Convidados inconvenientes. Bêbados do 1º de Maio à cata de amor.

“Como leitoas amarradas, suas vítimas grunhiam nos porões,” revela Fabian com um tremor.

Andrik desaba na cama. O fedor de bebida barata.

“Você andou bebendo?”

“Beebeeendo,” balbucia ele. “Bebi a noite inteira para que eles deixassem as meninas...” O resto da frase foi engolfado pelo sono.

Oh, Andrik, meu querido guardião.



Terça-feira, 1º de maio de 1945

Calados, nos reunimos para o café da manhã de sopa de caldo de carne. Estamos todos enfurnados em nossos próprios pensamentos. E não são agradáveis. Finalmente, Jo rompe o silêncio,

“De vez em quando, qualquer um pode perder as estribeiras.”

Frank concorda. Os macacões-troféus ainda na cabeça.

“Os outros também não são anjos.” Heike tenta se justificar.

“Só que não é da nossa conta,” replica Andrik secamente.

O silêncio volta. O sentimento de intoxicação que ontem experimentamos foi substituído na manhã

seguinte por outro pesado como chumbo. Um estado de espírito que não melhora nem quando, por volta do meio-dia, o mongol aparece e anuncia que temos de voltar para nossa casa.

“*Partisanski* já eram,” sorri enquanto dá tapinhas carinhosos em sua metralhadora.

Preguiçosamente, quase com indiferença, aprontamo-nos para ir embora. Procurar, colocar nas malas, reunir nossas coisas. Adeus, Herr Machulke. Adeus, nossa casa por três dias. Com vinte e nove malas, cubos de caldo de carne, pó para sorvete, jujubas e três baldes de carne de boi recém-talhada, pomo-nos a caminho.

As granadas pararam de explodir. Os aviões também estão mais calmos. Só uma aeronave executa graciosas manobras acima de nós. Pela segunda vez, parece que a guerra acabou.

De *bunkers* e porões, gente, aos poucos e hesitante, vai reaparecendo. Pequenos grupos ou pares vêm em nossa direção. Usam braçadeiras brancas; as mulheres, lenço vermelho na cabeça. Fabian toca meu ombro.

“Improviso conveniente da moda – bandeiras nazis transformadas em símbolos soviéticos.”

Tento entender a razão do sarcasmo. É verdade: em cada lenço o círculo central não desbotou por completo e trai a evidência de que ali havia uma suástica. O que se passa nas cabeças por baixo daqueles lenços? Ontem, marrons. Hoje, vermelhos. Amanhã, talvez panos listrados em vermelho e branco, e com muitas estrelas, e depois, quem sabe, os traços e as cores da Union Jack. Será que a ideologia de uma pessoa pode mudar com a simples alteração no pano daquilo que tem sobre a cabeça? Os que usam braçadeiras, lenços de cabeça, botões de lapela e distintivos o fazem apenas por autoafirmação. Porque não confiam neles mesmos. Mas será que podemos confiar em nós mesmos? Penso nas balas de jujuba. Os coletes de lã e o boi despedaçado. Talvez tudo seja uma questão de gradação. E nenhum de nós tem condições de julgar os outros.

Quanto mais para o sul caminhamos, mais nos defrontamos com a terrível destruição da guerra. Entramos e saímos de crateras de bombas. Passamos apertados entre emaranhados de arame farpado e nos esprememos através de barricadas apressadamente levantadas com móveis. Foi com sofás que nosso exército tentou barrar o avanço russo! Com sofás revestidos de linóleo, cadeiras de braços e armários quebrados. Seria de rir se não fosse de chorar.

Tanques esburacados bloqueiam a passagem. Uma visão patética; o tubo de seus canhões apontando para o céu. Um cheiro de fatalidade emana deles. Doce, pesado, opressivo. “É o cheiro da morte,” ocorre-me. Passo depressa pelos tanques.

As sentinelas foram embora. Apenas alguns estojos de munição disparada e espalhados a esmo são evidências dos postos de luta que elas ocuparam. Prédios totalmente incendiados à esquerda e à direita. Que Deus nos proteja, se as coisas continuarem assim. Calados, vamos andando. O peso de nossa bagagem nos maltrata.

“*Aiye ucknyem*,” assobia Fabian.

Por trás de um resto de parede está sentado um velho. Cachimbo na mão direita e um isqueiro na esquerda. Ele senta ao sol completamente imóvel. Por que está tão parado? Por que não faz o menor movimento? Uma mosca passeia por seu rosto. Gorda, verde, brilhante. Agora ela penetra nos olhos do velho. Os olhos... Oh Deus, piedade! Algo gosmento escorre dos olhos sobre as bochechas. Um morto está ali, sentado, e morreu ontem...

Por fim, a caixa d’água aparece no horizonte. Estamos no cemitério. A porta do necrotério está escancarada. De novo, aquele cheiro doce e opressivo.

“Oh, não! Olhem!” – gagueja Fabian.

Apreensiva, arrisco olhar para dentro da sala escurecida.

Corpos, nada além de corpos no chão. Fileiras atrás de fileiras; cadáveres ao lado de cadáveres. Entre eles, crianças, adultos, alguns muito idosos. Trazidos sabe-se lá por quem e de onde.

É o resultado final de cinco anos de guerra: crianças abarrotando necrotérios e velhos se decompondo por trás de paredes...

“Será que alguém plantou geleia de framboesa por aqui?” Dagmar interrompe meus devaneios. Olho à frente e vejo duas jarras de conservas. E há mais nas proximidades. Como se o conteúdo de uma despensa tivesse sido esparramado sobre o gramado verde. Latas apenas perfuradas, vasilhas com geleia pela metade, garrafas, mais jarros, sacolas de papel e caixas. Em meio a tudo aquilo, um edredom. Sujo, inchado.

“Um bivaque!” Frank larga suas malas e pega um dos objetos no chão. “Ervilhas, tamanho médio,” consegue ler no rótulo encharcado.

Quando saímos do cemitério, levamos conosco um jantar completo. Um pouco com gosto de terra, um leve cheiro de lixo, porém, antes de mais nada, um jantar. Valiosos restos de uma comemoração russa pela vitória.

Finalmente, chegamos ao edifício. Ele ainda está de pé. Não foi incendiado. Os vencedores foram mais humanos do que os vingadores de Lídice.

“Boa e velha casa,” diz Heike, enlevada, e acaricia a parede enegrecida de fumaça. “Ainda está de pé! Ela aguentou!”

Corremos escada acima. Um fedor insuportável nos assalta. Gavetas reviradas, armários derrubados, cadeiras quebradas, mesas imundas. Atravessamos com dificuldade roupas e utensílios de cozinha espalhados pelo chão. Discos fonográficos estilhaçam sob nossos pés, caixas vazias de remédios e garrafas quebradas. Algo pegajoso faz-me escorregar.

“Não é possível que estivessem sóbrios.” Enojada, aperto as narinas com os dedos. Andrik está imóvel na porta do banheiro. Horrorizado, ele olha a causa de todo aquele fedor.

“Só búfalos poderiam ter produzido tudo isso” – balbucia Andrik e, demonstrando profundo asco, tenta acionar a descarga. Não há água. Também não há gás e eletricidade, nem o telefone funciona. Só o caos. Caos total e impenetrável.

Dagmar volta do porão. “Lá embaixo ainda está pior,” corre distraidamente os dedos entre seus cabelos. “Uma inundação. Vou dizer para vocês: verdadeiro dilúvio!”



Quarta-feira, 2 de maio de 1945

Fabian construiu um fogão. Empilhou tijolos sobre o chão da cozinha. Faz uma fumaceira, mas funciona. Temos quantidade suficiente de coisas quebradas para alimentar o fogo.

Fico agachada diante da parte de baixo do forno improvisado. Tudo em volta está sujo e enegrecido pelo pó. Cada gota de água é muito preciosa. Passados vinte minutos, parece que fiquei deitada num saco de carvão. Em torno de mim, grande agitação: todos procuram coisas e tentam arrumá-las. Portas são consertadas, janelas vedadas com tábuas e pregos. Vamos aos poucos descobrindo o que está faltando e a alegria é grande quando algo é encontrado de novo.

De tarde, Frank organiza uma expedição para a coleta de água. A bomba mais próxima fica a três quarteirões de distância. Há muitas pessoas esperando na fila. O punho da bomba passa de um a outro. Somos os últimos. Duas horas depois, chega nossa vez.

“O normal é pegarmos água no reservatório,” diz uma mulher que está à minha frente na fila. “Mas como há um corpo boiando nele...”

“É claro,” concordo, “não se pode beber a água onde cadáveres estão boiando.”

“É de um civil,” objeta a mulher um tanto hesitante.

Contenho-me para não dizer qualquer coisa que possa chocar, mas jamais pensei na higiene da água dessa perspectiva.

Frank conversa com um dono de rádio que funciona a bateria. Ele pressiona o pobre homem por informações como se estivesse tratando com um jornal ambulante. “Boas notícias,” diz Frank, radiante de alegria, enquanto organizamos o rodízio para levar os oito baldes cheios de água para casa. “Só posso dizer que parece mentira.”

Já em casa, ele nos repassa as notícias sensacionais: Hitler está morto na Chancelaria. Goebbels tomou veneno com a esposa e os filhos; Himmler ainda luta em Breslau, e Epp, dizem, tentou um golpe em Munique.

“Qual a fonte de sua informação?” – indaga Jo.

Frank não responde. Ele nos olha cheio de expectativa. “Bem, o que vocês acham...?”

“Hum,” murmura Andrik. Os outros permanecem calados.

“Eu não sabia que Hitler estava em Berlim,” diz Dagmar. De súbito, nos conscientizamos do absurdo daquele momento. Hitler está morto! E agimos como se não fosse da nossa conta. Os acontecimentos simplesmente o sobrepujaram. O III Reich desapareceu como um fantasma.

Com as suásticas de suas bandeiras nazis, Hitler foi jogado no lixo. Que você vá para o inferno, Führer e Chanceler do Reich! *Tempi passati!* Você agora não vale nada para nós.



Sexta-feira, 4 de maio de 1945

Ainda falta água, luz e gás. Não há meios de transportes e os telefones não funcionam. Levar água para casa consome horas todos os dias. Trabalhamos como escravos. Atiçar o fogo, catar madeira, cortá-la, varrer o entulho. Limpar, limpar constantemente.

De tempos em tempos, visitantes russos aparecem. Andam de cômodo em cômodo, olhando tudo, e levam o que desejam. Não são inamistosos, mas também não são amáveis. Olham através de nós como se não existíssemos. “Relógio, relógio,” dizem às vezes. “*Schnapps*” e “Velocípede.”

Nossas bicicletas desaparecem. Por trás do cemitério há uma estrada asfaltada onde os vitoriosos aprendem a andar de bicicleta. Aprendem como crianças: persistentes e apaixonados, sem a mínima preocupação com os destroços que deixam para trás. Depois de três dias, a estrada está coalhada de partes de bicicletas.

“Restos de naufrágio,” decide Frank. “Por mim, deveríamos catá-los.”

Quando escurece, saímos em excursão para buscar aquilo que já foi nosso e já foi inteiro. Selins e guidões, quadros retorcidos e rodas empenadas.

“Vai ser um pequeno trabalho de ‘monte você mesmo.’” Com resignação, Frank fica olhando o monte de ferro-velho.



Domingo, 6 de maio de 1945

Frank e eu nos aventuramos pelos subúrbios vizinhos. Lenços vermelhos e braçadeiras brancas ainda dominam as ruas. Mas os que os usam hoje não carregam malas. Sem descanso e com irada obstinação, limpam as ruas.

“Por que tanta pressa?” – pergunta Frank a uma mulher que maneja uma pá.

“Porque eles...,” engole em seco, “porque eles tocarão fogo nas casas se não terminarmos à noite.” Seus olhos são os de um cão que acabou de levar uma coça.

“Não vai ser tão ruim assim,” consolamos. Mas a mulher nem escuta, vira-se e continua seu frenético trabalho.

“Pobres escravos,” diz Frank.

“E se for verdade?” – pergunto, alarmada. “Quer dizer, se eles incendiarem mesmo as casas?”

Frank encolhe os ombros. “Pode até ser. Mas o medo deles piora as coisas. Os russos não gostam de covardes.”

Não, eles não gostam de covardes. Como as crianças e os animais selvagens, apreciam a amizade calma e segura. Para os que os olham como se fossem perigosos, eles se tornam perigosos. Nesses dias, eles têm se tornado perigosos para muitos. O pânico vigora na cidade. Medo e terror. Por onde andamos há saques, pilhagens, violência. Com irrestrito apetite sexual o exército dos vencedores se lançou sobre as mulheres de Berlim.

Visitamos Hannelore Thiele, amiga e colega de escola de Heike. Ela está sentada toda encolhida no sofá. “A gente deveria se matar,” lamenta. “Isso não é modo de vida.” Cobre o rosto com as mãos e começa a chorar. Dá dó ver seus olhos inchados; é terrível olhar para suas feições irreconhecíveis.

“Foi mesmo tão horrível?” – pergunto.

Ela me encara e diz em tom lamurioso: “Sete, sete, um atrás do outro. Como se fossem animais.”

Inge Zaun vive em Klein-Machnow. Tem dezoito anos e nada sabia sobre o amor. Agora sabe tudo. Repetidas vezes, sessenta.

“Como é possível se defender?” – diz impassível, quase indiferente. “Quando eles esmurram a porta e disparam suas armas da forma mais insensata. A cada noite aparecem novos, a cada noite, são outros. Na primeira vez em que me pegaram e forçaram meu pai a assistir, pensei que ia morrer. Depois...” Ela faz um gesto débil. “Como o capitão deles me escolheu para amante, felizmente passou a ser um só. Ele me escuta e até ajuda para que as meninas sejam deixadas em paz.”

Estremeço. Durante quatro anos Goebbels disse que os russos nos estuprariam. Que estuprariam e roubariam, matariam e saqueariam.

“Propaganda atroz!” – dissemos, e esperamos pelos libertadores aliados.

Não queremos nos desapontar agora. Não suportaríamos constatar que Goebbels estava certo. Por doze anos fomos adversários. Pelo menos esperávamos que “tivesse valido a pena.” Se até isso agora nos faltar...

“Eles estupram nossas filhas, estupram nossas mulheres,” deploram os homens. “Não uma, mas seis, dez, vinte vezes.” Só se fala nisso na cidade. Só se pensa nisso. O suicídio paira no ar. Eles escondem as meninas por trás das vigas dos sótãos, as enterram sob pilhas de carvão ou as embrulham em vestes como se fossem velhas. Quase nenhuma delas dorme onde deveria.

“Perdida a honra, está tudo perdido,” exclama um pai desnorteado e entrega uma corda à filha que foi estuprada doze vezes. Obediente, ela pega a corda, sai e se enforca na esquadria da janela mais próxima.

“Se você é estuprada, não lhe resta mais nada senão a morte,” declara um professor a uma turma de garotas dois dias antes do colapso final. Mais da metade das estudantes chega à antecipada conclusão, como delas era esperado, e se afogam deliberadamente, com sua honra, no primeiro volume de água que encontram. Honra perdida, tudo perdido. Veneno ou balas, corda ou faca. Elas se suicidam às centenas.

“Frank,” pergunto, “você entende tudo isso?”

Ele balança a cabeça. “Mas temos de entender. Se não entendermos, o futuro terminará para nós mesmo antes de começar.”

Concordo. “Se esse for o resultado de doze anos de espera, é muito triste.”

Silenciosos, vagamos pelas ruas. Quanto mais as horas avançam, mais apressado se torna o trabalho com pás e vassouras por todos os lados. Distraído, Frank olha os lenços vermelhos e as braçadeiras brancas.

“Talvez haja uma maneira...,” começa ele a ponderar, “quero dizer, uma maneira de entender isso.” Viro-me para ele. “Veja você,” continua, “quando invadimos o país deles, matamos seus homens, levamos seus bens; o camponês russo pensou: *‘Eles devem ser mais pobres do que nós. Devem passar fome e enfrentar privações.’* É provável que tenham visto aquilo como simples e natural. Mas não era simples, nem natural. E quando eles chegaram à Alemanha, viram que tínhamos casas e até banheiras, espelhos e mobílias pomposas, entende por que eles ficaram tão enfurecidos? Os saques, as pilhagens, a destruição, os roubos? São os espelhos que os deixam irados, as banheiras, as mobílias elegantes. Não se ataca alguém caso se esteja bem melhor de vida que sua vítima.”

“É isso mesmo,” aceito, grata a Frank por me ajudar a recuperar a fé. “E os estupros?” – lembro-me de repente. “Você não estupra simplesmente porque não possui mobília elegante. E se o faz, decerto não é com batalhões inteiros.”

“Pelo contrário. Você faz mesmo com batalhões inteiros,” Frank me interrompe. “É essa toda a questão. Você tem de encarar isso como coisa do homem primitivo.”

“Ser homem primitivo não o torna um estuprador,” objeto.

“Uma lógica tola! É claro que não. Mas se você segue suas inclinações naturais, instintivamente você quer possuir. Carne ou terra, terra ou carne. Para o homem primitivo, é a mesma coisa. A vitória é um processo físico. Ela é sentida e se expressa fisicamente. Não é um pensamento agradável, mas dá para entender.”

“Não é agradável, mas... compreensível,” admito relutantemente. “Em outras palavras, a intoxicação russa com a vitória se manifesta na carne.”

Frank concorda com a cabeça. “A carne de nossas mulheres. Com a carne, eles tomam posse da terra germânica, um pouco de cada vez – na carne, eles a vão fertilizando noite após noite.”

Começa a anoitecer. Dominadas pelo medo, as pessoas, muito agitadas, continuam o trabalho nas ruas. Como não fazemos a mesma coisa, tornamo-nos quase suspeitos. Um homem dispara um olhar odioso em nossa direção.

“Comissários,” ouvimos dizer entre dentes. “Malditos dedos-duros.”

O insulto não produz efeito.

Entrementes, chegaram convidados lá em casa. Todos sentem uma compulsão por fazer contatos a fim de descobrir quem ainda está vivo. Com palavras-chave, as últimas notícias são trocadas: cessar-fogo desde ontem, combate ainda grassa em Praga, Hitler morto por hemorragia cerebral.

Ainda vivemos de boatos. Ainda colhemos informações por meio de rodeios através do rádio a bateria de alguém.

“E como vocês foram por aqui com os estupros?” – nos perguntam.

“Não houve,” responde Andrik.

“Porque você não deixou,” eu o corrijo.

“Uma sorte que você conheça a língua deles,” suspiram nossos convidados. “Falar o idioma sempre torna tudo mais fácil.”

É verdade. A incapacidade de comunicação extrai o elemento humano de qualquer encontro entre vitoriosos e derrotados. Agora temos de pagar preço elevado pelo fato de nossas escolas terem, deliberadamente, negligenciado o ensino sobre os vizinhos do leste.

Andrik tenta consertar alguma coisa. Dez minutos de ensinamentos sobre a história russa, dez minutos sobre a língua russa. Quando nossos convidados saem, cada um deles leva para casa um pedaço de papel onde está claramente escrito “*Ya lyublyu Russya*,” que significa “Eu amo a Rússia.” “*Ya tvoye druk*” – “Sou seu amigo,” e “*Ya otchen bolen*” – “Estou muito doente” – como uma possível desculpa para ser poupada de

indesejável cópula.

Quando estávamos quase pegando no sono, um barulho nos assustou. “Russos na casa,” gritou alguém na escada.

Vestimo-nos às pressas. Andrik corre para fora. Cinco minutos mais tarde, ele volta. “Vieram para roubar,” diz com um sorriso. “Acabei com a paciência deles. Disse-lhes para conseguirem bicicletas para nós em vez de nos saquearem. Como poderíamos ir para o trabalho se os camaradas deles tinham nos tirado as bicicletas? ‘*Pajaluista,*’ disseram eles. ‘Tudo bem.’ E foram embora.”

Para os que os olham como se fossem perigosos, eles se tornam perigosos, penso com meus botões. Andrik os trata da maneira correta. Andrik faz sempre as coisas certas.



Terça-feira, 8 de maio de 1945

Com o passar dos dias, nosso estado de espírito se abate cada vez mais. Andamos ao acaso como se tivéssemos perdido alguma coisa. Andrik permanece na cama. Frank faz e desfaz suas malas o dia todo. Heike e Fabian têm sua primeira briga, e Dagmar desaparece por completo. O que está acontecendo conosco? Temos liberdade para começar. Por que não o fazemos?

“Acho que nos falta um objetivo,” diz Jo. “Ficar só limpando não é meta nenhuma.”

Acertou na mosca. Nenhum de nós tem ideia do que vai nos acontecer no momento seguinte. A luta contra os nazis acabou. Ninguém mais precisa de nossa proteção. Perdemos o papel que tínhamos e não encontramos outro. É difícil pensar em novas tarefas quando não se tem água ou eletricidade e quando qualquer contato com o mundo exterior exige cansativas caminhadas.

Daquele ferro-velho, Jo e Frank conseguiram montar duas bicicletas.

“Vamos até o escritório do comandante,” sugere Andrik, “para ver o que ocorre por lá.”

Nem conseguimos ir muito longe. Logo na esquina seguinte três soldados russos acenam para que paremos. Nós íamos passar, mas eles bloquearam o caminho.

“*Machina... machina,*” dizem eles, sacando suas pistolas. Andrik tenta resolver pacificamente o problema. Impossível. Não há como convencê-los. “*Machina... machina!*” Após breve troca de argumentos, continuamos a pé.

“Nos vimos livres,” diz Andrik.

“De quem? Dos russos ou das bicicletas?”

“Dos dois,” replica ele com tristeza.

No escritório do comandante impera uma atmosfera festiva. Apenas uma sentinela sonolenta está relaxadamente postada na porta. “Comandante?” Ele balança a cabeça. Hoje é feriado, ele tenta nos fazer compreender. Desde o meio-dia. Por causa do armistício.

Armistício! A notícia quase compensa a perda de nossas bicicletas. Subitamente, somos inundados pela alegria de termos sido libertados. Libertados das bombas! Livres dos *blackouts*! Libertos da Gestapo, livres dos nazis! Nas asas de nosso júbilo, voltamos rapidamente para casa. De noite, comemoramos. Comemoramos com tudo o que temos. *Pax nobiscum!*



Quarta-feira, 9 de maio de 1945

O mundo enlouquece com as celebrações da vitória. Enquanto isso, os berlinenses dão tratos à bola a fim de encontrar alguma coisa para comer. Ainda não há lojas abertas. Ou estão fechadas, ou foram saqueadas. Não fomos os únicos que esquecemos o Sétimo Mandamento durante os últimos dias de combate. A maior parte daquilo que falta nas lojas foi levada por alemães. Só os padeiros estão em ação. Multidões se apinham às suas portas. O pão é preto e úmido. Pesa como chumbo no estômago. Apesar de tudo, é pão. Heike se apresenta como voluntária para ficar na fila.

De tarde, Andrik é chamado lá fora. Dois russos desejam vê-lo. Foram os nossos “saqueadores” do domingo. “*Pajaluista,*” dizem eles, por favor – e empurram duas bicicletas porta adentro. Quase novas, as partes cromadas brilhando. Os russos riem de orelha a orelha. “*Pajaluista,*” repetem, e vão embora.

“Gente estranha,” diz Frank balançando a cabeça. “Gente adorável,” sorri Andrik, visivelmente sensibilizado.

É assim que eles são! Devolvem com uma das mãos aquilo que tiraram com a outra. Onde eles conseguiram as bicicletas? De quem? Não nos dispomos a esquentar a cabeça para imaginar quem terá de andar a pé em vez de nós. São tempos de toma lá dá cá. E, dessa vez, saímos vitoriosos.

Heike serviu o jantar. Sopa de caldo de carne e pão preto e úmido. Enche o estômago, mas não estimula o apetite. Seria a mesma coisa se comêssemos um monte de lama.

“E eles elevaram as mãos em louvor de uma deliciosa refeição,” recita Frank enquanto amassa sua fatia de pão, tentando transformá-la numa obra de arte.

De repente, Jo levanta a cabeça. “Fiquem quietos por um momento. Não estão ouvindo?”

“Eles estão atirando,” afirma Andrik.

Naquele momento, começou o matraquear de tiros; tão alto que já não ouvimos uns aos outros. Frank corre para a janela. Sinalizadores iluminam o céu. Bolas de fogo explodem no ar.

“Estão disparando salvas comemorativas,” diz Frank solenemente. “Uma saudação à paz!”

Com atenção extasiada, olhamos para fora. Nas ruas, as pessoas correm. Amedrontadas, elas procuram proteção nos destroços mais próximos.

“Elas acham que a guerra recomeçou,” reclama Frank. “Não estão acostumadas aos tiros festivos.

Também não estamos. Somos sobrepujados por aquele incrível espetáculo. Grossos calibres, calibres menores, tanques, canhões antiaéreos, metralhadoras e pistolas. Descarregam tudo o que têm. Todos se juntam ao tiroteio: oficiais e praças. O último tiro – Atenção! Fogo! – o derradeiro disparo põe fim à guerra.

“Você entende agora?” – cochicha Frank ao meu ouvido. “Aqui também o símbolo se fez em carne.”



Quinta-feira, 10 de maio de 1945

Rádios confiscados – telefones confiscados – máquinas de escrever confiscadas. Avisos são colados em todos os prédios públicos exigindo a entrega de determinados pertences.

“Os que não entregarem serão fuzilados,” dizem, tremendo, os medrosos. Eles retiram o telefone da tomada, empacotam rádios e, pessoalmente, os levam correndo para o posto de coleta mais próximo. Um antigo pátio de escola serve como um desses postos. A chuva escorre pelo compensado com cobertura de mogno de todos os rádios Blaupunkts e Telefunks, Phillips e Siemens Super. Eles são jogados uns sobre os outros, e empilhados nos cantos. O precioso equipamento de som não é tratado com o devido cuidado. Nem um quarto deles ainda estará funcionando depois do confisco.

“Qual o objetivo disso?” pergunto a um homem suado que carrega um receptor de cinco válvulas às costas.

Ele olha para seu rádio. “Ao que todo mundo diz, estão indo para a Rússia.”

Parece que eles não desfrutarão muito dos equipamentos a julgar pela montanha de rádios em más condições.

“O rádio era muito pesado para nós,” diz o dono de uma vila em Dahlem. “Nós o colocamos na calçada. Quem quiser pode pegá-lo.”

Dez minutos depois, o rádio estava sendo “recolhido.” O feliz “coletor” se mostra radiante. Não é todo dia que um grande Phillips é encontrado na rua.

Telefones confiscados – rádios confiscados – máquinas de escrever confiscadas. Os avisos ordenando sua entrega são da metade de um papel tipo ofício. Parecem remendos brancos na entrada dos edifícios públicos.

“O que você acha que devemos fazer?” – pergunto a Andrik.

“Não li coisa alguma. Nem pretendo estragar minha vista. Agora... se você se dispuser a procurar nosso Blaupunkt no meio do caos em que está o porão...”

Entendo o recado. Quinze minutos mais tarde, nossas duas máquinas de escrever e o telefone já desapareceram “em meio ao caos do porão.”

Os que ficam na casa não têm condições de ler ordens em russo. Vamos esperar e ver...



Sexta-feira, 11 de maio de 1945

A espera valeu a pena. “A ordem foi revogada,” corre a notícia de boca em boca. Quem quiser pode solicitar a devolução dos rádios e telefones nos postos de coleta. As pessoas correm para lá aos magotes. Desapontadas, voltam para casa. A maior parte dos equipamentos foi roubada à noite.

Parece haver muitos que gostam de máquinas de escrever, rádios e telefones. Nem que seja para tê-los quando um dia forem restabelecidos os serviços de eletricidade e telefonia. De novo, o jogo de toma lá dá cá! Dessa vez, os participantes parecem, em sua maioria, alemães.



Sábado, 12 de maio de 1945

“Acho que deveríamos começar a trabalhar,” diz Andrik durante o café da manhã. “Chegou a hora de concentrarmos nossa atenção em questões mais importantes do que trancar as janelas com pregos e limpar privadas. De minha parte, logo darei meu primeiro concerto.”

Ficamos atônitos. “Um concerto? Mas onde? Com quem?”

“Vocês vão ver.”

A novidade nos afeta como se tivéssemos engolido anfetaminas. De súbito nos lembramos de que cada um de nós tem uma profissão, uma vida civil, interrompidas pela guerra e pelas bombas, que precisam agora ser retomadas. Cessou o estado de emergência. Companheiros de infortúnios e membros do grupo de resistência Onkel Emil não são mais nossas principais ocupações. Somos um maestro e um escritor, um médico e uma atriz, um secretário e uma editora – especialistas desempregados no momento em vários campos de atuação e à procura de trabalho. Pela primeira vez em muitas semanas, as moças trocam lenços e peças de jeans para ficarem com aparência mais burguesa, enquanto Frank, Andrik e Jo usam gravatas.

“Vejo vocês de noite,” dizemos antes de nos separarmos. Frank pega meu braço. “Creio que iremos na

mesma direção.”

O hospital onde ele trabalhava e minha editora ficavam situados no mesmo bairro. Juntos, caminhamos para o centro da cidade. O dia está quente. Ruínas e poeira. Poeira e ruínas. Os seis últimos dias da guerra destruíram mais Berlim do que dez bombardeios aéreos pesados. Só ocasionalmente encontramos um prédio intacto.

Hauptstrasse, Koesterufer, Hafenplatz. Pessoas com fisionomia abatida remexem as ruínas, recuperando aqui e ali algum “troféu” amassado ou uma viga chamuscada. Os berlinenses revolvem as ruínas à procura de madeira para aquecer suas refeições frugais.

Entre a Linkstrasse e a Margaretenstrasse formou-se um grande lago. As bombas destruíram as tubulações subterrâneas, e um considerável volume de água ficou acumulado naquela área residencial. Camburões de gasolina flutuam na superfície. Imundícies deixadas pela guerra e muito papel. Duas meninas usando maiôs verde-escuro se divertem na água imunda. Sorriem e espadanam água como se estivessem na praia de Wannsee.

As ruínas da Linkstrasse, ao lado daquele lago de qualidade duvidosa, se refletem em sua superfície brilhante e ondulosa. As crianças gargalham. Como o trinar de pássaros, seus risos ressoam cortando o ar poeirento. Pleno de ternura, Frank as observa.

“Ah, se fosse possível ser assim,” diz com ar solene.

Mais adiante, o prédio da Filarmônica. Ou melhor, onde ele costumava ficar. Um cavalo branco e sem vida está estirado entre os escombros e entulhos do lugar onde Bruno Walter fazia suas apresentações. Com o corpo inchado e os olhos negros petrificados, o cavalo se assemelha a uma horrenda natureza-morta esparramada entre as arcadas desmoronadas, suas pernas esticadas apontando acusadoramente para o ar. Bernburgerstrasse é uma pilha só de destroços.

“Não vão por aí,” dois homens nos alertam. “Mais adiante eles os mandarão limpar as ruas.”

“Muito obrigado.”

Voltamos depressa. Que limpem os que fizeram a sujeira! Há mais daquelas “armadilhas de trabalho.” Onde eles não encontram residentes suficientes para limpar os escombros no centro da cidade, forçam os passantes a retirar os destroços que obstruem o tráfego. Três horas, cinco horas, dez horas. Enquanto isso, nas residências, as famílias aguardam ansiosas pela volta de entes queridos. Ainda assim, o método funciona. O recrutamento voluntário não limparia as ruas em tempo tão curto.

Fazendo um grande desvio, atingimos o Jardim Zoológico. Dizendo melhor, o que restou dele. Perplexa, olho para as árvores arrancadas. Derrubadas, explodidas, tão mutiladas que se tornam quase irreconhecíveis. Pobres árvores! Que culpa vocês tinham? A tristeza chega a me sufocar.

“É ainda pior do que as ruínas,” digo a Frank. “Isso é... epa!”

Tropecei num objeto bem duro. Do meio do amontoado de galhos que cobrem o chão, alguma coisa negra aflora. Curvo-me e afasto os galhos. À minha frente está a cabeça metálica de um cavalariano; enterrada pela metade no chão, usa o tricórnio e a fita de Frederico, o Grande. Uma granada a arrancou do torso e da estátua. Dez metros adiante, encontramos os restos dilapidados da estátua. Um cavalo sem rabo, um homem sem cabeça. De forma assustadora, sua mão direita se destaca empunhando um clarim de ferro.

“Tally-ho!” – o som que se ouve na caça à raposa, parece ecoar entre as árvores. Perto da estátua, foi apressadamente erguido um pequeno monte de terra e, com maior rapidez ainda, arredondadas as suas formas. Fincada nele, uma cruz feita com dois pedaços de madeira amarrados com arame.

Nela, escrito em tinta azul:

*Aqui jazem
um capitão, um tenente, dois sargentos e seis soldados*

A chuva borrou a escrita, como lágrimas azuis pingando das letras. Uma sepultura aqui, outra acolá. Enterrados às pressas no local onde haviam tombado. Que a terra seja leve para aqueles corpos mortos sem nome!

Na Charlottenburger Chaussee, o cheiro de cadáveres em decomposição. Olhando mais de perto, só vemos esqueletos de cavalos. A gente das redondezas extraiu a carne dos animais, pedaço a pedaço, cozinhou em suas panelas e se refestelou gulosamente. Apenas os intestinos foram deixados apodrecer entre os ossos descarnados.

O sol está cada vez mais quente. Apesar de muito cansados, continuamos a caminhada. Passamos agora pela Porta de Brandemburgo. A Praça Pariser está apinhada de gente em ação. Carregam a mobília do Hotel Adlon. Espelhos com molduras folheadas a ouro, poltronas de veludo, colchões.

“Caçadores de troféus,” sorri Frank com simpatia. “Estão levando o que podem.”

Sem dúvida, estão. Em carrinhos de mão, carroças, em pacotes e bolsas, eles carregam o que sobrou dos bombardeios.

Entramos na Wilhelmstrasse. Ruínas e poeira. Poeira e ruínas. Em um porão intacto, os caçadores de troféus estão em ação, atarefados, subindo e descendo escadas, qual larvas no queijo.

Em frente ao Ministério do Exterior, uma pintura em pastel de cores suaves repousa em meio à sujeira. “Lago Starnberg,” está escrito no canto inferior esquerdo. Onde será que esteve pendurada? Quem a jogou aqui? Eu a pego.

“Como lembrança mais agradável da política externa nacional-socialista,” digo para Frank, enquanto dobro a pintura e a enfio na bolsa.

Lá está a Chancelaria. Um colosso surrado de pedra. Cavernoso e desolado, suas janelas voltadas para os destroços da Wilhelmplatz. Nada se agita por trás daquelas paredes que abrigam resíduos de Adolf Hitler. Diante da entrada, um soldado russo monta guarda. Sua arma sobre os joelhos, ele se recosta confortavelmente no espaldar de uma cadeira de braços forrada com seda verde. Bem no meio do chamado Tribunal da Honra, é uma imagem de perfeita paz. Aquela visão nos faz sorrir. Por certo, o russo não é o tipo de guarda que os nazis imaginaram para seu Führer e Chanceler.

Se pelo menos não estivesse tão quente... Estamos caminhando por mais de seis horas sob sol escaldante. As paredes calcinadas não proporcionam qualquer sombra. Muito pelo contrário, refletem o calor com mais intensidade ainda. Que sorte! Uma bomba d’água. Aliviada, pego no punho metálico.

“Não beba daí,” alerta um passante. Olho para ele. “A água foi contaminada,” diz o homem. “Pelos cadáveres no túnel do metrô.”

“No túnel do metrô?”

Ele balança a cabeça afirmativamente. “Os nazis explodiram o túnel norte-sul; ele inundou e todos que estavam lá morreram afogados.”

E não foi só o túnel do metrô. Quase todas as pontes em Berlim foram destruídas. Quase todos os viadutos e passagens subterrâneas importantes foram demolidos por esquadras de destruição nos últimos estágios da batalha. Propaganda póstuma da eficiência nazi.

Como os vitoriosos conseguirão suprir Berlim, imaginaram eles com requintes de sutileza, com todas as pontes desabadas sobre a água? Quiseram estabelecer uma comparação. Uma comparação de abastecimento que lhes fosse favorável. Os nazis seriam capazes! Tanta desconsideração pela vida humana me provoca engulhos.

No fim da tarde, chegamos aos nossos antigos locais de trabalho. O hospital de Frank ainda está de pé. Minha editora parece bem danificada. Enquanto um espera do lado de fora com os dedos cruzados, o outro faz de novo o primeiro contato com a vida civil no interior dos prédios.

Descendo a Hauptstrasse a caminho de casa, não falamos mais sobre ruínas e nazis, e sim sobre as responsabilidades de um médico e a possibilidade de edição de uma nova revista para jovens.

Só às dez da noite chegamos de volta à nossa residência. Deixamos para trás uma caminhada de trinta quilômetros. Andrik e os outros já estão em casa. A pequena cozinha com o fogão de tijolo no meio reverbera com os nervosos relatos. Organização de apresentações musicais. A falta de médicos e seus deveres. A imprensa, o teatro e um reinício cultural.

Tomamos nossa sopa de caldo de carne e mastigamos o pão preto. No fogão, arde o último pedaço de madeira.

“Vamos para a cama,” sugere Heike, olhando ansiosa para a lamparina quase sem querosene. “As brasas fornecem luz suficiente para que encontremos nossa cama.”

Tateando, encaminhamo-nos para os leitos.

“Esqueci de dizer,” escutamos Heike falar do seu canto, “a partir de hoje estão suspensas as restrições do *blackout*.”

“Isso inclui também o *blackout* do espírito?” – replica um de nós. Mas ninguém responde. Talvez ninguém saiba a resposta.



Terça-feira, 15 de maio de 1945

Afinal, os americanos vêm ou não? Berlim será dividida ou ficará com os russos? Tantas perguntas, tantas opiniões... Cercados de boatos, necessitamos de esclarecimentos cada vez com maior urgência. Por todos os lados, febril atividade política. Como se houvesse grande pressa para compensar os doze anos perdidos. Grupos “antifascistas” espocam como cogumelos. Faixas e pôsteres. Avisos e placas. A cada duas esquinas, formou-se algum grupo político.

“Campanha Alemanha Livre”... “Grupo Seydlitz”... “Antifa”... “Aliança de Oponentes de Hitler.” Nem todos esses grupos anti-Hitler podem se orgulhar de uma longa luta anterior. Há algo de suspeito em torno desses mártires pregressos. Em frente às entradas adornadas com flâmulas, param automóveis. Porteiros acorrem, serviçais disparam para dentro e para fora. Ficamos pasmos com tão pomposa demonstração de atividade.

“Como se a democracia pudesse começar da noite para o dia,” comenta Frank desaprovando.

Fabian sorri. “Os *Antifa* – e os *Antina*. Você pode identificá-los pelos nomes. Não existiam antifascistas durante o regime nazi. Existiam oponentes ao nazismo ou antinazis.”

Ele está certo. Foi a ocupação que introduziu essa nova palavra. De repente, Berlim transborda com dúzias de organizações antifascistas.

“Tomara que as erradas não assumam o poder agora. As que se mostram no momento muito ‘anti’ provavelmente não são as melhores.”

Certo ou errado? No caos que presentemente prevalece, é difícil diferenciar. Corre o boato de que os vitoriosos vão considerar ilegais todas as organizações políticas.

“Quem, na verdade, nos governa no momento?” – pergunto a Andrik.

Ele encolhe os ombros. “De quem for a vez. De qualquer maneira, exatamente agora são os russos.”

Tem-se a impressão de que, nesse período que estamos experimentando, a cada semana é a “vez” de alguém. Prefeitos são removidos e nomeados, indicados e substituídos de novo. Cada governo tem estilo próprio. Mas nem todos os modelos são bons para os governados.

Veem-se agora muitos rapazes nas ruas. Cabelos longos e colarinhos abertos. Os mesmos boêmios que

nos acostumamos a ver por muito tempo no Café Romanische. Ninguém sabe quem são. Ninguém os convocou. De súbito, a impressão é de que estavam debaixo da terra. Quem julga que tem alguma coisa a dizer usa uma boina preta. Nunca antes houve tantas boinas na cidade. Nas primeiras semanas pós-guerra em Berlim, elas correspondem, mais ou menos, aos barretes frígios revolucionários. Vez por outra, uma estrela de Davi adornando a camisa de quem a usa como se fosse uma condecoração. “Meu álibi,” parece dizer seu orgulhoso portador. “Meu pleito dolorosamente conseguido por compaixão e compensação.”

Será tal pleito efetivamente reconhecido? Serão os verdadeiros crentes identificados? Corre o boato de que estrelas de Davi valem hoje no mercado quinhentos marcos cada uma.

“*Ya yavreye!*” – “Eu sou judeu,” nossos amigos hebreus aprenderam a dizer pouco antes da tomada de Berlim.

“E daí?” – reagiram os vitoriosos à fórmula memorizada e esperançosa por proteção. As mulheres judias também foram estupradas. Os saques não pararam nos lugares habitados por judeus.

No momento, vigora o caos. O medo da morte e a vontade de viver. Aproveitadores e oportunistas, que querem galgar posições, se misturam aos que realmente desejam paz e ordem. Berlim passa pelas dores do renascimento. Preocupamo-nos com Berlim.



Quinta-feira, 17 de maio de 1945

Foram distribuídos os primeiros cartões de racionamento. Cartões verdadeiros com cupons autênticos. Neles está escrito: carne, banha e chá. Sal, farinha, batatas e café genuíno. Sentimo-nos como sendo afogados por presentes.

“Será que vamos comprar mesmo alguma coisa com eles,” pergunta uma descrente Heike.

“Por que você não tenta?” – diz Frank. Ela pega a bolsa de compras. Nem bem Heike sai, batem à porta. É nosso ex-encarregado do alarme aéreo.

“Eu só queria...,” gagueja, “pensei que vocês talvez...,” continua ele balbuciando e me olhando suplicante.

“... pudéssemos atestar que você não é nazi?” – ajudo eu.

Embaraçado, ele concorda com a cabeça. “Tenho documentos... Posso provar...” Nervoso, ele os procura nos bolsos.

Não estou interessada em seus documentos. Todos os dias, ouvimos as mesmas histórias. Eles vêm às dezenas em busca de certidões de que não eram nazis. Há desculpas para todos os gostos. De repente, cada um deles conhece um judeu e afirma que, em determinada ocasião, lhe deu pelo menos dois quilos de pão ou cinco quilos de batata. Outros dizem que escutavam regularmente rádios estrangeiras. Todos reivindicam ter ajudado pessoas perseguidas.

“Com risco de minha própria vida,” acrescenta com modesto orgulho a maioria desses benemerentes de última hora.

Parece que só existiam *frondeurs* no Partido Nazi. Fértéis atos de heroísmo vêm à tona: pleiteiam ter conversado com uma pessoa de sangue misturado em plena luz do dia apesar de o vigia do quartirão estar observando... ou não ter denunciado *Herr X*, embora soubessem perfeitamente... ou ter sido contra tudo aquilo desde o início, ou de ter cessado de acreditar naquilo havia muito tempo – quanto maior o temor, mais estúpida a desculpa.

Mas também os inofensivos pedem um papel que lhes ateste a inocência: “*Herr X* me conheceu pessoalmente por anos...” Um certificado de bom caráter é o documento mais importante nestes dias. Os que foram afiliados ao Partido ou os que não conseguem apresentar um certificado desse tipo ficam sujeitos

aos trabalhos forçados. São os “coolies” de Berlim, escravos da pá. Aos grupos, eles se apresentam de manhã para o trabalho. Às sete horas. Ficam sentados em frente das repartições do Ministério do Trabalho e esperam a chamada: quinze filiados do Partido para a remoção de entulhos, oito membros do Partido para desenterrar corpos, trinta para varrer ruas, limpar galerias de esgotos, quebrar pedras.

Eles quebram, desenterram, limpam. Têm de trabalhar duro para merecer a ração diária de pão.

Nós escrevemos certificados e servimos como fiadores de caráter. A partir do momento em que nos dispomos a assumir a responsabilidade, não nos deve mover o sentimento de vingança. Durante doze anos, tivemos a oportunidade de pesar e julgar. Sabemos muito bem com quem estamos sendo complacentes.

Às oito da noite, Heike volta. Com ares triunfais, ela mostra quilo e meio de sêmola e meio quilo de sal em pedra. “Depois vem mais,” conta ela, alisando a roupa amarrotada. “Problemas de transportes! Por causa das pontes!”

Frank olha para mim. “É isso aí! Por causa das pontes! Não vai demorar para que a comparação do abastecimento seja decidida em favor dos nazis.” Irado, ele amassa o certificado de bom caráter que acaba de escrever e joga-o no lixo. “Cambada de cretinos!” – ouço-o praguejar.



Sexta-feira 18 de maio de 1945

Voltou a luz no bairro de Friedenau. Fomos até lá de bicicleta para assistir ao milagre. Pela primeira vez, desde 24 de abril, ouvimos a rádio inglesa. Uma voz estridente fala contra nós. Mais azedamente do que esperávamos. Será que eles vão nos culpar por atacado pelos crimes de nosso governo? Por que não punem Streicher e Ley? Herr Ribbentrop e Herr Himmler?

Hitler está morto. Goebbels cometeu suicídio. Como enguias, escapam da rede do vingador. Será que, no final, só peixes pequenos serão pegos e dissecados no tribunal do mundo?



Segunda-feira, 21 de maio de 1945

O diretor Herzberg do Instituto Reinhardt fundou a Câmara de Assuntos Culturais. Nas instalações que eram ocupadas por Hinkel, o chefe cultural nazi.

Um “milênio de doze anos” observa lá de cima os artistas que chegam para se registrar. Por ordem dos comandantes, “trabalhadores culturais responsáveis” estão entre os que recebem maiores quinhões dos alimentos racionados. Escritores e músicos, cantores e atores se apresentam aos montes para registro, mostram seus certificados de boa conduta, preenchem os formulários e, sob juramento, asseveram sua inocência. Pobres dos que, um dia, forem reexaminados naquilo que acabam de jurar! Ainda assim, quem não juraria na luta desesperada pela permissão para trabalhar, uma luta de vida e morte.

Os filiados ao partido não podem ser culturalmente ativos. A eles só é permitido desenterrar corpos e limpar galerias de esgotos. As pessoas “imaculadas” e engajadas nas artes são recompensadas com cartões de racionamento de primeira classe. Com as categorias de cartões de racionamento presentemente em vigor, isso significa uma ração de seiscentos gramas de pão por dia, trinta gramas de banha e cem gramas de carne – desde que não haja dificuldades nos transportes. Membros do partido, donas de casa e os que não têm emprego recebem cartões de classe cinco. Isso corresponde a trezentos gramas de pão por dia, sete gramas de banha e vinte gramas de carne. Chamam-no “cartão da fome.”



Terça-feira, 22 de maio de 1945

Cada vez mais emerge ordem daquele caos. A começar por questões pequenas, as soluções começam a se espalhar para os assuntos importantes. As organizações políticas estão banidas, mas nas prefeituras distritais a estabilidade vai retornando aos poucos. Já temos um conselho municipal. Um governo foi organizado. O povo de Berlim anseia por ser governado.



Quinta-feira, 24 de maio de 1945

Amanhã, às dez, vou ao meu primeiro ensaio,” anunciou Andrik no jantar daquela noite. Olhamos para ele como se fosse autor de um milagre.

Ainda não faz três semanas que o último tiro foi disparado em Berlim. Há menos de quatro semanas despedaçamos o boi branco no pátio do apartamento de Herr Machulke. Naquela noite quente de maio – agora coisa do passado – centenas de mulheres gritaram sob os abraços de seus estupradores. Milhares de bens materiais alemães trocaram de donos, legais ou não.

A “manifestação na carne” continua. Porém Andrik está ensaiando. Após zanzar doze dias em cima de sua desmantelada bicicleta por toda Berlim, barganhando pelas necessárias permissões, catando instrumentos, arrebanhando músicos e procurando em meio às ruínas um salão de concertos, como se nada tivesse acontecido, ele agora se posta diante da Orquestra Filarmônica e, em êxtase, ensaia a “Quarta Sinfonia” de Tchaikovsky.

Seu rosto revela todo o estresse e falta de sono daqueles dias. Em volta dele, operários martelam, puxam e reparam os danos causados pelos ataques aéreos. Não há salões de concertos em Berlim. Nem transportes, nem locais, pontos ou quadros de avisos necessários para difundir a apresentação. Dizem que o primeiro jornal saiu segunda-feira. Talvez o teto esteja consertado no sábado. Talvez!

Andrik não demonstra a menor preocupação com tudo aquilo. Seus olhos se voltam para seu mundo íntimo. Um mundo de paz. Após o ensaio ele vai de bicicleta até o gabinete do comandante.

“Os músicos precisam de alimentos adicionais,” diz ele. “Ninguém é capaz de tocar um trompete de estômago vazio.” O comandante evidencia algum entendimento. Os russos dão atenção às questões culturais. Eles amam as artes. E amam de verdade.

“Vamos ter de nos esforçar muito para chegar a seus pés,” diz Frank de noite enquanto nos sentamos em torno do fogão de tijolos. Heike cozinha a sopa de caldo de carne ao mesmo tempo que testa suas habilidades culinárias com a sêmola russa.

Andrik, parecendo exaurido, sorri. “É só começar.”

“Já comecei,” observa Jo Thäler calmamente. “No hospital de Schöneberg. A partir de hoje.”

“Uau!” – maravilha-se Heike. “Não diz nada, não mostra coisa alguma e, de repente, está em plena atividade.” Ela abraça nosso “caladão” até que Fabian intervém, pois não gosta de muitas intimidades com seus “direitos.”



Sexta-feira, 25 de maio de 1945

Frank também retomou suas atividades na vida civil. Meio orgulhoso e meio sem jeito, ele nos mostra o documento que o nomeia examinador médico. Depois de dez meses na clandestinidade, a readaptação não é fácil. Mais uma vez, a conversa é animada em torno do fogão de tijolos: sobre o desejo de Heike e Fabian abrirem uma pequena casa de espetáculos, sobre o primeiro concerto de amanhã da Orquestra Filarmônica, sobre a enfermaria de isolamento que está sendo montada no hospital em Schöneberg e sobre minha tentativa para obter uma licença de editora.

Só para Dagmar ainda não há uma ocupação. As pessoas de sangue misturado em primeiro grau não tinham acesso à educação superior sob o mando dos nazis. Apenas lhes era permitido varrer ruas e limpar ônibus. As escolas e universidades estão fechadas. Damos tratos à bola sobre onde poderíamos encaixá-la. Pela primeira vez nos seus vinte e dois anos ela tem liberdade para escolher uma profissão.

“Tempos ótimos,” diz ela com entusiasmo. “Não entendo por que todos parecem tão desapontados.”

“Todos?” Frank olha para ela admirado. “Apenas aqueles que não raciocinaram. Apenas aqueles que acreditaram que choveriam bolos e creme chantili sobre nós, tão logo Herr Hitler fosse para o inferno. De onde eles viriam, pergunto eu! Dos silos incendiados, dos abatedouros vazios, ou das reservas nazis que foram consumidas até as últimas migalhas? As manobras já começaram: essa diabólica ‘comparação de abastecimento.’ Que lhes sirva de lição! Herr Goebbels deve estar se contorcendo de rir em sua sepultura. ‘Veem vocês agora como estavam muito melhor conosco?’” Cheio de raiva, Frank atíça o fogão.

“Deixe-os falar,” Andrik tenta acalmá-lo. “Aqueles que julgam não valer a pena ajudar a criar tempos melhores, não merecem tempos melhores.” Ele olha para fora, onde o anoitecer se aproxima, e observa nossos baldes de água quase vazios. “Acho que deveríamos ir ao poço mais uma vez.”

Nós sete nos preparamos para o ritual noturno de buscar água todos os dias. No poço, nos é dito que Himmler tomou veneno. Mais um que se vai! Um atrás do outro, os senhores do III Reich escorregam para longe deste mundo. *Après vous le déluge!* Os aliados deveriam providenciar para que pelo menos o resto dessa camarilha vil fosse levado às barras do tribunal mundial.



Sábado, 26 de maio de 1945

Heike e Fabian tomam posse de um antigo local das tropas de assalto. Um verdadeiro depósito de lixo. Sujo e atulhado de ferro- -velho. Pelo menos tem um telhado, quatro paredes e um piso.

“Daqui a uma semana vocês não vão reconhecê-lo,” garante-nos Fabian.

O concerto de Andrik vai começar às seis da tarde. Vinte minutos depois das cinco, montamos em nossas bicicletas. Andrik encabeça a fila. Em sua homenagem, deixamos que pedale sozinho. Ele é seguido por Fabian com Heike no quadro, depois, por Frank e eu, e, finalmente, por Jo e Dagmar. Será que Furtwängler algum dia chegou para reger a Orquestra Filarmônica dessa maneira? No momento, ele está em algum lugar da Suíça aguardando tempos melhores. Entrementes, Andrik prepara o caminho para ele. A entrada do Titania Palace está apinhada de gente.

“Vejo você mais tarde,” digo para Andrik, “e boa sorte!” Ele balança a cabeça concordando, tira as presilhas para andar de bicicleta e desaparece pelo salão verde. Fico olhando para ele.

Faça sua! – penso emocionada. Sua corajosa conquista!

Lá dentro, o teatro começa a escurecer. Cerca de mil pessoas estão sentadas e aguardam, na expectativa e em silêncio. Chegaram a pé ou de bicicleta. Saíram de seu apartamento danificado, deixaram para trás as angústias diárias, seus temores noturnos. Como isso é realmente bonito. Quão lindo e reconfortante. Sentindo-me feliz, aperto o braço de Frank. “Afim de contas, eles não são tão ruins assim,” sussurro.

Então Andrik se apresenta. Levanta a batuta. Os violinos emitem um som doce e mavioso. Tocam “Sonho de uma noite de verão.” Uma música cuja existência fora negada pelo ministro da Propaganda do Reich e proibida como uma “invenção judia.” Que Deus abençoe essa “invenção judia” de Mendelssohn! Hoje, centenas de almas entristecidas nela encontram paz. Os violinos tocam a “Quarta Sinfonia” de Tchaikovsky com alegres pizicatos.

“E pensar que algo assim ainda é possível,” – balbucia um homem ao meu lado. Nem notamos o salão de cinema. Nem pensamos nas ruínas. Os nazis são esquecidos, assim como a guerra perdida e as forças de ocupação. De repente, tudo o mais se tornou secundário. Só importa o que os violinos estão tocando – Tchaikovsky, Mozart e Mendelssohn.

Mais tarde naquela mesma noite, Andrik e eu estamos de pé na sacada. Absorto com seus pensamentos, ele olha para as estrelas. “... que nos foi permitido viver,” diz ele serenamente, “... que nos foi...” Uma rajada de vento nos atinge. Ele estremece e esquece de terminar a frase.



Terça-feira, 29 de maio de 1945

“Uma bela manhã nesta noite,” sorri Heike alegremente piscando na direção do sol.

Entendo o que ela quer dizer. Desde ontem, temos de nos guiar pela hora de Moscou. Quem quer que tenha um relógio se viu obrigado a adiantá-lo duas horas. Não sobraram muitos relógios em Berlim. Pelo menos entre alemães. O tempo permanece parado nos relógios públicos. Como se os ponteiros tivessem congelado quando as bombas destroçaram o sistema de fornecimento de energia. Em seu mostrador, pode-se ler a hora em que as bombas explodiram. E quanto aos relógios de pulso? “Relógio... relógio!” – dizem nossos libertadores. Bem...!

Nos últimos tempos, já nos acostumamos a ficar sem horas. De qualquer maneira, a falta de luz elétrica à noite ainda governa nossa rotina diária.

Hora de Moscou! Não apenas o tempo, mas também o espírito vai ficando mais e mais sujeito às influências do Leste. “A luz vem do Leste,” ponderou Spengler. “O declínio do Ocidente é o início de uma nova cultura.” No outro lado do Vístula vivem povos jovens. Com enorme poder produtivo e abundância de novos talentos. Não estaríamos resistindo desnecessariamente se ignorássemos essa verdade? Leste ou Oeste – talvez isso signifique uma decisão entre o futuro e o passado. Algum dia, vamos ter de decidir. Não importa como os acontecimentos se desenrolem, a Alemanha jamais poderá ser transplantada para a África. Ou para a Bolívia. Ou para o México. Nossas fronteiras e as russas estarão ligadas para sempre. Como podemos nos permitir o ódio mútuo se o destino nos fez tão dependentes um do outro?

Mas não queremos odiá-los. Tal qual Tobias com o anjo, lutamos para que nos permitam finalmente dizer sim.

“Se não houvesse tanta coação,” digo a Andrik. “Tanta pressão para que nos conformemos à sua ideologia.”

“Talvez com o tempo as coisas se ajustem. Eles também precisam de uma trégua, e de algum tempo para começar.”

“Não gosto de alegrar-me quando me ordenam para ficar alegre,” Heike retruca obstinadamente. “Só gosto de me alegrar quando quero ficar alegre. Odeio isso tudo.”

Também odeio. Os desfiles e as manifestações agitando bandeiras, as palavras de ordem em coro e a disciplina do partido. A coletivização das mentes e a punição daqueles que pensam de forma diferente.

A Rússia é grande. A Rússia é jovem, poderosa e criativa. Durante os últimos meses de mando nazi, quase

todos nós éramos pró-russos. Esperamos pela luz vinda do Leste. Mas ela acabou queimando pessoas demais. Muita coisa aconteceu que não pôde ser entendida. As ruas escuras ainda ressoam a cada noite com os gritos agudos das mulheres em aflição. A pilhagem e os tiroteios, a insegurança e a violência ainda não tiveram fim.

Se, num determinado dia, eles apoiam todos os esforços para fazer a economia funcionar, no outro desmantelam dúzias de fábricas, esvaziam as bibliotecas, arrancam trilhos ferroviários e confiscam trens do metrô. E, por trás de tudo isso, paira a sombra ameaçadora da GPU. O fato de trocarem o nome para NKVD não abrandou o terror.

“Liberdade é vida sem medo,” exclama alguém. Mas temos medo. Há pouco tempo, eles chegaram para prender um homem de nossa vizinhança. Às cinco da manhã. Era um sujeito inofensivo. Por que o prenderam? Aliás, por que prendem gente? Vivo matutando. Amo os russos. Mas não confio no regime deles.

Os outros se veem às voltas com problemas semelhantes. Querem amar, mas se sentem incapazes. A pessoa comum considera sua experiência individual a regra. A experiência da maioria das mulheres de Berlim vê os russos como estupradores. A confiança se perdeu. Elas odeiam e têm medo. Devem ser julgadas por procederem assim? Podem os russos ser julgados de acordo sua natureza? Temos de aprender a nos entendermos uns aos outros. Até lá, não há como nos gostarmos mutuamente.



Quinta-feira, 31 de maio de 1945

“Céu azul tão azul,” sai o som acompanhado por um acordeão, através das janelas sem vidros do antigo endereço das tropas de assalto na Ahornstrasse, nº 35. Já faz quatro dias que Heike vem mantendo a prefeitura local em polvorosa. Uma licença é necessária para cada prego. Uma licença para cada demão de tinta. Pintores e pedreiros, carpinteiros e bombeiros – quase inexistentes na devastada Berlim – são pinçados por Heike. Ela os encontra no meio do nada.

“Você pensou nos copos de cerveja? Nas comandas para as vendas no bar? Os anúncios foram encomendados? E o saxofonista e os dançarinos?” Todos os dias, às sete da manhã, chegam afiliados do partido. Esfregar e varrer, levar o lixo para fora sobre tábuas.

Em meio a latas de tinta e andaimes, Fabian fica de pé, mangas da camisa arregaçadas, calças sujas de tinta. Uma longa mecha de cabelos desabada sobre seu rosto.

“Silêncio, por favor! Ensaio!” – berra ele, batendo palmas. Mesmo cercados por latas de tinta e andaimes, eles repetem as falas e ensaiam o sapateado, gesticulando, solfejando e cantando baladas de Bertolt Brecht.

“Céu azul tão azul, o vento forte enfuna nossas velas...”

“Vamos conseguir,” Fabian exulta de alegria, afastando de sua face, com gesto enérgico, a mecha de cabelos.



Sexta-feira, 1º de junho de 1945

Uma ordem para costurar bandeiras. Cada residência tem que desfraldar bandeiras com as cores das quatro potências vitoriosas. Pesquisamos na enciclopédia. Quantas estrelas tem a bandeira americana? A foice e o martelo ficam exatamente no centro ou mais perto de um dos lados? Nunca fomos muito bons em

bandeiras. E ainda não somos.

“Para que cerimônia eles pretendem hastear as bandeiras?” – indaga Dagmar, olhando com indiferença para as numerosas peças de tecidos que Heike conseguiu reunir para nossa tarefa internacional de costura.

“Não tenho ideia. Dizem que Eisenhower é esperado, e Zhukov e Montgomery. Talvez seja também para o desfile da vitória.”

“Seja qual for o motivo,” sorri Frank, “com certeza não seremos convidados.”

Dagmar carrega o sobrolho. “Temo que seja melhor estar do lado dos que não perderam.”

“Mas não é mais interessante,” Frank a consola.



Sábado, 2 de junho de 1945

Atenção! Atenção!
KUTTEL DADDEL DU
O Teatro Satírico

convida você para sua apresentação de estreia no sábado,
2 de junho, às oito da noite, no Ahornschlösschen, em Steglitz.

Mais uma vez surge o problema do transporte de sete pessoas em quatro bicicletas. Desta vez, o homenageado é Fabian, que pedala sozinho.

Espectadores e cartazes decorativos. Cheiro de madeira e de cosméticos, de cola e tinta fresca. O local das tropas de assalto passou por uma metamorfose. Nos bastidores do minúsculo palco de madeira impera a confusão. Fabian está tão irrequieto quanto um cavalo de corrida antes da largada. Heike está em todos os lugares e em lugar algum.

“Céu azul tão azul, o vento muito forte enfuna nossas velas...,” é o que se ouve do palco, acompanhado por acordeões. As palavras de Brecht, Ringelnatz, Werfel e Mehring enchem o salão. A plateia bate palmas, gargalha, alegre e feliz. Durante o intervalo, bebe um líquido vermelho nos copos de cerveja.

“Sorvete de framboesa,” Heike nos informa. “Nossos troféus dos dias do boi.” Tão orgulhosa quanto um dono de bar, ela observa a guloseima colorida como bala de criança.

“Céu azul tão azul...,” ficamos sussurrando o querido refrão. Mas alguma coisa nos impede de desfrutar completamente a ocasião. Algo parece não estar certo. Algo fundamental. A impressão é de que, ao fazermos uma baldeação, tomamos o trem errado. Decerto, ele está se movimentando. Mas não na direção correta. Por doze anos, veneramos os bardos da República de Weimar como se fossem profetas. Nós os amamos e os idolatramos, os defendemos e os mantivemos escondidos. Agora os doze anos ficaram para trás. Alguma coisa nova começa. Não podemos evocar 1932 quando estamos em 1945.

“Você deveria ter escrito suas próprias letras,” diz Andrik no caminho de casa.

Fabian amarra a cara. “Será que sou um Werfel? Ou um Ringelnatz? As letras não saem assim do nada.” Ele levantou um problema real. Ainda não temos um Werfel. Ainda vacilamos a respeito do significado de “hoje.” E alguns são tentados a confundir “anteontem” com “amanhã.”



Quarta-feira, 6 de junho de 1945

Faz uma hora voltou a luz aqui também. Quem nunca ficou privado dela talvez não entenda o que isso significa. Noites iluminadas. Poder sair de perto do fogão de tijolos. E ligação – religação com o mundo. O tempo dos boatos passou.

Pela primeira vez em seis anos, estamos reunidos em torno de nosso rádio sem que sejamos considerados criminosos.

Aqui falando a Inglaterra... aqui falando a Inglaterra...

“Lindíssimo,” alegre-se e sorri Andrik, enquanto faz o ponteiro do mostrador caminhar por todas as estações.

O rádio permanece ligado a noite toda.



Sexta-feira, 8 de junho de 1945

Berlim está quente. E fica mais quente a cada dia. O verão senegalesco faz a cidade arder, esquentando também as numerosas e recentes sepulturas. Por baixo da fina camada de terra os mortos se incomodam. O cheiro da morte empestia o ar como uma nuvem tóxica. O fedor exalado pelo canal Landwehr é tão insuportável que obriga os passantes a cobrirem o nariz com lenço.

“Espero que não haja epidemias,” preocupa-se Frank.

Já estão espalhando o boato sobre uma praga causada pelos corpos em decomposição. Alguns dos hospitais que sobreviveram já estão superlotados com gente atacada pela disenteria e pelo tifo. Jo Thäler trabalha dia e noite. Ele foi designado para a enfermaria-isolamento. Quem o visita tem que se manter à distância de três metros. Temerosos, ficamos olhando a cruz vermelha no seu jaleco branco, clara indicação de que ele é um médico da enfermaria-isolamento.

“Como se tivesse saído de uma dança macabra,” sussurra Fabian com o medo estampado nos olhos. As autoridades responsáveis determinaram a exumação de todos os corpos que tenham sido enterrados provisoriamente a fim de que possam ser devidamente sepultados nos cemitérios. Milhares de cadáveres foram enterrados provisoriamente. Nas laterais das estradas, nos quintais em frente das casas, nas praças e nas ruas, entre ruínas e arcadas.

“*Memento mori*,” clamam os montes não identificados às pessoas que por eles passam.

Não é necessário que nos chamem a atenção para a morte. Ela se impõe a nós durante todo o tempo com a onipresente fetidez da putrefação. Os “escravos de Berlim” trabalham sem descanso. Quando deslocam suas tristes cargas pelas ruas da cidade, as pessoas, demonstrando desconforto, viram a cabeça para o outro lado. Ninguém gosta de ver a decomposição humana. Em carrinhos de mão e em outros meios adaptados de transporte, eles levam os mortos para as sepulturas, os corpos com poucos trapos a cobri-los, exatamente como foram desenterrados.

Não há caixões em Berlim. Nem macas, carros funerários ou coveiros. E, sobretudo, não há espaço disponível nos cemitérios. Para os que estão sendo enterrados hoje existe, ao menos, uma caixa de papelão como seu lugar de repouso final, recoberta com papel preto de *blackout* e com uma cruz de papel-alumínio colada em cima.

Caminho pelo cemitério. Em determinado espaço, conseguiram cavar uma vala com dois metros de largura e metro e meio de profundidade – exatamente como uma trincheira.

Um coro invisível de mulheres entoando em adágio soprano: “Jesus vive, vivo Nele...” Respeitosamente, detenho-me. De pé a meu lado está um homem. Ele amassa seu gorro com as mãos e sorri tristemente.

“Sacrifiquei meu guarda-roupas,” diz ele. “De bétula granulada.” Ao olhá-lo sem entender, ele acrescenta:

“Para o caixão, quero dizer... o caixão de minha esposa.”

“É claro,” respondo emocionalmente perturbada, “está certo!”... Que coisas estúpidas estou dizendo, reflito de imediato. Em primeiro lugar, é preciso que se aprenda a expressar as condolências apropriadas quando se está diante de sepultura coletiva e de caixões feitos de guarda-roupas. O coro por trás dos arbustos silencia. Do lado esquerdo da vala surge um cortejo fúnebre.

“Para este, nem uma caixa de papelão,” diz ressentido o viúvo sem guarda-roupa. Timidamente, olhamos para a patética procissão. Dois carregadores, duas varas, uma lona acinzentada. Sobre ela, o corpo do morto. Enrolado numa manta de cavalo, uma corda amarrada ao pescoço e outra em volta dos tornozelos. Nus, amarelados e petrificados, os pés projetam-se para fora daquela verdadeira trouxa. Era assim que os cadáveres das vítimas das pragas eram levados de casa na Idade Média. “Nem mesmo uma caixa,” insistia indignado o homem sem guarda-roupa.

Cinco parentes acompanham o defunto. Um leva flores na mão. Silenciosamente, eles escalam a terra amontoada em torno da vala, uma espécie de parapeito de trincheira. A fisionomia deles não expressa pesar ou consolo. Parecem janelas cavernosas num prédio incendiado. O cortejo para.

“Jesus, nosso salvador, vive...,” cantam as vozes em soprano. Um puxão... um empurrão... Como se esvaziassem um carrinho de mão, eles viram a lona. A trouxa rola para baixo, enrijecida qual tora de madeira. “...para estar com meu Salvador não há medo...” vem o som desafiador detrás dos arbustos. Mas sinto medo. Na realidade, estou horrorizada. Guarda-roupa ou manta de cavalo. Lona e sepultura coletiva.

O homem a meu lado se volta para ir embora. “Eu teria...” Escuto-o resmungar. Ele então se afasta.

Quatro “escravos” começam a jogar terra sobre o corpo. A trincheira está agora cinquenta centímetros mais curta. Três pazadas de terra. Com fisionomias sem qualquer expressão, desprovidas de pesar, os parentes descem do parapeito e se viram para ir embora. O que segura as flores quase esquece de deixá-las no local.

As senhoras com voz de soprano também se dispersam. Não é um mau negócio ser parte daquele coro. Os que cantam em funerais estão catalogados como cantores. Cantores são culturalmente criativos. O que significa cartões de racionamento de primeira classe. Nunca antes foram tantos os requerimentos para integrar coros funerários em Berlim.

Espero até que a última das pessoas deixe o local. A trincheira me intriga, particularmente a estreiteza do bizarro lugar de descanso final. Com passos hesitantes, me aproximo dos “coolies” que manejam as pás.

“Nós o colocamos agora bem no canto,” escuto um deles dizer. “Dessa maneira, conseguimos certo apoio para que a terra pare de deslizar.”

E isso é o coroamento de tudo! Pobre homem morto que, até o Dia do Juízo Final, servirá como suporte. O que se pode esperar de pessoas que tentam encontrar utilidade até na morte? Talvez tudo? Talvez nada?



Segunda-feira, 11 de junho de 1945

Fiquei na fila a manhã inteira para comprar carne com meus cupons de racionamento. Tivemos de esperar cerca de um mês por nossa permissão de uso.

“Houve dificuldade de transportes,” explica o açougueiro enquanto pesa cinco quilos de uma massa sanguínea bastante úmida que precisa ser colocada na balança com a ajuda de uma colher de pau. Cheia de suspeita olho para aquela polpa suja e acinzentada.

“Linguiça,” me informa o servente da loja. “Linguiça de fígado! Eu a aconselharia, de fato, a comê-la com a maior rapidez possível.”

“Está bem,” respondo, esforçando-me por pensar na maneira mais rápida de consumir cinco quilos de insossa polpa de linguiça de fígado. Sentindo-me deprimida, levo “aquilo” para casa.

Ao chegar, vejo o antitabagista Frank fumando um cigarro. Olheiras emolduram seus olhos. “Você está bem?” – pergunto.

“Tão bem quanto qualquer um depois de seis horas desenterrando vítimas putrefatas dos nazis. Sob temperatura de trinta graus à sombra.”

“Mas você não é filiado do partido.”

“Não, apenas um examinador médico.” Raivosamente, ele arremessa o cigarro no cinzeiro. “Eles são realmente uns canalhas,” esbraveja. “Vou lhe dizer, uns canalhas!”

“Quem?”

“Os nazis, é claro.” O líder distrital, o vigia do quarteirão, ou quem quer que seja sentiu a necessidade de matar treze pessoas inocentes poucas horas antes do fim da guerra. Com um tiro na cabeça. No pátio da Escola St. Marks.

“Como você sabe?”

“Vizinhos viram o assassinato e testemunharam também como eles as enterraram rapidamente. Treze pessoas inocentes!” Ele estremece. “Acabaram com elas no galpão das latrinas dos estudantes. Só porque, dois dias antes do colapso final, não tinham mais qualquer esperança de vitória. Tinham decorrido noventa e seis horas desde que seu Führer e comandante em chefe puxara o gatilho contra si próprio.” Ele estremece de novo. “Nojento! – nós os desenterramos hoje,” continua. “Cordão de isolamento, comissão de perícia criminal, coleta de provas, e assim por diante. Os membros do partido que deviam retirá-los simplesmente se afastaram e vomitaram. ‘Julguei que seria mais fácil desenterrá-los,’ Benjamin os censurou. Foi então que eles desabaram como porquinhos de borracha.”

Também senti repugnância. Que asco!

Tarde da noite, Andrik voltou para casa. Veio do quartel-general russo. Demorou três horas para chegar a Lichtenberg. Mais três horas lá e três horas de retorno. Enquanto subia com a bicicleta pelas escadas, ofegava como um asmático.

“Por que você não a tranca lá embaixo,” diz Heike.

Andrik olha para ela incrédulo. “Seria o mesmo que deixar dois quilos de manteiga na rua. Ou você acha que...?”

Ele está certo. Ainda há grande procura por bicicletas. Se os russos não as pegam, os alemães as roubam. Desde que o verbo “roubar” transformou-se em “sair para catar troféus” ou “zapp-zarapp,” não foi só entre nós que ele perdeu seu vergonhoso significado.

“Zapp-zarapp” significa pegar aquilo que se quer, não importa sua origem. “Zapp-zarapp” é atividade ainda muito frequente na Berlim pós-guerra. Até agora, só um punhado de pessoas percorreu o caminho de volta à legalidade. Sem dúvida, desviar-se da lei é mais fácil do que voltar a ela. Nós também, a despeito de todos os esforços, a toda hora nos surpreendemos com a interpretação descuidada de “meu” ou “seu.” Enquanto não houver muita coisa para comprar, enquanto em toda Berlim bens que valem milhões estiverem apodrecendo nas ruas, a luta para permanecer um cidadão correto continuará não sendo muito gratificante. Para onde se vá, as tentações persistem muito sedutoras. De quem são as sobras de fardas do exército alemão? As centenas de coturnos, de meias, de sobretudos e jaquetas cinzentas de campanha que estão espalhados por todos os lados.

Entre Wannsee e Grunewald, algumas das tropas que defendiam Berlim estavam muito bem preparadas para a volta à vida civil. Por semanas, eles usavam trajes civis por baixo do uniforme. Como fênicas da paz, eles ressurgiram das cinzas do exército e se misturaram às multidões civis, escapando assim do cativeiro russo. Quem são os herdeiros de suas máscaras contra gases, cantis, luvas de motociclistas, jaquetas forradas com

peles e utensílios do rancho tão descuidadamente abandonados? Dos pneus, camburões de gasolina, cabos telefônicos e contêineres com paraquedas? Vazias estão as instalações do Serviço de Mão de Obra e da Organização Todt. Desertos estão os refúgios da SS, as bases aéreas e as posições dos canhões antiaéreos.

Nós que pagamos todo esse material bélico. Com impostos e prestações de milhares de pfennigs do programa “Kraft durch Freude- KdF” (Força através da alegria). Com taxas e contribuições para a Frente da Mão de Obra e para a Organização de Ajuda no Inverno. “Canhões em vez de manteiga” era como Göring chamava a troca. “Manteiga em vez de canhões” é o slogan invertido.

Nossos libertadores chamam isso “zapp-zarapp.” E não estavam interessados em suprimentos do exército e sim no conteúdo dos kits dos abrigos antiaéreos. Tais kits permanecem rasgados às centenas ao lado de coturnos e uniformes. Quem é o dono do conteúdo dessas embalagens, agora indiscriminadamente espalhado pelo chão de Grunewald? As mofadas toalhas de cozinha, as calcinhas de seda, os edredons aquecidos, os kits de manicure, os fogões portáteis.

“Zapp-zarapp,” diziam os conquistadores e, naturalmente, eram os primeiros a escolher. “Zapp-zarapp,” respondiam os berlinenses, embolsando, trocando e desmantelando qualquer coisa em que podiam pôr as mãos. Quanto mais os russos deixam para trás, mais os alemães pegam. Barracas ou carros, kits de abrigos antiaéreos, galpões-depósitos, reboques para bagagens. Eles são canibalizados, feitos em pedaços. Qual a limitação que as leis de emergência podem estabelecer? Quando tudo isso passa a ser vergonhoso? Com as máscaras contra gases? O pó para fazer sorvete? Os roubos de bicicletas? Se a própria pessoa não se esforça para sair do lamaçal, ela se arrisca a lá ficar atolada para sempre. Estamos tentando com afinco sair dele e voltar à honestidade. Não tencionamos nos eternizar como caçadores de troféus. Mas é difícil. Muito mais difícil do que jamais imaginamos.



Terça-feira, 12 de junho de 1945

Panfletos são distribuídos nas ruas. Saiu ontem nos jornais: “Está aberto o caminho para a democracia. A partir de hoje, o marechal Zhukov está autorizado a fazer a integração de todos os partidos antifascistas na Zona Soviética de Ocupação.”

No mesmo dia, as rotativas dos jornais funcionam a todo vapor. Lemos a proclamação do primeiro partido alemão. “Aos trabalhadores da Alemanha!” “Aos homens e mulheres! À juventude alemã!” Avidamente, devoramos o denso texto impresso.

“Parece ótimo,” diz Frank aprovando. “Nenhuma repetição dos erros de 1918... Não mais divisões da classe trabalhadora...Nenhuma leniência para com o nazismo e a reação... Jamais de novo agitação alguma ou hostilidade à União Soviética... Quatro pontos com os quais concordo.”

“Leia a conclusão em voz alta,” ele pede a Heike.

“O Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha acredita que a medida acima proposta pode servir como base para a federação dos partidos democráticos antifascistas (do Partido Comunista, do Partido Social-Democrata, do Partido Central e outros)... Declaramos: solidariedade, determinação e trabalho persistente garantirão o sucesso de nossa lúdima causa. Com passos firmes. Com a cabeça erguida. Prontos para trabalhar com todo o vigor. Então a liberdade para o povo e uma vida de dignidade emergirá das vicissitudes e da morte, das ruínas e da desgraça.”

Frank comenta: “Hum... Não está ruim. Só não gosto dos ‘passos firmes’ – que cheiram a SA [*milícia do Partido Nazi*]. Pelo menos a seus slogans. O que dizem os outros partidos?”

“Nada,” ri Andrik. “Porque eles ainda não existem. Nem nos panfletos nem no que concerne ao comitê

central.”

“Vamos esperar e ver,” decide Frank. “Tão logo eles se organizem, poder-se-á escolher, afiliar e voltar à ativa.”

“Você realmente pretende se tornar membro de um partido?” Heike, incrédula, olha para ele.

“Você não?” – replica Frank demonstrando a mesma incredulidade. “Você acredita que possamos fazer alguma coisa ficando de fora? Ficando à parte e erguendo didaticamente o dedo indicador?” Ele se põe de pé. “Imploro-lhe. Por doze anos estivemos sempre no mesmo barco. Se não assumirmos responsabilidade agora...”

Heike meneia a cabeça. “Você está tentando dizer que responsabilidade implica filiação a partido?”

“Nem sempre, mas agora sim. Pelo amor de Deus, você não entende? Resolver o legado podre de uma catástrofe nacional não é só um direito. É nosso dever... Apenas falar não melhora o mundo. Seja ativa minha cara. Ser ativo faz toda a diferença!”

“Talvez você esteja certo,” intervém Andrik. “É simplesmente mais fácil a união *contra* alguma coisa do que *a favor*. Porém, afinal de contas, os partidos são...”

“Partidos ou não,” interfere Fabian, “não vamos discutir a respeito de ovos que nem foram postos ainda. Enquanto as galinhas os estiverem chocando, haverá tempo suficiente para a decisão. Então, entretimentos,” ele levanta sua xícara de chá, “em sua homenagem, camarada Matthis! Longa vida para o ‘mesmo barco!’”

Um tanto deprimidos, esvaziamos nossas xícaras. Será que é mesmo tão difícil concordar a respeito de alguma coisa positiva? Fico com a sensação de que nosso grupo está prestes a rachar. Ainda estamos no mesmo barco. Mas o destino final mudou. E, dessa vez, não há apenas um caminho para nosso novo destino.



Quarta-feira, 13 de junho de 1945

Frank está pensando em fazer uma viagem. De bicicleta, uma vez que os trens ainda não funcionam, e a impressão é de que não voltam a circular num futuro previsível. Em vez de reconstruir, eles vivem desmantelando. Os russos arrancam os trilhos das linhas, os alemães dilapidam os vagões de passageiros. Fico imaginando: estarão fazendo calças com o forro de veludo cinza-amarronzado dos assentos da segunda classe? Ou transformam-no em escovões de limpeza e em chinelos? Sejam os cinzeiros, as trancas das janelas, a cobertura dos bancos, as mesinhas de dobrar ou os soquetes das lâmpadas, tudo some, tudo parece ser útil e precisa ser embolsado. Vendo os vagões depenados das ferrovias e do metrô fica-se com a sensação de que toda a Alemanha é um grande pátio de ferro-velho.

Mas que sabemos da Alemanha? Ainda não há serviço de correios. A despeito do rádio e das mensagens ocasionais transmitidas boca a boca, nosso conhecimento das regiões vizinhas é quase igual ao que sabemos sobre os marcianos. Chegou a hora de termos uma ideia. Frank insiste nisso já há algum tempo.

Ele está preocupado com um amigo. Pouco antes do fim da guerra, o tal amigo vinha tentando atingir o distrito de Oderland. Será que conseguiu? É complicado ficar mais de dois meses tentando saber se um amigo querido de doze anos ainda está vivo. “Eu vou,” decide Frank.

“Você endoidou,” dizem os outros. “Vai voltar descalço e sem a bicicleta.”

Andrik também se preocupa: “Não se deve arriscar. E você não entende uma palavra em russo...”

Mas ninguém consegue dissuadir Frank. Quando ele decide, dificilmente muda de opinião. Sua determinação me afeta.

“Vamos juntos,” proponho. “Viajar em dupla torna as coisas mais fáceis.” Ele fica radiante.

“Muito bem, quando partiremos?”

“Amanhã às cinco da tarde. Para evitar dificuldades, viajaremos durante a noite.”

“De noite?” – objeto. “E a hora do recolher? Eles atirarão se nos pegarem depois da hora do recolher.”

“Mais um motivo para que não nos deixemos pegar.” Frank tenta desanuviar minhas apreensões.

Durante o restante do dia corro para lá e para cá empacotando nossas coisas. Toda a comida, bebida, material para dormir e o que mais precisarmos para quatro dias e noites de viagem tem de ser transportado nas bicicletas – inclusive subornos. Estes constam de cinco cigarros doados por Andrik e sessenta tablets de Pyrimal, um remédio popular para certas consequências do ato sexual. Frank os lança como despesas de viagem.



Quinta-feira, 14 de junho de 1945

Tudo indica que o tempo vai se manter firme. Carregadas como camelos, nossas bicicletas são colocadas do lado de fora às dez para as cinco.

“E os documentos de identificação? – indaga Andrik. Orgulhosamente, Frank tira dois papéis de seu bolso.

“Tudo providenciado!” Ele os entrega a Andrik. “Pelo presente, certifico que o Dr Frank Matthis, médico, residente à rua X, Berlim, está autorizado a usar uma bicicleta. Solicito que lhe seja assegurada passagem livre,” está escrito em alemão e russo. Junto a uma assinatura ilegível, há um selo colado.

No outro documento, apareço como assistente social e gozando dos mesmos privilégios. “Onde você conseguiu?” – exclama um maravilhado Andrik.

Frank sorri com malícia. “Isso é segredo meu. Mas o selo é autêntico. E o que está escrito nos documentos também é verdade. Quando não existem autoridades constituídas, tem-se de inventar uma.”

“Ainda teremos também nossa agência expedidora de passaportes no IV Reich,” suspira Andrik. “Muito bem então, boa sorte e, mais importante, não se deixem pegar.” Ele me abraça e me beija ao estilo russo, isto é, três vezes nas bochechas. Desde que passamos a viver sob a ocupação soviética, Andrik readquiriu muitos velhos hábitos de seus dias de infância em Moscou.

Pedalamos para o leste. O sol ainda está longe de se pôr. O horário russo economiza luz de noite. Continuamos pedalando. As estradas se alongam à nossa frente numa miséria sem fim.

De repente, a primeira parada. Ajoelhados no meio da estrada, cinco “coolies” raspam freneticamente algo cinzento e pegajoso que forma uma crosta no asfalto. Saltamos das bicicletas. O que teria sido derramado na estrada? Curiosos, nos aproximamos. Deus meu! É um ser humano! Tanques passaram por cima dele. Esmagaram-no no asfalto como se tivesse sido passado a ferro de forma sanguinolenta. E agora os “coolies” o estão raspando. Com facas, vão retirando pedaço a pedaço. É provável que, em algum lugar, uma mãe esteja em prantos ou uma criança fique esperando por anos a volta daquela forma emplastrada.

Por longo tempo, pedalamos em silêncio. Quando passamos pelas últimas casas dos subúrbios, três horas haviam decorrido. São 80km de Berlim-Steglitz até o distrito de Oder. Se quisermos fazer o trajeto em um dia e meio, temos de nos apressar.

Campos e pradarias. Florestas e estradas vicinais. É estranho encontrarmos tão pouca gente. Os arrabaldes de Berlim jamais me pareceram tão desertos. Vez por outra, passam caminhões. Carregados de pertences domésticos, eles se encaminham para a nova fronteira. Frank fica observando-os.

“Esses são os espelhos e a mobília que deram a impressão aos russos de que éramos ricos. Suficientemente ricos para começarmos uma guerra de agressão. Durante quatro anos os bens russos trafegaram do Leste para o Oeste. Agora são os nossos que viajam para lá. Um troca-troca que faz sentido!”

Passa por nós outro caminhão lotado com pertences burgueses. No topo de tudo aquilo se equilibra um sofá-cama fora de moda. Esparramado no sofá viaja um soldado. Sua metralhadora sob a cabeça, o soldado parece repousar no colo de Abraão, mergulhado no sono dos justos. A cada buraco, seu corpo gorducho é jogado para cima como uma peteca. A cena me faz rir. Deus sabe que eles são, de fato, umas crianças.

Como está escurecendo, entramos com as bicicletas por um bosque. Frank inspeciona cuidadosamente a área. “Acho que podemos descarregar alguma coisa das bicicletas.” Entre dois pinheiros, ele arma a barraca. Sentamo-nos na frente dela e ficamos observando a noite cair. Não se ouve o mínimo som, salvo uma brisa ocasional balançando o topo das árvores.

Escurece rapidamente. A forma dos pinheiros fica indistinta. Deixo meus olhos vagarem pela parte superior dos arvoredos. “Olhe: Polaris, a Estrela do Norte,” sussurro. Frank chega mais perto de mim.

“E sermos capazes de desfrutar tudo isso,” ele sussurra de volta. Nós dois sentimos a mágica do momento. Nunca antes a natureza se nos mostrou tão adorável. Tão bela assim, tão pacífica e tão radiosa.

Já quase dormindo, ouço cães latindo e vozes a distância. “Parecem bêbados,” pretendo dizer, mas o sono engrola minha língua.



Sexta-feira, 15 de junho de 1945

Acordo. Alguma coisa estranha paira no ar. A luz do dia penetra através de frestas na barraca. “Psiu,” Frank murmura perto de mim. Ele está sentado e, com a cabeça lançada à frente, escuta com atenção. O ruído de galho quebrando. Silêncio. Estamos tão concentrados que podemos ouvir as batidas do coração. Outro graveto se partindo. De um só impulso, Frank abre as abas da barraca. Meu Deus, um russo! Estamos olhando para o cano de sua arma. “*Drusya*,” Frank gagueja enquanto estampa o mais amigável sorriso

possível.

Ele faz sinal para que saiamos da barraca. Somos revistados. Quando se dá conta de que não portamos armas, começa a se mostrar mais relaxado. Frank apresenta nossos documentos de identificação. O soldado vira e revira os papéis em suas mãos, encolhe os ombros e diz alguma coisa em russo. Nada entendemos.

“*Drusya* – amigos,” tentamos novamente.

Em vez de responder, ele grita algo ininteligível na direção da mata. Por trás das árvores, aparece outro russo. Depois, um terceiro e um quarto. Agora estamos, de fato, enrascados! Tentamos nos manter descontraídos sob aquelas circunstâncias fatais. *Para os que os olham como se fossem perigosos, eles se tornam perigosos*, penso em silêncio.

O primeiro dos soldados sinaliza para nós: “arrumem as coisas e venham conosco,” interpretamos seus gestos. Enquanto desmontamos a barraca e carregamos as bicicletas, os soldados mantêm os olhos fixos em nós. O que será que querem? Eles não parecem dispostos a ficar com nossas bicicletas. Nem dão a impressão de estupradores. Se ao menos Andrik estivesse aqui agora!

Escoltados pelos quatro soldados pomo-nos a caminhar através do bosque, no sentido contrário ao nosso destino original.

Por fim, paramos num aterro ferroviário. Recebemos ordem para ficar de pé. E, de pé, esperamos um longo, longo tempo. Nossos guardas estão bem à vontade. Deitados sobre a barriga, eles brincam de atirar facas. Como crianças, alegram-se com os bons arremessos. Quase não nos dão atenção. Mas é só fazermos o menor movimento para que nos olhem cheios de suspeitas e cheguem mais perto.

O tempo se arrasta. Finalmente, com o sol já bem passado do zênite, aparece um oficial em patrulha. Os soldados assumem posição mais marcial e relatam o caso.

“Documentos de identificação,” dispara um intérprete em nossa direção. Mostramos os papéis. “Abram os pacotes, sua bolsinha e sua mochila.”

Obedientes, seguimos todas as ordens. Em cinco minutos, nossos pertences são uma confusão só.

“Por que vocês acamparam no bosque?”

“Porque... porque nós...” Frank e eu nos olhamos sem esperanças.

“Bem?” o intérprete apressa, lançando um olhar significativo na direção de sua arma.

Frank se recompõe. “Amamos a natureza,” diz ele. E com um sorriso encantador, volta-se para o oficial: “*Lyu-blyu lyess.*”

O oficial sorri de volta. Ele entendeu e demonstra interesse. “*Vratch?*” pergunta ele rápida e amistosamente. “Médico?”

Frank confirma com a cabeça e aponta para os pequenos tubos de Pyrimal. Não tarda para que eles sejam distribuídos. Nosso estoque é muito pequeno.

Em poucos minutos, o cenário muda. Debruçado sobre um receituário e cercado pelos pacientes, que o observam solenemente, o Dr Frank Matthis escreve receitas de sulfa.

“Seu nome?”

“Ivanov.”

“Pyrimal, um comprimido via oral.... Seu nome?”

“Stepanov.”

“Pyrimal, um comprimido via oral.... Seu nome?”

“Ivanov.”

Frank hesita. “Ivanov?”

“Ivanov,” a pessoa em questão confirma com um sorriso maroto. Todos os outros se mantêm impassíveis.

Stepanov e Ivanov – não pode haver dois nomes mais comuns na Rússia. Müller ou Schulze. Schulze ou Müller. O que temos a ver com o nome dele? O que eles têm a ver com seus próprios nomes? Eles os

mudam como camisas para lavar e se escondem atrás deles como duendes na capa mágica. Uma diferença perturbadora entre Leste e Oeste. O que tem grande importância para nós – o nome individual e imutável – pouco significa para eles. Hoje, Ivanov, amanhã, Stepanov. Na realidade, ninguém sabe o nome verdadeiro. A União Soviética é uma entidade indivisível, e não a soma de incontáveis seres individuais. Não é a primeira vez que deparamos com essa tendência pelo anonimato entre nossos libertadores. Porém, decerto, não será a última vez que o fato nos afastará. Ele nos ensina mais sobre seu espírito coletivo do que qualquer plataforma do Partido Comunista.

Quatro Ivanovs e cinco Stepanovs recebem cuidados médicos. Anotam nosso endereço e prometem nos visitar. “Com *schnapps*,” garante o oficial com um sorriso. Eles nos liberam. Sete horas após nossa detenção, montamos de novo nas bicicletas. “Uma parada agradável,” diz Frank. “Mais algumas iguais a essa e levaremos duas semanas para chegar ao Oder.”

Por cerca de uma hora, pedalamos vigorosamente.

“Que horas serão?” Frank puxa seu relógio reserva de um bolso secreto. “Três e meia – está na hora de comer alguma coisa.” À nossa frente, um vilarejo. Percorremos a rua principal.

A vila parece desolada. Completamente deserta. Não se vê uma alma. Um gato cruza a rua e rapidamente desaparece por baixo da cerca mais próxima.

“Será que todos já foram para a cama?” – especula Frank. “Ou morreram?”

“*Taberna do Leão*,” diz a placa sobre uma das casas. Sai uma fumaça convidativa da chaminé. Frank pressiona a fecho da porta. Está trancada. Ele quase espanca a porta com os punhos. “Abram! Somos fregueses!”

Nenhuma resposta. Silêncio total. A coisa fica misteriosa.

“Vamos entrar,” insisto. “Quem sabe o que...” quero dizer “aconteceu,” mas Frank me interrompe.

“Se estão cozinhando, tem de haver alguém lá dentro. Espere um segundo!” Em algum lugar, o som do trinco de uma janela.

“Pelo portão do quintal,” murmura uma voz de mulher. Obedientemente, damos a volta. Há um portão no quintal. Uma chave gira. Olhamos para um rosto apavorado bem socado no xale para parecer idosa, uma camponesa ainda jovem está diante de nós.

“O que vocês querem?” – pergunta ela nervosa. E então, como se recitasse algo decorado, continua: “Não temos nada. Nem comida nem bebida. Nem xícaras nem pratos.” Com um gesto de desesperança, aponta para o quintal. “Tudo vazio... foi tudo embora... levaram tudo.”

Olhamos em volta. Galpões vazios, um celeiro deserto, portas quebradas e penduradas pelas dobradiças retorcidas. Aqui e ali um punhado de palha suja. Pelos cantos, uma bagunça indefinida.

“Russos ou alemães?” – pergunta Frank. A mulher dá de ombros.

“Ladrões,” diz ela com indiferença. O que lhe interessa a nacionalidade? Medo é tudo o que sente. Receio de uma batida na porta, de ser agarrada e estuprada, de gritos e tiros, de pilhagens e roubos.

Abrimos duas caixas perto do poço e sentamo-nos para o café da manhã. Com expressão gulosa, ela fica olhando para nossos sanduíches.

“Você já pode comprar pão!” Ela não sabe coisa alguma sobre Berlim. Por oito semanas tem estado sentada lá na sua casa desolada. Indefesa e desesperançada como um camundongo na ratoeira. Não sobrou nenhum homem no vilarejo. Os que não foram recrutados pelas tropas de assalto, ou fugiram ou foram levados embora. A ordem de Hitler para que a luta fosse até o último homem resultou na despovoação de áreas inteiras e no saque de milhões de seus bens.

O medo impera por onde passamos. Ele espregueia por trás de portas firmemente reforçadas com tábuas. Olha-nos das casas desertas, dos jardins destruídos, dos campos sem amanho. Duas meninas caminham à nossa frente.

“Qual é o caminho para Frankfurt?” – perguntamos em voz alta. Assustadas, elas deixam escapar um grito. O pavor fez surgir o feio disfarce por trás do qual as mulheres da zona de ocupação oriental vêm escondendo por semanas sua juventude.

Um sinal preto e amarelo na estrada indica-nos o caminho para a rodovia. Subimos num aterro e estacamos quase petrificados. Deus do Céu! O que é isso: um êxodo?

Diante de nós uma procissão sem fim de miseráveis se desloca lentamente do leste para o oeste. Homens e mulheres, moços e velhos, misturados, reunidos pelo destino. De Posen ou da Prússia Oriental. Da Silésia e da Pomerânia. Carregam às costas seus pertences. Para um lugar ou outro, para onde suas pernas os levarem. Uma criança se desgarrá do grupo. Um menino em estado lastimável.

“Está doendo,” soluça. Levantando os pés que sangram, ele tenta se equilibrar nos calcanhares nus.

“Enquanto cozia pão... diretamente do forno...,” balbucia uma mulher atrás do menino. No longo caminho que percorreu desde sua casa, ela deve ter repetido isso milhares de vezes. E continua repetindo, no mesmo tom desesperado de voz. “Enquanto cozia pão... diretamente do forno...” Às suas costas, duas panelas penduradas se chocam e marcam o ritmo de seus passos.

Velhos e moços, homens e mulheres. Vagando pela estrada, dormindo na estrada, morrendo na estrada. Imagino que vejo alguém morrendo quando observo, consternada, um homem puxando um frágil carrinho. É um carrinho de criança – pequeno, estreito e baixo. Dois travesseiros foram acomodados nele, alguma palha e um estofado. No estofado, está deitada uma velhinha. Cabelos brancos e com seu melhor vestido para o domingo rural. Com as mãos postadas sobre o peito, ela olha solenemente para o céu. Sombras azuis contornam seu nariz. O carrinho balança. Enfraquecida, sua cabeça joga de um lado para o outro. Mais um ou dois sacolejos e o homem estará puxando um cadáver. Mas ele não olha para trás. Caminha com dificuldade e passos pesados, aparentemente inconsciente de que, atrás dele, uma pessoa está perecendo. Só as crianças que vêm mais atrás, lideradas por uma freira, percebem. Mas elas também não demonstram qualquer sentimento. Talvez muito cansadas. Cansadas demais para se apavorarem.

“Vocês veem de muito longe?” – indaga Frank com simpatia.

A freira olha para ele como se quisesse chorar. “Éramos trinta quando saímos de Kreuzberg. Agora somos doze. Os outros...” Com um gesto vago, ela silencia.

Não ousamos perguntar o que aconteceu com os outros. Se não se pode ajudar, melhor não se imiscuir nos assuntos alheios.

“Vamos todos morrer,” suspira uma menina. “E por que não? Morrer não é o pior.” Milhões de pessoas, esqueléticas de fome e exauridas, arrastam a maldição de seu destino através dos destroços da Alemanha.

“Seria uma loucura sem tamanho deslocar dez milhões de pessoas de seus lares,” dissera Churchill durante a guerra.

Mas foi exatamente isso o que eles fizeram. E continuam fazendo. Dez milhões de pessoas foram tiradas de suas casas, de seus lares, impiedosamente deslocadas.

“Tenhamos compaixão, Frank,” observo. “O que irá acontecer com elas? Para onde mandarão dez milhões de pessoas?”

“Para onde? Quem poderá saber? Talvez para o céu. A menos que inventem outra história para a Alemanha.” Ele fica observando a procissão passar. “Como o mal já foi feito aqui... quem desejará assumir responsabilidade por isso?”

Ninguém vai querer assumir a responsabilidade. O sofrimento humano só interessa àqueles que sofrem. E talvez àqueles que o testemunham. Evidentemente, há simpatia. Mas a simpatia é limitada. Que preocupações podem despertar na política mundial os refugiados alemães que caminham sem sapatos, sem meias e com os pés sangrando? Outros valores estão em jogo. Mais importantes... mais cruciais.

E qual foi o grau de nossa preocupação quando Hitler despovoou a Ucrânia? Quando milhares de

trabalhadores forçados do Leste morreram de exaustão em suas nojentas barracas? Quando milhares e milhares pereceram nas câmaras de gás?

“Não nos enganemos,” diz Frank. “Ter piedade e derramar lágrimas nada significam. Teria sido agradável acolhermos uma família de refugiados da Pomerânia em nossa casa já apinhada e aos pedaços? É muito fácil pregar a caridade desde que não seja necessário praticá-la. Tente colocá-la em prática. Com oito metros quadrados de espaço vital por pessoa. Com as paredes repletas de buracos e as portas não fechando direito. Com uns sentando sobre os outros e todos enervando todos. Imagine só a espécie de vida idílica numa lata de sardinhas. Você quer ir ao banheiro – ele está ocupado! Você entra na cozinha e lá encontra fraldas secando. Você foge para seu quarto – o vizinho liga o rádio a todo volume. No fim, todos acabam odiando todos porque não podem mais se suportar mutuamente. Você se torna malvado como o diabo e briguenta como Xantipa, a mulher de Sócrates. Espere e verá. Ninguém está disposto a acomodar esses milhões. Nem eu, nem você, nem ninguém na Alemanha. Não que sejamos desalmados, mas simplesmente porque é impossível. Porque um jarro cheio até a boca não recebe nem mais uma gota, o que dirá uma torrente.”

Saímos da rodovia. O sol está se pondo. Acinzentada e sombria a procissão de refugiados desaparece atrás de nós. Se quisermos chegar ao destino antes do escurecer, é melhor nos apressarmos.

“Parem!” – grita alguém de repente. À nossa frente surgem três pedestres agitando furiosamente os braços. “Armadilha de bicicletas na próxima vila! Não prossigam!”

Isso era tudo o que precisávamos antes da hora do recolher. Temos de voltar. É um desvio de seis quilômetros. Pingando de suor, abrimos caminho através de arbustos e campos cultivados. Se não nos pegarem, terá valido a pena! Como gatos selvagens, aguçamos os ouvidos, como corujas, nossos olhos perscrutam a escuridão.

“Diacho!” Um galho grosso como um braço atinge minha testa com força. Gemendo, esfrego a testa doída. “Vai dar tudo certo,” conforta-me Frank. “É melhor que voltar a pé para Berlim.”



Sábado, 16 de junho de 1945

Chegamos ao nosso destino à uma hora da madrugada. Estranhamos tanta atividade na vila. Homens patrulhavam as ruas, vigiando, suspeitosos, em todas as direções.

“O que estão vocês protegendo?” – perguntamos a um deles.

“Nossas mulheres,” respondeu o homem com os olhos chismando de ódio.

Paramos na casa que abriga a prefeitura. “Burgomestre,” lemos no papel preso à porta quando focamos nossa lanterna. Mais abaixo, o nome que procurávamos. Então eles estão vivos. Tiramos um peso de nossas costas. Batemos, socamos a porta, gritamos, até batucamos na madeira.

“Ora veja! São vocês!” – nosso amigo Karl von Hallberg exclama surpreso, iluminando nossos rostos com uma vela. De botas e esporas, ele sai para nos cumprimentar. Uma braçadeira vermelha realça no seu braço. Fritz von Hallberg é velho colega de escola de Frank. Colega de escola e nosso camarada em armas. Homem de compleição mediana, sua testa arredondada sempre me faz lembrar porcelana de qualidade.

Por volta de meados de abril, ele deixou Berlim para se reunir à sua família. “Temos de mergulhar juntos,” disse ele na ocasião.

“Então você não morreu,” observa Frank pilheriando. Olha para a braçadeira vermelha e acrescenta: “Burgomestre,” quase soletra com deferência jocosa.

Hallberg confirma com a cabeça. “É preciso desempenhar uma função, caso a oportunidade se

apresente...” ele parece constrangido, “mesmo que ela seja difícil como a minha nestes dias.”

Já estávamos dentro do prédio. Num dos cantos, sentado à mesa, um rapaz lê um livro. “Você pode ir para a cama agora,” diz Hallberg. O moço desaparece.

“Vocês parecem de prontidão,” diz Frank sorrindo. “Há mesmo necessidade disso?”

Hallberg franze a sobrancelha. “Necessidade? Quando, noite após noite, trezentos habitantes do vilarejo temem que pelo menos duzentos deles corram o risco de estupro, saque, pilhagem ou roubo, não se pondera se é necessário ou não.”

“Hum! E qual a reação das forças de ocupação?”

“Como nos rendemos sem lutar, eles vêm fazendo o melhor que podem. Têm ajudado dentro de suas possibilidades, mas mesmo assim não podem fazer muita coisa. Não podem, da noite para o dia, transformar soldados embriagados pela vitória e uma legião de trabalhadores libertados em paradigmas das virtudes.” Põe a vela sobre a mesa e puxa duas cadeiras para nós.

“Fico matutando se Stalin sabe o que está em jogo aqui,” diz Frank pensativamente. “Embora, mesmo que soubesse, não mudaria muito. Quando conseguirmos a paz, a guerra terá destruído tanto que toda propaganda será inútil. Nossos conquistadores perderão o jogo não pela guerra, mas por seu comportamento na paz. Você pode dizer às mulheres o que bem quiser – que a Rússia é o paraíso, e o bolchevismo, o céu na terra. Elas pensarão naqueles que as estupraram e dirão: *Não!* E nenhum poder terreno será capaz de mudar o que vai suas mentes.”

Ficamos trocando experiências até amanhecer. Quatro vezes durante a noite Hallberg foi chamado. Uma para tratar de alguém com inflamação na bexiga, duas para chefiar suas “milícias” contra uma dúzia de ex-trabalhadores baderneiros e uma quarta vez para pegar o cachorro fujão do comandante russo.

“Você parece pau para toda obra,” digo com simpatia quando ele afunda na cadeira após sua última expedição.

“É mesmo! Detetive, tabelião, veterinário, clínico, pastor, porta-voz soviético, granjeiro, prefeito e vendedor de objetos de segunda mão. Tudo isso num só. O dia teria de ter mais 24 horas,” diz ele olhando para o relógio. “Vinte para as seis. Daqui a vinte minutos será hora de acordar.” Ele boceja e se põe de pé. À luz do amanhecer, sua tez clara parece ainda mais transparente.

“Ele não muda,” elogia Frank quando chegamos ao nosso quarto. “A gente pensa que ele não está fazendo nada e, de súbito, está fazendo tudo. O bom, o adequado e o mais que é necessário.”



Domingo, 17 de junho de 1945

No caminho de volta, pedalamos pelo interior devastado e ainda mais calcinado pelo abrasador calor do verão. Florestas mutiladas, cheias de material bélico, veículos abandonados, tanques destruídos, capacetes de aço em sepulturas de soldados, cavalos mortos e o fedor da putrefação. Estamos passando pelo campo da batalha de Halbe. Aqui, unidades alemãs caíram feito coelhos na armadilha

Não é agradável pedalar em campos de batalha. É mais terrível ainda sob sol escaldante. Aquilo lá saindo da terra não é uma perna? Silenciosamente, ela aponta para o topo verde-claro das faias. Não olhamos nem para a esquerda nem para a direita. Preferiríamos manter os olhos fechados. Mas a estrada tem muitos obstáculos para que desfrutemos desse luxo. Buracos e pregos, vidro quebrado e pontas de metal rasgam nossos pneus; três vezes temos de parar para remendá-los. Duas outras vezes para iludir caçadores de bicicletas.

“Acho que eles querem equipar todo o seu exército com bicicletas,” queixa-se Frank quando somos

forçados, pela quarta vez, a fazer um grande desvio.

Ao anoitecer, o campo de batalha de Halbe ficou para trás. Diante de nós, campos e prados intocados e pacíficos. Esse milagre sempre nos surpreende: que a destruição da guerra seja tão esporádica e contraste gritantemente com o que foi preservado. Na sua esteira, ela deixa o caos ao lado do idílico, o idílico bordejando o caos. Onde acabará a preservação e começará a destruição? Ninguém sabe e ninguém pode prever.

“A Silésia é segura,” foi dito dois anos atrás. “Levem seus bens para a Silésia...” Milhares seguiram esse conselho. Apinharam os trens, superlotaram os vagões de carga com bagagens de evacuados. Foram para a Silésia e desapareceram.

Como se sabe quando as coisas desaparecerão? Como se pode prever o que será reduzido a escombros? A região à nossa frente foi poupada pela guerra. “Aqui é um bom lugar. Vamos ficar um pouco,” diz Frank desmontando da bicicleta. Meia hora depois, entramos em nossa barraca próxima a alguns arbustos às margens de um córrego.



Segunda-feira, 18 de junho de 1945

A manhã está bem fresca. A névoa acima da pradaria logo se desmancha com o nascer do sol. A grama ficou úmida com o orvalho e exala o frescor da primavera. Rimos bem alto de alegria pelo simples motivo de estarmos vivos.

“Vamos nadar,” sugere Frank. Ele tira a roupa e mergulha na água. “Venha,” grita ele. “Está uma maravilha.”

Juntos, nadamos riacho abaixo. O sol lança amplos fachos luminosos sobre ele. Dançando sobre as ondas, eles se assemelham a anéis fulgurantes de ouro. Ninfas se acumulam nos juncos perto das margens. Primaveras e amentilhos boiam suavemente. Agora, alguma coisa faz barulho no meio dos juncos. Um pato bate asas e, grasnando, voa para a margem. A água está tépida, clara e transparente. Penso na piscina da Linkstrasse. Os maiôs verde-escuro. Se não se soubesse das ruínas, poder-se-ia achar o mundo perfeito. E ele é perfeito. Exatamente agora, neste momento. Do mesmo modo que ele parecia perfeito para as meninas quando, em meio às ruínas, tomavam seu banho matinal. A luz está em nós e não nas coisas.

Escutamos os sons distantes do pisotear de cascos de cavalos e do latir de cães. Nadamos para a margem do córrego e, cuidadosamente, espiamos através da espessa mata ciliar.

“Olhe,” exclamo jubilosa. “Quantos cavalos!” Diante de nós, à luz brilhante da manhã, se estende grande pradaria cercada por bosques. Centenas de cavalos estão pastando. Pequenos e grandes. Pretos, tordilhos e castanhos. Empurrando-se uns aos outros, eles galopam sobre a grama. Uma égua trota em nossa direção. Ela deve ter parido há pouco tempo. Equilibrando-se sobre as pernas finas e instáveis, sua cria – um alazão – trota a seu lado, pressionando, temeroso, seu corpo contra a anca da mãe. Em algum lugar, um garanhão relincha. Seu uivo de amor perfura o ar.

“Meu Deus, que bonito,” sussurra Frank.

Devem ser assim as estepes russas, os pastos quirguizes. É a Ásia. A Ásia em todo o seu esplendor.

Na extremidade do pasto, estão postadas cinco carroças de camponeses. Arredondadas e cobertas com lona, suas traves apontando para cima, as carroças delimitam um acampamento onde, ao centro, arde uma fogueira. Três russos estão sentados em torno do fogo. Com os cotovelos apoiados na grama, eles se mostram bastante à vontade. Um acordeão está ao lado de um deles. Não demorará para que o russo o pegue e toque uma canção melancólica. “Não faça um caftan vermelho para mim, babushka...” Quão bons

são os homens quando se deixa que o sejam.

Amanhã, eles conduzirão os cavalos para o leste. Cavalos alemães com seus condutores russos. Sobre outra pradaria soará a canção do caftan e se elevará a fumaça da fogueira.

Estaremos ainda na Alemanha? Ou já na Ásia? Tudo está fluindo. A respiração de Genghis Khan sopra através das florestas de Brandemburgo. “*Niechevo!*” – dizem os russos. “O que nos importa? O que nos importa se estamos aqui ou lá?”

Num estado de espírito de pura reflexão, nadamos de volta para nossa barraca na margem do córrego. Está tudo exatamente como deixamos. Ninguém, nesse meio-tempo, roubou nossas bicicletas ou levou nossas roupas. Somos gratos por tanta sorte.

Oito e meia. Hora de pensar em voltar para casa. Ainda temos 40km para cobrir. Mas os deuses dos viajantes estão generosos. Nenhuma armadilha de bicicleta, nenhum desvio, nem retardos desanimadores. Chegamos a Berlim num piscar de olhos.

Lá, bandeiras vermelhas nos recebem. Estão desfraldadas em todos os prédios. Algumas a meio-pau. Outras ostentam faixas negras do luto. “O que aconteceu?” – perguntamos a passantes.

“Dizem que Zhukov morreu,” explica um. “Talvez Stalin também,” acrescenta outro.

Na Potsdamer Platz, avistamos um vendedor de jornais. O pessoal se amontoa em torno dele e arranca os jornais de suas mãos. *Herói da União Soviética: General Berzarin* é a manchete com moldura negra. “Inesperada morte do comandante de Berlim num acidente de motocicleta,” lemos mais abaixo.

“Infelicidade dele,” comento. “Por certo ele não era o pior.”

“Infelicidade para Berlim,” Frank me corrige. “Por certo ele era um dos melhores.”

“Que infortúnio,” Andrik nos recebe. “Ele apoiava as artes como ninguém.”

Em casa, nos observam cheios de espanto, como se tivéssemos saído diretamente de um covil de ladrões. “Um milagre vocês não terem sido pegos! Que não tenham levado as bicicletas de vocês!”

“Mas nos custou muito esforço,” ri Frank. “Uma parada de sete horas. Um desvio de trinta e dois quilômetros, nove receitas médicas e sessenta tabletes de Pyrimal.”

Fabian olha para mim atentamente. “Mas, afora isso, você está passando bem?” – indaga ele com um tom de voz algo preocupado. “Nenhuma náusea, nenhum enjoo pela manhã, nenhum desejo de comer picles?” Sei muito bem a que ele alude indiretamente.

“Como é possível você pensar logo em estupro?”

“Eu não, os russos.”

Jo dá uma pequena tossida. “Talvez os alemães também.”

“Pare com isso,” diz Heike indignada.

Jo faz uma careta. “Eles falam muito a respeito, ao menos assim me parece.”

“Você está maluco?” – intervém Dagmar. “Quando, noite após noite, nós...”

“Nem todos, é claro,” admite Jo. “Mas certamente alguns. Falar sobre estupro pode ser uma espécie de compensação.”

Fico imaginando se não há certa dose de verdade em suas palavras. Sem dúvida, as desventuras de nossas mulheres por vezes resultam em alguns efeitos paralelos suspeitos. As conversas de algumas pessoas giram em torno de assuntos trágicos, como abelhas em torno do mel. “Estuprada doze vezes... estuprada vinte e sete vezes... estuprada cinquenta e nove vezes.” As descrições são feitas com olhos deslumbrados. São tratadas em seus detalhes mais escabrosos, com aterradores pormenores... Meu bom Deus, quem estaria lá para anotar corretamente a contabilidade dos vários estágios do horror, ou que não cometeria erro ao descrever as revoltantes minúcias? Nunca antes as pessoas civilizadas falaram tão abertamente sobre sexo. Será que estão realmente preocupadas com as vítimas? Ou não há um certo grau de sensacionalismo? Nesta cidade, tão carente de homens, há muita avidez por amor. E muitas formas compensatórias de, inconscientemente,

satisfazê-la.



Sexta-feira, 22 de junho de 1945

Dez dias atrás, os chefes militares vitoriosos se reuniram em Frankfurt. “Cercados pelo espírito de amizade cordial,” comentaram os jornais. Zhukov concedeu a Montgomery a mais alta medalha russa; Montgomery agraciou Zhukov com a mais elevada ordem britânica. Trocaram fotografias, brindes pela cooperação pacífica entre todas as nações e ressaltaram “o papel importante que Truman desempenhara para a manutenção da amizade russo-americana.” Com cada gesto é sublinhada a necessidade de entendimento mútuo. Entendimento mútuo significa trabalho de equipe. Trabalho de equipe significa reconstrução. Reconstrução significa trabalho, a saída para o caos. Quando os reis constroem, os carregadores recebem encargos.

“Atmosfera de esperança,” diz Fabian fungando alegremente o ar.

A atmosfera é de esperança, dizem pela cidade com um suspiro de alívio. O que está começando agora dará forma ao futuro. Cada passo se torna um novo começo. Cada movimento é levado a efeito com a importância e peso da cerimônia de um lançamento de pedra fundamental.

“Vamos ao trabalho!” – é o lema dos carroceiros.

O distrito X necessita com urgência de um prefeito. “Vamos ao trabalho!” – decide o ator Y do Teatro Estatal, e mergulha com coragem na tarefa pouco familiar.

Na antiga Ópera Nacional ocorre a primeira reunião dos amantes da arte. O palco, uma pilha de escombros; o telhado, uma peneira; a praça em frente, um arsenal de material bélico enferrujado. “Vamos ao trabalho!” – diz o diretor. Duas dúzias de cantores de ópera arregaçam as mangas e começam a limpeza dos estábulos do rei Áugias.

Vamos ao trabalho! Músicos atuam como carpinteiros; gerentes de fábricas administram escritórios para a distribuição de cupons. Advogados se transformam em operários da construção; pilotos se tornam ajudantes de padeiros e dançarinos trabalham como datilógrafos.

Vamos ao trabalho! As tarefas são incontáveis. Dos mil e duzentos quilômetros de cabos elétricos suspensos sobre o sistema de bondes, mil estão danificados e se encontram pendurados, inúteis, sobre as ruas. No centro da cidade não há água encanada nem gás. O suprimento de energia é tão errático que não se pode contar com ele.

Vamos ao trabalho! Oficinas pipocam como fungos. Salas de aula viram teatros; antigos cinemas viram salas de concertos. Hospitais são abertos em armazéns. As instalações dos serviços de mão de obra se organizam em campos para refugiados. Surge uma grande e urgente demanda por machados, pás, pregos e pés de cabra. Muitos oferecem cursos sobre a língua russa, para intérprete de russo, livros de bolso em russo com as frases corriqueiras, serviços de tradução do russo. Sejam matérias-primas ou produtos acabados, consultoria ou mão de obra, espaço para habitação, escritórios, produção ou entretenimento, a procura é muito intensa. Tudo tem de ser improvisado, produto de trocas, barganhado ou resgatado das ruínas.

Os bancos e as instituições de poupança estão fechados. O que havia em seus cofres caiu nas mãos dos vitoriosos. Mas não há necessidade de dinheiro. Jamais antes o conteúdo de nossas bolsas pareceu tão desimportante. Quando se precisa de alguma coisa, ela é conseguida pelo escambo, pelo furto ou pela cata nos escombros.

No início, foi um caos! A sensação foi de que éramos Deus no primeiro dia da Criação. Tentamos de todas as formas, trabalhamos duro, funcionamos como relógios nos quais foi dada corda até a última volta.

Os que não têm noção de sua capacidade de criação ficam zanzando envolvidos pelo frenesi de atividade. Vão visitar amigos. Caminham por horas numa perseverança incansável. Nunca os berlinenses se visitaram tanto. Caso não se tenha nada de material para trocar pelo menos tem-se a experiência. O coração de todos transborda de recordações da luta. Há a necessidade premente de desabafar, falar, confortar uns aos outros, deixar escapar a pressão. Saqueado – preso – morto em ação – desaparecido em ação – estuprada. Não são muitos os aspectos positivos que se tem para contar. O melhor que se pode dizer do passado é que se conseguiu sobreviver. Sobreviver para fazer o trabalho de limpeza que, nos últimos dez dias, começou a exalar “o perfume da esperança.”



Sábado, 23 de junho de 1945

Uma da tarde. Muito aborrecido, Andrik volta de um ensaio. “Prenderam o diretor do Titania Palace,” diz ele, demonstrando tristeza. Sem acreditar, olho para Andrik.

“Como foi isso? Um homem tão agradável. Ele não se dava, de fato, bem com os russos?”

“Ele se dava bem com todo mundo,” replica Andrik. “Só que se esqueceu de mencionar que fora chefe de um campo de treinamento da SS durante cinco anos. E que, já como civil, matara um russo apenas dois dias antes de a luta terminar.”

“Campo de treinamento da SS?... Matou um russo?” Sentindo-me confusa, repito. “Mas como nós poderíamos...?”

“Poderíamos... poderíamos,” Andrik me interrompe. “Aí está o problema. Parecíamos não ter olhos de ver. Nenhum instinto para separar o joio do trigo.” Ele estremece. “Por que as pessoas são tão desprezíveis? Sempre prontas para esconder suas mazelas.”

“Porque desejam viver,” replica Frank. “Ninguém gosta de puxar o tapete sob seus próprios pés. Ou será que você imagina que, em algum momento entre 28 de abril e 10 de maio, todos os nazis se transformaram em arrependidos? Que, por causa da morte de Hitler, a moral mudou?” Caminhando até a janela, ele começou a tamborilar com raiva na tela de arame que antes fora um vidro à prova de estilhaçamento. “Todos tentam esconder seu passado,” continua. “Os grandes patifes e os peixes pequenos, os instigadores e os inocentes úteis. Porque eles não foram treinados para assumir responsabilidade por seus atos. ‘O Führer é o responsável definitivo,’ foi-lhes ensinado. O Führer está morto. Se você quiser viver, tem de comer. Se quiser comer, e comer bem, é melhor não ser um nazi. Por isso, eles não são nazis. Daí a razão de não serem nazis e jurarem por tudo que é mais sagrado que jamais foram.”

“Uma reconstrução promissora,” observa Fabian, “com sete milhões de membros do Partido disfarçados como nosso capital democrático inicial. Como poderemos descobri-los e separar os bons dos maus?”

Andrik suspira. “Talvez permitindo-se que eles se corrijam, que compensem seus atos anteriores – Coloque seu crachá do partido, camarada! Mostre-o como os judeus exibiram sua estrela de Davi, e ponha-se a trabalhar. Limpe aquilo que você destruiu. Limpe por um ano, por dois anos. Com a suástica na lapela e remorso no coração. O objetivo da punição, caso se deseje que ela seja efetiva, deve ser punir os culpados. O trabalho não é nenhuma desgraça. E, decerto, não é motivo para que a pessoa se sinta degradada. Sete milhões removendo escombros, construindo pontes, reparando telhados. Imagine o bem que disso resultaria. Não apenas para a reconstrução, mas também para a educação nacional.”

“E quem seriam os educadores?”

“Os que afirmam ser melhores que os nazis. Apenas condená-los não vai levar a lugar nenhum. Denunciar e condenar não concorre para o aperfeiçoamento do homem. Ajudar a levantarem-se quando

estiverem caídos. Dar-lhes uma chance de expiar seus pecados. E, então, pôr um ponto-final nas represálias. De uma vez por todas.”

“Você acha que os aliados serão capazes disso?”

Andrik balança a cabeça. “Seria bom que fossem. Do contrário, terão de lidar com o problema nazi por outros dez anos, no fim dos quais ninguém mais saberia o que é certo ou errado.”



Quinta-feira, 28 de junho de 1945

Outro sucesso para os reis e nova esperança para os carroceiros. Dois dias atrás, na Conferência Internacional de San Francisco, os delegados de cinquenta e um países assinaram a Carta das Nações Unidas.

“Um notável instrumento para a paz, segurança e progresso humano,” disse Truman ao se dirigir aos cinquenta e um delegados: “Entre a vitória na Europa e a vitória final no Japão, os senhores conseguiram um triunfo contra a própria guerra.”

Cinquenta e uma nações! Um Conselho Mundial de Segurança, um Conselho Mundial de Economia, um Conselho Social Mundial, um Tribunal Internacional de Justiça.

“Não uma fraca Liga das Nações,” proclama o *Izvestia*, “infestada por contradições e minada por discussões inócuas; mas uma organização internacional forte, suficientemente forte para evitar qualquer agressão futura.”

Vamos esperar que assim seja! O mundo por certo precisa de algum tempo para se recuperar das agressões.

A Alemanha, a Áustria, a Itália e o Japão não são membros. Como poderiam ser? Os agressores de ontem não podem ser os pacifistas de hoje. No momento, somos gratos por nos deixarem viver. Nós e o que restou de nosso país em colapso. Só é preciso que não haja mais saques e desmantelamentos, e sim reorganização e reconstrução. Que não prevaleça a injustiça apenas pela injustiça, a perversão da justiça pela perversão da justiça, mas justiça para os culpados e ordem contra o caos. E uma vez cessada a arbitrariedade...

Conselho Mundial de Segurança! Conselho Mundial de Economia! Nações Unidas! Irmandade das Nações! Na realidade, tais palavras são música para nossos ouvidos.



Terça-feira, 3 de julho de 1945

Os americanos chegaram! Frank os viu com seus próprios olhos. Ao menos, um deles. Próximo à Schlosstrasse. É muito improvável que só haja um. Finalmente, chegaram. Os vitoriosos do Ocidente pelos quais esperamos desde o início de abril. Cada vez com maior ansiedade a cada dia que passava e com maior urgência a cada noite.

Os boatos já corriam havia algum tempo. Durante os últimos sete dias, guirlandas e cartazes de boas-vindas já começavam a murchar nos postes de iluminação das principais artérias do oeste. Tínhamos parado de acreditar e decidíramos nunca mais cair naquela esparrela.

Mas, agora, a ficção se transformava em realidade. Debruçados sobre um mapa da cidade, delimitamos as zonas de ocupação, distrito por distrito. Russos, franceses, ingleses, americanos. Quatro nações vitoriosas – quatro zonas de ocupação. Que estranho, penso eu, que a reconciliação nacional tenha de começar com a

divisão de Berlim em quatro setores.

“Steglitz permanece russa,” afirma Dagmar saber de fonte confiável. Frank meneia a cabeça. “Steglitz será americana. Eles levam todo o Sul. O Oeste será inglês. A Rússia mantém o Leste, e a França, o Norte. Seu lápis azul ziguezagueia pelas ruas de Berlim.

“E Unter den Linden? Quem ficará com a Unter den Linden?” – pergunta Dagmar. Olhamos uns para os outros. Por nossas cabeças passa o que restou da esplêndida avenida. Um monte de destroços atrás do outro. Uma imagem de desolação. Decididamente, ela já viu dias melhores.

Frank pega uma borracha. “Está bem então, deixemos que ela seja russa,” decide com benevolência. Duas marcas de lápis azul do castelo ao Reichstag – com um movimento simples de sua mão, a Unter den Linden é russificada.

“Tomara que entrem em acordo uns com os outros,” diz Heike, soando como Cassandra. “Se os quatro começarem a brigar...”

“... estaremos liquidados!” – Frank completa a frase.

Porém, por que temer o pior? No presente momento há a Organização das Nações Unidas. Vê-se amizade em Frankfurt e boa vontade cordial em todos os escalões.

Precisaremos de visto para pedalar nossas bicicletas de Steglitz a Grunewald? Ou de uma carteira de identidade? Ou permissão para viajar de uma zona ocupada a outra? Botarão barreiras? Haverá pedágio? Temos centenas de perguntas e, uma vez mais, só sabemos de uma coisa – que não sabemos de coisa alguma.

“Pelo menos as comunicações serão mais fáceis,” Fabian nos consola. E, enquanto enrola um cigarro com o produto de algumas guimbas, sorri para Heike. “*Hello old girl,*” diz em inglês, “que me diz se um Chesterfield?” Todos rimos. Amanhã, ou, no mais tardar, no dia seguinte, seremos americanos.

De tarde vamos de bicicleta ao centro de radiodifusão. Pedalamos em comboio porque ainda há grande demanda por bicicletas. Caso se pedale sozinho, é grande o risco de se ficar sem ela.

“*Machina... machina...*” Ainda ontem Jo Thäler escapou por pouco de uma involuntária troca de propriedade.

No centro de radiodifusão estão inaugurando a Sociedade Cultural para a Renovação Democrática da Alemanha. Andrik e a Orquestra Filarmônica são encarregados da parte musical das festividades.

O auditório está superlotado. Todos desejam a renovação democrática. São sinceros na vontade de trabalhar duro pela reconstrução. Mas é um palavrório sem fim. Frank, aflito e sentado a meu lado, por três vezes olhou para seu relógio. Durante duas horas e meia, os discursos se sucedem. “Nós, homens da arte, nós, homens da ciência... nós, homens da nova Alemanha.”

Indignada, puxo a manga de Frank. “Será que esqueceram que existem também mulheres entre nós?”

Aparentemente, esqueceram sim. Como também se esqueceram do fato de que a renovação não pode começar com superlativos nazis. Quase nenhum dos oito notáveis que aqui falam sobre o equacionamento do passado e a renovação de nossa vida cultural parece notar quão pouco renovou sua própria maneira de falar. Tudo gira em torno do maior, do definitivo, do mais amplo e do magnífico. Sem a menor inibição referem-se à reeducação, à luta pela moral, ao cumprimento de objetivos e metas, às marchas.

“Com passos firmes, marchamos na batalha pelo pacifismo,” proclamou um político outro dia, provavelmente sem perceber quão paradoxal soava aquele zelo expresso de tal maneira. Aprender a abrandar os exageros dá a impressão de não ser fácil.

Depois que o último orador termina, Andrik se levanta, sobe à plataforma e rege a “Quarta” de Tchaikovsky. De forma calma, confiante e natural. “Pelo menos algo que vale a pena após tantos pronunciamentos,” sussurra Frank, aliviado. “Espanta ver como os alemães não conseguem ir diretamente ao ponto.”

Tenho de concordar. Além disso, continuo insatisfeita com a falta de referência às mulheres. Um tanto

desapontados, encontramos-nos no salão verde a fim de voltarmos juntos para casa. De alguma maneira, imaginamos de forma diferente o começo da renovação democrática. Mais prático, por assim dizer, mais ativo e mais ousado.

“Não podemos esperar que tudo aconteça de um dia para o outro,” Andrik tenta nos apaziguar. “De qualquer modo, as intenções deles foram as melhores.”

“Pelo menos para vocês, rapazes,” não deixo escapar a oportunidade de observar com sarcasmo.

Quando viramos a esquina da Kaiseerallee com a Schlosstrasse, uma visão idílica enche nossos olhos.

Recostada numa cadeira de bambu, uma moça russa gorducha, um vaso com flores a seus pés, está sentada no meio do cruzamento das ruas. Com o busto realçado pela blusa militar e usando um quepe. Quando nos aproximamos, ela se levanta lentamente, assume pose marcial e, acenando vigorosamente uma pequena bandeira vermelha, começa a dirigir o tráfego. Livre para atravessar, indica a bandeirinha. Depois disso, a moça se senta de novo e, com gentileza, ajeita e limpa seu buquê de margaridas.

“Eis as mulheres que você queria,” ri Andrik se divertindo. “Cultura no meio do cruzamento. *In media res*, no meio das coisas, mesmo sem as bênçãos da sociedade cultural.”

Com agradecido sentimento de solidariedade, olho para a policial e para sua maneira de espargir cultura. Ao menos por enquanto, a “honra das mulheres está salva.”



Sábado, 7 de julho de 1945

Toda a cidade está nervosa de expectativa. Todos parecem explodir de ansiedade por trabalho; gostariam de ter mil mãos e mil cérebros.

Os americanos estão aqui. Os ingleses, os russos. Supõe-se que também os franceses. Talvez já tenham assumido suas zonas de ocupação. Ninguém sabe ao certo.

Boatos abundam, são defendidos e atacados. Mas não são importantes. O que importa é que estamos no centro da atividade. Que quatro potências se encontraram em nossas ruínas e podemos provar a elas quão ardente é nosso zelo, quão terrivelmente esperados são nossos esforços pela reparação e reconstrução. Berlim funciona a pleno vapor. Se eles nos entenderem e nos perdoarem agora, podem conseguir o que quiserem de nós. Qualquer coisa!

Que renunciemos ao nazismo, que prefiramos o novo, que trabalhemos sem descanso para evidenciar nossa boa vontade. Nunca antes nos mostramos tão ávidos pela salvação. Cansados que estamos do terror, do medo e da injustiça. Ah, se os vitoriosos cumprirem suas promessas...

Como os políticos são mal treinados para o truque simples de ganhar a confiança da gente oferecendo-nos algo melhor do que aquilo que até então se conheceu... O libertador é encorajado pelas massas, considerado aquele que salva dos malefícios. Teremos nós livrado a Ucrânia do mal? Libertado os holandeses ou os noruegueses?

“Povo da Alsácia-Lorena, voltem para o Reich,” disse Hitler em 1940. “Por vinte anos vocês padeceram sob o jugo de estrangeiros. Venham então de volta para a Mãe-Pátria alemã.” E o que conseguiram eles da Pátria-Mãe germânica? Pilhagem de seus recursos, desvalor de sua moeda, perda de suas poupanças e prisões atrás de prisões. Como só tornamos piores as coisas, eles simplesmente passaram a nos odiar.

A gente da zona ocupada pelos russos odeia os russos porque eles apenas contribuíram para aumentar suas aflições. Deveríamos culpar o regime deles? É essa a maneira com que o destino cuida para que as ditaduras não perdurem para sempre, fazendo que seus equívocos causem, no final, sua queda? Os americanos agirão de forma diferente. Como também os ingleses e os franceses. Eles corrigirão os erros psicológicos da

primeira potência ocupante e restaurarão a justiça e a confiança.



Segunda-feira, 9 de julho de 1945

Soa a campainha da porta. Com o susto, acordo. Alarmada, olho o relógio. Dez para as seis. Que Deus me proteja. Quando a campainha toca antes das seis, não pode ser nada de bom. Prisão. Como o vizinho do lado. Como os centenas e milhares que, durante a guerra e desde seu fim, vêm sendo retirados da cama diretamente para as prisões sem que lhes sejam apresentadas quaisquer justificativas.

Será melhor fingir-me de morta? Sufocada de medo, arrasto-me para a porta e espio pelo olho mágico. Ninguém à vista. Espere um segundo, o que será aquilo? Alguma coisa escurecida está ali agachada nas escadas. Agora, a coisa se move. Escuto uma tosse abafada.

“Quem está aí?” – exclamo nervosamente.

“Carta do lado Oeste,” responde uma voz.

“Carta?” Abro rapidamente a porta. Estarão os carteiros trabalhando de novo? Por mais de dois meses não vimos um só deles.

Mas não vejo carteiro. Diante de mim, nos degraus, vislumbro um monte de trapos do qual sobressai o rosto de um homem com as feições encovadas.

“O que você quer?” indago, sentindo-me pouco à vontade.

O estranho põe-se de pé. “Um copo d’água...” – hesita, “...se possível, um pedaço de pão.” Como sentindo vergonha de precisar fazer um pedido, ele mete nervosamente a mão no bolso e tira alguma coisa amassada. Sem pronunciar uma só palavra, a entrega para mim. Trata-se, de fato, de uma carta. Leio meu nome no envelope sujo. O nome do remetente: *Conrad Bauer. Bad Homburg.*

“O senhor veio de lá?” Ele faz que sim.

“A pé?”

Sim de novo, e aponta para os sapatos empoeirados. “Demorou três semanas. Atravessei ilegalmente a fronteira.”

O primeiro mensageiro do “outro mundo.” A primeira carta desde o fim da guerra. Abro apressadamente o envelope.

“Caros amigos,” escreve nosso amigo Conrad. “Caríssimos amigos. Estamos vivos e esperamos que vocês também estejam. Apesar das histórias de horror que ouvimos sobre Berlim. Deem notícias. Cuidem-se. Com amor, Conrad.”

Conrad! – Penso, sentindo-me emocionada. – *Você conseguiu!* Então, cuidadosamente, aliso o envelope amassado e volto-me para o entregador.

“O senhor gostaria de entrar por um instante?” Ele me segue. Está tão exausto que tropeça nos próprios pés, como se estivesse bêbado. “Deve estar muito cansado,” digo e puxo uma cadeira para que ele se sente à mesa da cozinha.

A companhia de eletricidade é generosa. Quinze minutos mais tarde, está pronto o café da manhã. “Conte-me o que sabe,” solicito de meu convidado. “Sabemos tão pouco e ouvimos tantos boatos.”

Muito devagar, ele começa a contar sua história. Natural de Cottbus, sentiu irrefreável desejo de se reunir com sua família. Decorreram mais de cinco meses sem que ele tivesse qualquer notícia dela. Os soviéticos o detiveram na fronteira, mas o soltaram quatro dias depois. Ele ficou sem o relógio, dinheiro e isqueiro, porém não foi maltratado. Ouviu rumores de uma praga em Berlim. E pergunta se é verdade que quem comparece a uma reunião comunista recebe dois charutos e duzentos e cinquenta gramas de manteiga.

Bato palmas ao ouvir tal tolice. Mas quando lhe exponho minhas suposições sobre a zona ocidental, sua reação não é muito diferente. Está tudo errado; nenhuma delas é verdade. Se um de nós estivesse falando em malaio, a confusão para nos entendermos mutuamente teria sido a mesma. Destinos separados criam mundos distintos. Quanto tempo ainda irá demorar para que o destino reunifique nossos mundos? Para que nossa vida não seja mais passadas atrás de portas fechadas e dentro das quatro paredes de uma zona ocupada?



Quinta-feira, 10 de julho de 1945

A Câmara de Assuntos Culturais tornou-se o ponto central da vida cultural em Berlim. Departamento de música, departamento de teatro, departamento de cinema, departamento de literatura – tudo presidido pelo ator Paul Wegener, como se fosse o próprio Deus. Andrik é membro do comitê de direção. O comitê age como se fosse modelo de aspiração democrática artística. Andrik gosta de dar bom exemplo. Os outros membros provavelmente também gostam. O ruim é que, em suas sessões, eles raramente tratam de assuntos ligados às suas aspirações e com frequência se deixam levar pela tentação de bater boca. Como se cada um deles não desejasse permitir que os outros se tornassem bons exemplos. E, nos dias atuais, precisamos mais do que nunca de exemplos. Os indivíduos corretos nos locais certos.

Talvez o infortúnio maior seja que, entre nós, haja poucos indivíduos realmente de valor. Para cada nação, a natureza aloca sempre a mesma percentagem: dez por cento de líderes para noventa por cento de seguidores. Isso significa que, entre os sessenta milhões de alemães, há seis milhões de todos os ofícios e camadas sociais que pensam independentemente, agem independentemente e julgam independentemente, *versus* cinquenta e quatro milhões que são, em princípio, indiferentes, imaturos ou “parasitas”! Quantos desses seis milhões remanesceram depois dos vinte e cinco anos passados? A Primeira Guerra Mundial, a Segunda, emigração, câmaras de gás, prisões e campos de concentração da Gestapo, todos reivindicaram seus quinhões, em particular entre os líderes. Não mais dez por cento, mas, na melhor das hipóteses, cinco por cento dos melhores ficaram. Ainda mais perigoso se, algum dia, ficar evidente que os remanescentes não serão suficientes para dar jeito na confusão alemã. Que dependeremos de uma segunda, terceira e quarta gerações, porque a primeira está morta, foi enforcada, sufocada nas câmaras de gás, ou emigrou.

O indivíduo correto no lugar certo. É claro que estão tentando. Na Câmara de Assuntos Culturais foi criado um “Comitê para a Reabilitação dos Nacional-Socialistas.” Um tribunal genuíno, que contempla um juiz-presidente e juízes-membros para separar o joio do trigo, supostamente deve evitar que antigos nazis ocupem posições culturais de relevo. Mas como será tal julgamento? Quem neste mundo é suficientemente objetivo para julgar salomonicamente sete milhões de membros do Partido?



Quinta-feira, 12 de julho de 1945

Os americanos confiscaram o Titania Palace para servir de clube para suas tropas. Andrik, desesperado, corre de um lado para outro. A única sala de concertos do setor americano! O que será da Orquestra Filarmônica? O Ahornschlösschen também foi confiscado. Heike e Fabian preenchem montes de requerimentos.

Um questionário: “Informe sua receita anual desde 1933. Em que partido você votou em 1932? Liste todas as suas contas bancárias e contas de poupança, bem como as de seus pais, filhos, tios e sobrinhos.” É de

deixar o cabelo em pé. Como é possível lembrar de tudo isso? Terá alguém de cometer o perjúrio apenas por não lembrar das coisas?



Domingo, 15 de julho de 1945

Continuam os confiscos. Apartamentos em Dahlem, apartamentos em Wannsee. Áreas residenciais inteiras em Zehlendorf e Charlottenburg. Evidentemente, eles precisam alojar suas tropas. Elas não podem viver nas ruínas. Nossos soldados também confiscaram quarteiros na Rússia e na França. Só que se fica mais amargurado quando se é atingido pela medida. Ordem para vagar a residência em poucas horas. Só se permite levar o estritamente necessário. Quando as portas se fecham por trás dos evacuados, a sensação é de que se acabou de ser bombardeado. E exatamente como no caso dos bombardeios, a gama de privações se distribui indiscriminadamente. Sejam seguidores do nazismo, sejam seus opositores, quer ricos, quer pobres, quem recebe a ordem para sair tem de ir embora. E tem o problema de achar nova moradia.

Andrik se lamenta: Meus concertos! Fabian se angustia: Meu teatro! É muito doloroso ter que deixar para trás, de um momento para o outro, tudo aquilo que a pessoa criou do nada em dois meses e meio de trabalho insano.

Mas foi anunciado nesta noite pelo rádio que Stalin, Truman e Churchill chegaram a Berlim para uma conferência. Os confiscos não foram afetados, mas, pelo menos, a atmosfera ficou mais desanuviada. Tudo o que aconteceu até agora tem de ser considerado rescaldo da guerra. Inclusive os estupros, os saques e os confiscos. A Conferência dos Três Grandes estabelecerá a ordem e preparará o terreno para que o bem viceje.



Quarta-feira, 18 de julho de 1945

Andrik conseguiu. Depois de pedalar vezes sem conta de um departamento administrativo ao próximo, de preencher inúmeros requerimentos e de fazer negociações intermináveis, foi revogado o confisco do Titania Palace. Ao menos em parte do tempo, para concertos e ensaios. O fato de o oficial encarregado ter julgado necessário manter a entrada principal fechada e exigir que os frequentadores dos concertos e os artistas só usem a estreita porta de serviço e de carga humilhou Andrik mais do que a nós. O uso da “entrada de serviço e de carga” não diminui de forma alguma a alegria de ouvir Beethoven e Mozart.

Em Charlottenburg, os ingleses são os responsáveis pela cultura e pela arte. Um concerto da Orquestra Filarmônica para as tropas britânicas é realizado na antiga Ópera Popular. Um concerto da Orquestra Filarmônica é apresentado, no mesmo local e com o mesmo programa, para os residentes alemães na zona de ocupação inglesa.

Enquanto pedalamos na longa rota de Steglitz a Charlottenburg, vemos um aviso há pouco afixado em uma das estradas principais que levam à cidade: “Atenção, refugiados! Recém-chegados estão proibidos de se instalar em Berlim. Usem desvios. Evitem penetrar nos limites da cidade. Continuem para o Oeste.”

“Ordem bastante hospitaleira,” comenta Andrik. “O Ocidente também não os quer.”

Só em pensar já é horrível. Como pêndulos, os refugiados do Leste viajam de lá para cá entre as cidades. Não conseguem assentamento, admissão, acomodações, nem cartões de racionamento.

“Já caminhamos três vezes entre Fürstenberg e Genthin,” relata uma família de refugiados constituída de

seis membros. “Fomos rejeitados cinquenta e uma vezes, sete vezes nos foi dito para esperarmos até mais tarde, e doze vezes nos foram prometidas acomodações por três noites no máximo. O que se pode fazer com acomodações que só valem por três noites? Ou com a duvidosa promessa de que alguma coisa poderá estar disponível daqui a quatro semanas?”

O número de refugiados é monumental, seu sofrimento, ilimitado. O programa de Hitler para a ocupação alemã do Leste resultou no “mais gigantesco despovoamento de todos os tempos.” E penso da mesma maneira que Frank: Tudo que foi destruído aqui... quem vai assumir a responsabilidade por isso?



Quinta-feira, 19 de julho de 1945

Nossa vizinha, cujo marido foi preso em maio e que foi deixada com cinco crianças, permanece na cama e não levanta mais. “Por causa da fome,” sussurra fracamente enquanto Heike cuida dela. Donas de casa, pessoas desempregadas e nazis recebem cartões de racionamento de classe cinco. O que pode fazer uma mãe de família com apenas trezentos gramas de pão por dia? Ela os divide entre os filhos e tem de satisfazer a própria fome só com o olhar. Mas ninguém engorda com os olhos. Nem mesmo se o marido era membro do Partido. Nossa vizinha pesa agora em torno de quarenta quilos. E fica na cama “por causa da fome.” Mexendo-se pouco, a pessoa economiza calorias. Ela não é a única que descobriu isso. A mobilidade dos portadores de cartões de classe cinco diminuiu consideravelmente nas últimas semanas. Para poupar o couro da sola dos sapatos, poupar energia, poupar calorias.

Com mais e mais frequência ouve-se o mesmo raciocínio. “Enquanto a grama cresce, o gado morre,” diz o ditado. Em Potsdam, os Três Grandes estão reunidos. A área foi toda isolada. Nenhum alemão tem autorização para pôr os pés no solo sagrado onde as negociações têm lugar. Que eles consigam deixar a grama crescer. Que ela cresça antes que o gado morra.



Sexta-feira, 20 de julho de 1945

Hoje é o dia de Witzleben e Stauffenberg [*oficiais de alta patente envolvidos no atentado a Hitler um ano antes*]. Há um ano, pensamos que o terror acabaria em poucas horas. Mas não acabou. E isso custou milhões de vidas ao mundo, centenas de milhares de apartamentos e casas, e bilhões do tesouro nacional. Por que as potências mundiais não nos ajudaram então? Por que deixaram escapar essa última das muitas chances de acabar com a vida de Hitler depois da ocupação da Renânia, da Áustria, dos Sudetos, da Tchecoslováquia, de Danzig, da Polônia? A aversão de Hitler pela guerra em duas frentes – uma gama de possibilidades, de oportunidades desprezadas, de chances perdidas para a intervenção. Será que Potsdam compensará isso tudo? Um boato horrendo vem se espalhando pela cidade desde manhã. Que as coisas não caminham bem em Potsdam. Que as opiniões diferem muito na Conferência. Que as negociações definitivamente não correm tão amistosas quanto em Frankfurt e San Francisco.

“Talvez haja guerra,” murmura gente apavorada. “Dizem que é provável”... Guerra! Acabamos de ter uma. Faz apenas onze semanas. Impossível...

Em Potsdam, as conversações têm ocorrido com muita discrição. Nenhum som é ouvido fora do cordão de isolamento com quilômetros de extensão. Nada, salvo a excitante notícia de que os chefes de estado estrangeiros “estiveram no centro da cidade, no Jardim Zoológico e visitaram as ruínas do abrigo antiaéreo

na Chancelaria de Hitler... Salvas de tiros foram disparadas em homenagem a eles, e a criação de uma nova Europa serviu como pano de fundo para os eventos em curso.” Isso é tudo que os jornais publicam.

A população murmura: “Concentrações de tropas... tiroteios entre americanos e russos todas as noites. Eles nem se cumprimentam nas ruas, os soldados aliados. Parece que nossas potências aliadas de ocupação não gostam umas das outras.”

Mas não nos é permitido dizer isso em voz alta. Quando, com muita cautela, mencionamos aos americanos e ingleses que houve alguns problemas durante a ocupação russa, as fisionomias se petrificam. *Nossos aliados*, parecem dizer os rostos gélidos, e isso faz que, respeitosa, nos calemos.

Numa das noites, um músico americano visita Andrik. Um negro. Belo como uma pantera e mais apaixonadamente interessado em Bach e Beethoven do que a maioria dos alemães. Viajou o mundo todo dando concertos em incontáveis países.

“Multidões comparecem a meus concertos,” diz ele, encarando-nos com os olhos de Ahasuerus. “Mas não por causa de minha música, mas para ver como um negro executa a música deles. Nós somos o povo mais desdenhado do mundo. Mais ainda do que os judeus ou...” – e fita-nos outra vez com seus olhos de Ahasuerus, “...os alemães.”

Será um vitorioso que se posta diante de nós? Em seu elegante uniforme americano, bela pantera apaixonadamente interessado por Bach e Beethoven? De súbito, todos nos sentimos envergonhados. Até que Andrik, desconfortavelmente, procura na parte de baixo da estante onde guarda as partituras, pega uma cantata de Bach e a entrega ao nosso vistoso convidado, dizendo em inglês, “*If you would like to have it...*”



Quarta-feira, 25 de julho de 1945

O Comitê para a Reabilitação de Nacional-Socialistas foi temporariamente suspenso pelo conselho da cidade e pelo comitê que o preside para “esclarecimentos sobre jurisdição.” No curso de sua existência, ele decidiu a respeito de três casos. Três ou cinco. Talvez até sete. Se continuar nesse ritmo, os últimos membros do partido terão os documentos de reabilitação postos em sua sepultura pelos netos ou bisnetos. Atualmente, seus membros estão numa disputa de jurisdição. Nos momentos cruciais, podem ser bastante inamistosos uns com os outros. Os emigrantes que voltaram de Moscou – chamam-nos de moscovitas – acreditam que são os mais antinazis de todos e, por conseguinte, capacitados para formatar nosso futuro. Os que permaneceram no país creem exatamente no contrário. Antinazis *versus* antinazis. Quão ingênuos fomos nós ao acreditarmos, há apenas algumas semanas, que poderíamos juntar forças.

Nos apartamentos ainda cheios de destroços, é uma luta por minutos de eletricidade. Ela vem e vai, caprichosa como o tempo em abril.

“Cabos partidos,” dizem alguns.

“Que nada,” dizem outros. “Quando os russos deixaram os setores ocidentais levaram as reservas de carvão para sua zona de ocupação.”

Quem está com a razão? Provavelmente os dois. Talvez nenhum dos dois. Uma coisa é certa: gostemos ou não, teremos de voltar aos tempos do nosso fogão de tijolos.



Sexta-feira, 27 de julho de 1945

Desta vez, nós o montamos na varanda. Por causa do calor e da fumaça. Afinal de contas, não somos presunto defumado e, nos últimos dois meses, malgrado as ruínas e a improvisação, nos acostumamos de novo com um modo mais civilizado de vida. Enquanto me atarefo com panelas, atizadores de fogo e colheres de cozinhar, Heike chega correndo.

“Derrotaram Churchill,” diz ela. “E derrotaram Eden. Aparentemente, Attlee vai ser o primeiro-ministro.”

Deixo cair a colher de pau. E tudo isso em plena conferência: “Uma ingratidão medonha!”

“Não é ingratidão,” Andrik diz lá de dentro. “Só prova a maneira objetiva com que os ingleses encaram a política. Para a guerra, Churchill foi o melhor dos dirigentes. Para a paz, em especial se tiver de ser uma paz aliada, Churchill, como conservador, pode não ir tão bem. Attlee é trabalhista. Entre os social-democratas e os comunistas não deve haver diferenças intransponíveis. De qualquer maneira, não numa conferência conjunta.”

Entendo. A despeito de minha simpatia por Churchill, fico satisfeita com menos risco de guerra.



Segunda-feira, 30 de julho de 1945

Oh, meu Deus! Qual a medida de sofrimento que ainda pode ocorrer? Por vezes, andando pelas ruas, é difícil parar e observar toda aquela desgraça. Ao lado dos elegantes uniformes americanos, das vistosas e bem-alimentadas figuras das forças de ocupação, os primeiros soldados alemães parecem maltrapilhos e desgraçados, olhando em volta envergonhados, como criminosos apanhados em pleno delito. Prisioneiros de guerra sabe-se lá de onde. Eles se arrastam pelas ruas. Ao avistá-los, dá vontade de desviar o olhar do desconforto causado por sua vergonha, por sua aparência miserável e digna de pena. Serão esses os vitoriosos, tão bem equipados e gloriosos, que Hitler, anos atrás, lançou na guerra? Eles vagam em trapos como ruínas ambulantes. Aleijados, inválidos, doentes, abandonados e perdidos. Um senhor de barba grisalha, com o uniforme em farrapos, apoia-se de frente numa parede, braços em torno da cabeça, e soluça baixinho. Os passantes param a seu lado e, timidamente, formam um círculo em seu redor. Ele não os vê. Desesperançado, a cabeça nos braços, o homem soluça como uma criança. “Mãe...mãe...”

“O senhor está com fome?” – pergunta uma mulher e, constrangida, procura por alguma coisa em sua bolsa. “Que está sentindo? Está doente?”

O homem não a ouve. Chora. É terrível ver homens de barba grisalha chorarem, sem poder conter o choro...

Às vezes só sobrou o tronco. Amputados na cintura, eles se sentam em caixas de madeiras com rodas. Com braços e mãos movem para a frente e para trás seus carrinhos improvisados e tristes, como se fossem remadores, em meio ao fluxo de automóveis e caminhões.

“Heil Hitler!” – dá vontade de praguejar de piedade enraivecida quando se os vê.



Terça-feira, 31 de julho de 1945

A guerra contra o Japão entrou em nova etapa. Todas as forças não mais necessárias na Europa estão se concentrando no Extremo Oriente, em preparativos para a invasão do Japão. A cada dia, intensifica-se o bombardeio das cidades nipônicas. América, Inglaterra e China deram um ultimato ao Japão. Em Potsdam,

que coisa! Isso porque os chefes dos respectivos governos lá estão reunidos. Exigem rendição incondicional. “A alternativa para o Japão,” diz o ultimato, “seria a destruição total.” Sem a menor sombra de dúvida. De modo que a guerra contra o Japão está chegando ao fim. Nenhum chefe de estado, a não ser um suicida, pode ignorar tais ameaças.

Logo depois da vitória eleitoral do Partido Trabalhista na Inglaterra, Attlee substituiu Churchill na Conferência de Potsdam. Espera-se que as negociações sejam concluídas nos próximos dias. Nossa atenção está dividida entre Potsdam e Tóquio, entre faltas de luz e confiscos de apartamentos.



Sábado, 4 de agosto de 1945

Grandes manchetes em todos os jornais. “O Acordo de Potsdam. Política conjunta para todas as zonas de ocupação.” Tiramos um peso das costas. Isso significa que não haverá guerra. “Esforços conjuntos para a reconstrução e a ordem. A Conferência Tripartite fortaleceu as relações entre os três governos e melhorou a colaboração entre eles e o entendimento mútuo,” destaca o comunicado final. “Os estadistas deixam a Conferência convictos de que o governo e o povo de seus países, em conjunto com outras nações, garantirão a criação de uma paz justa e duradoura.”

Parece bom demais para ser verdade. Eles ainda não desejam instalar um governo central alemão, mas, para começar, planejam nomear diversos subsecretários responsáveis pelos sistemas de transportes e de comunicações, de finanças, de comércio exterior e indústria, uniformemente para toda a Alemanha. Pela duração da ocupação, a Alemanha será tratada como uma unidade econômica, em particular quanto à mineração, agricultura e indústria, quanto à distribuição de alimentos, sistema bancário, sistema de transportes, reparações e moeda.

Se isso acontecer, mais cedo ou mais tarde, os limites entre as zonas de ocupação se tornarão supérfluos. Já posso divisar a pomba da paz.

“Não seja tão otimista,” alerta Frank. “Nem todas essas resoluções serão materializadas com a facilidade que parecem ter no papel. Quanto à cláusula das reparações – a cessão de território e a fronteira ocidental da Rússia, para não falar na repatriação das minorias alemãs e nos refugiados dos territórios cedidos – estremeço só em pensar nas consequências. Minha mente politicamente mal preparada quase não capta tudo isso.”

“Por quê?” – pergunto.

Frank conta nos dedos. “Königsberg e os territórios adjacentes, russos. Prússia Oriental, Prússia Ocidental, Posen, Silésia e Pomerânia, em toda a sua extensão até o Oder, polonesas. Para satisfazer os pleitos russos de reparações, desmantelamento dos complexos industriais na zona de ocupação russa numa amplitude ainda indeterminada. Reivindicações de reparações dos aliados a serem cobertas pelos ativos e recursos das zonas ocidentais de ocupação e pelos depósitos alemães no exterior.”

Tendo usado todos os dedos, Frank fecha o punho.

“O que você acha disso?” – indaga Frank de forma sombria. “Que meios sobrarão para a Alemanha, de acordo com tal programa, para que, como está especificado nas resoluções, mantenha sua existência sem recorrer à ajuda externa? O que acontecerá se essa loucura for levada às últimas consequências? Repatriação das minorias alemãs da Polônia! Se eles consideram polonesas a Pomerânia, Posen, a Silésia e metade da Prússia, isso implica expatriação de milhões de alemães. Deus nos livre! Só há cláusulas elásticas! A serem interrompidas ao bel-prazer deles.”

Sentindo-me deprimida, fico calada. Não foi assim que imaginei o resultado. O Acordo de Potsdam

começa a me causar desconforto.



Domingo, 5 de agosto de 1945

O serviço de correios está sendo restaurado em Berlim. Desde ontem a correspondência passou a ser novamente entregue. Correspondência autêntica, distribuída por carteiros genuínos, com aparência oficial e portando as suas bem conhecidas bolsas. Aqui e acolá, um carteiro do sexo feminino. Continua a volta à civilização.



Segunda-feira, 6 de agosto de 1945

Algo opressivo paira no ar. Como se uma tempestade estivesse se formando. Depois que o Japão rejeitou a demanda aliada pela rendição incondicional, alguma coisa terrível parece prestes a ocorrer. O Japão espera que a invasão ocorra a qualquer hora e especula sobre qual ilha será atacada primeiro. Seria melhor que especulasse sobre como a paz poderia ser conseguida com a maior brevidade possível. O autossacrifício com a possibilidade de extermínio de um povo não é heroísmo, é um crime.



Quarta-feira, 8 de agosto de 1945

Aconteceu. Aquele que optar pela guerra será por ela destruído. Não a invasão, mas a bomba atômica. Ontem, o artefato terrível, sobre o qual rumores correm por semanas, foi empregado contra o Japão. Em Hiroshima. Com poder explosivo duas mil vezes maior que a bomba inglesa de dez mil quilos. Ela deve ter pulverizado a cidade e seus habitantes.

O que ocorreria se Hitler tivesse criado tão poderosa arma de destruição? Arma de retaliação X Inimaginável! No entanto, o bizarro foi que três dos cientistas que a inventaram eram emigrantes alemães. Assim, Hitler poderia ter usado o trunfo na manga do seu colete não fosse o ódio racial – oh, Nêmesis paradoxal – que bloqueou seu caminho. Outra prova de que os ditadores, nos momentos decisivos, se destroem com suas próprias medidas. Hiroshima jaz em ruínas. Amanhã talvez seja todo o Japão.



Quinta-feira, 9 de agosto de 1945

O mundo prende a respiração. Será que se renderão? Mais bombas serão lançadas. Enquanto a fumaça da morte ainda se espalha sobre Hiroshima, o rádio anuncia que a Rússia entrou na guerra contra o Japão. No último momento possível. Dizem que isso havia sido decidido em Potsdam.



Quarta-feira, 15 de agosto de 1945

Na frente do Teatro Hebbel, na Stresemannstrasse – antes conhecida como Saarlandstrasse – depois, Stresemannstrasse – e, por fim, Königgrätzerstrasse – o povo vai se juntando. Em contínua sucessão, encostam automóveis conduzindo figuras de destaque das forças de ocupação. O teatro está sendo inaugurado com uma nova produção da *Ópera dos três vinténs*, a ópera do mendigo, uma coincidência simbólica.

São quatro horas da tarde. Pensando bem, uma hora peculiar para se estar com estado de espírito adequado a fim de ir ao teatro. Mas a hora do recolher começa às onze da noite. Os que ainda estiverem nas ruas depois das onze correm o risco de ser presos ou mesmo de levarem tiros. E pelo tempo que leva a caminhada do Teatro Hebbel aos diversos subúrbios... Aí está a razão para a apresentação começar numa hora que depois permita chegar em casa sem risco de vida.

A companhia vem trabalhando por mês e meio. Lutando com todas as forças contra um gargalo atrás do outro. Um cabo se parte. Cinco mil volts. A estreia tem de ser adiada por pelo menos três dias. Os figurinos dos atores foram roubados; os suportes dos cenários desabaram. Sua substituição exige sobrepujar uma montanha de obstáculos para cada pequena coisa. A chuva penetra pelas frestas do teto e corre pelo chão da plateia. Uma tempestade de verão quase acaba com todos os cenários.

A companhia continua trabalhando infatigavelmente. Por vezes, debaixo de guarda-chuvas, noutras, na escuridão total. É preciso tremendo idealismo para continuar ensaiando a *Ópera dos três vinténs* dia após dia, com entusiasmo inquebrantável, em particular após horas de caminhada e com pouco mais do que um pedaço de pão no estômago.

A cada manhã, Heike luta para manter a chama acesa e, morta de cansada no fim da noite, ela quase se convence de que não dará conta do recado.

Hoje é o dia da estreia. Mais uma vez, pedalamos nossas bicicletas em comboio cerrado pelas ruas de Berlim ainda cheias de destroços. Graças a Deus, não há mais rompimento de cabos. Nenhum aguaceiro, nenhuma outra inconveniência.

“Os senhores doutores, que nos dizem para levar uma vida honesta, para evitar o crime e os pecados,” ouvimos o canto.

Sinto-me sufocada pela emoção. Esta era a canção de nossos dias de ilegalidade. Ela proporcionou alívio e conforto durante muitas horas desesperadoras.

“... Nos deem primeiro alguma coisa para comer, depois falem: é assim que começa.”

Uma tempestade de aplausos me desperta dos devaneios. A quem será que se dirigem? Que constrangedor, reflito. Deveríamos começar nossa primeira experiência de liberdade de expressão criticando os outros?



Quinta-feira, 16 de agosto de 1945

A guerra no Japão terminou. Em 10 de agosto, os japoneses declararam sua disposição para aceitar algumas condições a fim de se renderem. Em 11 de agosto, os aliados responderam. No dia 14, os nipônicos se renderam incondicionalmente. Às duas horas da madrugada de ontem, o fim da guerra foi anunciado em Londres, Moscou, Washington e Chungking.

A agência de notícias japonesa diz que o ministro da Guerra Korshika Anami cometeu haraquiri, “aceitando sua responsabilidade por ter fracassado em sua tarefa como ministro de Sua Majestade.” Quando,

finalmente, as pessoas começarão a ver heroísmo não na destruição da vida, e sim em sua preservação?



Sábado, 18 de agosto de 1945

Destruição da vida ou preservação da vida. Os funcionários da saúde pública em Berlim debatem o assunto por cinco horas.

Em discussão o artigo 218 do Código Penal: “Uma mulher grávida que, deliberadamente, aborta seu feto ou mata seu filho não nascido será punida com até cinco anos de prisão; no caso de circunstâncias atenuantes, com a prisão de pelo menos seis meses. As mesmas estipulações de penalidades aplicam-se a qualquer indivíduo que auxiliar ou executar o aborto com o consentimento da mulher grávida.”

Também em discussão estão os artigos 177 e 178 do Código: “O emprego da violência ou a ameaça de risco de vida ou de ferimento sério para forçar uma mulher ao ato sexual extraconjugal é punível com a prisão... No caso de o ato de violência resultar na morte da vítima, ele é punível com a prisão por não menos do que dez anos podendo chegar à prisão perpétua.”

As sementes plantadas pelos vitoriosos durante as últimas semanas de abril e primeiras semanas de maio estão dando frutos. Em mais seis meses, terão nascido milhares de crianças que jamais conhecerão seus pais, pois foram geradas em meio à violência, concebidas no medo e nascidas do horror. Elas têm de nascer?

Os funcionários da saúde pública se reúnem no Hospital Charité, sob a chefia do Dr Sauerbruch. A portas fechadas e sem o conhecimento das autoridades da ocupação. Seus relatórios confirmam que metade de todas as mulheres em Berlim foram estupradas. Dez por cento delas pagaram por seus involuntários encontros sexuais com doenças venéreas. É óbvio que doenças venéreas têm cura. Desde que sejam conhecidas e que os necessários medicamentos estejam disponíveis. Pyrimal ou Salvarsan.

No mercado negro, um tratamento de Salvarsan custa um quilo de café. Um quilo de café ou cem marcos por injeção. As sulfas são difíceis de encontrar. No entanto, supostamente, aqueles que tiverem a desdita de pegar a sífilis “mongol” não poderão ser ajudados. É possível que a penicilina faça efeito. Mas a penicilina não está disponível para nós. O privilégio de seu uso está restrito aos aliados.

Moças e mulheres sentam-se, absolutamente atônitas, nas salas de espera dos médicos. Rostos inchados e olheiras profundas marcando os olhos. Terrivelmente deprimidas pela sorte que se abateu sobre elas. “Vou morrer? Vou continuar doente?” – perguntam algumas delas.

“Tenho de dar à luz esta criança? Tenho que deixá-la nascer?” – preocupam-se outras. O artigo 218 ainda está em vigor. Nunca antes ele pareceu tão questionável.

“É claro que somos a favor do aborto nessas circunstâncias,” diz Frank enfaticamente. “A obrigação de dar à luz filhos indesejáveis viola os direitos humanos. Uma mulher também tem direito à autodeterminação. Chegou a hora de parar de pensar na mulher apenas como um poço de procriação. Como meio para um fim. Como vaca leiteira para propósitos populacionais.”

“Mas o que dizer do respeito à criança não nascida?” – reclamo. “A culpa por não serem queridos deve ser lançada sobre os fetos? Talvez entre eles haja um Goethe, ou um Leonardo, ou...”

“... um Hitler,” emenda Frank com frieza. “É claro que a interrupção da nova vida nascente não é coisa desejável. Porém, enquanto as mulheres não tiverem o direito de decidir por elas mesmas se e quando desejam um filho, o aborto continua sendo uma solução de emergência. Pelo menos nos casos em que a saúde da mulher está em jogo, ou por motivos sociais, ou em casos de estupro. Diga-me,” continua ele, “o que acontece com a dignidade e a igualdade femininas quando ela é forçada a assumir responsabilidades para as quais não tem capacidade, exercitar obrigações por quinze ou mesmo vinte anos de sua vida, obrigações

sobre as quais não decidi de livre e espontânea vontade? É claro que você pode dizer que é uma decisão da mulher se manter sexualmente contida, abrindo definitivamente mão do amor e do ato sexual. Mas aí não se é um ser humano e sim um objeto feito de madeira. Uma criatura frígida que não descobriu as maravilhas de Eros. Porque Eros também é um fim em si mesmo. Através de milhares de anos de espiritualização humana, Eros se livrou do instinto básico da procriação e emergiu como um fim em si. A união sexual entre dois amantes significa realização por si só.”

“Talvez,” respondo, “mas não como quer a natureza.”

Frank balança negativamente a cabeça. “Ainda estamos vivendo na Idade da Pedra? Você acha que a intenção original da natureza para a vaca leiteira era de produzir leite interminavelmente, e para a galinha, pôr ovos sem parar? Será que é natural o ascetismo dos santos e o amor espiritual das freiras? De um lado, você diz sim, do outro, não. Posso perguntar como você justifica isso? Deixemos que as pessoas tenham a liberdade, o esclarecimento, a responsabilidade e a disponibilidade da escolha, sem arriscarem a saúde, sem interferência em seus sentimentos e sem uma consciência culpada, para decidirem se e quando querem ter filhos. Se um casal se ama de verdade e está pronto para a procriação, de bom grado optará por ter filhos. A humanidade não perecerá se o artigo 218 for revogado. Mas sua manutenção no Código por certo não tornará as pessoas mais responsáveis. Nem mais livres, nem mais dignas.”

“Mas será que o artigo continuará no Código?” – indago. “Quero dizer agora, nas atuais circunstâncias?”

Frank olha para mim. “Como se pode esperar sua revogação sem o poder governamental, sem o poder legislativo? É óbvio que ele vai permanecer no Código. Porém, por acordo tácito...” Ele se queda silencioso.

“...sua vigência cessará temporariamente,” interpreto seu silêncio. E me sinto aliviada porque, em razão do presente excesso de população, miséria, carência de habitações, não nascerão no curso dos próximos nove meses dezenas de milhares de crianças russas.



Quinta-feira, 23 de agosto de 1945

Andrik se apresenta com a orquestra cada vez com maior frequência. No Titania Palace e na Ópera Popular. A programação vive mudando, como também a plateia. Tropas americanas. Tropas inglesas. Civis alemães de um setor. Civis alemães de outros setores. Até agora há pouca disposição para fazer que as diversas plateias se misturem. Isso só ocorre à noite nos bancos das praças e jardins, desde que não haja o risco dos ladrões de bosques, e é uma prática sigilosa.

No salão verde de Andrik também se esquecem as diferenças entre vitoriosos e vencidos quando se conversa sobre Tchaikovsky, Beethoven e Richard Strauss. Hoje fomos convidados por um inglês. Ontem dois americanos nos solicitaram que fôssemos seus convidados. Ficamos felizes com cada oportunidade que sirva para aprofundar o conhecimento mútuo, por cada chance de convencer os vitoriosos de que o povo alemão não é, necessariamente, diferente deles. Só se nos conhecermos melhor seremos capazes de nos tratar com mais justiça.

Será que conhecemos os outros povos? Trataríamos os indianos com maior propriedade se fôssemos nós as potências de ocupação? O equívoco no julgamento de um povo estrangeiro não é uma falha. Porém, caso chegue a hora de governar um povo estrangeiro, é erro crasso não usar todas as chances para melhor conhecer tal povo. Queremos ser conhecidos. Para que saibam o que realmente somos. Gostaríamos que tal mensagem chegasse a todos os ouvidos, a todas as mentes, a todos os corações. Queremos... Deus do céu, o que não faríamos com nosso desejo apaixonado de dar um jeito em toda essa confusão.

Às sete da noite está prevista a chegada do carro de um coronel inglês para nos pegar. Ele aprecia música.

Gosta muito de Bach, Handel e Brahms. E não nos odeia, assim como não o odiamos.



Sexta-feira, 24 de agosto de 1945

Às sete da noite, o carro do coronel nos leva para sua villa em Grunewald. Sentamos em confortáveis cadeiras, bebemos uísque e comemos inacreditáveis sanduíches de pão branco com inacreditável carne autêntica. Conversamos sobre Bach e a Alemanha. Estamos sendo ouvidos e nos alegra saber que nos encontramos entre amigos. O tempo passa depressa. Um quarto para as onze da noite. Toque do recolher em quinze minutos. Alarmados, nos lembramos de que existem leis da ocupação.

“Vou levá-los para casa,” diz o coronel.

Como flecha, voamos pelas ruas. Quase não se vê um alemão fora de sua casa. Só vez por outra um soldado estrangeiro se posta na margem das ruas e levanta o polegar. Interpretamos o gesto como pedido de carona e ficamos felizes por aprendermos nova palavra: *hitchhiking*.

Hildegardstrasse... Kaiserallee... Kaiserplatz. Três figuras nas sombras estão de pé numa passagem de nível. Serão lanternas aquilo que seguram? *Hitchhiking!... Hitchhiking!*

Andrik está sentado à minha frente. Observo seu bonito perfil virando-se para o coronel inglês. Eles conversam sobre o “Terceiro Concerto de Brandemburgo.”

“Na próxima vez vou lhe trazer Bach...” – começa a dizer Andrik.

Um barulho estranho. Como se alguém estivesse atirando um monte de pequenas pedras contra o carro. Pedras ou... Deus do céu! Escuto o ruído com atenção. Parece ruído hostil. Afundo-me no assento. Cada vez mais fundo. Agora um barulho mais forte. Alguma coisa respinga no meu rosto, atinge meus braços e ombros com força. O cheiro de pólvora. Picante e sulfuroso. E depois um tipo diferente de cheiro. O que é isso que cheira tão estranho... Tack-tack-tack... tack-tack-tack... O carro para. Cerca de dez metros além da passagem de nível. Será que alguém atirou? Estou ferida? Confusa, sento-me mais ereta.

“Andrik!” – chamo. “O que aconteceu? Andrik!”

Com os ombros lançados à frente, ele continua quietamente sentado na minha frente. Seu cabelo esvoaçando ao vento é como uma aura de fogo em torno de sua cabeça.

“Andrik!” – chamo mais uma vez.

Silêncio. Ele continua sentado, ombros jogados à frente, como absorto em seus próprios pensamentos. Por que será que não responde? Saio do carro e abro sua porta. Meu Deus, o que é isso? Está pingando na minha direção. E pingando, escorre do ombro de Andrik abaixo. Escuro e viscoso. Como um pequeno córrego estreito. Sangue, entendo horrorizada, é sangue. Escuto pingar como uma goteira, vejo-o fluir. Fica pegajoso nas minhas mãos e pés. Por todos os lados... por todos os lados.

“Socorro,” grito. “Ele está se esvaindo e vai morrer.”

Nosso amigo inglês vem da passagem de nível em nossa direção. Está pálido. Por que ele está vindo de lá? Será que nem notei quando ele saiu do carro? Com expressão de profunda gentileza, ele se aproxima de mim.

“Temo...,” diz ele aos trancos. “Temo que seja muito tarde...”

Tudo em minha volta deixa de existir. Tudo parece irreal e impreciso. Andrik está sentado lá. Seus ombros jogados à frente. Quietos... muito quietos. A goteira continua pingando através de suas mãos, no chão do carro e na rua.

Caminho para lá e para cá na frente do carro. Alguém diz que uma ambulância foi chamada. Que ela irá transportar Andrik. Nosso amigo inglês passa o braço em torno de meu ombro. Através do verde das

árvores tremula a luz amarelada dos postes de iluminação.

Andrik... Andrik. Já decorreu uma hora? Ou algumas horas? Mecanicamente, caminhamos rua acima e abaixo. De braços dados. De súbito, meu companheiro cambaleia. Cambaleia e cai no chão. Tudo parece irreal. Tudo parece enevoado. Alguém o levanta.

“Ele desmaiou,” ouço dizerem.

Então chega a ambulância. E tudo escurece. Uma noite sem fim. Até que subo as escadas de casa. De volta ao edifício da caixa d’água. Acordo Frank, Jo, Heike e Fabian.

“Andrik morreu,” digo. “Levantem-se e vistam-se. Não podemos ficar de pijamas enquanto Andrik está morto.”

O dia amanhece. Esperamos bastante tempo. Às oito da manhã aparece o amigo inglês. Há tanta coisa a ser feita. E não dá para fazer de bicicleta. Sendo alemão, não se consegue que coisa nenhuma seja feita. Eles ainda transportam cadáveres em carrinhos de mão para o cemitério e os deixam lá, enrolados em mantas de cavalo, para o repouso eterno numa sepultura coletiva. Isso não pode acontecer com Andrik. Ele merece ser levado de forma mais digna para o cemitério. Não pode ficar jogado nos azulejos frios de um necrotério enquanto nos sentamos à sua mesa, na sua cadeira, defronte de seus livros. Corpo ao lado de corpo. Estranho próximo a estranho.

“Ajude-nos a fazer a coisa certa,” peço ao amigo inglês.

Ele tirou alguns sanduíches do bolso. Inacreditáveis sanduíches de pão branco com inacreditável carne autêntica.

“Vocês precisam comer,” diz ele, e coloca os sanduíches sobre a mesa.

Durante o dia todo, percorremos Berlim de carro. Frank, ele e eu. De um departamento administrativo ao próximo. Pedimos sempre as mesmas coisas. Um caixão para Andrik. Uma sepultura para Andrik. Uma maneira decente para transportar seu corpo. Um funeral apropriado. Pedimos em vão.

“Soldados americanos também são enterrados em lonas,” eles nos dizem. “Não vemos razão para tratar melhor os alemães.”

“*Nem mesmo tendo sido vocês que atiraram nele?*” – eu gostaria de perguntar. Mas não pergunto. Isso não traria Andrik de volta à vida. Portanto, não faz sentido.

Continuamos andando de carro. Selos, certificados, custódia do corpo, liberação do cadáver. Durante breves momentos, quando recobro meus sentidos, escuto o sangue escorrer como uma goteira. Andrik está morto... Andrik está morto, permanece ecoando em minha cabeça.

Precisamos entrar em contato com Makar Ivanov, ocorre-me de repente. Makar Ivanov é amigo de Andrik. Amigo de infância em Moscou. Quando os russos ocuparam Berlim, convocaram-no para intérprete. E ele vem trabalhando como intérprete desde então. E dorme no trabalho. Mas onde será seu escritório? A dois quarteirões da estação da Friedrichstrasse.

“Vamos de carro até a estação da Friedrichstrasse,” peço ao amigo inglês. “Temos que encontrar Makar Ivanov.”

Ele concorda. Meia hora mais tarde, paramos em frente de um edifício de apartamentos recém-pintado. Demonstrando suspeita, a sentinela russa inspeciona a viatura militar inglesa, o oficial inglês uniformizado.

“Gostaríamos de falar com Makar Ivanov,” pedimos através de um intérprete. O soldado balança negativamente a cabeça e olha para sua metralhadora.

“É sobre um acidente,” diz nosso amigo inglês. “O maestro da Orquestra Filarmônica... No meu carro... Sou um coronel inglês... Gostaríamos de informar a seu amigo, Makar Ivanov...”

A sentinela continua balançando a cabeça e nos faz sinal para que atravéssemos para o outro lado da rua, longe da entrada do edifício. Terá medo de que possamos lançar uma bomba?

“Poderia pelo menos chamá-lo?” tento uma terceira vez por intermédio do intérprete.

Uma discussão prolongada ocorre para lá e para cá. Dez minutos depois, Makar Ivanov aparece.

“Andrik sofreu um acidente,” digo-lhe. “Talvez eles lhe concedam alguns dias de licença para o funeral.”

Makar Ivanov desaparece. Esperamos do outro lado da rua. Dez minutos mais tarde, ele volta. Foi-lhe concedida uma licença. Quando entramos no carro, eu já me sentindo aliviada, um oficial russo surge correndo na rua, abre a porta do automóvel e grita algo que não me soa amigável. Mas não entendemos. E não ousa pedir que Makar Ivanov traduza para nós.



Sábado, 25 de agosto de 1945

Agora sabemos como tudo aconteceu. Uma infeliz cadeia de circunstâncias fatídicas. Durante a noite anterior ao dia 23, houve um tiroteio entre russos e americanos. No centro da cidade, como em quase todas as noites. Talvez tenha sido um incidente pior que o normal, mais amplo e mais acirrado. Talvez ele tenha compelido as autoridades americanas a ordenar que suas sentinelas parassem qualquer carro que passasse pelos postos de controle após as onze da noite. E atirassem de imediato caso o veículo não parasse. Que alvejassem o veículo, porque os russos não obedeceriam a disparos para o ar. O carro de nosso amigo inglês tinha faróis potentes. Aparentemente, os americanos não viram a placa inglesa do automóvel. Eles pensaram que se tratava de um veículo russo. E quando o carro não parou, abriram fogo. Atiraram no veículo porque os russos não obedeceriam a disparos para o ar. É provável que apenas quisessem atingir os pneus. Ou o teto do carro. No local do ponto de controle, a estrada é inclinada. Os americanos atiraram. Seis disparos seguidos. Com a metralhadora mais rápida da dotação US Army. Não queriam atingir Andrik. Tudo se deveu à ordem para atirar e à raiva que os assaltava pelo que acontecera na noite anterior. Mas atingiram Andrik. E não importa quem seja o culpado, isso não trará Andrik de volta à vida.

No início da noite fomos de carro à Ópera Popular. A Orquestra Filarmônica está se apresentando. O programa de Andrik, ensaiado por Andrik, mas com outro maestro. Tchaikovsky, Beethoven e Richard Strauss. Eles só trocaram a obra de Beethoven. Em vez da “Primeira Sinfonia,” ouvimos a triste e pesada “Marcha fúnebre.” Penso em Andrik e me espanto por não conseguir chorar.

Mais tarde, nosso amigo inglês nos leva para os arrabaldes da cidade. Numa das alas do hospital inglês se encontra o corpo de Andrik. Ele jaz numa cama branca. Quieto, magro e solene. Eles colocaram uma bandagem em torno de sua cabeça e um buquê de rosas em suas mãos dobradas. A seus pés, uma mesa coberta com toalha branca sobre a qual se encontra aberta a partitura do “Terceiro concerto de Brandemburgo” ao lado de uma batuta.

“Obrigada,” digo ao amigo inglês. “Nós todos agradecemos.”

“Vamos conseguir também um caixão,” diz o coronel gentilmente. “E um carro funerário o conduzirá à sua sepultura no cemitério.”

“Obrigada,” digo uma vez mais. E sinto que, agora, consigo chorar. Caro e gentil amigo inglês!



Segunda-feira, 27 de agosto de 1945

O funeral tem de ser adiado porque o caixão não ficou pronto. É difícil encontrar um caixão em Berlim, mesmo para um coronel inglês. No entanto, o tempo está quente e, no hospital, eles começam a ficar preocupados. Talvez na terça-feira, mas em nenhuma hipótese após quarta. Eles dizem não ter gelo e,

normalmente, não estão preparados para qualquer coisa desse tipo. Desejam levar Andrik para o cemitério na terça-feira. A licença de Makar Ivanov expira no fim de semana.



Quarta-feira, 29 de agosto de 1945

A capela do cemitério foi destruída por bombas. Tudo foi improvisado. Mas há flores, muitas flores; há um caixão e o sol brilha. Eles cavaram a sepultura sob um carvalho.

“Que Deus deixe cair Suas bênçãos sobre você e seja misericordioso,” prega o padre. O sol brilha. Brilha sobre a sepultura, sobre o caixão, sobre as flores e sobre nós. Brilha tão gentilmente, mas Andrik está morto.



Sexta-feira, 31 de agosto de 1945

“Ao Povo Alemão, a Autoridade de Controle Aliado. Proclamação nº 1 do Conselho Aliado de Controle. De acordo com o comunicado público de 5 de junho de 1945, a autoridade do governo supremo sobre a Alemanha foi assumida pelos governos dos Estados Unidos da América, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte e do governo provisório da República Francesa.... Em vista da suprema autoridade que foi assumida pelos quatro governos, o Conselho Aliado de Controle fica, através desta, estabelecido como suprema autoridade governamental, e todos os assuntos pertinentes à Alemanha são a ele delegados.”

Então é o Conselho Aliado de Controle! Agora ao menos sabemos quem nos governa. Por que são publicadas nos jornais tantas matérias sobre democracia? Democracia significa governo do povo. Somos governados pelo Conselho de Controle. Deveríamos ter cuidado para não abusar da linda palavra.

“E isso é, supostamente, democracia,” resmungam as pessoas enquanto esperam na fila ou enquanto, tomadas pela raiva, tentam entrar em trens superlotados, ou quando confrontadas de modo desagradável com as consequências do regime nazi. “É isso que eles chamam de democracia. Não, muito obrigado.”

Ninguém, em sã consciência, classificaria a presente situação na Alemanha como democrática. Não é democracia. Não pode ser democracia a partir do momento que somos governados por um Conselho de Controle. Apenas talvez uma primeira tentativa, um modo lento de “irmos nos acostumando” com ela.

Por vezes ela faz que nos sintamos desconfortáveis por sermos incapazes de exercitar alguns costumes nacionais tradicionais. Não que sejamos nacionalistas. É apenas o fato de nos conscientizarmos das diferenças. Em frente da repartição administrativa americana os guardas estão arriando a bandeira. Na posição de sentido, eles levam a mão à pala em continência. Que estranho para um povo não ter bandeira... No início de todos os concertos apresentados para as tropas inglesas é executado seu hino nacional “God Save the King,” e a plateia se põe solenemente de pé. Não é o nosso hino. Não temos hino. Não temos rei e é rara a ocasião em que nos colocamos de pé em homenagem a algum chefe de estado. Com frequência é uma estranha coincidência que, de súbito, nos lembra que perdemos alguma coisa. Alguma coisa da qual, nunca realmente nos conscientizamos, com a qual, por assim dizer, nascemos. Não deveriam dar a muitos alemães a oportunidade de, repentinamente, se lembrarem disso. Eles podem tirar conclusões erradas do fato.



Segunda-feira, 3 de setembro de 1945

Makar Ivanov quer pedir mais uns dias de licença. Esta manhã, ele foi à sua repartição. Queria voltar às duas horas. São quase dez da noite. O toque de recolher começa em uma hora. Onde pode ele estar?



Quinta-feira, 6 de setembro de 1945

Perguntamos por ele, procuramos por ele, esperamos por ele. Não há vestígio de Makar Ivanov. Nosso amigo inglês, cheio de dúvidas, balança a cabeça. “Temos de ser cuidadosos. Interesse demasiado pode causar desconfianças.”

Não ousamos perguntar em sua repartição. Em algumas agências administrativas, eles agem de maneira bastante dissimulada. Talvez tenha sido um mau passo ter ido outro dia de carro até lá. Talvez... Se pelo menos Andrik estivesse aqui agora. É tão difícil quando nem a língua se entende.



Domingo, 16 de setembro de 1945

No Teatro Hebbel, os escritores do tempo da República de Weimar são homenageados. Aquilo que foi incinerado em piras defronte da Universidade de Berlim em 1933 é agora lá solenemente ressuscitado. Toller, Tucholsky, Brecht, Heinrich Mann, Erich Mühsam, Frank, Rubiner, Feuchtwanger e muitos outros. A plateia, sentada, se mostra profundamente sensibilizada. Parece incompreensível que eles tenham sido banidos.

“Já entreguei meu Rosenberg,” ouço alguém dizer entre aplausos. “Queima da literatura nazi. Foi anunciada hoje em todos os jornais dominicais.”

Surpresa, viro-me. A senhora que acabou de falar sorri de maneira desagradável.

“Numa pira,” diz sarcasticamente.

Seu riso me incomoda. Dá-me vontade de lhe dizer alguma coisa em tom azedo. Por que devemos hoje, de todos os dias, encomendar outra pira, por mais justificada que seja? Um contragolpe duvidoso?

Em casa, dou uma espiada no jornal. “Erradicação de toda literatura nazi... Expurgo em todas as livrarias a partir de 1º de outubro... Incinerações públicas.”

Leio. E me sinto infeliz e sozinha...



Domingo, 23 de setembro de 1945

... tão infeliz e sozinha! Um mês atrás Andrik morreu. Hoje nos chega o primeiro sinal de vida de Makar Ivanov, e de maneira sub-reptícia. “Ajudem-no,” implora-nos o anônimo mensageiro. “Ajudem-no, pelo amor de Deus... Estão descendo o porrete nele. Dizem que ele é um espião.”

Que terrível dor na consciência! Pobre Makar Ivanov. Por que fizemos isso com você? O carro inglês, o

coronel inglês. E logo defronte à agência soviética. Uma agência cujos nome e endereço você não deveria ter revelado!

Estão descendo o porrete nele. Talvez nas costas. Ou nas mãos. Não foram específicos a respeito disso. Apenas que você precisa de ajuda. Mas como poderemos ajudá-lo? Contra seus porretes e suas terríveis suspeitas. Talvez, algum dia, também nos considerem espíões. Frank Matthis e eu, ou Heike e Fabian. Quem sabe? Por agora só sabemos que estão descendo o porrete em você. Como se pode viver sabendo disso?

Dois dias atrás, os russos publicaram um relatório sobre toda a destruição causada pelos alemães na União Soviética. Eles dizem que 1.670 igrejas ortodoxas e 237 católicas foram incendiadas, 69 capelas e 532 sinagogas. Cerca de quatro milhões de apartamentos foram destruídos, e um milhão e meio de cavalos, nove milhões de cabeças de gado, doze milhões de porcos e treze milhões de ovelhas e cabras. Além de incomensurável quantidade de bens domésticos, máquinas, locomotivas, motores, carros e livros que foram levados, requisitados ou inutilizados. Pode-se entender por que nos odeiam e por que descarregam sua ira sobre nós. Mas o que Makar Ivanov tem a ver com isso? Ou o carro inglês em frente à agência soviética?



Segunda-feira, 1º de outubro de 1945

Nenhuma ajuda para Makar Ivanov. Querem levá-lo a julgamento em dois meses. A acusação é de espionagem para a Inglaterra. No entanto, a fonte de tal informação não é confiável. Uma garrafa de brandy e duzentos cigarros em troca de cada naco de informação. “Para subornar,” diz nossa duvidosa fonte de informação. Fico imaginando se não é ela mesma que tem feito uso dos subornos. Não serão seus próprios membros que bebem a vodca e fumam os cigarros em troca de deslavadas mentiras? Quando se precisa de conexões com prisões da GPU fica-se à mercê dos tipos mais desclassificados.



Quarta-feira, 3 de outubro de 1945

Converso com o chefe da agência russa. Ele é inteligente e obsequioso. Assustadoramente inteligente, como a maioria dos oficiais em posições-chave no governo militar soviético. “Os americanos mandam pessoal de segunda categoria para a Alemanha, os ingleses, de terceira, e os russos enviam sua elite,” os berlinenses já acumulam cinco meses de ocupação.

O major me recebe afavelmente.

“Makar Ivanov,” começo a alegar para o oficial russo. “Tem de ser um engano. Uma série de mal-entendidos. A agência na Rua X...”

O major do Exército Vermelho disfarça um sorriso na face amarrada onde seus olhos parecem cobertos com uma cortina.

“Que agência?” pergunta gentilmente. “Não conheço agência alguma na Rua X”

Oh, meu Deus, penso horrorizada. Ele está mentindo! Qualquer criança sabe que lá existe uma agência da GPU. Como sempre, quando alguém mente, fico desnorreada e insegura.

“Posso tentar descobrir,” diz o major, “e perguntar ao comandante...”

Balanço automaticamente a cabeça. Seus olhos me atravessam como se eu não existisse. Como se eu fosse feita de vidro. Em que canto de minha alma devo esconder Makar Ivanov? Escondê-lo do poder que aqueles

olhos têm. *Não existe Makar Ivanov algum*, penso em dizer. *Esqueça, pelo amor de Deus, esqueça de Makar Ivanov.*

Polidamente, levanto-me e ofereço a mão. “Muito obrigada,” escuto eu mesma dizer.

O major se inclina educadamente. Seus olhos continuam me varando como se eu fosse feita de vidro. Makar Ivanov está perdido. Naquele momento percebo que nada no mundo poderá salvá-lo.

Em casa, o frio e a escuridão me esperavam. O quartel-general militar da administração da cidade ordenou redução drástica no fornecimento de eletricidade. O que significa interrupções de energia elétrica por períodos indefinidos de tempo, coleta nas ruínas de madeira para queimar, compra de velas no mercado negro, retorno ao fogão de tijolos e um desagradável inverno. A escassez de carvão está se tornando a pior dificuldade do pós-guerra. E isso num país que, outrora, supriu metade da Europa com carvão.

Pouco a pouco, até os otimistas começam a entender que ainda não atingimos o fundo do poço. “Portanto, devemos perseverar,” afirmam os que pensam positivamente. “Isso significa a destruição final,” lamentam os exaustos, os desapontados e os desanimados. Se o fundo do abismo ainda estiver muito longe, poucos restarão para viver a situação. Segundo relatórios oficiais, a taxa de mortalidade infantil em Brandemburgo é de cerca de oitenta a noventa por cento. A cidade de Ruppín informa que, de quarenta e cinco recém-nascidos, quarenta e um morrem no primeiro ano de vida. Cinco meses após o fim da guerra, dez mil crianças órfãs vagueiam por Berlim subsistindo exclusivamente da mendicância e dos furtos. A miséria e o sofrimento são vistos por todos os cantos. Tão logo uma dificuldade é sanada, surge outra.

“Redistribuição de terra para trabalhadores e refugiados,” é proclamado na zona soviética de ocupação. Uma solução perfeita! “Expropriação sem compensação de todos os proprietários de terra que tenham mais de cem hectares,” declaram as autoridades administrativas em Brandemburgo como equacionamento do problema. Sete mil proprietários de terra ficam sem teto da noite para o dia. Nem mesmo um pequeno trato de suas próprias terras lhes é concedido. Nas zonas ocidentais não há reforma agrária. Nenhuma expropriação e, segundo os rumores, nem mesmo qualquer congelamento nas contas bancárias. Por que não estamos vivendo no Oeste, pensam os sete mil expropriados. Se a solução do problema for essa, cada zona não se transformará gradativamente em colônia da respectiva potência de ocupação? Nesse caso, adeus para a unidade da Alemanha; até logo para todas as esperanças pós-guerra de uma política conjunta de reconstrução da Alemanha.

“Por toda a duração da ocupação, a Alemanha deverá ser vista como uma unidade econômica integral,” especifica o Acordo de Potsdam. Como pode ser formada uma unidade integral se seus componentes se desenvolvem em direções opostas? Ou será que estamos condenados a provar o fato de que a aliança de tempo de guerra entre os vitoriosos jamais se tornará uma aliança de tempo de paz?



Terça-feira, 16 de outubro de 1945

Frank chega em casa com um monte de jornais. “Agora conseguimos,” diz ele, jogando-os sobre a mesa.

“Conseguimos o quê?” – pergunto.

“Os partidos. Ou os porta-vozes políticos da vontade popular, caso você prefira de forma mais poética.” Ele aponta para o nome dos jornais. “*Neue Zeit*, diário da União Democrática Cristã da Alemanha. *Deutsche Volkszeitung*, órgão oficial do Partido Comunista da Alemanha. *Der Morgen*, diário do Partido Democrático Liberal da Alemanha. *Das Volk*, diário do Partido Social-Democrata da Alemanha.”

“Estranho,” diz Heike. “Todos se denominam ‘Partido da Alemanha’ e três dos quatro se chamam ‘Democráticos.’ Quando, na verdade, desde o fim da guerra, para nós a Alemanha consiste apenas de

Berlim, e a democracia, só de ordens expedidas em acordo – ou melhor, em desacordo – pelas potências de ocupação. Por que toda essa pompa?”

“Porque essa ‘pompa’ expressa nosso desejo de assumir responsabilidade política,” Frank explica para ela. “Porque liberdade significa assumir responsabilidade. É o primeiro passo do laçao ao cidadão.”

“Mas não nos deixam assumir responsabilidade,” murmura Heike, um tanto confusa.

Frank franze o sobrolho. “Talvez. Mas isso não nos isenta do dever de cuidar do futuro. ‘Nunca mais Hitler,’ prometemos em abril. Colocar isso em prática significa nada mais, nada menos do que aprender a pensar, a agir e a julgar por si próprio. Para você, uma pessoa pode aprender isso em três semanas? A Inglaterra levou algumas centenas de anos. Não menos na América. Seríamos capazes de consegui-lo em menos tempo? No entanto, para garantir que, além das duas ou três centenas de anos de cidadania, não percamos outras semanas ou meses tentando descobrir como começar – esta é nossa responsabilidade. Sua e minha, e de todos os nossos contemporâneos. E foi por isso que hoje...”

“Muito bem, o que aconteceu hoje?” – interrompo.

“... filiei-me ao Partido Social-Democrata.”

Pasmos, perguntamos: “Mas por que os social-democratas?”

Ele dá de ombros. “Que outra escolha existe? Sou cientista demais para me juntar aos democrata-cristãos. Não sou suficientemente soviético para os comunistas de hoje. E os liberais-democratas? Depois de treze anos de nazismo, com dezessete milhões de refugiados e vinte milhões de excesso de população, não podemos nos dar ao luxo de pontos de vista individualistas. A miséria em massa requer soluções sociais. Soluções social-democratas.”

“E se um dia essa filiação também for julgada?”

“Que seja. Ninguém poderá dizer que foi forçado a se filiar.”

De noite, Frank, Jo e eu comparecemos a uma reunião dos social-democratas. Não é fácil a filiação a um partido quando, durante toda a vida, foi-se contra qualquer tipo de associação, emblema ou filiação. Mas Frank está certo. Ficar sonhando acordado não tornará o mundo melhor, nem transformará o laçao em cidadão. Malgrado tudo isso, nos assustamos um pouco na primeira vez em que somos chamados de “camaradas.”



Sexta-feira, 19 de outubro de 1945

Em Nuremberg, é formado um tribunal internacional para julgar “os principais criminosos de guerra do Eixo.” Isto é, os principais criminosos de guerra que não escaparam à condenação internacional. Hitler, Himmler, Goebbels e Bormann, os verdadeiros chefões, não vão se sentar no banco dos réus.

Hitler suicidou-se. Goebbels deu um tiro na cabeça. Himmler envenenou-se. Bormann teve fim misterioso e desconhecido. Fritsche assumiu a honra duvidosa de tomar o lugar de Goebbels. Vinte e quatro acusados. O julgamento deverá começar em trinta dias. O texto das acusações preenche sete páginas densamente impressas no jornal. Extermínio de judeus; crimes contra a humanidade; crimes contra a paz; assassinato de reféns; maus-tratos de prisioneiros de guerra; eutanásia; câmaras de gás; campos de concentração; trabalho escravo; masmorras.

Um conglomerado de atrocidades humanas. Como isso não nos enraivece e envergonha? Observando as pessoas folhearem indiferentemente o vergonhoso documento de sete páginas, fica-se com a impressão de que aquilo nada tem a ver com elas. Nem os crimes, nem os criminosos, tampouco a culpa ou a punição. “Incompreensível!” – dizem os aliados. “Absolutamente desconcertante! Onde está o ódio que,

supostamente, consumia milhões de alemães?”

“Ele está... onde ele está mesmo?” Sete meses de fome, de desespero, de luta pela sobrevivência, de insegurança, tiraram o vento de nossas velas. Sim, lá por fevereiro, março ou abril, durante os meses da batalha final, quando as denúncias ainda estavam frescas, quando até os mais tolos entendiam a maneira torpe com que tínhamos sido enganados pelo nazismo... naquela ocasião as pessoas estavam maduras para a represália. Se tivesse havido um período de três dias entre o colapso e a conquista, milhares e milhares de alemães, desapontados, humilhados e ofendidos pelos nazis, teriam descarregado a vingança sobre seus inimigos. Cada um deles teria atingido seu tirano pessoal. “Será olho por olho,” prometeram então as pessoas. “A primeira hora após o colapso será a dos longos punhais!” Mas o destino quis que fosse diferente.

A primeira hora, o primeiro dia, as primeiras semanas após o colapso pertenceram ao terror do estupro. Não houve trégua entre uma atrocidade e a próxima. Antes que pudesse ocorrer a noite dos longos punhais, os sedentos de sangue de ontem passaram a ser os companheiros sofredores de hoje – uma camaradagem em armas contra o infortúnio comum. Como se pode ajustar velhas contas quando se é assediado constantemente por novas? Por conseguinte, perdemos nossa chance e desperdiçamos a força de nossa raiva.

Keitel, Rosenberg, Ribbentrop, Frick – quem são eles para a maioria das pessoas? Entre cem mil pessoas, dificilmente uma delas os conhece; dificilmente uma delas sofreu pelas mãos deles. A vingança é uma reação instintiva à humilhação pessoal. Na primavera, “os longos punhais” foram afiados, não contra a ideia nazi, mas contra aqueles que a usaram em nosso desfavor – o vigia do quartelão que nos ameaçou, o guarda do campo de concentração que nos maltratou, o informante que nos denunciou à Gestapo. O destino nos escamoteou a represália particular. Agora alguns chefões estão sendo julgados. Não por nós, mas por um tribunal estrangeiro. E pela perda da represália particular temos de nos ajustar a uma nebulosa culpa coletiva. Demasiadamente nebulosa para embarçar seriamente o alemão comum. Demasiadamente coletiva para ser entendida como responsabilidade individual.



Segunda-feira, 29 de outubro de 1945

Um boato anda se espalhando em Berlim. Um sussurrar nervoso. É passado de pessoa a pessoa – apenas murmurado no ouvido do próximo – ansiosamente, triunfalmente, jubilosamente ou desesperadamente – dependendo do que diz a consciência de cada um. “Os americanos encontraram as listas. Toda as listas de filiação ao Partido Nazi. Sete milhões de membros do partido. Não, dez – não, onze, ou doze milhões. Isso significaria...” – trocam-se olhares nervosos – “...doze por cento da população alemã!”

“Não passa de blefe,” dizem os despreocupados. “Eles só querem descobrir quem estava, de fato, envolvido.”

“Mas, e se for verdade?”

Três semanas atrás, foram tomadas as primeiras medidas contra os membros do partido. Eliminação de todos os nazis de posições de destaque na indústria e no comércio. Exclusão de membros do partido de cargos culturais. Ex-membros do Partido Nazi só podem ser empregados como operários. Quem violar tal lei será processado. Aquele que esconder a filiação será diretamente responsabilizado. Além disso, a partir de 1º de novembro, os cartões de racionamento só serão distribuídos mediante a apresentação de um registro de emprego. Más notícias, especialmente para aqueles que, depois da guerra, não se mostraram muito dispostos a dizer a verdade. Agora, as consciências, perturbadas por questionários, se entrincheiram atrás de uma aparente afronta pessoal.

“Inacreditável esse terror! Ultrajante essa última injustiça. Não podem sujeitar vinte por cento da

população a uma lei especial.”

Mas podem! Terão esquecido como isso pode ser facilmente feito? Não percebem que essas leis especiais são quase idênticas às de oito anos atrás contra os judeus. Além de perderem a memória quanto à filiação ao partido, a maioria de seus membros parece ter perdido a memória quanto à legislação nazi.

“Eliminação dos judeus da vida econômica e cultural alemã. A partir de 1º de janeiro de 1939, não deverão mais existir lojas, especialistas ou gerentes judeus. Pagamento de reparações de todos os judeus alemães ao Reich alemão de um bilhão de marcos. Assinado em novembro de 1938 por Hermann Göring, Frick, Goebbels, Gürtner, Schwering-Krosigk, Funk.”

Quem se queixou, àquela época, de terror e injustiça? Quem resmungou contra leis especiais quando essa ordenança foi publicada pelos jornais? Precisam refrescar a memória em benefício de seu perdido senso de justiça. Não podem esquecer a conexão causal entre a suástica e a estrela de Davi usada pelos judeus.



Quinta-feira, 1º de novembro de 1945

A partir de hoje, o serviço regular de correios está funcionando em toda a Alemanha. Outro passo para quebrar o isolamento, uma bela oportunidade para entrar em contato legalmente com amigos no outro lado do Elba. Passamos o dia escrevendo cartas. “Você ainda está vivo? Você sobreviveu? Sua casa ainda está de pé? Vocês têm comida suficiente?” Seria necessário preencher cem páginas para descrever apenas superficialmente o que aconteceu no meio tempo. “Andrik morreu,” escrevo quinze vezes só numa tarde. E mesmo escrevendo pela décima quinta vez, sei que eu própria ainda não acredito naquilo.



Domingo, 11 de novembro de 1945

O inverno chegou assustadoramente cedo. Cedo demais para nosso escasso suprimento de madeira, para nossas janelas sem vidro, para o vento que, a cada dia, sopra mais frio pelas fendas de parede. Ninguém fala na distribuição de carvão. Nem os jornais a citam. Suponho que vamos ter de sobreviver sem carvão...



Sexta-feira, 16 de novembro de 1945

... Não apenas sobreviver, mas até representar no teatro. Como reunir entusiasmo para uma apresentação de quatro horas de Macbeth a diversos graus abaixo de zero? Oh, adorável Berlim! Quem, na face da Terra, como você? Tremendo de frio, a atriz continua no palco. A respiração dos atores emana como nuvem das bocas. As árvores nas quais as bruxas balançam estão cobertas de gelo. E a plateia? Figuras enroladas em cobertores. Os pés enfiados em pantufas, golas levantadas, chapéus puxados sobre as orelhas. Corajosamente, a plateia congela. Corajosamente, a atriz em seu costume de seda fina enregela. Corajosamente, Heike, a mais nova das bruxas, endurece de frio em sua árvore coberta de gelo. O calor não proporcionado pelo ambiente tem de ser gerado dentro de nós. Que o consigamos gerar, a despeito da fome e do frio, das ruínas e do colapso, continua sendo um milagre. Um milagre que é preciso experimentar para que seu efeito consolador seja apreciado. A intensidade do sofrimento desperta uma intensidade de viver. O que faz o

fraco desistir parece fortalecer o resistente. Como se o destino os premiasse pelos anos de experiência no sofrimento e na morte com maior conscientização da existência. Nunca antes em Berlim houve como agora tão apaixonada vontade de viver e tanto amor pela cultura, quando cada passo dado para cima exige esforço desmesurado. Dessa forma é que somos compensados em comparação com aqueles abençoados por uma existência melhor em todos os sentidos. Não mais nos sentimos humilhados caso não tenhamos o esmalte de unha das cores mais em moda. Nem ligamos se o que vestimos é antiquado. Jamais desejaremos de novo a situação em que essas coisas nos incomodavam. A vida é mais importante do que o esmalte de unha. Shakespeare é que importa. Relevante é descobri-lo, a diversos graus abaixo de zero, de maneira totalmente nova e apaixonante. Também descobrimos ontem, enquanto catávamos madeira, que uma árvore é uma árvore e que pode ser um milagre encontrar uma árvore sem folhas contra um céu de inverno. Por anos, nos equilibramos na linha divisória entre o ser e o não ser. Talvez seja uma bênção e não uma praga viver intensamente nesse limite final.



Segunda-feira, 26 de novembro de 1945

“Estranho,” diz Frank, olhando a foto da moça loura de cabelos cacheados no suplemento do jornal *Tagespiegel*, “quão equivocadamente os vitoriosos conseguem avaliar o efeito de suas ações.”

Leio sobre seu ombro. “Duas fotos de Eva Braun no verão encontradas por especialistas militares americanos numa propriedade na Baviera.”

Então é essa a misteriosa amante de Adolf Hitler. A mulher que morreu com ele vinte e quatro horas após as núpcias. “Uma bela moça,” tenho de reconhecer.

Frank olha para mim. “Este é o problema. Você acha que é nossa tarefa, sete meses depois da guerra, achar Frau Eva Hitler, *née* Braun, uma moça bonita? Depois que eles gastaram meio ano tentando tirar o nazismo da cabeça do povo alemão, reacendem agora, com toda a inocência, o assunto.” Aponta para o jornal. “Com fotografias como esta. Com relatórios sentimentais sobre as últimas horas de Adolf Hitler, suas últimas palavras e suas últimas despedidas. Como se não soubessem quão perigoso é confrontar a pessoa média com o sentimentalismo. O pior dos assassinos amalharia simpatia caso, sob a lâmina da guilhotina, chorasse invocando sua mãe. O casamento no *bunker* da morte. Cápsulas de cianureto no banquete do matrimônio, um funeral sob o fogo da artilharia. Corpos encharcados de gasolina, braços distendidos numa última saudação tendo como pano de fundo o céu escurecido pela fumaça. Uma exemplar coleção de títulos sensacionalistas para novelas baratas. O melhor método para um renascimento de Hitler.”

“Mas como acabaram fazendo isso?”

“Porque estão muito mal assessorados e suspeitam demais para aceitar nossos conselhos. Essa é uma lei antiga. Quem deseja colonizar não pode viver em ‘esplêndido isolamento.’ Quase todos os vitoriosos enveredam pelo caminho errado. Impelidos pela soberba e pela falta de conhecimento dos derrotados, arruinam suas chances de sucesso.”

Também notei isso. A maioria das forças de ocupação vive em áreas separadas da cidade como ilhas de abençoados. Quase nenhum sabe a língua dos vencidos. Como avaliar a cultura de um país sem conhecer o idioma? Como fazer justiça a seus habitantes quando só se passa por eles de carro? “Deixem-nos ajudá-los!” – temos implorado com frequência. “Deixem-nos repassar-lhes, de nossa experiência, um entendimento que vocês estrangeiros não podem ter. Acreditem em nós quando dizemos que somos honestos. Permitam-nos auxiliá-los a evitar enganos. Erros que podem ser perigosos. Para vocês – para nós – para nossa causa comum.” Raramente, muito raramente, nos permitem isso. Parece difícil transformar vitoriosos e vencidos

em seres humanos amigos.



Sábado, 1º de dezembro de 1945

Primeira carta da zona ocidental. Levou quatro semanas para, finalmente, chegar a nós. Uma carta da Alemanha para a América do Sul não costumava levar tanto tempo. As notícias de Stuttgart, Colônia, Hamburgo e Frankfurt soam estranhas para nós, como se viessem de outro continente. Apesar disso – é uma notícia. E ao menos se pode esperar por uma resposta dentro de dois meses para uma carta enviada hoje.



Segunda-feira, 3 de dezembro de 1945

A Câmara de Assuntos Culturais foi dissolvida por ordem do comandante. Alegam que “as brigas entre Leste e Oeste” levaram a isso. Que os retornados de Moscou insistem em sua reivindicação de liderança e não consideram os regressados do Oeste.

Ser “anti-Hitler” significa cada vez menos estar do mesmo lado. Está clara uma dissensão alarmante. Os social-democratas discutem uma fusão de todos os partidos de esquerda. Isso evitará o racha? Por enquanto, tem-se a impressão de que isso não é totalmente voluntário. Como se houvesse um interesse por trás da fusão que não tivesse muito a ver com os interesses da Alemanha e sim com manobras da política mundial. Mas quais são os interesses alemães? Enquanto uma carta de Frankfurt a Berlim leva quatro semanas, enquanto dissolvem hoje o que foi criado ontem, enquanto há pouca consideração pela vida do indivíduo e ninguém sabe quem manda, tudo parece um rio revolto com a gente nadando nas águas turbulentas como naufragos. Feliz por não se afogar na luta contra as ondas, grata por poder se agarrar em qualquer coisa que flutue.



Terça-feira, 11 de dezembro de 1945

Na área do Jardim Zoológico – no setor inglês – vive um amigo de Makar Ivanov, o conde báltico X. Quando ele era assistente de Canaris, os nazis o jogaram num campo de concentração.

“Amo a Rússia,” disse ele depois da guerra. “E mesmo que eu não seja um soviético, ainda quero – por causa deste afeto – comunicar-me com seu governo.”

Assim sendo, ele veio para Berlim. Veio do Oeste. E se mudou para o quartirão em que já residira perto do Jardim Zoológico. Passados alguns dias, apareceram dois homens em sua casa. Polidamente, solicitaram que os acompanhasse ao gabinete do comandante inglês para prestar algumas informações.

“É claro,” concorda ele prontamente, entra no carro que os espera do lado de fora e vai na companhia dos dois homens. Decorrem três horas. Sua esposa começa a ficar preocupada. Por fim, ela se dirige ao gabinete do comandante.

“Seu marido?” – perguntam surpresos. “Nada sabemos dele.”

“Santo Deus!... A GPU.” Lamenta a esposa

O comandante inglês telefona para o comandante russo.

“Impossível,” protesta o russo. “Nada semelhante a isso ocorre em nosso setor.” Evidentemente, ele investigaria o assunto e daria uma resposta nas próximas vinte e quatro horas.

Vinte e quatro horas de ansiedade. Então vem a resposta. “O conde X não se encontra em nenhuma de nossas agências.”

Ninguém jamais o encontrará. A menos que passe por todos os campos de concentração na zona oriental e por toda a Rússia. É provável que assim também encontre Makar Ivanov o qual, como sussurra nossa duvidosa fonte de informação, está sendo torturado a cada interrogatório. E ameaçado com doze anos de prisão.

A condessa X está em casa e chora. “Se ao menos ele tivesse carregado uma dose de veneno,” lamenta a esposa. Como eles podem arrancar uma pessoa de sua residência assim?

De fato, nadamos em águas turbulentas. Noite após noite, civis são levados para o hospital de Jo Thäler. Em discussões com alguns soldados desconhecidos, são feridos, espancados ou mortos. Normalmente, são “incidentes” causados pelo álcool e associados ao hábito de os soldados recorrerem de imediato às suas armas. O que dizer da lei? O que dizer da segurança?

Uma semana atrás, um jipe foi roubado em frente à nossa casa, praticamente debaixo do nariz de seu proprietário. Na noite de anteontem, a gasolina foi surrupiada do carro de Frank. Ontem, foi a vez de o carro ser roubado. Basta virar as costas para que um pneu seja levado, a bateria removida ou o carro todo desaparecer. Por vezes, o que resta dele é achado em algum pátio abandonado e ainda se tem a chance de vendê-lo como sucata. Mas de que valem poucas centenas de marcos quando meio quilo de manteiga custa o dobro no mercado negro?

Nos desvãos escuros das ruínas do Reichstag floresce o mercado negro – que é, até agora, a única espécie de comércio que se desenvolveu desde o fim da guerra. Tudo quanto não se pode conseguir com os cartões de racionamento é negociado lá, vendido ilicitamente, e a preço alto. Algumas vezes, em ações esporádicas, uma unidade do comando consegue separar vendedores e compradores, carrega em caminhões para o distrito policial os donos e as mercadorias ilegais que não conseguiram escapar, a fim de verificar seus documentos de identificação e de revistá-los. Porém, cinco minutos depois, a área em frente ao Reichstag já está de novo plena de agitação e de gente. Homens, mulheres, jovens e, no meio de toda a confusão, os uniformes das forças de ocupação. “Presunto... quer comprar presunto? Cigarro? Chocolate?” Uma noite na cadeia da Alexanderplatz? Há coisas piores que isso. Prisão não é mais nenhuma vergonha, de vez que ela já foi deturpada milhões de vezes por motivos torpes.



Sexta-feira, 21 de dezembro de 1945

Alastram-se rumores de que o marco será desvalorizado a partir de 1º de janeiro.

“Pague seus débitos.” “Pague adiantado o aluguel.” “Use seu dinheiro para comprar bens ou deposite no banco.” Aconselhamentos diversos partem de todas as direções. Ninguém realmente sabe o que fazer. Abrir uma caderneta de poupança? Só para ter o dinheiro confiscado uma segunda vez, como aconteceu com todas as contas bancárias depois da derrota. Apelar para a aquisição de bens cujos preços inflacionados de cem a quinhentas vezes compensem a taxa da desvalorização? Poupar ou não poupar, investir ou gastar. Em meio às ruínas, à fome e ao mercado negro, o respeito pelo dinheiro e seu valor foram, bem devagar e igualmente, sendo desvalorizados.



Sábado, 22 de dezembro de 1945

“Se vocês quiserem, posso pô-los em contato com o mundo exterior,” disse nosso amigo inglês há um mês.

Eu queria muito, porque talvez levasse uma eternidade para que um alemão recebesse permissão de se comunicar além de suas fronteiras. Dei-lhe três endereços: o de minha mãe de criação Salomon, na Califórnia, e os de Karla Simson e Erich Tuch, em Nanking. Já vão quase cinco anos desde a última vez que vi Karla e Erich. Em 7 de abril de 1941, despedimo-nos na estação. É complicado pensar durante cinco anos sobre alguém muito chegado de quem não há a possibilidade de resposta. Será que eles ainda pensam em nós?

Chegou hoje a resposta pelo número da caixa postal militar de nosso amigo inglês. Debruço-me sobre as cinco páginas densamente escritas e choro como uma criança. Minha querida amiga Karla! Minha adorada mãe de criação! Tão distantes!



Terça-feira, 25 de dezembro de 1945

O primeiro Natal desde o fim da guerra. Quão diferente o imagináramos. Nenhuma árvore. Sem presentes. Sem Andrik. Tal como ontem, a ordem de recolher foi suspensa hoje. Se alguém ousar, pode ficar na rua depois das onze da noite.



1946

Sábado, 5 de janeiro de 1946

A moeda não foi desvalorizada. Uma vez mais, os boatos eram falsos. Continua o escambo no mercado negro, trocando-se coisas menos necessárias por presunto, açúcar, brandy, café ou cigarros. E, aos poucos, vamos nos acostumando com o fato de que, para uma parcela da população, o trocado é uma nota de mil marcos, enquanto para outra é uma moeda de cinco pfennigs. As diferenças entre extremos econômicos se tornam mais e mais bizarras. O teto máximo da ajuda governamental a homens e mulheres incapacitados para o trabalho varia entre trinta e quarenta marcos por mês. Cerca de vinte e um marcos é o que um berlinense necessita para comprar seus cartões de racionamento. É muito grande a quantidade de homens e mulheres em Berlim que não têm possibilidade de trabalhar. Após a aquisição dos cartões de racionamento, sobram, para eles, dezenove marcos por mês para tudo o mais que for necessário. O que significa que cada pfennig deve ser cuidadosamente gasto, ou seja, vale mais a pena caminhar do que gastar dinheiro com os bondes.

Vinte pfennigs! Que valor têm vinte pfennigs? É o preço de setenta gramas de manteiga a que o cidadão comum tem direito de dez em dez dias. No mercado negro, só compra um miligrama mais um terço de manteiga. Dez gramas, o suficiente para um sanduíche de pão com manteiga, custam quinze marcos. Sete sanduíches legalizados de manteiga, para cada dez dias, não ajudam muita coisa e, por certo, não enchem a barriga de uma pessoa mediana.

O problema de obter sanduíches adicionais de manteiga reestrutura toda a ordem social e configura novas classes na sociedade, uma nova hierarquia econômica. Não se pode retroceder para o tempo da poupança no banco. Ontem o capital deixou de existir. Há agora um novo capitalismo e um novo proletariado. Os que dependem apenas dos cartões de racionamento pertencem à classe sem bens. Ser um novo capitalista significa possuir bens escassos em quantidade suficiente para ser capaz de viver como no tempo de paz. Expressa em termos monetários, tal situação no mercado negro vale em torno de vinte a trinta mil marcos por mês.

Os novos capitalistas são os comerciantes, os produtores e os provedores de bens escassos, os que negociam no mercado negro, os proprietários de fábricas, os granjeiros, os artesãos – em termos de abastecimento de bens, eles representam a classe alta da Alemanha de hoje. Aqueles para os quais as rações mensais proporcionam uma existência básica, mas não são os únicos meios de subsistência, constituem a classe média; os *petit bourgeois* em termos de estilo de vida. Suas fontes modestas de capital são – em caso de necessidade – as ligações com as granjas, as barganhas de ocasião, as excursões dominicais para compras e a troca de tangíveis remanescentes por calorias adicionais. Fico matutando: terá Karl Marx alguma vez visualizado uma reestruturação da sociedade burguesa dessa forma?



Segunda-feira, 14 de janeiro de 1946

Independência ou fusão? Essa questão vem sendo debatida com crescente urgência em todas as reuniões distritais e locais do Partido Social-Democrata. Fusão, é claro, aconselham nossos instintos. O que mais poderiam querer os socialistas do que uma unificação fraternal de uns com os outros? Unidos, seriam imbatíveis. Unidos, agiriam pelo bem mundial. Pelo bem de Moscou? – preocupa-se o presidente do partido – ou pelo bem do proletariado universal? Pelo bem de Marx ou pelo bem de Stalin? Pelo bem da Internacional ou pelo bem da União Soviética? Um conflito perturbador para uma consciência socialista.

Por vinte anos, o socialismo foi materializado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o que

significou distanciamento da comunidade mundial, capitalismo de estado, GPU, medo, ausência de liberdade e manipulação da opinião pública. Serão esses os ideais do programa estabelecido em Erfurt?

Por nove meses, a realidade do Partido Comunista Alemão foi receber ordens de Moscou. Se cairmos nessa armadilha, não só estaremos perdidos como também Berlim e a Alemanha Oriental.



Terça-feira, 29 de janeiro de 1946

“E assim nós juramos para ti, povo alemão, que nosso trabalho e nosso conhecimento só servirão à tua felicidade e ao bem-estar da humanidade,” promete solenemente o representante estudantil.

Reabertura da Universidade de Berlim. Um ato cerimonial no teatro Admiralspalast. Na companhia de Frank, sento-me no apinhado nível orquestra, o “parquet.” Os sons doces e melodiosos do quarteto do “Rigoletto” enchem o ar. Olho de esguelha para as fisionomias à minha volta. Nunca antes vi tantas faces inteligentes num só lugar. A elite de Berlim está aqui. Profissionais do direito e da medicina, teólogos e cientistas, acadêmicos e figuras proeminentes do governo da cidade. Oh, séculos, oh, ciências, que felicidade estar viva, penso eu, e meu coração transborda de alegria. Se prosseguirmos daqui construindo novas pontes...

“... só servirão à tua felicidade e ao bem-estar da humanidade...” Essa determinação e essa promessa parecem escritas na testa de todas as pessoas. Nada está perdido. Nada se pode perder se essa promessa for cumprida.



Quarta-feira, 6 de fevereiro de 1946

Foi oferecida a Frank uma cátedra na universidade. Mas, por enquanto, seu “serviço para o bem-estar do povo e da humanidade” consiste principalmente em tentar conseguir um novo telhado para seu hospital, limpar os destroços do laboratório e correr atrás de leitos para os pacientes e vidro para as janelas. O hospital foi atingido setenta e cinco vezes por tiros de canhão. E antes que se possa pensar em devotar a vida à pesquisa, pelo menos deve-se ter uma sala em que a poeira, a chuva ou a neve não caiam sobre todos os tubos de testes. As autoridades russas ajudam no que podem. Do nascer ao pôr do sol, o complexo do Hospital Charité é uma atividade só, um formigueiro. Operários da construção, artesãos, arquitetos, caminhões. Tudo na ardente tentativa de um novo início de vida cultural.

“Cultura!” – dizem nossos vencedores do Leste. “Respeitamos a cultura! Nada é mais importante para nós do que generosamente apoiá-la.”

Duzentos metros adiante fica o prédio que abriga a GPU, onde Makar Ivanov desapareceu cinco meses atrás. Onde “desceram o porrete nele,” onde o atormentaram e torturaram.

Onde está a verdade? De que perspectiva podem esses opostos parecer unidos?



Sexta-feira, 22 de fevereiro de 1946

Há uma perspectiva correta. E quando se a encontra, muitas contradições podem ser entendidas.

“Novos fundamentos para a política populacional soviética,” anunciam os noticiários. “Dois bilhões de rublos para as mães soviéticas. Santidade do matrimônio. Impostos especiais para os solteiros. Maneiras drásticas de tornar o divórcio difícil de obter. A lei proibindo o aborto está novamente em vigor.”

Lemos, relemos, e não podemos acreditar. “Mulheres com dez filhos ou mais recebem uma medalha e o título de ‘Heroína da União Soviética.’ A medalha ‘Glória da Maternidade’ será concedida às que derem à luz cinco ou seis filhos.”

Tudo isso numa nação que introduziu o casamento apenas perante um magistrado civil, que apoiou o amor livre e repeliu a lei do aborto. Estarão os russos mudando seus ideais como camisas que precisam ser lavadas? Não. O fato é que qualquer ideal, não importa do que se trate, está subordinado a um ideal superior. O ideal dos ideais, por assim dizer, que especifica: bom é aquilo que serve aos interesses do estado. Se hoje o interesse estatal é manter baixa a densidade populacional, permite-se a lei do aborto. Caso, amanhã, o interesse seja aumentá-la, a lei proibindo o aborto entra de novo em vigor. É quase como imagens chinesas. Não é com o ponto de vista que a perspectiva se relaciona, e sim com o ponto principal da imagem. O ponto principal da imagem soviética é o estado. Tudo é visto dessa perspectiva. Seria bom que soubéssemos como a questão da unificação será encarada dessa perspectiva!



Terça-feira, 26 de fevereiro de 1946

A situação parece ruim, assustadoramente ruim, a julgar pelos boatos que circulam por Berlim. Uma frente unida, dizem os comunistas... Ditadura em todo o território até o Elba. Se os social-democratas não se unificarem de livre e espontânea vontade, serão simplesmente obrigados a fazê-lo.

“Vamos ver se vai ser assim,” afirmam, enraivecidos, os camaradas. “Os tempos em que nos vimos obrigados a acatar decisões sem protestar já se foram.”

Herr Grotewohl, presidente do Partido Social-Democrata, parece ter opinião diferente de seus colegas de partido. Espalha-se o rumor de que ele já concordou com a fusão. E o fez em nome do comitê executivo do Partido Social-Democrata de Berlim. Sem perguntar a ninguém, sem autorização, sem qualquer votação. Depois de amanhã, às nove da manhã, dizem que num discurso no Admiralspalast, ele pretende informar os membros do partido sobre sua decisão.



Quarta-feira, 27 de fevereiro de 1946

O que está, de fato, acontecendo? Colhidos pelo redemoinho dos eventos, é difícil ver as coisas no contexto correto.

“Não mais conflitos internos,” proclamaram os social-democratas depois da guerra e propuseram aos comunistas a formação de um partido comum. Os comunistas hesitaram e exigiram que as diferenças ideológicas fossem antes esclarecidas. Temeriam não ter poder de influência suficiente? Portanto, em vez de um partido, dois estão formados, dos quais um, desde o dia em que foi fundado, desfruta de apoio especial de uma das potências de ocupação. Não é a mais popular das potências de ocupação aquela favorável a tal partido. Nem sempre nos demos bem com seus métodos.

Em dezembro, subitamente e por iniciativa deles, foi promulgada a unificação dos partidos de esquerda na zona oriental de ocupação. Um partido, uma vontade, uma autoridade governamental. Agora, para os

comunistas, que até poucos meses atrás estavam tão preocupados com “esclarecimentos ideológicos,” a unificação precisa ser imediata.

“Antes que juntemos forças, a parcialidade da potência de ocupação em relação ao vosso partido tem de acabar, e os dois partidos precisam concordar sobre a unificação mediante resolução tomada numa convenção nacional,” declara Otto Grotewohl, do Partido Social-Democrata em Berlim.

“Isso não é necessário,” rebatem os comunistas. “Também podemos nos unir nas províncias, distritos ou estados.”

“Talvez seja possível forçar as coisas. Mas não queremos ser obrigados a fazê-lo,” replica Grotewohl. “Não somos contra a colaboração, porém não concordamos com métodos abertamente apressados e não democráticos para conseguí-la. Como pode existir uma classe trabalhadora alemã unida se tal união é criada separadamente em uma zona?”

A sede do Partido Social-Democrata está situado no setor russo. Em 21 de dezembro, seus membros se reuniram em Berlim para debater a unificação, para analisar cuidadosamente prós e contras. Eles esperaram por Grotewohl. Esperaram muitas horas. Por fim, lhes disseram que Grotewohl fora convocado para uma reunião em Karlshorst. Tal reunião durou até as primeiras horas da madrugada. Grotewohl entrou no encontro como Paulo e saiu como Saul – um apóstolo fanático da fusão imediata. Os membros do partido ficaram pasmos e ameaçaram resistir. Todo o Partido Social-Democrata virou um vespeiro. O modo com que seu presidente Otto Grotewohl vem falando, escrevendo e agindo desde 22 de dezembro nada mais tem a ver com os princípios social-democráticos. Tampouco com justiça e liberdade.

“Devemos, pela segunda vez, ficar subordinados à ditadura só porque abominamos conflitos entre irmãos socialistas?” – perguntam os camaradas sombriamente a si mesmos.



Quinta-feira, 28 de fevereiro de 1946

“Não importa como se olhe, permanece sempre um problema,” dizem todos com quem comentamos a situação. “Caso digam não, os russos se voltarão contra vocês. E não é bom tê-los como inimigos.”

Sabemos disso. Desde o colapso do nazismo temos nos esforçado pela comunicação. Por um equilíbrio de interesses entre o Leste e o Oeste. Podemos nos dar ao luxo de sermos hostis a qualquer das potências de ocupação? Não somos nós, em vez disso, compelidos por uma paz que seja agradável a nossos vizinhos? Sejam do Leste, sejam do Oeste, do Sul ou do Norte. Agradar a todos se torna cada vez mais difícil.



Sexta-feira, 1º de março de 1946

A convenção do partido no Admiralspalast começa às nove da manhã. Bem antes disso, todos os assentos estão ocupados. O auditório está superlotado. Com indisfarçável tensão, os mil e quinhentos membros esperam pelo que o presidente do partido tem a dizer.

Em 11 de fevereiro, após encontros com representantes partidários da zona russa de ocupação, Herr Grotewohl, durante uma reunião do Sindicato do Trabalho Livre, na zona soviética, endossou, em nome do comitê executivo do Partido Social-Democrata de Berlim, a unificação dos partidos dos trabalhadores na zona de ocupação russa. Na mesma conferência, a decisão foi anunciada.

“Você não nos perguntou coisa alguma,” protestaram os filiados de Berlim. “Só consultou os que não

tinham condições de dizer não: só aqueles que, por ordem de sua potência de ocupação, expõem do partido os que não concordam. Mas queremos dizer não. Viemos aqui para defender esse direito para toda a Alemanha.” A atmosfera no auditório é explosiva. A cada minuto que passa o estado de espírito geral vai ficando mais irritado. Mesmo antes de o orador aparecer, dúzias de tópicos para discussão são registradas na agenda do comitê executivo. Por fim, Herr Otto Grotewohl assume a tribuna.

“Lacaio!” Começa o insulto. “Volte para Karlshorst, Otto!”

Herr Grotewohl aguenta firme. “Separatismo nocivo... Reacionários esperando pela ocasião... Atividade do Vaticano... O retorno do nazismo é iminente.” Ele invoca as consequências de uma rejeição à unificação.

“Não queremos nenhuma fusão forçada,” revida a plateia com hostilidade. Apupos irados e bater de pés. “Não nos deixaremos ser estuprados!” Os protestos se intensificam. Tornam-se cada vez mais coléricos e apaixonados. As palavras do orador os inundam como uma correnteza de primavera. “Traidor... fraude... renuncie... pare...” Um poucas expressões de consentimento se perdem na baderna generalizada. “Votação! Exigimos votação de greve!” – podia ser ouvido cada vez mais claramente no tumulto todo.

Mãos são levantadas. Por maioria esmagadora é aprovada uma resolução de votação pela greve. Alguém começa a cantar: “Avante, irmãos, pela luz e pela liberdade...” Seus lábios formam automaticamente as palavras. E também automaticamente os camaradas se unem ao canto. As fisionomias luzem de júbilo e excitação. “Dessa vez não nos empurraram goela abaixo. Pela primeira vez em treze anos defendemos nossa liberdade.”



Domingo, 3 de março de 1946

No *Das Volk*, o jornal dos social-democratas, procura-se em vão por alguma coisa publicada referente àquela defesa. Nem uma palavra menciona a votação de greve na conferência dos membros do partido. O comportamento do comitê executivo partidário no setor russo está cada vez mais estranho. Em vez disso, Wilhelm Pieck, presidente do Partido Comunista da Alemanha, convoca uma reunião para tomar contramedidas e anuncia à plateia que a unificação será uma ordem. De quem? Parece-nos o caso de perguntar.



Segunda-feira, 4 de março de 1946

A batalha começou. Ninguém sabe como acabará.



Terça-feira, 5 de março de 1946

Frank foi chamado pelo diretor do hospital e severamente repreendido por ter, dizem eles, feito observações anticomunistas. O hospital fica no setor russo. A tentação é grande para que nos juntemos ao coro dos tolos que indagam: “É a isso que eles chamam democracia?”



Quinta-feira, 7 de março de 1946

Diz-se que a potência de ocupação não dará consentimento para uma votação pela greve. Também no conselho da cidade há oposição à votação. Herr Pieck e Herr Grotewohl posam juntos para fotografias.



Sábado, 9 de março de 1946

“Ajudem-nos!” – imploramos aos nossos amigos americanos e ingleses. “Façam o possível para que possamos votar.”

Eles dão de ombros. “Esse é um problema interno alemão,” dizem evasivamente. “Nossos aliados russos...”



Segunda-feira, 11 de março de 1946

O *Tägliche Rundschau*, porta-voz dos aliados russos, parece menos convencido de que se trata de um “problema estritamente interno alemão.” A cada dia fica mais elevado e cortante seu tom contra os “opponentes da unidade.”



Terça-feira, 12 de março de 1946

“Ajudem-nos...ajudem-nos,” imploramos a nossos amigos franceses. Por que vocês não entendem que esse assunto é tanto de nosso interesse quanto do de vocês? Se o Partido Social-Democrata em Berlim for engolido pelo Partido Comunista, será o fim da democracia em Berlim, o fim da democracia na Alemanha e – mais cedo ou mais tarde – o fim da democracia na Europa.



Quinta-feira, 14 de março de 1946

O presidente do nosso partido faz de tudo para tornar desnecessária a votação. Planeja se encontrar individualmente com cada opositor da fusão para tentar convencê-los com mais eficiência. Em cento e setenta e cinco comícios planejados, habilidosos oradores devem refutar quaisquer objeções à unificação. Uma reunião de delegados de conselhos de trabalhadores está agendada para amanhã, na qual uma espontânea convocação pela fusão será destacada por manifestantes que chegarem ao recinto do encontro. Cartões de identificação especialmente preparados estão sendo enviados apenas para aqueles membros sabidamente favoráveis à fusão.

O racha entre as facções se torna cada vez mais passional, e a rivalidade, mais e mais pessoal. Indivíduos

que há apenas um ano ajudaram-se mutuamente contra o terror da Gestapo e arriscaram sua vida uns pelos outros, agora se vilificam como inimigos mortais. Pró ou contra a fusão. Canalhas ou homens honrados. Nosso velho amigo Dr Flamm também tem opinião contrária. Ele se tornou editor-chefe de um jornal do Leste. Os aliados de ontem estão se transformando em adversários políticos de hoje.



Segunda-feira, 18 de março de 1946

Herr Grotewohl inunda a cidade com propaganda. Panfletos, folhetos, suplementos e encartes para jornais e revistas. Não mede despesas. Com nosso dinheiro, em nosso nome e sem qualquer consideração pela nossa opinião. Ajudem-nos... ajudem-nos, imploramos a todas as agências aliadas às quais temos acesso.



Terça-feira, 19 de março de 1946

O conselho da cidade ameaça todos os oponentes da fusão com perda do emprego e coisas piores. Sem dúvida, os que apoiarem um Partido Social-Democrata independente não se darão bem no futuro quer na zona alemã ocupada oriental, quer na Berlim governada pelos comunistas.

“Formar de novo uma oposição?” – perguntam-se os trabalhadores. “Uma vez mais arriscar nossos empregos, a liberdade, talvez mesmo a vida, por um período imprevisível de tempo?”

É uma decisão difícil. Duplamente difícil para os que, por treze anos em campos de concentração ou na clandestinidade, esperaram impacientemente pela hora da libertação.

“Ajudem-nos... ajudem-nos,” imploramos a nossos aliados ocidentais. “Não deixem acontecer que os melhores de nós sejam destruídos por esse conflito.”



Quarta-feira, 20 de março de 1946

Os delegados dos distritos se reúnem. Por unanimidade, decidem contra a fusão. Tudo o que precisamos agora é da permissão dos aliados para a votação com indicativo de greve.



Sábado, 23 de março de 1946

O chefe do distrito de Tempelhof e o de Kreuzberg, bem como o líder da juventude em Charlottenburg, foram expulsos do partido pelo comitê executivo. “Por terem agido em detrimento do partido mediante a formação de facções e por terem distribuído panfletos que objetivavam a destruição do partido,” disse a sede na Behrensstrasse. Membros são atacados com virulência. Cinco outros chefes de distritos aguardam expulsão. Quinze funcionários opositores da fusão foram demitidos sem aviso prévio.



Domingo, 24 de março de 1946

A votação de greve ainda não foi autorizada. Se os aliados não derem a permissão, a culpa será deles se Berlim não puder ser mantida... De qualquer maneira, os líderes dos partidos social-democrata e comunista já fizeram saber que não se sujeitarão a uma decisão por voto de greve. No setor oriental, já estão preparando escritórios para o Partido da Unidade Socialista.



Quarta-feira, 27 de março de 1946

Ontem, numa reunião dos membros de Berlim dos partidos comunista e social-democrata favoráveis à fusão, ficou decidido requisitar de todos os chefes de distritos dos dois partidos o preparo das medidas imediatas necessárias à unificação. Uma votação com indicativo de greve foi considerada desnecessária.

Ontem, numa reunião de chefes de distritos do Partido Social-Democrata de Berlim, ficou resolvido prosseguir decisivamente para a votação pela greve em 31 de março, desde que obtida a permissão dos aliados ocidentais. Como o jornal do partido não permite que opositores da fusão exponham suas opiniões, o *Tagesspiegel* e o recém-fundado *Telegraph* ofereceram ajuda.



Sábado, 30 de março de 1946

Amanhã terá lugar a votação da greve. O presidente de nosso partido bloqueia como pode os preparativos. A confusão total impera em todos os distritos de Berlim. Num deles, desapareceram as listas de filiados, noutro, as cédulas de votação. Ali, falta a lista de candidatos, acolá, os votantes credenciados não foram notificados. Em nosso distrito, faltam urna para a votação, pôsteres e panfletos. Também não temos cabine de votação, lápis e envelopes. Até tarde da noite nos envolvemos com a construção de uma cabine e pegamos no nosso escasso estoque de tecidos uma cortina para ela. O jornal do partido não julgou importante publicar o endereço dos locais de votação. Milhares de eleitores credenciados não sabem onde devem exercer seu direito de voto. Se não acham um dos jornais que “patrocinam” o voto, não votarão.

Os camaradas antiunião trabalham como nunca: listas de votação, avisos, anúncios e panfletos. Fazem tudo com os meios que têm e por iniciativa própria. Para alguns, tais meios são bastante parcos. O fato de eles estarem sendo descobertos e distribuídos de maneira tão casual é verdadeiramente admirável.

Os aliados prometeram apoio a uma eleição apropriada. Só as autoridades soviéticas deram permissão para uma votação com indicativo de greve em seus distritos condicionada a um esclarecimento de questões tão complicadas que ninguém terá capacidade de respondê-las satisfatoriamente até amanhã. Oito dos vinte distritos de Berlim estão sob controle soviético. Preocupamo-nos com os resultados da votação nesses distritos. Se os aliados ocidentais forem tão habilidosos e inteligentes como gostaríamos que fossem, negociariam o mesmo tipo de controle sobre os procedimentos de votação em seus distritos que os soviéticos exigem nos deles. Se eles tiverem a mesma experiência com ditaduras que nós temos, por certo o farão. Porém, que pena... É muito ruim que as circunstâncias nos forcem a considerar “desafortunada” a feliz inexperiência deles.



Segunda-feira, 1º de abril de 1946

A decisão foi tomada. Com 82,5% dos votantes de Berlim, os social-democratas se manifestaram contra a fusão. Os comunistas consideraram o resultado da votação “uma avassaladora vitória para a frente unida.” Que tipo de ginástica mental permitiu que eles chegassem a tal conclusão permanecerá um mistério até para um gênio matemático.

Nosso presidente do partido resistiu até o fim. Mas não adiantou. A despeito da violência, das ameaças e da propaganda, triunfou o desejo pela autodeterminação, mesmo que apenas em doze dos vinte distritos. A permissão para a votação não foi concedida no setor russo. “Devido a dificuldades técnicas,” explicaram eles. A essas mesmas “dificuldades técnicas” deve ser atribuído o fato de que, em alguns dos locais de votação de nossa zona de ocupação, chegaram sentinelas russas no início da tarde; que muitos dos locais já estavam fechados às nove da manhã e os restantes fecharam mais tarde na mesma manhã; e que todo o material de votação tenha sido confiscado ou destruído.

Depois de encontrarem seu local de votação fechado e guardado, 539 eleitores do distrito de Prenzlauer Berg decidiram votar noutro local. Fizeram meia-volta, caminharam até Wedding e votaram sob proteção francesa. A alegria é enorme entre nossos camaradas. Quase tão grande quanto a decepção do presidente do partido. No próximo domingo, os representantes dos doze distritos eleitorais do Ocidente decidirão sobre uma secessão definitiva.



Quarta-feira, 3 de abril de 1945

Anteontem, foi restabelecido o serviço de correios para países estrangeiros. O tempo é curto para escrevermos cartas. Estamos atarefados tentando evitar que nossa vitória seja transformada em derrota. Toda a imprensa de esquerda nos condena acidamente. A maioria do conselho da cidade nos boicota repetida e iradamente. Os bens financeiros do partido se encontram no quartel-general situado no setor Oriental. Propaganda custa dinheiro. Como poderemos, apenas com nossas mãos, barrar uma onda de tanques rolando do Leste para o Oeste, achatando tudo o que encontra à sua frente? De que vale estarmos religados ao mundo pelos correios, se esse mesmo mundo nos abandona? “Nossos aliados...,” justificam-se os amigos ingleses. E, pela primeira vez, um tom de resignação pode ser detectado em sua voz.



Segunda-feira, 8 de abril de 1946

Convenção partidária dos distritos ocidentais da cidade. Ontem, na Escola Zinnowald, em Zehlendorf, o Partido Social-Democrata foi reformulado e dissociou-se de seu antigo presidente.

“Os secessionistas de Zehlendorf,” zombam os adversários. Comportam-se como se o resultado da eleição não tivesse sido de 82,5%.

“Não vai adiantar coisa alguma,” dizem nossos conhecidos comunistas. “No 1º de Maio a unidade será estabelecida. Então uma frente antifascista unida engolirá os democrata-cristãos. Os poucos votos dos liberais-democratas serão descartados e, no prazo de seis meses, exigiremos uma fusão.”

Então é isso que eles pretendem. Pela primeira vez, deixam escapar o segredo, e sua aparência é alarmantemente soviética. Será que estamos lutando uma batalha perdida?



Sábado, 20 de abril de 1946

Por enquanto, a impressão é de que teremos de nos defender com nossas próprias forças. Adão e Eva, após sua expulsão do Paraíso, não poderiam estar mais nus do que estamos agora. Todos os bens do Partido Social-Democrata: dinheiro, salas, material de escritório, documentos, todas as cadeiras, todas as mesas, permaneceram com o antigo comitê executivo. Com uma mesa doada, uma máquina de escrever emprestada e algumas resmas de papel colhidas com muito custo, os “secessionistas de Zehlendorf” se desdobram novamente para sua luta pela democracia. “Não vai adiantar coisa alguma,” ressoa em nossos ouvidos. Não é fácil dar início a uma campanha de contrapropaganda quando a disponibilidade de papel para imprimi-la depende dos vitoriosos, quando a expedição de uma licença para um órgão do partido está sujeita ao preenchimento de incontáveis formulários, e quando somos insistentemente lembrados de que ainda nem somos registrados como um partido separado. Será que a luta pela democracia fracassará devido à burocracia dos democratas? A ameaça do “1º de Maio” continua sobre nossa cabeça como a espada de Dâmocles. Oito toneladas de papel para pôsteres e panfletos foram postas à disposição do comitê pró-uniidade pelas autoridades soviéticas de ocupação. Oito toneladas representam três milhões de panfletos. Três milhões de panfletos *versus* um punhado de “desprovidos” que precisam implorar para conseguir um pedaço de papel. Os partidos burgueses nos observam sem levantar um dedo sequer.

“Não é da nossa conta,” dizem os democratas-cristãos. Só os liberais-democratas vêm em nossa ajuda com um slogan: “Ditadura nunca mais! Democratas, ainda há tempo para agir!” – dizem os cartazes na esquina das ruas, e assim eles nos auxiliam a expressar, aberta e francamente, nossa opinião.



Quarta-feira, 1º de maio de 1946

É uma guerra desigual! Não obstante, as batalhas vão sendo travadas e vencidas. A comemoração do 1º de Maio do Partido da Unidade Socialista, que foi fundado no setor russo da cidade e na zona de ocupação soviética, ocorreu no Domingo de Páscoa. Uma grande parada. Os social-democratas não participaram.

Ninguém “engoliu” os democratas-cristãos, os liberais-democratas não foram descartados e não houve exigência de união com o Leste. Foi o triunfo do espírito sobre o poder. O Partido Social-Democrático segue sendo uma organização partidária em Berlim. Se será permitido que o seja também no setor leste da cidade e na zona oriental de ocupação permanece uma incógnita.

Até o momento, as autoridades soviéticas de ocupação não parecem estar acomodadas. Nem em relação aos “secessionistas,” tampouco quanto à população de Berlim. Nos últimos dias, as ferrovias que servem a cidade vêm atravessando situação caótica. A frota de vagões ferroviários, miseravelmente encolhida depois da guerra, foi ainda mais desfalcada em trinta vagões como partes do pagamento de reparações à Rússia. Raciocinando-se com justiça, não se pode realmente condenar os soviéticos por pegarem de volta aquilo que tiramos deles. Salvo que eles não poderiam ter escolhido pior momento para fazê-lo. Os intermináveis intervalos de tempos entre passagens de composições, as plataformas apinhadas e o horrendo aspecto dos vagões que foram colocados às pressas em operação, nos quais faltam janelas e assentos, tornam a carência

ainda mais visível. “Eles fazem que viajemos como gado, empacotam-nos como se fôssemos carga,” queixam-se os habitantes de Berlim e não mostram qualquer inclinação pela ideia de unidade.



Terça-feira, 14 de maio de 1946

Dagmar perdeu a vontade de viver em Berlim. Ela não é a primeira que vai a pé para o Oeste. Usando uma boina, botas de neve e um conjunto de moletom, posta-se diante de mim para se despedir. “Aqui, não chegarei a lugar algum,” diz ela e, resignadamente, levanta do chão sua mochila de uns trinta quilos.

Dagmar Meyerowitz. Só agora me dou conta de como quase nos esquecemos totalmente dela durante os últimos meses. *A pequena Dagmar*, penso, sentindo-me envergonhada, e, de repente, desejo compensar a falta. Pelo esquecimento e a partida, pela falta de amizade e por seu desapontamento com Berlim. Mas não consigo reparar os erros. Quanto mais tento, mais me conscientizo de que ocorreu uma mudança não só na nossa relação como também na ligação com os outros. Será que demos a devida atenção à relação? Ou ela não ocorreu devido ao nosso compartilhado ódio pelos nazis, à troca de notícias por difusões radiofônicas pela estação inglesa, ao medo pelas bombas e ao perigo diário, para não dizer de toda a hora, de perdermos a vida? Amizades que objetivam determinado propósito também podem ser boas. O problema é que, alcançado tal objetivo, elas não duram, necessariamente, pelo restante da vida dos envolvidos. O ímã que mantinha unidos os antinazis perdeu a força. *Perdoe-me, Dagmar*, penso em dizer, mas não digo. Não faz sentido expressar sentimentos agora. “Até mais ver,” acabo dizendo em vez do pedido de perdão. “Escreva se precisar de alguma coisa.”

Ela concorda balançando a cabeça. “Você também.” E então, de súbito, como se assaltadas pelas lembranças, nos abraçamos e nos beijamos três vezes nas bochechas. Como Andrik costumava fazer. “Não se perca,” sussurramos uma para a outra, nossa despedida nos tempos dos nazis.



Sábado, 25 de maio de 1946

Fabian também não mais enrola cigarros em nossa casa. Ele escreve livros e peças teatrais; num dia, acredita no Oeste, no outro, exalta o Leste. Ele sempre foi um nômade. Somente o “ímã antinazi” – e temporariamente – o forçou a se estabelecer num lugar. Ocasionalmente, nos encontramos; então sorrimos um para o outro e perguntamos: “Você se lembra?” ou “Você ainda pensa sobre aquilo?”

Com frequência, pensamos naquilo. O boi branco, os tempos passados no porão, a geleia de framboesa no cemitério. A impressão é a de um conto de fadas. Tudo parece tão distante, incomensuravelmente distante.



Quarta-feira, 29 de maio de 1946

Conseguimos. Na sessão de ontem do Conselho Aliado de Controle, foram reconhecidos o Partido Social-Democrata e o Partido da Unidade Socialista como partidos independentes em todos os quatro setores de Berlim. Por conseguinte, nossa luta não foi em vão. Na realidade, ela começa a ganhar mais e

mais apoio dos vitoriosos do Ocidente. Não oficialmente, porém, sem dúvida, de maneira bem evidente. Como se, afinal de contas, eles passassem a apreciar o fato de que existem pessoas entre nós que não dizem sim incondicionalmente para qualquer situação determinada. Mesmo que o “sim” seja para concordar com os desejos de um dos aliados.

O Partido da União Socialista anuncia sua plataforma com proclamações triunfais. “Nosso slogan é: não o sistema de um só partido, mas a consolidação da frente democrática unificada antifascista. No entorno desse partido, que representa milhões, não haverá, a longo prazo, lugar para quaisquer grupos dissidentes,” escreve o *Das Neue Deutschland*, o jornal oficial do Partido da Unidade Socialista. Como isso deve ser entendido? “Não é o sistema de partido único,” mas, por outro lado, inexistente lugar para outros partidos. Não é uma contradição?

Não obstante, conseguimos nosso objetivo, e o que temos de fazer agora é interromper a rixa fraternal e demonstrar nossa vontade de cooperar como irmãos. Com todos os partidos, inclusive com o Partido da Unidade Socialista.



Quinta-feira, 13 de junho de 1946

Os problemas estão fermentando. A vontade de cooperar como irmãos deixa muito a desejar. E não pouco entre as potências de ocupação. O tom das comunicações entre os membros do Conselho de Controle tem sido ameaçadoramente nervoso durante as últimas semanas. E a irritação recíproca reflete-se na população. Não sabemos o que eles têm em mente em Moscou, em Londres e em Washington. E quanto menos sabemos, mais prolíficos se tornam os boatos, e mais nos sentimos inclinados a reduzi-los a um denominador comum.

Os russos não reconhecem o Partido Social-Democrata em seu setor. Não o querem lá. Se as coisas continuarem a se desenvolver nessa direção... “Rendição de Berlim... separação da zona oriental... uma terceira guerra mundial.” Nossa imaginação galga pelas terríveis possibilidades.



Segunda-feira, 17 de junho de 1946

“Você acredita que haverá guerra? Crê que as zonas de ocupação serão separadas?” – pergunto ao amigo inglês de Andrik enquanto estou sentada em sua companhia, bebericando coquetéis, no terraço da villa que lhe serve como residência oficial.

Ele sorri. “Não acredito em nada disso. Por que você pensa assim?”

“Porque todo mundo raciocina dessa forma.”

“Todo mundo?” – indaga ele, incrédulo.

“Quase todo mundo,” corrijo-me.

Ele olha para mim com ar pensativo. “Não agora. Talvez em dez anos. Mas se haverá guerra ou não daqui a dez anos, saberemos dentro de dois.”

Como então, ele percebe a catástrofe oito anos adiante... Que perspectiva terrível! “Mas não se pode fazer nada a respeito?” – imploro a ele.

“Podemos parar de falar sobre isso e, outra coisa... acender velas. Cada pequena luz ajudará o mundo a ficar mais claro.”

“Isso é tudo?”

“É tudo,” concorda. “Só que a maioria de nós ainda não o fez.”

Acender velas, penso no meu caminho de volta para casa. Talvez isso também signifique resistir em Berlim, lutando contra o despotismo e renovando a cansativa batalha contra o terror e a coletivização. Se a pessoa olha o problema dessa perspectiva... Meu coração bate mais forte. Decido que precisamos convencer as pessoas a ficarem aqui, seja qual for o preço. Nunca antes em Berlim a atitude de cada indivíduo teve tamanha importância quanto agora. Jamais cada indivíduo teve de mediar tanto, provar tanto e assumir responsabilidade tão grande.



Sábado, 29 de junho de 1946

“Se você estiver a fim de viajar,” diz Frank, “podemos ir amanhã até Werder. O trem parte às dez para as sete.”

“O trem?” Esquecera totalmente que havia trens em Berlim. “Está bem,” respondo. “Mas e as passagens?” Frank procura alguma coisa em seus bolsos. “Esperando na fila, exatamente como se faz para tudo. Por sorte não demorou mais tempo do que aquele que gastaremos na viagem.” Ele mostra duas passagens de terceira classe. “Por que eles ainda vendem passagens de terceira classe se não há nem primeira, nem segunda, não consigo entender,” diz Frank, entregando-me as passagens.

Olho para elas como se fossem um milagre. Passagens autênticas. Precisamente como eram antes. Mal posso acreditar que ainda existam coisas exatamente como costumavam ser.



Domingo, 30 de junho de 1946

O céu está tão azulado como se poderia desejar. Equipados com provisões, ficamos prontos às cinco da manhã. Além de goles de água não se pode esperar que nos ofereçam mais nada na viagem. Nessa hora, os bondes ainda não estão rodando, de modo que partimos a pé de Steglitz até a Estação Anhalter. A impressão é de que vamos fazer uma viagem de volta ao mundo. O lugar que outrora fora bem popular entre os berlinenses para excursões dominicais parece-nos muito distante, numa distância, por assim dizer, de aventura.

A área em frente à estação está apinhada. Magotes de viajantes se penduram como podem no trem que espera. Empregando as correias de sua mochila, Frank me prende ao trem, com meus pés sobre os amortecedores da composição.

“Você está confortável nessa posição?” – preocupa-se Frank, enquanto sobe para o teto do vagão guarda-freio.

“Está tudo bem,” tranquilizo-o. Afinal de contas jamais gostei muito de alturas.

O trem parte com vinte minutos de atraso. Chegamos a Werder uma hora e meia depois. Ao longo de todo o caminho, pilhas de trilhos enferrujados nas laterais da linha férrea. “Por que eles os arrancaram?” – fico imaginando. E se houvesse alguma razão para que o fizessem, por que os deixaram ali empilhados ao longo da estrada de ferro? *Nietchevo*, dou a mim mesmo a resposta.

Na chegada a Werder, desço dos amortecedores, empinada e dura como uma cegonha. “Pedalar é mais fácil,” digo a Frank, e vendo seu rosto coberto de fuligem, acrescento “e obviamente mais limpo também.”

Ele ri. “Em troca do sacrifício, você está agora num país estrangeiro.”

Olho em volta. É mesmo. Os sinais que meus olhos observam poderiam muito bem estar na Rússia. Caracteres cirílicos. Barreiras nas estradas em russo, uniformes soviéticos e atmosfera estrangeira que evidencia outro mundo. O paraíso de cerejeiras em Berlim se parece com uma cidade provinciana na Ucrânia.

Colocamos as mochilas nas costas e começamos a caminhar. Os vastos e planos campos do interior cintilam no esplendor do dia de verão. Pastos e pradarias estão em pleno florescer. Será que as rosas selvagens já exalaram perfume tão doce como neste ano? Esse terreno do interior, normalmente tão árido, alguma vez produziu tantos girassóis, tantas esfuziantes papoulas vermelhas, e exibiu tamanha e exuberante vontade de viver? A natureza parece ter se esmerado para compensar o que o homem destruiu. Bromélias reluzentes adornam as margens das estradas. As cerejeiras vergam sob o peso de seus frutos. Frank aperta carinhosamente meu braço. Estamos vivos e podemos sentir isso a cada passo que damos. E tudo no nosso entorno, acima de nós e abaixo de nós, está também vibrantemente vivo. Entramos num pequeno bosque. Apenas um diminuto conjunto de pinheiros. Porém, aos nossos olhos, aqueles pinheiros são especiais. Seus galhos se assemelham a penas delicadas. Continuamos caminhando intoxicados por toda aquela beleza.

“Ouviu isso?” – diz Frank, aguçando a audição. Da margem oposta do Havel o vento traz sons na nossa direção. “Volga, Volga...,” sons de um alto-falante. “Volga, Volga...,” as ondas do Havel parecem murmurar.

Um soldado russo passa por nós pedalando sua bicicleta. Sua face redonda brilha como se estivesse recoberta por óleo. “*Otchen sharko...* muito quente,” grita para nós com um sorriso amistoso. Poucos metros adiante, ele desce da bicicleta, tira a camisa, calças e sapatos e mergulha de cabeça no rio. “*Otchen sharko*” – essa imagem também faz parte do cenário.

Um cemitério soviético se estende ao longo da estrada. Vermelha é a cerca que o envolve. O vermelho reluz nas estrelas de cinco pontas no cimo das pirâmides de madeira que assinalam as sepulturas.

“Volga, Volga...,” continuo cantarolando baixinho. O sol já está agora no oeste. Lentamente, nos aproximamos do local de onde voltaremos para casa. Ele se parece demais com aquele ao qual chegamos. Enormes faixas com inscrições em russo. Barricadas vermelhas. Pôsteres vermelhos que, com letras enormes, claramente visíveis a distância, informam às pessoas que o racismo é desconhecido na União Soviética. Retratos gigantescos de meritórios heróis soviéticos estão dispostos em semicírculo na praça do mercado. Frank observa atentamente um deles. “O artista parece gostar muito de cores vivas,” afirma ele. “Porém, infelizmente, não aprecia muito a perspectiva.”

Abaixo do retrato do marechal Zhukov adornado de medalhas, três crianças jogam bolas de gude. “Volga, Volga...,” vem-me à lembrança de novo. Como tudo parece bem diferente do ano passado... Na esteira da vitória veio a posse. Na esteira do estupro veio a fusão. Olho para um cartaz recém-pintado acima da entrada de um prédio e leio: “Seção Distrital do Partido da Unidade Socialista.”

Depois de esperar duas horas na estação superlotada, subimos novamente no lento trem que transita entre Werder e Berlim. Dessa vez, viajamos de pé nos degraus externos do vagão. A passo de cágado, a composição se movimenta pelo interior. Começa com um solavanco, para, parte de novo, e resfolega lentamente por curta extensão. Quando por fim atingimos a Estação Anhalter, o último metrô já partiu há muito tempo. O atraso na viagem de trem foi de três horas e meia. A jornada durou três vezes mais que o previsto. “Volga, Volga...,” suspiramos, enquanto caminhamos para casa com os pés doloridos. Nem sempre os padrões russos se coadunam com as condições alemãs.



Terça-feira, 16 de julho de 1946

Persiste o tom nervoso nos debates do Conselho de Controle. Os socialistas continuam tornando um inferno a vida entre eles mesmos. Seguindo o lema “Primeiro você para com sua agressividade a fim de que eu possa parar com a minha,” todo mundo acaba sendo agressivo com todo mundo. Fica-se imaginando para onde isso tudo irá caminhar.

Os amigos nos trouxeram notícias de Kurt Eckhardt, o insurgente e sabotador dos nazis. Ele também sobreviveu e agora, supostamente, trabalha no Ocidente. Estranho como nossa facção está tomando rumos diferentes.



Sábado, 3 de agosto de 1946

“Caso Berlim seja entregue... no caso de separação da zona oriental... no caso de uma terceira guerra mundial.” Estamos cansados de ser permanentemente oposição. Gostaríamos de ser a “ponte,” mas tudo indica que o destino tenciona que sejamos uma cabeça de ponte.

Dentro de dois meses haverá eleições em Berlim. Em seis semanas, as eleições serão nas zonas ocupadas. Todo voto tem valor. Toda palavra pesa em dobro quando pronunciada, aqui e ali, em favor do entendimento. Por trás do Partido da Unidade Socialista está seu grande e poderoso patrono do Leste. Quem está por trás do Partido Social-Democrata? “Ajudem-nos,” continuamos a implorar com crescente urgência.



Quinta-feira, 29 de agosto de 1946

Por vezes, sentimo-nos como crianças tentando evitar que seu castelo de areia seja varrido pelas ondas. Quem tomará posição contra a pressão de uma potência mundial? Na zona oriental, o processo de fusão caminha com implacável crueldade. Ele cerca Berlim por todos os lados. Só um estreito corredor, uma única linha férrea, a liga ao Ocidente. Nossos vegetais, nossas frutas, nossas batatas – quase todos os nossos alimentos são obtidos nas províncias vizinhas. Num átimo, a potência de ocupação pode interromper nossa linha de suprimento. Tudo o que tem a fazer é impedir que alguns trens atravessem – bloquear uma ponte ou deixar que o único par de trilhos ferroviários se deteriore... As possibilidades são inúmeras. Em especial para uma potência de ocupação que não gosta de dizer sim. Se necessário, os aliados ocidentais abastecerão de batatas três milhões de berlinenses? De frutas, vegetais, carvão e eletricidade? Ou dirão que esse problema também é “uma questão interna alemã”? “Ajudem-nos!” Continuamos repetindo o refrão – como Catão, sempre o mesmo.



Sexta-feira, 6 de setembro de 1946

“Você ouviu o que disse Byrnes?... O secretário americano de Estado pronunciou um discurso em Stuttgart. Eles querem devolver o Leste para nós... Não vai haver guerra... Não haverá separação das

zonas...” Com a velocidade de um raio, as notícias se alastram por Berlim. “As províncias do Leste serão devolvidas para nós.”

Dez milhões de refugiados cultivam novas esperanças. De tudo o que foi dito em Stuttgart, eles só ouviram e se lembram de uma coisa: a linha Oder-Neisse não é definitiva. As províncias do Leste serão devolvidas para nós. “Para casa,” alegam-se eles. “Chegará o dia em que nos permitirão voltar para casa.”

Raramente um discurso de ministro do Exterior despertou tantas esperanças como o de Byrnes diante dos ministros das zonas ocidentais.

Fico ponderando se ele foi entendido corretamente. A vontade de ter tal desejo satisfeito já fez com que os refugiados transformassem a promessa em *fait accompli*.

“A linha Oder-Neisse,” diz, cortesmente, um porta-voz da potência russa de ocupação, “é fato consumado. Definitivamente! O que vocês querem de nós? A Alemanha tomou as províncias do Leste pela conquista. A Borgonha também outrora foi alemã. A Borgonha acaso é pior do que a Silésia? Deslocamos nossa fronteira trezentos quilômetros para o oeste. Por que vocês também não fazem o mesmo? Nós os ajudaremos. É muito simples.”

Por sorte, essa conversa não se alastrou com a velocidade de um raio entre o povo como o discurso de Byrnes... O povo, de modo geral, se mostra alegre e otimista. “Finalmente,” dizem, “as potências ocidentais estão mostrando algum entendimento. Por fim, eles começam a tratar-nos, a nós, alemães, também como seres humanos.”



Quarta-feira, 11 de setembro de 1946

É difícil pleitear tratamento humano quando a miséria, a ganância e o caos tornam secundários todos os escrúpulos. Quase todos nós fazemos coisas que não imaginávamos há alguns anos. Era inimaginável então ficar mastigando uma còdea de pão no saguão de um teatro. Inimaginável catar pontas de cigarros de outras pessoas, arrancá-las sofregamente das mãos de outrem, pegá-las com as próprias mãos em cinzeiros de ônibus e trens. Inimaginável remexer latas de lixo em busca de calorias, ou futucar os restos das cozinhas dos aliados à procura de alguma coisa para comer.

Inimaginável? Quando se está passando uma fome dilacerante, nada mais é inimaginável. Quando um fumante não tem nada para satisfazer o vício, sua dignidade vacila. “Segura aí!” – diz o soldado americano, arremessando na direção de um alemão seu cigarro fumado pela metade. Como uma galinha, o germânico corre na direção da guimba, abaixa-se e a pega. O soldado ri. Se pensasse melhor, choraria ao invés de rir.

Nas áreas em torno dos refeitórios de oficiais aliados abundam os caçadores de troféus. Pegar, é só o que pensam, e levar para casa as latas que foram jogadas fora, raspá-las, lambê-las ou jogar água no que nelas restou para engrossar a sopa. Pegar! Caso se esteja realmente faminto, isso não repugna. Nos anos após a guerra, milhares dos que “outrora viram melhores dias” deixaram de sentir aversão.



Terça-feira, 17 de setembro de 1946

No domingo, tiveram lugar as primeiras eleições locais em Brandemburgo, Mecklenburg e nas zonas ocidentais. Na zona oriental, uma maioria absoluta pelo Partido da Unidade Socialista. O terço restante dos votos foi para o Partido Democrata Cristão e para o Partido Liberal Democrata. O Partido Social

Democrata não existe na zona russa de ocupação. Não é possível votar em algo que não existe. Nem todos os eleitores democrata-cristãos e liberal-democratas na Pomerânia, Mecklenburg e Brandemburgo apoiam as plataformas dos partidos nos quais votaram. E por certo nenhum deles olhou essa primeira expressão democrática de sua vontade desde o colapso do nazismo como um ato de recompensa.

Os resultados nas zonas francesa e inglesa são diferentes. Os métodos do Partido da Unidade Socialista na zona oriental vêm sendo considerados inconvenientes pelos comunistas do Oeste. Entre os quatro maiores partidos, eles são os últimos em quase todas as regiões. Vamos esperar para ver o que vai acontecer. Em 20 de outubro haverá eleição em Berlim.



Domingo, 29 de setembro de 1946

Dentro de poucos dias deve sair o veredicto sobre os chefões nazis. Por quase um ano, a mídia publicou e difundiu muitos artigos sobre o Julgamento de Nuremberg. “É típico dos alemães que eles, logo eles, demonstrem tão pequeno interesse pela sorte de seus criminosos de guerra,” censuram ainda os aliados, esquecendo-se do fato de que o restante do mundo tem de estar, necessariamente, muito mais interessado naquele julgamento do que os alemães.

“Por que entramos na guerra? Qual o motivo pelo qual meu filho, irmão ou pai foi baleado ou ficou inválido num país estrangeiro?” – deve estar perguntando um cidadão americano, um canadense ou um fazendeiro australiano.

“A fim de mandar esses criminosos para a forca,” responde a imprensa aliada com reportagens diárias sobre o tribunal de Nuremberg, com holofotes e descrições impressionantes, com documentação, material e relatos detalhados dos procedimentos. Os relatórios do tribunal de Nuremberg precisam justificar a morte de milhões de pessoas. Daí porque são bons, daí porque são necessários. Não tanto para nós quanto para o fazendeiro em Oklahoma, que precisa chegar a alguma explicação para o fato de seu filho ter perdido uma perna.



Terça-feira, 1º de outubro de 1946

Foram sentenciados. Doze dos vinte acusados foram condenados à morte por enforcamento. Três receberam a pena de prisão perpétua. Para quatro as sentenças variaram de dez a vinte anos de prisão. Schacht, Papen e Fritsche foram absolvidos. Difusões radiofônicas, a telefonia e os cabogramas transmitiram as notícias para o mundo todo. Edições especiais, comunicados e cobertura fotográfica. Fotos dos juízes lendo as penas. Fotos dos acusados recebendo as sentenças. Uma entrevista com Fritsche. Uma entrevista com Papen. Os acusados em suas celas. Recursos por perdões. A data da execução. Textos codificados voam através do éter. Mesmo os vilarejos mais remotos do globo estão interessados no destino de criminosos de guerra alemães.

“Não falar deles é a melhor forma de execução,” diz Frank, e desliga o rádio, que, pela sétima vez, acabou de informar-nos sobre cada reação dos acusados. Jamais foram tão explorados os sentimentos de Witzleben. Pergunto-me se é uma boa ideia descrever todas essas minúcias para o fazendeiro de Okhaloma, ou se é conveniente deixar que os alemães tomem conhecimento delas.



Domingo, 6 de outubro de 1946

Mais e mais detalhes divulgados. Como suspiram, o que dizem, como rezam, como estão desesperados. O sentimentalismo da “última hora” é uma cortina de fumaça para a mente de muitos. Essa não pode ser a maneira para aprender sobre democracia. Talvez um modo de praticá-la nos países que não precisam mais de aulas sobre ela. Achamos difícil reagir a esse comércio de sensações, se é uma maliciosa reparação ou simples busca de provocar nervosismo. Não falar deles é a melhor execução. E não seria também a mais digna?

Em Berlim, setenta e cinco mil trabalhadores fazem uma curta greve de protesto contra a absolvição de Papen, Schacht e Fritsche. O que têm a dizer a respeito os ex-membros do Partido Nazi? Milhões deles ainda estão sentados à espera de sua desnazificação. Preenchem questionários, buscam certificados de bom caráter, escrevem declarações autobiográficas, explicações e justificativas. Passam necessidades com os cartões de racionamento de classe cinco, quebram pedras, limpam escombros, fazem biscates e, uma vez finalmente desnazificados, têm de esperar meses pela aprovação oficial de sua nova situação pelo Conselho de Controle. Até então, não podem assinar qualquer contrato de trabalho. Nem podem ocupar postos de destaque. “O que fizemos nós que Papen não fez?” – perguntam irritados. “Interpretamos os discursos de Goebbels pela rádio, ou foi Fritsche que o fez? Herr Fritsche foi absolvido. Frau Göring mora em sua casa de campo na Baviera e, a cada dia, posa para fotos ao lado de autoridades dos aliados, enquanto continuamos quebrando pedras. Que tipo é esse de justiça que nos força a quebrar pedras enquanto Herr Papen sai para passeios?”



Quarta-feira, 16 de outubro de 1946

Göring também escapou da punição. Três horas antes de ser enforcado, cometeu suicídio em sua cela. Hitler, Himmler, Goebbels, Göring. Nenhum deles experimentou o tipo de morte que fez milhões de pessoas sofrerem. Nenhum deles – se as coisas tivessem tomado outro rumo – teria deixado o adversário escapar. Por que as democracias permitem que seus adversários escapulam? O povo não se impressiona com o carrasco esperando debalde no patíbulo, e sim com o criminoso que lhe passa a perna. Tantos enganos poderiam ter sido evitados se os aliados permitissem que nós os aconselhássemos de vez em quando. Não despertem o sentimentalismo alemão, teríamos recomendado agora. Sobretudo não o despertem em conexão com os nazis. O desejo de assumir responsabilidade é mais importante do que o sensacionalismo. Uma vez invocados os espíritos é difícil livrar-se deles.



Quinta-feira, 17 de outubro de 1946

Hermann Göring está morto. Ribbentrop, Keitel, Rosenberg, Frank e Frick estão mortos. Como também estão Julius Streicher, Kaltenbrunner, Sauckel, Jodl e Seyss-Inquart.

“Ribbentrop foi declarado morto após quatorze minutos e quarenta e cinco segundos. A morte de Jodl durou um pouco mais,” escreve o jornal de Berlim *Der Abend*. Perigoso como as últimas palavras dos condenados constroem um ninho nos corações dos mais sensíveis. Não brinquem com o fogo, pensamos

em implorar aos repórteres de Nuremberg. Em vão. Eles não nos poupam de qualquer sentimentalismo, por pior gosto que tenham.



Sábado, 19 de outubro de 1946

Durante toda a noite, Heike, Frank e eu colamos cartazes. Tão logo terminamos uma rota, nossos adversários aparecem e colam seus cartazes por cima dos nossos. Vote pelo Partido Social-Democrata – vote pelo Partido da Unidade Socialista. No curso daquela noite, a propaganda política na artéria sul de Berlim mudou pelo menos três vezes. “Não vamos ficar muito aborrecidos com isso,” diz Heike, observando o desanimador resultado de suas últimas horas de trabalho. Os cartazes do Partido Democrata Cristão também desapareceram. “Nada consegue derrotar um apropriado suprimento de papel.”



Domingo, 20 de outubro de 1946

Febre eleitoral, calor eleitoral, frenesi eleitoral. Aproximadamente 90% dos eleitores registrados em Berlim compareceram às urnas. Oitocentos e cinquenta e um mil homens e um milhão e meio de mulheres.

“As mulheres de Berlim votaram contra seus amantes russos,” diz sarcasticamente um membro do Partido da União Socialista quando é anunciado em percentagem o resultado da eleição já com a noite bem avançada: 48,9 para o Partido Social Democrata, 21,5 para o Partido Democrata Cristão e 20,4 para o Partido da Unidade Socialista. Nosso “castelo de areia” aguentou firme. Os preparados para fazer a mesma coisa, sob as mesmas circunstâncias, que atirem a primeira pedra contra a Berlim de pós-guerra.



Terça-feira, 22 de outubro de 1946

Os social-democratas não imaginaram possível uma vitória eleitoral de tal envergadura. Provavelmente, aqui também, uma maioria votou por uma frente contra o Leste, e não na plataforma do partido.

“Agora temos de evitar duas armadilhas,” dizem os mais perspicazes entre os social-democratas. “Precisamos cessar a luta fraternal e parar de antagonizar os russos.”



Quarta-feira, 23 de outubro de 1946

Mas já conseguimos criar antagonismos com eles. Fizemos exatamente o que deveria ser evitado “pelo bem da ponte.”

Em seu primeiro ato oficial depois da vitória na eleição, os social-democratas convocam uma conferência de partidários pelo *Neue Welt*. Franz Neumann e Schumacher são os oradores. A situação não está muito encorajadora. Deportação de trabalhadores alemães para a União Soviética. Ela começou durante a noite do

dia 21 e não parou daí em diante. Na zona soviética e no setor russo de Berlim, trabalhadores qualificados, cientistas e especialistas em diversas indústrias-chave estão sendo apanhados de surpresa e deportados para destinos desconhecidos no Leste. Os democratas chamam isso de assassinato. Os ditadores descrevem o assunto como “satisfação de obrigações prévias.” Quem está obrigado com quem nesse caso não pode ser identificado nos comentários. O pânico impera nas famílias dos deportados. Franz Neumann, presidente do Partido Social Democrata, protesta. Cerra o punho contra o Partido da Unidade Socialista e apela fervorosamente para a consciência das potências responsáveis de ocupação. Ninguém tem mais coragem do que ele. No entanto, levando-se em conta a fato de os social-democratas terem chegado ao poder com um nível mínimo de apoio, tanta coragem pode gerar certa inquietude.



Quarta-feira, 30 de outubro de 1946

A deportação de trabalhadores é debatida no Conselho de Controle. “Vamos investigar a matéria,” declara o representante soviético. “Colocaremos as engrenagens em funcionamento...”

Deus misericordioso! As coisas já estão andando. Os trens transportando os especialistas já se deslocam para o Leste.

“Por que esses desonestos do *Telegraph* e seus camaradas estão nervosos?” – admira-se o *Tägliche Rundschau*. “É do conhecimento geral que, com base nos acordos, especialistas alemães já viajaram previamente para a União Soviética a fim de trabalhar lá.” É verdade. O estranho é que sua partida ocorra sob a proteção da escuridão, depois de áreas residenciais inteiras serem isoladas. Os trens estão se deslocando. E não há perguntas no Conselho de Controle que possam pará-los.



Sábado, 2 de novembro de 1946

Apagões... apagões. Assediados por tremendas dificuldades, os social-democratas assumem o poder. Eles já enfrentam problemas mais do que suficientes para encontrar pessoas adequadas a fim de ocuparem as funções que começaram a pulular em consequência de sua vitória eleitoral. Por estranho que possa parecer, nem os social-democratas nem os democrata-cristãos têm disponíveis em seus quadros as tantas figuras de realce necessárias para compor o efetivo do novo conselho da cidade. Os líderes do partido debatem soluções contingenciais. Será que disseram “não” em 21 de março para se mostrarem completamente perdidos em 1º de novembro quanto à maneira de pôr aquele “não” em ação?

São necessárias pessoas para o conselho, funcionários administrativos, prefeito, chefes de departamentos e líderes distritais. Os membros do Partido da União Socialista sorriem ironicamente. Reivindicamos saber o que fazer. Não deveríamos estar arrancando os cabelos para encontrar as indicações corretas. Nem para conseguir a aprovação das potências de ocupação para a nomeação, pensam os social-democratas que esperam, com crescente urgência, que sua ascensão ao poder seja também reconhecida pelos distritos ocupados pelos russos na cidade.



Quarta-feira, 20 de novembro de 1946

O povo em Berlim levanta as golas, sopra as mãos e põe as últimas lascas de madeira no fogão para se proteger do frio.

Na imprensa ocidental de Berlim debate-se, independentemente do clima, se houve ou não um movimento de resistência na Alemanha. Gabriele Strecker, que foi a primeira mulher alemã a viajar para os Estados Unidos em outubro, negou isso lá. O *Tagesspiegel* também diz não. E o mundo tira a consequente conclusão deste “não.”

Na Alemanha, os que lutaram contra o nazismo ainda não se organizaram como os membros da resistência na Polônia, na França, na Holanda, na Bélgica e na Noruega. Tudo que aconteceu aqui até agora foi a união das vítimas do fascismo. Uma união dos que sofreram, uma associação de cordeiros de sacrifício. Considero válido exaltar e relembrar os que sofreram. Mas por que limitar isso aos passivos?



Sexta-feira, 6 de dezembro de 1946

Com a queda da temperatura a coluna de mercúrio de nosso otimismo também caiu. Sobreviveremos a este inverno? “Os que hoje ainda estão vivos só têm a si mesmos para culpar. Bombas em quantidade suficiente já caíram,” dizem melancolicamente os berlinenses, tiritando de frio, enquanto se recolhem a seus apertados cubículos.



Segunda-feira, 16 de dezembro de 1946

Ontem à noite, a temperatura caiu para 20°C abaixo de zero. De manhã, o suprimento de água foi interrompido em nosso distrito. Recorremos aos baldes e, tristemente, lembramos dos dias que se seguiram à derrota.



Sábado, 21 de dezembro de 1946

“Você gostaria de uma árvore de Natal?” – Frank me perguntou hoje de manhã.

“Muito,” respondi, “salvo que não existe nem uma só. A menos que você seja registrado por ter muitas crianças ou ser vítima do fascismo.”

Frank sorri. “Ou tenha um serrote,” acrescenta maldosamente.

Estamos sentados em torno da mesa do café da manhã. Pão, margarina e café morno. O relógio acabou de marcar seis e meia. A luz foi cortada às seis horas. Vinte minutos depois de ter soado o alarme, e dez minutos depois de quebrarmos o gelo do balde com água a fim de derramá-la na cafeteira para ferver. Mais uma vez, sentimo-nos derrotados pela companhia de eletricidade. Que maçada! Já estamos congelando. Lá fora, -20°C (abaixo de zero); -1 na cozinha e -4 no banheiro. Duas vezes ocorreu durante a noite que o líquido da bolsa de água quente para aquecer a cama de Heike congelou. O abastecimento de água no nosso edifício foi interrompido desde a última segunda-feira. Mais de setenta dutos estouraram, queixa-se o

superintendente. E não há soldados disponíveis. Talvez se passem três meses antes que eles possam ser reparados. De fato, uma bela perspectiva! Dá vontade de começar a praguejar. No porão, restam vinte e dois briquetes de carvão, e os apagões duram de oito a dez horas por dia – no setor inglês, atualmente, só há luz durante vinte minutos por dia – não há água, não há como cozinhar e não dá para ir ao banheiro nem tomar um banho. Em pequenos pacotes, a gente de Berlim tira de casa seus dejetos humanos e, discretamente, os enterra na primeira pilha de escombros. Uma situação bem degradante.

Frank encosta o nariz na parte de cima da lâmpada de querosene – comprada no mercado negro e feita de uma máscara contra gases. “Você está com tanto frio quanto eu?”

Em vez de responder, meus dentes batem com o frio. “Se pudéssemos ao menos conseguir querosene ou uma boa vela.”

“Seis marcos cada uma,” diz Frank. “Quantas você quiser, por debaixo do pano.” Ele levanta a gola do seu casaco e enrola diversos cachecóis de lã em torno do pescoço. “E então? Quanto à árvore de Natal?” Concordo com a cabeça. “Se você puder, às três da tarde. Lá pelas seis, já escureceu.”

Depois que ele sai, enfio-me na cama. O que mais se pode fazer quando a temperatura média dentro do apartamento é de menos um grau, quando seus pés estão dormentes e as mãos azuis de frio? O cérebro, também, começa a desistir quando metido numa geladeira.

Às dez da manhã, chega Heike. Com o nariz vermelho e usando sobretudo forrado de pele e botas de borracha. “Se eu não beber um brandy logo, logo, jamais degelarei!” – diz ela com aparência miserável.

Derramo para ela as últimas gotas da garrafa de conhaque. “Tome isso com muito apreço, minha querida,” digo. “Você está bebendo ouro puro.” A setecentos marcos a garrafa, não é para qualquer um.

Acendemos, juntas, um fogo no nosso recém-adquirido fogão de ferro. Como em todas as manhãs, ele produz muita fumaça, e o pouco calor que proporciona se perde quando nós duas, tossindo, abrimos as janelas. Carregar água, cortar madeira, esperar pela chegada da eletricidade, jogar água servida nas ruínas. Até três da tarde, o tempo se escoava enquanto mergulhamos na faina diária. Então Frank, escondendo um serrote sob o casaco, e eu partimos para a missão da árvore de Natal que combinamos.

A neve nas margens do canal Teltow está na altura dos tornozelos. A superfície congelada do canal faísca à luz do sol. “Estranho,” digo, “sente-se mais frio em nosso quarto do que aqui fora.”

Frank ri. “Então experimente pôr sua cama na Grunewald.”

Após uma hora de caminhada, já não encontramos quase ninguém. Como lã de algodão, a neve encobre os jardins desertos. As ruínas parecem embrulhadas com esse algodão, assim como a ponta das vigas mestras de ferro das pontes explodidas sobre o canal. Balançando a cabeça, Frank observa o interior silencioso. “E isso ainda se chama cidade!”

“Não mais,” corrijo eu, “há cinco minutos você entrou no setor russo.”

Para muitos berlinenses, o mundo termina nos limites dos setores. O que existe além de tais limites a eles parece deserto e território descampado. Muitas pessoas dos setores ocidentais não puseram mais os pés no setor russo, muito menos na zona russa de ocupação da Alemanha, desde maio de 1945.

À distância pode-se ver a represa do Teltow. Um posto russo de controle. Verificando documentos de identificação. “Deus do céu! Esqueci meus documentos.” Quase paralisada de medo, procuro em todos os bolsos.

“Ora essa!” – exclama Frank, agastado. Rapidamente, ele me puxa para trás da cerca de madeira da estalagem próxima à represa. Pedindo desculpas, abrimos caminho através da cozinha e dos quartos dos fundos até o restaurante. Sua saída fica situada cerca de três metros além do posto de controle.

De pé no bar, procuramos aparentar o máximo possível de inocência e despreocupação. Fica-se sujeito a processo caso apanhados na rua sem documentos. Pode dar até prisão. Pelos russos? Desagradável, muito desagradável! Muitas pessoas detidas assim só voltaram para casa semanas depois, outras nem voltaram.

Bebericando um uísque de centeio, debatemos nossa difícil situação. A bebida custa cinco marcos e cinquenta pfennigs. Mas pelo menos está disponível. Essa é a vantagem da zona russa. “Grande vantagem, de fato!” – queixam-se os que moram lá. “Isso consome metade de nossa safra de batatas.”

Entretanto, esse não é nosso problema do momento. Frank sugere que ele saia para sondar a situação. Pouco mais tarde, volta. “Daqui a quinze minutos vai chegar o ônibus de Stahnsdorf. Tão logo as sentinelas fiquem ocupadas verificando os documentos, sairemos e faremos a volta pelo canto mais próximo.”

Tudo acontece conforme previmos. A sorte está do nosso lado. Sem suspeitar, as sentinelas do ponto de controle ficam de costas para nós, e atravessamos a rua com uma pressa no mínimo duvidosa.

Por trás da represa do Teltow começa a floresta. Olhamos o entorno em todas as direções. Não há muitos abetos nos arrabaldes de Berlim. “Um pinheiro servirá muito bem,” decide Frank depois de batalharmos por vinte minutos, com neve pelo joelho, à procura do tipo de árvore que buscávamos. Com rapidez, ele pega o serrote sob o casaco. Ladrões de floresta – o pensamento espeta minha consciência. *Tolice*, garanto para mim mesma, *as florestas de Brandemburgo não se ressentirão com a falta de apenas uma pequena árvore*. Um olhar rápido à direita e à esquerda – Andrik costumava chamá-los de olhada ilegal – e um belo pinheiro, cortado corretamente e na altura necessária, jaz na neve bem a nosso lado. Satisfeitos, embrulhamos nossas ferramentas.

Na estação Dreilinden, caminhamos para o compartimento reservado aos viajantes com bagagem de tamanho maior que o normal e, dentro daquele compartimento meio às escuras, descobrimos toda uma coleção de pinheiros de Natal. Envergonhados, seus donos ilegais se postam ao lado das árvores. Então não fomos os únicos que, naquela tarde, saímos equipados com um serrote. Raramente uma árvore de Natal foi tão preciosa.



Domingo, 22 de dezembro de 1946

“Seria bom se soubéssemos o que pendurar nela,” brinca Heike enquanto aprecia nosso troféu de ontem. O que pendurar nela e o que colocar em volta de sua base. É claro que existem lojas. Só que não dá vontade de comprar o que elas vendem. E o que se quer comprar não existe nelas. Afinal de contas, não podemos nos presentear uns aos outros sempre com um azulejo decorado com gosto duvidoso, ou com um novo cinzeiro, com uma florzinha para a lapela ou com qualquer outro artigo inútil e artesanalmente confeccionado.

Em seu apego pela construção e pela produção, empresários ávidos produziram milhões de atiçadores de fogo e cinzeiros durante os primeiros anos de paz. Parcialmente, empregando os suprimentos do exército em aço de primeira qualidade. Mas para que tantos atiçadores? Por que cinzeiros, entre tantos outros produtos, quando só podemos obter seis cigarros por mês? Dizem eles que as máquinas para artigos mais complexos não estão disponíveis. Que elas foram desmanteladas ou destruídas pelas bombas. Um estatístico estimou que são dez atiçadores para cada berlinense. O que uma pessoa faz com dez atiçadores? Quantos atiçadores existirão numa família de cinco pessoas. É inconcebível!

Por outro lado, a agência de racionamento só aloca uma caçarola, panela ou cafeteira para os lares que têm ao menos três membros. Será que as famílias pequenas são obrigadas a fazer o café em cinzeiros ou vaporizar a quente seus vegetais sobre os atiçadores?

Nesse ínterim, uma variedade maior de artigos passou a ser oferecida. Mas nada de útil. São apresentados nas vitrines ou artigos de luxo ou produtos sem valor. As coisas realmente necessárias permanecem debaixo dos balcões, são negociadas no mercado negro ou, na melhor das hipóteses, podem ser obtidas quando se

entrega ao fabricante os adornos e enfeites. As bonecas são feitas mediante o fornecimento de sessenta e cinco centímetros de tecido e cinquenta metros de linha. Um novo gramofone, caso se entregue o velho. Novas luvas, fornecendo-se... novos chinelos, entregando-se... blusas, chapéus, gravatas, suéteres. Os bens, feitos sob medida ou não, manufaturados com materiais existentes, detêm total influência sobre a atividade comercial. Por vezes, tem-se até de prover alguns briquetes ou madeira para ajudar a manter a loja aquecida.

No mercado negro, só quadrilhas têm poder de compra conveniente. Uma barra de sabão – 40 marcos. Um peru para o Natal – 1.400 marcos. Um par de sapatos – 1.000 marcos. Meio quilo de chocolate – 500 marcos. Tecido para um terno – 3.000 marcos. Ninguém tem capacidade de ganhar – legalmente – o dinheiro necessário para pagar pelos artigos essenciais. Isso, de um lado, por causa dos altos preços do mercado negro, e, de outro, das leis de impostos. Não importa quão duramente se tente, é impossível ganhar mais do que mil marcos por mês. Tudo o que se ganha acima dessa quantia, independentemente do total, é devorado pelas taxas. Por que devo trabalhar tão duro, perguntam-se os cidadãos. Para o departamento da receita? Para o tesouro público? Então ele se adapta às circunstâncias. Diminui o ritmo e trabalha para ganhar apenas o valor que não paga imposto.

Além desse ganho, ele vive do escambo. No entanto, um tipo diferente de barganhas daquelas exercitadas em maio de 1945. Mercado negro sonegador de impostos *versus* mercado negro. A prataria de um determinado dote de casamento por cigarros, café, um casaco de inverno ou ternos. A porcelana de Dresden da bisavó por cinco quilos de açúcar, cinco garrafas de schnapps, três pacotes de tabaco, seis quilos de carvão e um par de botas de borracha. O preço depende da demanda. Entre os vitoriosos há grande procura por artigos preciosos e objetos de arte. E grande – quase vergonhosamente grande – é nosso desejo de nos separarmos desses bens. 85% dos berlinenses vivem de produtos adicionais além de seus cartões de racionamento, revelou recente pesquisa americana de opinião. Isso significa que mais de três quartos da população estão agora envolvidos com o mercado negro. O que isso representa em termos de recuperação moral?

“Então, o que devemos pendurar na árvore e pôr em torno de sua base?” Heike interrompe meus pensamentos sobre a situação econômica.

Depois de debatermos o assunto por uma hora e de contarmos nosso dinheiro, concordamos em adquirir uma dúzia de velas por setenta e dois marcos, dois pacotes de enfeites para a árvore a oito marcos e meio cada, uma dúzia de porta-velas que, pelo fato de serem legalmente compráveis, custam apenas vinte pfennigs por peça, e os ingredientes necessários para preparamos quatro travessas com biscoitos de Natal. Os demais presentes poderão ser ofertados como trabalhos braçais, conseguidos mediante “minuciosas buscas em nossos pertences” ou provenientes de contribuições caridosas dos pacotes americanos de assistência.

“Meu trabalho voluntário será ir buscar água dez vezes,” oferece Heike.

“Cortar madeira dez vezes poderia também ser um bom presente.” Juntos, preparamos recibos para os respectivos trabalhos oferecidos. Depois passamos “a investigar cuidadosamente nossos pertences.” Para Frank, aparece uma carteira quase nova, para Jo, uma gravata de seda. Nossa festa de Natal está garantida. Tudo de que precisamos é que a companhia fornecedora nos presenteie com eletricidade.



Terça-feira, 24 de dezembro de 1946

E ela nos deu exatamente isso. Com gestos ainda mais generosos, suspendeu os cortes de fornecimento pelo período dos feriados. Ficamos encantados com a possibilidade de cozinhar e de iluminação sem restrições. Só a água continua um problema. Dia após dia, carregamos baldes com água a três quarteirões de

distância. Noite após noite, o conteúdo dos baldes congela. Apesar de tudo, é Natal. E, de repente, aparecem também árvores de Natal. Ninguém sabe de onde vieram. Elas podem ser compradas com cupons, e não a preços de mercado negro, em diversos armazéns. Mantemo-nos féis ao nosso pinheiro. Não devemos ser ingratos.

Quando a noite cai, eu e Heike vamos à igreja. Véspera de Natal sem o canto de coros não tem significado. Uma escuridão gélida na igreja nos recepciona. Seis pobres velas de parafina estão acesas no topo de abetos à esquerda e à direita do altar. Como sombras cinzentas, uma duas dezenas de pessoas tristes estão encurvadas e dispersas pelos bancos.

“Paz na terra,” diz o celebrante. Quando ele levanta o braço para a bênção, um colete de lã cinza pode ser divisado por baixo dos paramentos. Ele parece estar sentindo muito frio. Nós também estamos congelados. Nossa respiração forma nuvens espessas de condensação. A figura de Cristo na cruz dá também a impressão de estar enregelada. Como ondas glaciais condensadas, as palavras do pregador chegam a nossos ouvidos. Debalde, tento fazer com que elas produzam eco dentro de mim. É essa a mensagem que alimenta os famintos, conforta os deserdados e consola os miseráveis? Pálidos e deprimidos, os ouvintes se curvam ainda mais nos bancos.

“Você acredita que a Igreja ainda possa funcionar?” pergunta Heike a caminho de casa.

Balanço a cabeça. “Talvez as palavras possam, mas não seus intermediários. Eles não têm luz suficiente. Ao menos, isso ocorreu com o de hoje. Não é mera coincidência o fato de a faculdade de Teologia ter o menor número de estudantes. Durante a Idade Média era ao contrário. Simplesmente porque as pessoas acreditavam de forma diferente, mais profundamente e de modo mais infantil.”

Heike concorda. “De modo mais infantil. É isso mesmo. Entre nós, as crianças já parecem adultos azedos.”

Frank e Jo estão na porta esperando por nós. “Feliz Natal!”

Para celebrar a data, colocamos a mesa defronte à lareira. “Noite feliz, noite feliz,” ressoa do rádio.

“Anteontem, chegou o segundo trem de refugiados da Polônia transportando corpos congelados,” conta Jo. “Cinquenta e três pessoas morreram enregeladas, cento e oitenta e duas sofreram sérias ulcerações provocadas pelo frio, vinte e cinco amputações. Supostamente, havia crianças entre elas. Cerca de trinta, penso eu.”

Frank dá um salto e desliga o rádio. “Desonra para eles, permitir que tal coisa aconteça,” diz com muita raiva.

Jo faz uma careta. “Permitir isso, já há vinte milhões de pessoas demais aqui.”

Heike encerra a discussão. “Não fale como um desalmado.”

Sem dizer uma palavra, Frank religa o rádio. “Noite de paz! Noite de amor! Nasce o bom Salvador,” entoia claramente um coro de crianças. As velas ardem. Andrik, eu penso. Adorado Andrik!



Segunda-feira, 30 de dezembro de 1946

Não há eletricidade, água ou carvão. E a temperatura ainda cai para entre 15 e 20 graus centígrados negativos todas as noites. As pessoas morrem de frio em suas camas. É impossível fazer qualquer trabalho. Inúmeros negócios fechados por falta de combustível. Pouca coisa pode ser feita com uma provisão de combustível de cinquenta quilos de briquetes!

No mercado negro, o preço do carvão subiu para noventa e cinco marcos por cinquenta quilos. Mas mesmo assim raramente ele está disponível. Pelo menos não para as pessoas comuns. Os negociantes de

carvão também gostam de ser subornados. Com cigarros, manteiga e outros luxos. É realmente muito triste quão corruptos nos tornamos. Nenhum reparador aparece sem o necessário incentivo. Nenhum sapateiro conserta sapatos, nenhum alfaiate ajusta um terno caso não se dê a eles alguma coisa por fora. E o extra é só pela mão de obra, já que pregos e solas, linha, agulhas e kit de costura, solda, gasolina para o ferro de soldar e o mais que for necessário, você mesmo tem de suprir. Carregamos nossos excrementos em pequenos pacotes para as ruínas; usamos garfos, colheres e pratos com comedimento para não desperdiçar uma gota de água.

À noite, sentamo-nos em volta do lampião de querosene usando sobretudos e chapéus de peles, e quando vamos para a cama enrolamo-nos como minhocas. Para nos divertir, Frank lê para nós poemas de Goethe.

“Eles ainda são belos, mesmo a vinte graus abaixo de zero,” observa ele.

São mesmo. Pensando melhor, eles parecem ainda mais belos a vinte graus abaixo de zero, sem água e sem carvão.



Terça-feira, 31 de dezembro de 1946

Véspera do Ano-Novo. Estamos sentados em volta da lareira. Com vontade de nos atirmos para dentro dela. Assamos pela frente enquanto nossas costas estão frias como gelo. Nenhum de nós está em estado de espírito festivo.

Será melhor o ano que vem? – especulo. Jo Thäler faz um gesto de desânimo. “Nem o próximo nem o que vier depois. O jogo está perdido para nós. Para nós e para o mundo ocidental.”

Ele expressa o que vem nos assustando como um pesadelo. Perdemos todas as esperanças. Nosso elevado astral a partir de 1945, nossa intoxicação com o sentimento de que, com a força de nossa fé, conseguiríamos a recuperação, deram lugar ao desalento e ao desapontamento. Chegamos à conclusão de que nada tem mais a ver conosco – que tudo se resume a uma luta pelo poder de duas ideologias. Que vem sendo travada às nossas costas. Se ela será decidida hoje ou amanhã, nós, sem sombra de dúvida, seremos os últimos a saber. Nem Frank, nem Heike, tampouco Jo ou eu podemos influenciar na solução do problema.

Todos ficaram cansados durante os últimos dois anos. Os membros do partido, que ainda esperam pela desnazificação, já desistiram há muito tempo de tentar entender a conexão entre a posição atual de servos e sua atitude política de ontem. Eles simplesmente se sentem ofendidos e não encontram nada de bom para dizer a qualquer das forças de ocupação.

“A massa – o povo – aquela parte da nação que não sabe o que quer,” como disse Hegel, está aborrecida porque as coisas não melhoram. O estômago dita suas opiniões, e uma delas é “Por que não existem batatas? Na Prússia Ocidental, na Pomerânia e na Silésia, os campos permanecem sem cultivo. Por que não são cultivados? Por que não conseguimos batata nenhuma? Sob Hitler, os campos não permaneciam sem cultivo. Os ingleses, os americanos, os franceses e os russos gostariam de ver-nos morrer de inanição. Se não fosse assim, dar-nos-iam batatas. Deve ser por causa disso que não existem batatas.”

E quanto aos oponentes dos nazis? Com frequência vejo-me obrigada a pensar nas palavras de Andrik: “É muito mais fácil ser solidário *contra* alguma coisa do que *a favor* dela.” Só demonstramos solidariedade hoje em dia quando se trata de queixa contra alguém, dos equívocos das potências de ocupação ou das parcas condições de vida. Aqui o Partido Social-Democrata – lá o Partido da Unidade Socialista. Aqui a Baviera – lá a Prússia. Aqui a revista feminina *Sie* – lá a revista feminina *Für Dich*. Aqui o *Tagesspiegel* – lá o *Neues Deutschland*.

Todos falam sobre uma causa comum, mas se referem a si mesmos. E faz algum sentido pensar em

termos de uma “causa comum”? A cada mês que passa as zonas se assemelham mais e mais às respectivas potências de ocupação. A cada dia, o fosso que separa as zonas se torna mais profundo. Quem sabe se eles não se tornarão definitivos?

Pelo rádio, ouve-se o relógio dar meia-noite. “Feliz Ano-Novo,” grita alguém lá fora. Mas o grito não soou também muito animado ou feliz.

“Ao renascimento do Oeste,” diz Frank levantando seu copo com conhaque do mercado negro.

“Ao renascimento do Oeste,” repetimos, tocando nossos copos. Então pegamos o que restou das velas apagadas na árvore de Natal, as colocamos nos bolsos e rumamos para o cemitério. Na sepultura de Andrik há seis pequenos pinheiros. Depois que acendemos o cotoco das velas nas árvores, subitamente sentimos de novo uma solidariedade “a favor de alguma coisa.”

1947



Quinta-feira, 2 de janeiro de 1947

Toda a cidade comenta sobre os refugiados congelados. “Deixaram que morressem,” dizem as pessoas iradamente. “Não lhes deram nada para comer e nada para se aquecerem, nem água nem pão, nem um cobertor ou palha. Sabiam que eles iriam morrer. Queriam que eles morressem.”

Quando se tenta lembrá-los de que Hitler também sabia que milhões de judeus morriam nas câmaras de gás, eles reagem com um olhar cheio de raiva e ficam calados. Delator! diz o olhar hostil. Lacaio dos aliados! Traidor miserável!

Algumas vezes, nos perguntamos se somos realmente esses maus alemães. Todo ser humano que morre inocentemente merece a piedade dos outros seres humanos. Aqueles que sabem do martírio deles e não movem uma palha para evitá-lo são culpados. Hoje, os mártires alemães são uma evidente acusação contra seus atormentadores. Ontem foram os judeus. Amanhã poderão ser os negros ou os árabes. Será que determinados tipos de indivíduos nos preocupam mais do que outros? Nosso senso de justiça não deveria ser o mesmo quando um ser humano estivesse ferido, uma pessoa inocente, perseguida, ou um ser indefeso, abandonado, quer nesta parte do mundo, quer em qualquer outra?

Cinquenta e três corpos foram retirados dos trens de refugiados alemães da Polônia durante a semana do Natal. Uma pequena parcela dos milhares e milhares que morreram fugindo para sua terra natal nos últimos vinte anos.

“A maior migração de todos os tempos,” escreve um jornal inglês. Frank anota as quantidades.

“É verdade. Se você computa o total...,” diz ele, deprimido, olhando sua folha de papel cheia de números.

“Leia para nós,” peço a ele. Ele puxa a vela para mais perto – já estamos esperando cerca de quarenta minutos pela volta da eletricidade – e começa a ler.

“Pare!” – exclama Heike, tapando os ouvidos com as mãos. Frank se cala. Deprimidos, ficamos todos só olhando para a frente.

Os refugiados na rodovia para Frankfurt vêm-me à cabeça. “Está doendo,” soluçava o menino vindo da Silésia, levantando os pés cobertos de sangue e tentando se equilibrar nos calcanhares nus. “Está doendo!” Talvez já esteja morto.

Sem água, luz, calor e batatas. Frio enregelante dia e noite. Logo os teatros serão fechados para que as salas sejam centros de aquecimento público. “O suprimento de carvão está próximo da exaustão total,” publicam os jornais. Diversas linhas de bondes estão inoperantes, o número de trens foi reduzido, lojas estão fechadas, repartições públicas reduzem o expediente. As frias estações estão superlotadas de pessoas à espera. Elas tomam os trens de assalto quando eles chegam. Espremidas como sardinha em lata nos vagões sem aquecimento. Pendem do teto pedaços de gelo formados pelo constante gotejamento, e todas as maçanetas das portas estão brancas com a fina camada de gelo.

“Fiquei preso,” lamentou-se ontem um passageiro perto de mim enquanto, raivoso, tentava puxar a luva de lã que congelara e colara no balaústre de latão.

Apagões... apagões. O preço do carvão no mercado negro saltou para cento e cinquenta marcos. Para grande número de berlinenses suas camas são as únicas fontes de calor. Que dádiva se o tempo melhorasse ou se a potência de ocupação fosse mais generosa e aumentasse em milhares de toneladas o suprimento de carvão para Berlim.

“Os refugiados chegados da Polônia não serão os únicos a morrer de frio,” suspira Frank.



Domingo, 12 de janeiro de 1947

“Olhe para isso,” diz Heike, passando-me a página do jornal. “os ratos estão abandonando o navio que naufraga.”

Leio a seção de avisos pessoais. “Anunciamos nosso casamento: Eva Schmidt e Lester Stone, Nova York... Renate Hoffmann e Charles Miller... Clare Frank e Edward Grey, Chicago... Detroit... Los Angeles.” “Hum,” murmuro. “Está pequena a demanda por homens alemães.”

“É o que eu quis mostrar,” replica Heike. “De doze anúncios pessoais, dez são de casamentos de alemães com americanos. E isso num jornal de Berlim.”

“Talvez eles se amem mesmo,” comento.

Heike me lança um olhar de dúvida: “É. Talvez.”

À noite, discuto o assunto com Frank. Ele ri de minha preocupação. “Por que você leva isso a sério? Pelo amor de Deus, deixe que eles confraternizem. Será muito bom se as sogras americanas perceberem que nem todas as moças alemães são víboras, e se os soldados americanos souberem como as famílias burguesas daqui suportaram o frio e a fome com dignidade. No que concerne a cigarros e coquetéis...” ele sorri com indulgência. “Nem toda consciência das pessoas é balança de precisão. E também não se pode esperar que o sejam.”

“Mas...,” objeto.

“Nada de mas,” Frank me interrompe, parecendo então mais sério. “Você pode condenar uma criança por correr atrás de um doce? Por tentar fazer a sua vida miserável um pouco mais feliz? O que você pode oferecer a elas a não ser ruínas e lágrimas, esperanças dilaceradas e escassas promessas? Mal tínhamos nascido quando Hitler chegou ao poder, dirão essas crianças para você. Nós não votamos nele. Vocês votaram. Vocês nos fizeram crescer dentro do espírito criado por ele. E agora querem que sofremos as consequências. Não damos a mínima para as consequências de vocês. Pleiteamos o direito a nossa vida.”

“Mas não dessa maneira,” protesto. “Não tão inoportunamente materialista, tão dolorosamente egoísta.”

“De que outra forma?” – indaga Frank. “Como colher idealismo que não foi semeado? Para ter entusiasmo pela liberdade de pensamento temos de aprender primeiro que essa liberdade é algo a ser cultivado e respeitado. E não crescer considerando isso um crime. Teorizamos sobre a democracia, a liberdade e o pacifismo como se estivéssemos escrevendo em mandarim para analfabetos. Temos de amansar a terra se quisermos que alguma coisa nova cresça nela, e não simplesmente podar os ramos. Não deveríamos nos surpreender que esses ramos terminassem dando frutos podres.”

“Você está certo,” reconheço humildemente. “A partir de amanhã vou me tornar agricultora.”

“Ou missionária,” pilheria Frank. “Dizem que os missionários são os mais talentosos nesse tipo de agricultura.”



Segunda-feira, 13 de janeiro de 1947

O frio melhorou um pouco. E, de maneira um tanto misteriosa, a usina geradora de Klingenberg recebeu novos suprimentos de carvão a tempo de evitar a catástrofe definitiva de energia. Enrolamos menos um cachecol em torno do pescoço e suspiramos mais aliviados.

Às cinco horas desta tarde deve vir um homem que, em troca de dez cigarros e meio quilo de farinha,

degelará nossos canos de água com dois litros de gasolina obtidos no mercado negro.



Quinta-feira, 16 de janeiro de 1947

Não temos água, ou, para ser mais precisa, temos alguma. Só a conseguimos por vinte e quatro horas. Os canos congelaram de novo. Do porão ao sótão. Nada mais pelos dois litros de gasolina no mercado negro, pelos dez cigarros e pelo meio quilo de farinha que tínhamos poupado.

Novamente, carregamos o resultado de nossas necessidades fisiológicas em pequenos pacotes – como a maioria dos berlinenses – e, envergonhados, as enterramos nas ruínas mais próximas. Novamente transportamos água de três quarteirões de distância, quebramos o conteúdo congelado dos baldes todas as manhãs e ficamos com raiva quando a eletricidade é cortada antes que nosso café artificial esteja pronto.

Mas o *Tägliche Rundschau* se vangloria: “Há motivo para esperança na Alemanha. Representantes do Partido da Unidade Socialista se reuniram com o general Sokolovsky. Não haverá mais cartões classe 5 na zona soviética. Não mais desmantelamentos. Considerável redução na retirada de bens manufaturados. Retorno de setenta e quatro empreendimentos de larga escala para o povo. Triplicar ou quadruplicar a produção.”

Parece que a Idade Dourada nos atingiu. Porém, examinadas as medidas mais de perto, constata-se que as duzentas empresas que escaparam dos desmontes foram transformadas em corporações soviéticas.

De fato, um ganho substancial! Agora os operários alemães trabalham para os interesses russos na Alemanha, e não mais na Rússia. Se o continuarão fazendo amanhã é questionável. “Todos os trabalhadores e serventes serão empregados onde forem necessários,” especifica o contrato normal de trabalho. “A gerência se reserva o direito de designar tarefas fora da empresa.”

Ainda nos lembramos das “transferências voluntárias compulsórias” do outono passado. Como podemos saber se as duzentas empresas, agora de propriedade dos russos, não têm mesmo número de subsidiárias em Simbirsk ou Archangelsk? Ou se na semana que vem o operário Schulze será necessário com maior urgência lá do que aqui? Se ao menos soubéssemos quando eles estão nos enganando e quando realmente nos desejam o bem.

“Desejam o bem?” – zombam. “Nenhum deles nos deseja o bem. Nem os ingleses, nem os americanos, tampouco os russos. Todos estão nos deixando morrer. Querem nos iludir.”



Sexta-feira, 31 de janeiro de 1947

A temperatura cai novamente. Uma onda de frio atrás da outra. Falta de energia de oito a dez horas por dia. Os que ainda podem, aquecem-se com o combustível obtido no mercado negro, mas a quantidade dos que ainda podem vem diminuindo. Equipadas com mochilas, cestas e sacolas de compras, as pessoas vão à floresta de Grunewald, espremidas em trens superlotados, e gastam horas e horas catando madeira que dure pelo menos um dia.

Os jornais dizem com todas as letras: Encontrados em suas camas esqueléticos e congelados até a morte... Gerhard Z., setenta e três anos... Anna K., sessenta e quatro anos... Bertha O., cinquenta e nove anos... Joachim D., um ano de idade... Quanto mais baixa a temperatura, mais assustador o crescimento da quantidade de vítimas do frio.

Retorno do centro da cidade. Um débil fogo arde na lareira. À sua frente, senta-se Frank lendo as últimas notícias, as folhas dos jornais espalhadas em volta dele.

“O número de vitoriosos cresceu,” é a frase com que ele me recepciona.

“*Post festum?* Pensei que a guerra havia acabado.”

“Eu também,” replica Frank. “Mas não é o que pensa Herr Figl. Pelo menos ele demonstra a intenção de rever seu resultado.”

“Deixe-me ver,” digo, sentando-me com ele junto ao fogo.

“... a ser tratada como uma nação que foi oprimida por Hitler e agora está libertada,” leio. “Áustria, o primeiro país vítima da agressão de Hitler... a ser isenta do pagamento das reparações como nação não hostil... a pleitear pagamento de reparações da Alemanha.”

“Quanta besteira,” balbucio incrédula. “De todos os povos, nossa nação-irmã no Eixo. O mais ansioso, servil e entusiasta homem de 1938!”

Frank força um riso. “Parece que isso escapou de sua memória. Junto ao fato de que Hitler não era alemão, era austríaco.”

“Você acha que eles estão falando sério? Ainda não posso acreditar. Nos meus ouvidos continuam ecoando seus brados de “Heil Hitler” naquele terrível 12 de março quando Andrik e eu ouvíamos o rádio e ficamos atônitos ao percebermos que a rebelião que esperávamos se transformara num triunfo nacional-socialista. “A Áustria é parte integrante do III Reich. Seyss-Inquart é o governador. Seu exército está incorporado à Wehrmacht do Reich. Os integrantes do exército, da polícia e os funcionários públicos prestaram juramento de fidelidade a Hitler,” diziam as estações de rádio alemãs em 13 de março de 1938, ao som de trombetas e acompanhadas por dobrados militares. Será que alguém se recusou a prestar o juramento? Terá uma só pessoa se levantado para jogar uma bomba na cabeça do herói conquistador quando ele fez sua entrada triunfal no país?

Em 1933, ninguém tinha ideia da extensão dos crimes que essa pessoa era capaz de cometer. Em 1938, sabiam – deviam ter conhecimento pelos relatos dos emigrantes, das leis referentes aos judeus, da perseguição aos comunistas, dos campos de concentração. Por que não tiraram as devidas conclusões? Por que só ousaram fazê-lo depois de Hitler estar morto?

“O nazismo começou na Áustria, encontrou clima e apoio na Baviera e terminou na Prússia. A Prússia agora está sendo punida com a dissolução. Os bávaros afirmam que não foi coisa deles. E a Áustria pede reparações. Será que o mundo ficou completamente maluco?”

“Parece que sim,” resmunga Frank. “E se for realmente possível que, algum dia, a terra venha a ser explodida por libertação acidental de energia atômica, devo dizer que não se perderá muita coisa... Se nos milhares de anos de sua existência o homem não se saiu com coisa melhor...”



Segunda-feira, 3 de fevereiro de 1947

Uma editora convidou-me para uma reunião em Hamburgo. Era muito urgente, disseram no telegrama. Urgente! Como pode alguém viajar nesses dias de Berlim para Hamburgo em prazo tão curto? Com uma permissão de trânsito interzonal? Já a requeri há cinco meses. As autoridades americanas e inglesas aprovaram. “Razão suficiente para que ela seja rejeitada pelos russos,” pilheriam as autoridades que a aprovaram. Parece ser uma lei não escrita. Uma aprovação de permissão de trânsito interzonal pelos ocidentais resulta em recusa pelos russos. E vice-versa, se aprovada pelos russos.

Tenho de estar em Hamburgo em dois dias. Em dois dias preciso operar o milagre de obter uma

permissão na agência expedidora de cartões de racionamento, uma permissão para viajar, uma permissão de trânsito interzonal e uma passagem de trem. Para uma pessoa comum isso significaria esperar na fila pelo menos quatro vezes vinte e quatro horas. Por volta de dezesseis requerimentos e formulários a serem preenchidos. Entre vinte e sessenta questões teriam de ser respondidas em cada um dos estágios. Coeficiente de suborno: impossível calcular de antemão.



Quarta-feira, 5 de fevereiro de 1947

Uma ordem de viagem inglesa me poupa todas essas dificuldades. No prazo de cinco horas, uma passagem em trem militar inglês de Berlim para Hanover é providenciada. A viagem de Hanover para Hamburgo deve ser fácil. Vou partir amanhã de noite. A temperatura é de -17°C. Mas, como se trata de uma composição ferroviária inglesa, posso contar com vidros nas janelas, luz e até aquecimento.



Hamburgo, sexta-feira, 7 de fevereiro de 1947

“No Oeste estão vivendo melhor do que nós,” diz a gente em Berlim.

“Em Berlim a vida é muito melhor do que aqui,” dizem em Hamburgo.

“Os russos são os mais desacreditados entre as potências de ocupação,” disse-me recentemente um oficial russo.

“Odiamos os ingleses mais do que vocês odeiam os russos,” três cidadãos de Hamburgo me disseram hoje.

Sem dúvida: cheguei a um país estrangeiro. Entre Helmstedt e Marienborn corre uma fronteira que separa dois mundos.

O trem de Hanover para Hamburgo transborda de gente. Viajo esmagada entre malas e pessoas. Houve atraso de hora e meia para chegar em Hanover. O trem para Hamburgo está atrasado em três horas e meia. Das sete até nove e meia da manhã, espero na plataforma descoberta, tremendo de frio. Ninguém dá esclarecimento nenhum. Ninguém sabe de quanto tempo será o atraso. A gente espera. Enquanto o dia amanhece a quinze graus negativos, esperam o trem para Hamburgo. “É a mesma coisa todos os dias,” resmunga um descontente ao passar por mim. “Desde que os malditos...” Ele olha em volta e cala a boca.

Lentamente e sacolejando bastante, a composição se movimenta através do interior coberto de neve. Cochilando, consigo ouvir um pouco das conversas no meu entorno. Não são muito agradáveis.

“... nesses dias a Alemanha é um campo de concentração com as bandeiras dos aliados tremulando no seu perímetro...”

“... como eu disse a meu filho, se um regressado da Polônia permanecer vivo...”

“... decerto antes havia mais comida par. E, de forma geral...”

Eis aí a nova solidariedade! A frente contra a potência de ocupação. Se, de vez em quando, uma palavra positiva atinge meus ouvidos, é porque se refere a lembranças de coisas do passado.

“... quando estávamos estacionados na França...”

“... e então meu comandante disse...”

“... e, de súbito, fui atingido...”

Os olhos brilham. A boca, há pouco enviesada pelo azedume, se abre num amplo sorriso. Romantismo militar. Conversa de soldados. Precisamente o tipo de mentalidade que abjuramos para sempre em maio de



Hamburgo, segunda-feira, 10 de fevereiro de 1947

Passei pela cidade perguntando a opinião das pessoas. “Por que vocês se queixam tanto? Por que detestam os ingleses?”

“Porque tudo o que fazem está errado,” respondem.

“E onde é que eles erram?”

“Fazem de sua zona um estado policial. Ameaçam as pessoas por intermédio da polícia alemã. Interferem em todos os detalhes. Qualquer que seja a iniciativa que promovamos, eles a suprimem com a burocracia, e praticamente controlam toda a economia.”

“Bem, não são eles os vitoriosos?”

“Vitoriosos?” – minhas palavras só encontram oposição e escárnio. “Belos vitoriosos que são! Se não tivessem roubado nossa bomba atômica...”

“*Nossa* bomba atômica?”

Eles balançam afirmativamente a cabeça com ar de superioridade. “Claro que é a *nossa*. Estava tudo pronto. Só que aqueles sabotadores, aqueles...” – uma palavra de baixo calão interrompe a torrente amarga de palavras – “impediram o Führer.”

“Mas isso é...,” insano, pretendo dizer, porém eles não me deixam acabar.

“Pense bem,” eles intervêm de maneira triunfal, “quando os americanos chegaram aqui? Em abril de 1945. E quando lançaram a bomba atômica sobre o Japão? Em agosto. E agora?” Um olhar de satisfação sublinha sua surpreendente lógica. Eles são nazis, penso horrorizada.

Eles são nazis, não consigo parar de pensar enquanto me conscientizo da eficiência com que ex-membros do partido aqui se ajudaram mutuamente. E mesmo a última piada que vem circulando – é melhor ser membro do partido porque isso é garantia de emprego – só reforça meu abatimento. Foi isso o que os ingleses conseguiram em dois anos de educação democrática? E assim as pessoas os condenam cegamente e, por via de seu desapontamento, embarcam em novo e fantasmagórico nacionalismo.

Vejo o número 88 escrito com giz numa parede. Lá está ele de novo, e mais adiante também. Durante a tarde, vejo o mesmo número seis vezes. *Coincidência*, pensei de início. “Intencional,” as pessoas me informam com um piscar de olhos. A letra “H” é a oitava do alfabeto. HH – 88 – Heil Hitler. Fico sem fala. A impressão é de que retrocedi no tempo.

Como uma estranha, caminho entre as ruas ladeadas de escombros. O incomum é que só me sinto ligada às ruínas cujo surgimento testemunhei, enquanto as outras – estou olhando com indiferença os destroços do bairro de St. Pauli – deixam-me impassível. No máximo, fico indignada por elas ainda estarem ali. Não há dúvida: Hamburgo poderia estar mais ajeitada. Também não vejo mulheres nos trabalhos de construção. Todavia, a atmosfera geral é de mais paz. Uma paz meio débil, porém, de qualquer maneira, paz.

Aqui, nenhum Makar Ivanov desaparece. Aqui, o medo não transparece em absoluto. “88!” – *Heil Hitler*, as pessoas escrevem nas paredes. Como são ingratas. Será que não entendem que ficar livre do medo também é uma vantagem? Essas são as recompensas dos nazis que fugiram para oeste durante as últimas semanas da guerra, e do contínuo fluxo ilegal de nazis para a zona inglesa desde 1945. “Na zona inglesa eles são mais tolerantes com os nazis,” se disse então. De modo que a zona inglesa se tornou o paraíso dos nazis. Desnazificação – tarefa facilmente cumprida. Número de prisões – insignificante. Tratamento nos campos de internação – cavalheiresco. Mas só aconteceu até os nazis esquecerem de que foram nazis, quando então

os ingleses decidiram apertar o cinto das medidas de ocupação. Confisco de apartamentos, racionamento de carvão, escassez de alimentos. Ficaram indignados. “Como pode? Dois anos depois do fim da guerra? Isso que é, então, democracia?”

O que é motivo de descontentamento na zona oriental – a categorização dos cartões de racionamento em cinco classes – é elogiado aqui como vantagem invejável.

“Ela impele as mulheres de vocês a trabalharem na construção e os operários a trabalharem nas fábricas,” dizem os empregadores em Hamburgo. “Não conseguimos encontrar operários. Nossas mulheres não trabalham na construção. O mercado negro é mais fácil, eles acham. Contar com tempo para procurar suprimentos é mais lucrativo do que o pagamento por hora de trabalho. Então, que alternativa nos resta se não quisermos que as fábricas fiquem ociosas? Nós os subornamos com bens escassos. Oferecemos prêmios para tornar o trabalho mais atraente. Mercado negro oficial, por assim dizer. A cada mês é negociada alguma coisa cujo suprimento está exíguo. Em termos de escambo, esse item particular vale dois quilos de bacon. Seu prêmio é um cartão de racionamento de classe um. Quão infinitamente simples! Que invejavelmente simples!

Olhando dessa perspectiva o problema muda por completo. Pela primeira vez, vejo o “cartão da fome” de um ângulo diferente. Como instrumento de alavancagem da economia. Como remédio para o senso perdido de responsabilidade pela reconstrução. Aqui, em sua maior parte, o incentivo da economia tem lugar por trás de portas fechadas. Assegurado o seu cartão de racionamento padrão, o cidadão desempregado começa o escambo. Meia caixa de sabão em pó é igual a cinco marcos, equivale a três cervejas, que valem 30 marcos. Cento e vinte gramas de chá são iguais a 100 marcos, equivalem a meio quilo de manteiga, que vale 240 marcos.

O importante é casar o supridor e o consumidor. Suponha-se a necessidade de reparar uma casa. Capital inicial: 15 litros de álcool. Com os 15 litros de álcool são feitas 38 garrafas de água ardente. Três garrafas de aguardente valem um elegante tapete, que vale meia tonelada de batatas, que equivalem a 30 sacos de cimento. Para reparar uma casa precisa-se de 15 sacos de cimento. O resto será trocado por um peru de Natal, que vale um quilo de café, que equivale a duas vigas de ferro. Dez garrafas de água ardente equivalerão a 6 metros cúbicos de madeira. Um metro cúbico servirá para pagamento do carpinteiro, outro poderá ser trocado por vidro para as janelas, o terceiro, por 2.000 tijolos. O quarto, o quinto e o sexto serão necessários à reconstrução da casa. Um complicado quebra-cabeça que só os entendidos conseguem resolver. Fico zozona com os números e os artigos das trocas.



Hamburgo, quarta-feira, 12 de fevereiro de 1947

A única coisa aqui que me faz lembrar Berlim é o frio. Em Hamburgo, morre miseravelmente de frio a mesma quantidade de gente que em Berlim.

Carvão... carvão! Um reino – um crime – assassinato, se necessário, por um balde de carvão! Os depósitos são saqueados, os trens de carga, assaltados. Como um bando de gafanhotos, uma multidão de mulheres e crianças cai em cima de qualquer vagão de carga que chega. Em verdadeiras ondas e correndo. Mais, cada vez mais. Elas enchem sacolas e bolsos com pedaços de carvão e briquetes. Num piscar de olhos, o carvão desaparece. À distância, o som de um apito. Por um instante, o vagão de carvão parece um antiformigueiro petrificado. Depois, uma movimentação inquieta, e a multidão some num átimo. Acaba a algazarra. O vagão vazio jaz abandonado nos trilhos congelados.

“Pirataria do carvão,” dizem com indiferença os habitantes de Hamburgo. “Não há um só vagão que não

seja saqueado.”

“E o que faz a polícia?”

“Ela sempre chega tarde demais. No que concerne à pirataria do carvão, a polícia está do lado dos derrotados.”



Sexta-feira, 14 de fevereiro de 1947

Enregelada, começo o caminho de volta para Berlim.

Chego à estação uma hora e meia antes da partida. Consigo entrar no trem pela janela. Então, durante seis horas, viajo de pé no corredor às escuras e espremida entre caixas e sacos de batatas. A única maneira de suportar aquilo é ficar recitando para mim mesma poemas dos quais me recordo espasmodicamente. O vagão cheira a cebola, peixe e pessoas sem banho. Parece um alívio quando, ocasionalmente, o picante cheiro da fumaça de um cigarro caseiro se mistura ao fedor reinante. Quatro pessoas se espremem dentro do banheiro. E então a chamada “tosse do pão” – o terrível efeito do alimento difícil de digerir que, nesses dias, empestia o ar em todos os transportes públicos.

Problemas de energia. Uma parada atingida por nevascas sucessivas no meio do nada. Quando a composição chega a Hanover, às três da madrugada, o trem militar para Berlim já partiu uma hora antes. “Isso acontece com frequência,” diz com indiferença o homem de quepe vermelho. Uma espera de vinte e duas horas a quinze graus centígrados abaixo de zero.

A plataforma coberta está apinhada de gente que se deita no chão úmido de concreto. Gente pálida e cansada. Também esperam por um trem. E, até que ele chegue, o concreto da plataforma serve de cama.

“Há algum lugar perto daqui para passar noite?” – pergunto. As pessoas só me encaram. Com as pernas enrijecidas, cambaleio através do portão de saída da estação. Minha garganta está seca. *Se eu pudesse pelo menos conseguir alguma coisa para beber.* Uma alma caridosa aponta para as escadas à esquerda que conduzem ao abrigo antiaéreo subterrâneo. Esperando na fila por cerca de vinte e cinco minutos, desço os degraus aos esbarrões. Um porão de pé-direito baixo. A atmosfera é sufocante. As pessoas sentam-se em mesas e cadeiras, derrotadas pela exaustão, como se o sono as tivesse triturado. Empurrões e safanões em frente ao bar. Tem café. Um depósito de dez marcos é necessário caso se queira levar a caneca de latão em que o café é servido para uma das mesas. Dez marcos de depósito por uma bebida que tem gosto de água da lavagem de louça. Engulo o líquido quente como se ele fosse remédio amargo. O que vale é que está quente. Dou então lugar para o próximo. “Beba mais rápido, camarada!” – diria o satirista russo Zoshtchenko. Ele não diz porque a Rússia soviética não gosta de ouvir o que ele declara.

Quando deixo o abrigo já são quatro da madrugada. A hora mais fria da noite. Ainda restam dezenove horas e meia. Para mim, parece que o tempo parou e a eternidade começou. Uma eternidade desoladora iluminada por duas lâmpadas ofuscantes a arco voltaico. *Se ao menos estivesse mais escuro,* desejo, enquanto me misturo relutantemente com a massa dentro da estação. Há gente encolhida por todos os cantos. Apinham-se por todos os lados, atulhando portões e chegando aos magotes, não se sabe de onde. Irritados, esfarrapados, desenraizados, ali jogados pelo destino – os naufragos do colapso alemão. Tropeço em alguma coisa mole. Um homem está deitado e roncando à minha frente. Com um resmungo, ele se vira. Suas calças estão rasgadas. Em vez de sapatos, usa trapos amarrados com cordões aos pés. Caso se mova alguns centímetros sua cabeça atingirá uma poça imunda. O lavatório da estação é sua sala de vestir. O chão, sua cama, o corredor de entrada, com vento encanado, sua sala de estar, cozinha e loja comercial. Duas guimbas de cigarro – um marco e quarenta. Uma luva de lã achada – quinze marcos. Você sobrevive daquilo que

pode agarrar. Hoje é isso – amanhã é aquilo. E quando chegar sua hora, você morrerá indignamente onde estiver na ocasião. Talvez nas escadas da estação em Hanover. Talvez na sala de espera em Braunschweig. Ou enroscado no colchão de palha de uma cama aleatória alugada por vinte pfennigs.

A cidade provê as pessoas de passagem com alimentos por três dias. Três dias de cartões de racionamento fazem do “de passagem” um fim em si mesmo – uma ocupação permanente – um meio de vida.

Abro caminho através da multidão de pessoas, malas, sacolas e mochilas. Jamais ouvi tantas línguas e dialetos diferentes numa área tão pequena.

“Sabonete americano por cinquenta marcos a unidade,” sussurra uma mulher. A mão que me oferece o artigo está tão suja que me sinto tentada a sugerir que ela use o sabonete para lavá-la. Mas não o faço. Quem pode dizer quando aquela mulher comeu seu último naco de pão...

Às cinco da manhã, encontro-me na frente do abrigo da Cruz Vermelha. De novo, uma longa fila de pessoas nas tenebrosas escadas de descida. Recebo um pedaço cinzento de papel. “Missão Abrigo. Estação Central de Hanover,” está impresso nele. Verificação de documentos de identidade. Metade das pessoas que esperam comigo se escafede com a consciência pesada. Nós, os que passamos pela verificação, entramos por uma porta. Tenho de pagar vinte pfennigs e perguntam-me se desejo uma cama. O cartão para cama é amarelo e custa cinquenta pfennigs. Quando esse cartão me é passado, cinco garotas estão sendo levadas para fora do abrigo. Elas gritam a plenos pulmões. Nenhuma parece ter mais de dezesseis anos. “Pelo amor de Deus, o que está acontecendo?” – indago, sentindo-me alarmada.

A mulher, que verifica os documentos de identidade, toma conta com indiferença das garotas. “Sem documentos,” ela diz como se fosse a mais entediante das rotinas. “Fugidas de casa. Vagabundeando por aí e infeccionando homens.”

As pessoas que se apertam e empurram atrás de mim começam a reclamar. “Vamos com isso! Não fique parada aí.”

Como se passasse por um funil, sou espremida através do gargalo da porta do Abrigo da Estação Central de Hanover.

Bancos de madeira formando fileiras uma atrás da outra. As pessoas, meio sentadas, meio deitadas, encolhem-se neles. Dormindo ou cochilando, boquiabertas, cabeça pendendo sobre o peito. O espaço seguinte é o dormitório dos homens. Beliches de três camas. Arfagens e roncos em colchões de palha a cinquenta pfennigs cada um. Na ponta dos pés, sigo para o alojamento feminino. Uma mulher de aparência triste e mal-humorada designa um colchão de palha para mim. Segunda fileira à esquerda, quinto beliche, terceiro nível.

“Eu sugeriria que você usasse sua mala como travesseiro,” ela me aconselha demonstrando irritação. “E todos têm de sair da cama às oito da manhã.”

Às oito da manhã? Mas já são quinze para as cinco. *Dormir à prestação*, tento me alegrar enquanto me jogo, com minha mala, sobre o terceiro nível do quinto beliche da segunda fileira à esquerda.

Abaixo de mim uma mulher choraminga. E choraminga com tal desespero que não consigo dormir. “O que há de errado com você?” pergunto finalmente.

Gemendo, ela se vira. O cheiro de sangue, misturado com outros odores nauseantes, me assalta. “Es... es... tuprada,” ela gagueja aos soluços, “Vi... vi... olentada... oito... vezes... no...” Não consegue terminar a frase. O restante das palavras é engolfado pelos soluços.

Procuo na minha mala. *Algodão*, raciocino, *lenços*. Mas de que valerão algodão ou lenços para o choque inesquecível de ter sido estuprada oito vezes enquanto tentava transpor ilegalmente a fronteira? Pelas duas horas e quarenta e cinco minutos restantes a mulher desconhecida abaixo de mim choraminga e soluça miseravelmente num imundo colchão de palha.

Às oito da manhã acaba a noite. Só clarear lá fora me conforta. Pode-se ir ao cinema, tomar café, tentar

encontrar um lugar aquecido longe das ruínas. Qualquer coisa que leve para longe da área amontoadada de pessoas da estação, lugar onde o horror germina.

Entre dez da manhã e sete da noite assisto duas vezes ao filme *Encontro à meia-noite* num cinema sem aquecimento. Por três vezes entro em bares deprimentes para beber um copo pequeno de cerveja, uma xícara de caldo de carne ou alguma bebida quente. O abrigo abre às oito horas. *Um colchão de palha no terceiro nível do quinto beliche da segunda fileira à esquerda é melhor do que um quarto copo pequeno de cerveja*, decido, e mergulho num sono de chumbo até um quarto para a meia-noite. Por dezoito horas fiz parte também do bando de náufragos de Hanover.



Domingo, 16 de fevereiro de 1947

Frank espera por mim na estação de Charlottenburg. “É bom tê-la de volta,” cumprimenta-me com uma queixa apenas *en passant* de que, tanto ontem quanto hoje, esperara na plataforma por cerca de três horas. Passa-me pela cabeça que é em nosso lar que se é amada e que sou muito grata por poder voltar a viver com Frank e Heide.



Segunda-feira, 24 de fevereiro de 1947

Nova frente fria. Neste inverno, já perdi a conta delas. “Número crescente de baixas... escassez de carvão... escassez de eletricidade... serviço restrito de trens. Cerca de três mil lojas estão fechadas... Desastres por todo o mundo.”

O fato de outras pessoas também estarem passando frio oferece pouco consolo quando você congela até os ossos em sua própria cama. Os jornais demandam medidas drásticas para sanar o problema. Como pode o conselho da cidade tomar medidas drásticas quando das setenta e cinco resoluções aprovadas por ele desde novembro de 1946 apenas três foram ratificadas pelo Conselho de Controle. As outras ou foram derrotadas ou, depois de serem catalogadas como “em estudo,” ainda não foram alvo de qualquer decisão em quatro meses. Pagamos agora preço alto pelo fato de os social-democratas terem começado seu governo com pequeno apoio da potência russa de ocupação.

Os líderes dos social-democratas promovem uma reunião partidária e os debates são acirrados. “Renunciem,” exigem os mais independentes. “Deixem o Conselho de Controle lidar com toda essa maldita administração. Por que temos de nos aborrecer sendo marionetes nessa quimera de um governo democrático? Só para que o Partido da União Socialista possa exultar com nossos infortúnios e lucrar com eles? Vamos falar abertamente a verdade! Não se deve aprovar mais nenhuma resolução. O povo precisa ficar informado de que não somos os responsáveis, e sim a discordância entre os membros do Conselho de Controle.”

“Mas quanto aos nossos cargos?” – objetam os mais práticos. “Não podemos perder nosso emprego.”

Prevalecem os cautelosos e tímidos, os adeptos do meio-termo e os subalternos. Como, aliás, prevalecem agora em todos os lugares. Em todas as repartições públicas, em todos os partidos, em todas as conferências, no mundo todo. É, de fato, tão surpreendente assim que as massas, que jamais consideram a causa, mas apenas o efeito – o efeito do fracasso – secretamente anseiem por um salvador?

“Não se esqueçam,” Frank dizia apenas ontem, “que, na história comparativa, nós, neste momento,

estamos bem perto dos ‘Cem Dias’ de Napoleão. Até 20 de março de 1815, o Congresso de Viena debateu interminavelmente, e os aliados nas guerras napoleônicas não conseguiram chegar a um acordo quanto a uma Europa pós-guerra. Então o povo ficou pronto para um novo Napoleão.”

“E hoje? Experimente! Deixe que os americanos anunciem pela rádio que Hitler aterrissou no Aeroporto Tempelhof com outros mil aviões. Deixe um dublê do Führer desfilar amanhã com toda a pompa por Kurfürstendamm, inclusive com grande comitiva, cordões de segurança, gritos de Sieg Heil e o que mais for necessário. E constate o que vai acontecer. Qual a extensão do que o povo alemão aprendeu sobre democracia.”

Acredito que ele está certo. Nesse meio-tempo, houve muito frio e muita fome. Muitas brigas e pouca consideração pelas imperfeições humanas. Por que o que aconteceu com o povo francês há cento e vinte anos não poderia se repetir conosco também? Nós que, devido à nossa carência de personalidades-líderes, no curso dos últimos trinta e três anos somos representados no cenário mundial apenas por pessoas de segunda categoria, ou mesmo de terceira. Se as coisas não forem acertadas em Moscou... Em 10 de março, os ministros do Exterior das quatro nações vitoriosas – Molotov, Marshall, Bevin e Bidault – devem se encontrar para acertar os ponteiros. Dessa vez em Moscou, pelo menos uma diferença no lugar em que se reunirão. O mundo está otimista e, uma vez mais, joga todas as suas fichas nessa nova conferência. Unidade, remoção dos limites entre zonas, ordem na Europa, ajuste de todos os conflitos e paz – a paz pela qual, por dois anos, temos ardente e desesperadamente esperado. Os fraques Biedermeier do Congresso de Viena serão substituídos por smokings. Esperemos que os smokings evitem outros “Cem Dias.”



Terça-feira, 4 de março de 1947

A Conferência de Moscou ofusca temporariamente os problemas da fome, do frio e da falta de carvão. Da mesma forma que uma pessoa que se afoga procura se segurar até numa palha, o povo de Berlim deposita todas as suas esperanças nessa conferência, confia em que “as coisas acabarão bem.” Como se Marshall, Bevin, Bidault e Molotov pudessem, de repente, fazer carvão cair do céu, pudessem fazer brotar apartamentos das ruínas, elevar a temperatura em vinte graus ou fazer surgirem campos de milho num passe de mágica.

Tantas ilusões... Enquanto o homem ainda puder buscar conforto em ilusões, não estará completamente perdido.



Segunda-feira, 10 de março de 1947

Os ministros do Exterior chegaram hoje ao local da reunião. Quatro homens decidem o destino de milhões de desesperados.

“Se, ao menos, eles negociassem a soltura de prisioneiros de guerra,” dizem alguns.

“Negociar a soltura?” – observam outros zombeteiramente. “Quando, após dois anos de grande esforço, ainda não conseguimos descobrir a quantidade exata, muito menos os nomes.”

Dois ou três milhões de alemães ainda estão desaparecidos. De alguns não se tem notícia desde Stalingrado. Outros desapareceram em ação depois da batalha de Orel, da derrota em Varsóvia, da retirada da Polônia, da batalha por Berlim. Estarão vivos? Morreram? Foram feridos, capturados, deportados,

assassinados ou pereceram de inanição?

Por dois anos, todas as investigações sobre o destino dos prisioneiros de guerra alemães encontraram persistente silêncio da parte do governo militar russo. As cartas parecem se extraviar. As petições permanecem sem resposta. Cartas de toda a Alemanha estão empilhadas nos escritórios dos partidos políticos e nos jornais. “Ajudem-nos a trazer de volta nossos homens. Apelem para o humanismo deles. Perguntem pelos nomes! Perguntem pelos números de identificação! Movam céus e terra para que possamos descobrir o número de sobreviventes.” Todos os esforços são em vão. Parece que a gente se choca contra uma parede feita de algodão. Por que eles desejam nos torturar? Por que permanecem em silêncio?

Seguramente, as mães russas também não sabem por cerca de quatro anos se seus filhos sobreviveram à guerra, bem distantes de casa. Sob o mando de Hitler, milhões de prisioneiros de guerra russos morreram na Alemanha, sucumbiram por causa de epidemias, passaram fome ou foram torturados até a morte. Nós – particularmente nós – não temos condições de julgá-los se eles agora nos pagam o sofrimento com sofrimento, as represálias com represálias. Mas há um armistício já por vinte e três meses. E em Nuremberg um tribunal internacional vem promulgando sentenças em nome da França, da Inglaterra, da América e da Rússia relativas aos crimes contra a humanidade cometidos pelos nazis.

“Eles não querem nos impor represálias,” dizem. “Estão interessados em mão de obra adicional. Como pagamento adiantado das reparações.” Em tom de escárnio, saem-se com os seguintes cálculos: “Dois milhões de homens equivalem a oito milhões de marcos de trabalho por dia. A sessenta pfennigs a hora. Menos oitenta pfennigs ao dia para alimentá-los. Oito milhões de marcos por dia totalizam cinco bilhões de marcos em dois anos.” Eles gracejam ironicamente. “Cinco bilhões de marcos por trabalho. É uma quantia respeitável a ser embolsada discretamente como pagamento de reparações. E os aliados ocidentais deixam que eles façam isso...”

Há muito dar de ombros e meneio de cabeça em Berlim sobre esse assunto de acerto de contas. Tantos, que nossas próprias culpas são quase esquecidas.



Domingo, 16 de março de 1947

Molotov divulgou o número de prisioneiros de guerra. Ao menos isso a Conferência de Moscou conseguiu até agora. Porém, em vez de alívio, desapontamento e desespero se alastraram entre a população. Oitocentos e noventa mil, quinhentos e trinta e dois. Dá vontade de perguntar se não é trinta e dois e meio, ou trinta e dois e três quartos. Menos de um milhão. E quanto aos outros? O pronunciamento de Herr Molotov simplesmente acabou com eles. Dispersou-os pelo vento como folhas de outono. Fez que desaparecessem no ar. Para um milhão de mães, para milhões de irmãs, crianças e esposas, seus filhos, pais, maridos ou amigos foram mortos em ação somente hoje, dois anos após a guerra. Mortos em ação com as palavras de Molotov: “Oitocentos e noventa mil, quinhentos e trinta e dois permanecem no cativeiro.” Hasteiem a bandeira a meio-pau em toda a Alemanha! Chore Hécuba, chore!

“Isso também é uma mentira,” os pesarosos são confortados. “Eles não incluíram no total os trabalhadores qualificados. Os especialistas são valiosos. Não são mais prisioneiros de guerra e sim candidatos a *tovarich*. Se nós os incluirmos, poderemos acrescentar, na pior das hipóteses, mais quinhentos mil ao total.” Um fio de esperança. Mas são milhares os que se apegam cega e desesperadamente a esse fio.



Quarta-feira, 26 de março de 1947

Os ministros do Exterior reunidos em Moscou não são os únicos que decidirão. A natureza também, a seu modo, tenta resolver o problema da superpopulação alemã. Como o antigo Egito, todo o país parece afetado por sete pragas. Tão logo a praga da guerra terminou, veio a do estupro, seguido da praga dos refugiados. E enquanto grassa essa última, uma nova – o frio – se instala com enregelantes nevascas. As mortes continuam. Em 14 de março, no período de três horas, houve uma súbita elevação de vinte e três graus na temperatura, como a Europa não experimentava havia cem anos. Neve transformada em lama, gelo, apagões. As pessoas escorregavam nas ruas cobertas por perigosas camadas de gelo como se andassem sobre vidro. Cada passo dado no escuro fazia que a pessoa parecesse na dança de São Vito. Uma dança de São Vito que superlota os hospitais de Berlim, da noite para o dia. Pessoas com fraturas ou luxações graves. Algumas experimentam concussões cranianas fatais.

Antes de a quarta praga ter causado seu estrago total, a quinta já se aproxima. Quando o grande degelo se instala, um fedor horrível exala dos escombros, consequência do estouro de dutos de esgotos ocorridos no inverno. Enquanto os berlinenses escancaram as janelas para deixar o calor solar penetrar em seus quartos frios, o Oder assalta suas margens. Suas águas inundam setenta mil hectares de terras cultiváveis e levam de roldão vilarejos, gado, casas e pessoas. As pessoas escapam em botes levando apenas a própria vida. Mais uma vez, milhares ficam sem teto e um número incontável encontra morte súbita.

“Há quatrocentos e setenta e cinco novos casos de tuberculose numa só semana... um em cada sessenta e sete berlinenses está acometido de doenças venéreas,” dizem as estatísticas. “Na média, quem está com doença venérea tem entre dezessete e vinte e oito anos.” De modo que a morte cobra seu preço mesmo entre crianças não nascidas. Se a Conferência de Moscou não puser um ponto-final nesse apocalipse...



Terça-feira, 1º de abril de 1947

“Más notícias, más notícias,” dizem nossos amigos aliados. A “disputa” em Moscou não está levando a lugar nenhum. Cada assunto da pauta acaba sendo deixado de lado sem que se chegue a uma decisão. Os quatro “aliados” não conseguem chegar a consenso em matéria alguma. É isso que acontece quando visões opostas do mundo se encontram em pretensa solidariedade. Aquilo que diariamente experimentamos no microcosmo se repete em Moscou em grande escala.

Enquanto Herr Hitler era o inimigo público número um, as visões de mundo de seus adversários não faziam diferença. Nem para os que estavam na Alemanha, nem para os que estavam fora. No entanto, nem bem esse inimigo foi derrotado, aflorou de imediato o problema das perspectivas mundiais. E logo se percebeu que essas visões eram opostas. E mais opostas se tornaram com o passar de cada dia. Para os adversários alemães do inimigo público número um do mundo, os estágios que levaram a tal percepção foram a votação da greve, as alfinetadas pela imprensa, a discordância no conselho da cidade e as impiedosas rixas noturnas a tiro. As tensões no Conselho de Controle, a ineficácia das conferências, o banimento das forças de ocupação ocidentais da zona russa, a nomeação de George Marshall para secretário de Estado americano, o recente discurso de Truman contra o comunismo, o crescente sentimento antissoviético nos Estados Unidos, a agressividade cada vez mais ostensiva entre os vitoriosos do Leste e do Oeste – esses foram os estágios que conduziram à mesma percepção para seus adversários de fora da Alemanha.

Os vitoriosos pareceram mesmo se ressentir em relação a nós, alemães, porque também, gradualmente, percebemos que o curso inicial da reconciliação, nesse meio-tempo, tinha mudado. E, mais uma vez, a

impressão é de que os políticos esperam que o alemão comum demonstre mais visão política, mais cautela e presciência, do que eles próprios são capazes. Como esperaram que o alemão comum durante o regime de Hitler se decidisse contra o nazismo, cinco anos antes do encontro de Godsberg, têm esperança de que o alemão comum da Alemanha pós-guerra se decida, retroativamente, contra o comunismo, mesmo em face da amizade de Frankfurt, da Organização das Nações Unidas e do Acordo de Potsdam.

No Distrito do Ruhr e na zona inglesa, o povo vem se insurgindo por semanas contra a situação dos alimentos, que se deteriora rapidamente. Greves têm sido acompanhadas por manifestações contra a fome. Na zona francesa, recebe-se oitocentas calorias por dia. No papel, supostamente é mais. Mas o papel não se envergonha, nem explicita que essas rações podem ser pretendidas, mas jamais foram distribuídas. Em vez de 450 gramas de banha por mês, 125 gramas. Em vez de 450 gramas de açúcar por mês, nenhum. Em vez do pretendido quilo de massa por mês, nem um só grama. “Em vez de’ não enche barriga,” dizem. Por isso, fazem greves. Ou tentam chamar a atenção mediante marchas da fome. A satisfação pela liberdade de manifestação sem punições, ou com penalidades leves, é algo de que não desfrutam há muito tempo.

Na zona russa de ocupação, o poder reage com métodos mais rígidos à “não cooperação” de certos círculos. Prendendo os que ousam expressar opiniões diferentes das do Partido da Unidade Socialista. Quem, de um modo ou de outro, se torna inconveniente ao regime, de repente some no ar. São esses os métodos que criam o fosso e tornam irreconciliáveis as visões de mundo, que transformam os amigos de ontem em inimigos de hoje. Na vida individual como entre as nações. O que se pode esperar de Moscou em tais circunstâncias?



Sábado, 5 de abril de 1947

Nada! Nada absoluto! Nem paz, nem redefinição das fronteiras orientais, nem remoção dos limites zonais, nem uma regulamentação monetária conjunta. Parece que se reuniram apenas para mostrar ao mundo como argumentar habilidosamente na contradição. “À nossa custa... e pelas nossas costas,” queixa-se a gente, cada dia esperando menos e menos da Conferência de Moscou.



Quarta-feira, 16 de abril de 1947

As negociações se arrastam no Kremlin, enquanto em Berlim as pessoas se engalfinham num emaranhado diário, por vezes horário, de ordenações, formulários e questionários. Poucas vezes um país se viu tão azucrinado pela burocracia como a Alemanha de hoje.

Converso com um empresário do setor oriental. “Se continuar dessa maneira,” diz ele, mostrando uma pilha de formulários em sua mesa, “qualquer iniciativa de nossa parte cedo será afogada pela burocracia. Vinte e oito questionários por mês. Durante quatro semanas, um secretário especial tem-se ocupado só com o preenchimento de formulários oficiais. Sumário Industrial. Relatório sobre o atingimento das cotas de produção. Relatórios sobre produtividade. Inventários a cada cinco dias. Relatórios de duas em duas semanas, relatórios mensais, relatórios trimestrais. Diga-me, como podemos encontrar tempo para o trabalho produtivo?”

De tarde, visito uma das colegas de Heike.

“É intolerável,” queixa-se ela, apontando para os pés inchados. “Se as coisas continuarem assim, desistirei

da profissão. Há três dias meus filhos estão com sarampo. Ao meio-dia, tenho de sair para pegar a quota de alimentos para o bebê. Uma hora de caminhada, para meio litro de papinhas. Às duas horas, tenho de sair para pegar a merenda escolar de minha menina mais velha. Uma hora de caminhada para meio litro de alimentos. Às quatro horas, tenho de sair para pegar minha própria comida no teatro. Hora e meia de caminhada para meio litro de alimentos. Às sete, coloco tudo isso numa panela e dou graças a Deus e aos aliados por me presentear com alimentação para o bebê, para a escola e para o teatro. Imagino a vida maravilhosa que seria se eu pudesse ter as três refeições à mesma hora em casa.”

Mas isso não é possível; e caso não sejam necessárias três horas e meia de caminhadas, perdem-se três horas na fila de espera, três horas lutando contra um sistema inadequado de distribuição, três horas a matutar sobre a forma de melhor suprir uma família nos dias de hoje. Horas perdidas marcando passo. Não apenas na vida profissional como também na pessoal. Será que no Kremlin se gasta menos tempo marcando passo?



Sexta-feira, 25 de abril de 1947

Os ministros do Exterior partiram ontem. Resultado: cada vez mais longe as perspectivas de paz e de amizade; a abertura das zonas se tornou cada vez mais nebulosa, e ficamos com menos um milhão de homens do que esperávamos.



Segunda-feira, 5 de maio de 1947

Um desassossego pesado tomou conta do povo de Berlim desde o fim da Conferência de Moscou. “Deve-se ficar na cidade? Deve-se ir embora? Haverá guerra?” Nossos instintos estão inseguros desde que nos sentimos como meros peões no jogo de xadrez da política mundial. Quando Hitler estava no poder, todos tinham objetivos imutáveis: para os nazis, a vitória de Adolf Hitler, para os antinazis, o fim do nazismo. Qual é a meta agora? Reconciliação? Separação das zonas? Guerra?

Os boatos correm. “A Baviera inteira é um gigantesco arsenal. Todas as noites transportes com tropas russas rolam para o Oeste. Os aliados ocidentais terão muita sorte se conseguirem barrar o avanço soviético no Atlântico.” Boatos que fazem a gente ter vontade de baixar a cabeça e tapar os ouvidos.

“Guerra,” diz o vendedor de jornais. “Guerra,” diz o motorneiro do bonde. “Guerra,” dizem o carteiro, o vendedor da mercearia e a esposa do açougueiro na esquina. As mesmas pessoas que, há três anos apenas, teriam preferido mastigar sola de sapato a aguentar a infelicidade dos bombardeios por mais um dia que fosse, falam agora de nova guerra como a única saída possível. Isso por causa da espera nas filas, da monotonia da ingestão de aveia, da injustiça da desnazificação, da idiotice dos questionários, da decepção com os aliados e de toda a confusão sem esperança de nossa condição no pós-guerra. Já deixaram de se perguntar como acabaram nessa situação, ou de lembrar como era a Alemanha antes e depois de Hitler ter assumido o poder.

Hoje, 5 de maio de 1947, Hitler já está morto há dois anos. E o que veio depois dele parece tão insuportável aos herdeiros de seu colapso que talvez até preferissem um fim calamitoso a uma calamidade sem fim. “Seria melhor a guerra. Melhor comer sapato que aguentar mais essa calamidade sem sentido.”

Que benefício resulta de, no Oeste, as zonas americana e inglesa serem unificadas? A união ocidental

torna a desunião Leste-Oeste ainda mais gritante. “Esperamos que os efeitos positivos da união das duas zonas sejam totalmente sentidos por volta de 1950,” declara um economista americano. E o que dizer das manifestações contra a fome? Sobre as greves? Do impedimento e dos empecilhos, devidos à burocracia, de quaisquer iniciativas e, por via de consequência, de qualquer planejamento construtivo, em razão dos incessantes rumores de guerra? Ninguém se anima a reconstruir sua casa para novas bombas. Não se pode esperar que alguém poupe seu dinheiro para a receita do estado ou para a reforma monetária. Para quê? Por quê? Ter de perguntar “Para quê?” a cada aspecto do dia a dia da vida deixa a gente maluca.



Quinta-feira, 8 de maio de 1947

Também na Baviera ninguém está longe desse estado de espírito. Só que se fica maluco de forma diferente dos berlinenses. O Dr Hundhammer, ministro bávaro da Cultura, advoga a reintrodução da punição física nas escolas. O líder do sindicato dos agricultores bávaros, Dr Fischbacher, exige que todos os prussianos sejam expulsos da Baviera e que a miscigenação entre bávaros e não bávaros seja classificada como “degradação do sangue.” Em vez de uma unidade fraterna para retirar a cunha que o antagonismo entre os aliados enfiou entre as Alemanhas Ocidental e Oriental, a estão metendo deliberadamente cada vez mais fundo.

“Vai haver guerra,” dizem os moradores de Munique. “Porém, desde que a queda das partículas radioativas da bomba atômica que será lançada sobre Berlim não se espalhe além de Hof, não precisamos nos preocupar muito com isso.”

A Baviera para os bávaros. Baden para seus habitantes. E para Berlim? A próxima bomba atômica que será lançada. Uma triste maneira de a pátria-mãe demonstrar sua gratidão por dois anos de “construção de ponte.”



Domingo, 11 de maio de 1947

“Não se esqueça de acertar o relógio,” lembrou-me Frank na noite passada. Não há como esquecer. Por dias meus ouvidos vêm zunindo com as queixas de todos sobre o “novo tormento.” A partir de domingo, horário de verão de Moscou. No verão de 1945, também adiantamos nossos relógios em duas horas. E não suspeitamos de nenhuma intenção diabólica. Economia de energia elétrica, simplificação dos transportes das forças de ocupação, ou Deus sabe que outras razões podem estar por trás da decisão.

“Até de nosso sono eles estão nos privando,” reclama-se agora por todos os lados. “Eles nos concedem apenas algumas miseráveis horas de sono.”

É perturbador quando um homem perde a capacidade de ver o lado positivo das coisas. Perturbador não apenas para ele, porém ainda mais para os que têm a responsabilidade de governá-lo. Reação, sanção. Em todos os cantos, crescentes sinais de que haverá uma terceira guerra mundial. Não importa contra o quê. Não importa contra quem...



Quarta-feira, 28 de maio de 1947

“... contra o bolchevismo,” dizem alguns. “Cada vez mais assustadoramente, suas garras se estendem para o restante da Europa. O Comintern, a Internacional Comunista sacrificada em prol da aliança com os ocidentais, ressuscitou agora através do Cominform, o bureau de informação comunista. A Quinta Coluna está em marcha. E uma vez alcançado seu objetivo...”

“... contra o fascismo,” afirmam outros. “Não vê você como ele tem avançado em todo o mundo? Na França, a influência de de Gaulle está mais forte a cada dia. Só falta um pequeno *coup d'état*, e a ditadura estará firmemente consolidada. Não só na França como também na Espanha.”

Amerika? “Em dez anos haverá fascismo na América,” observou recentemente um americano. “Salvo que por lá ele será chamado de antifascismo.” Palavras amargas. E se houver um fundo de verdade por trás delas?

“... contra a reação,” declara o seguinte. “A que chegaremos se os padres – como na Baviera – exigirem provas de que seus paroquianos se confessaram, se, num excesso moralista, os sexos forem proibidos de nadarem juntos, se a punição física for reincorporada e se a intolerância de ideias e crenças prevalecer. De volta à Inquisição. De volta à queima das bruxas em fogueiras. É essa a realidade de nossos sonhos democráticos?”

Nem isso, nem aquilo. Mas a impressão é de que, no momento, existe pouco espaço para o ideal social-democrata entre ditaduras vermelhas, marrons ou negras. Quase estreito demais para que dê esperança em sua materialização prática.



Sexta-feira, 6 de junho de 1947

Sempre que alguém pensa que nada mais funciona, um vislumbre de esperança surge de algum lugar. Dessa vez, veio da Universidade Harvard, onde Marshall, o secretário de Estado americano, anunciou ontem para uma plateia de estudantes um extenso plano de assistência para a reconstrução da Europa. Finalmente, uma proposta construtiva. Duplamente construtiva já que servirá igualmente ao Leste e ao Ocidente.

Os alemães, também, parecem se lembrar de que têm coisas em comum. Ontem, pela primeira vez desde o fim da guerra, os chefes das quatro zonas se reuniram em Munique para debater as medidas necessárias a fim de se evitar outro inverno miserável na Alemanha. Quando se dá um bom exemplo...



Sábado, 7 de junho de 1947

... os outros necessariamente não o seguem. Mesmo antes de o último integrante da chefia da zona oriental ter adentrado a chancelaria do estado bávaro, seus colegas já haviam se retirado da sala da conferência. Os delegados da zona oriental retornaram a Berlim. Não puderam nem mesmo concordar com a agenda. Outra esperança que se transforma em desapontamento. E se o plano de assistência para a Europa tiver o mesmo destino?



Domingo, 22 de junho de 1947

Ainda não. Graças a Deus, ainda não. Dessa vez, parece que eles não estão perdendo tempo para colocar a teoria em prática. Um novo convite a todos os ministros do Exterior aliados para se reunirem em Paris em 27 de junho. Tópico da conferência: o Plano Marshall. A Rússia aceitou o convite. Quase antes de tê-lo até recebido.

“Os americanos estenderão créditos aos russos e, em troca, eles se retirarão para o Oder,” rejubilam-se as pessoas. A desilusão vira de novo esperança.



Quinta-feira, 26 de junho de 1947

Não estamos alegres. O governo americano banuiu a importação de cigarros. E isso para um país onde já por anos os Chesterfields são usados como moeda corrente.

“Qual você acha que é o método mais eficiente para combater o mercado negro?” – um americano especialista em finanças perguntou-me recentemente.

“Fornecer cigarros para nós,” respondi.

Ele olhou para mim com desaprovação. “*Como pode um povo derrotado ser tão viciado em intoxicantes?*” – interpretei seu olhar. Já me fiz a mesma pergunta mais de uma centena de vezes. Por que uma pessoa que jamais antes tocou num cigarro de repente se torna fumante? Por que vendem seus cartões de racionamento de alimentos para comprar um maço de cigarros no mercado negro a preço exorbitante? Por que faz isso numa ocasião em que a quota mensal é de doze cigarros por pessoa? Por pessoa do sexo masculino. As mulheres só recebem a metade. Por que não tiramos conclusões dessa escassez de oferta e não paramos completamente de fumar? Porque simplesmente não conseguimos. A cada dia, posso até dizer a cada hora, a fortuna nos reserva novos choques. O choque dos bombardeios noturnos, o medo de sermos estupradas, a insegurança da vida em Berlim, toda a miséria de nossa vida entre ruínas – tudo isso não pode ser compensado com a ingestão de aveia. Ou de outros cereais ou de café artificial. É a discrepância entre a intensidade de nosso destino e o tédio de nossa vida diária que nos faz viciados em cigarros. Por alguns instantes felizes, o fumo nos dá uma fuga da realidade insuportável. Aí está o segredo que transformou os Chesterfields em moeda corrente. E enquanto formos condenados a suportar mais dos que nossas forças permitem, Chesterfields serão o foco de nossos desejos.

Agora a importação de cigarros foi banida. Que ilusão esperar que a interrupção da oferta acabará com a demanda! Se as potências de ocupação mostrassem um pouco mais de compreensão por nossas necessidades individuais... Que sabe o saciado sobre o faminto? Ou quem joga fora seu cigarro fumado só pela metade sobre aqueles que avidamente sacrificam três marcos e meio por uma dessas guimbas? No mercado negro ou onde puderem.



Terça-feira, 1º de julho de 1947

Os americanos fazem e os russos desfazem. No caso presente, no mercado negro do tabaco. E o lucro vai diretamente para os bolsos russos.

Voltando para casa depois de um ensaio, Heike esfrega um cigarro branquinho debaixo de meu nariz.

“Você sabe que cigarro é este?” – pergunta ela e, sem esperar por resposta, continua de forma pomposa. “*Droog*, a marca amiga dos pobres, esperança e conforto para todos os viciados em nicotina.” Ela levanta a mão que segura o cigarro. “A vitória do Leste sobre o Oeste – pelo menos no que diz respeito a cigarros. A quantidade que você quiser. Eles conseguiram.”

“O quê?” – pergunto, um pouco alarmada.

“Bem,” Heike diz alegremente “desde que o lucro vá para seus próprios bolsos.” Ela acende o cigarro e se senta no chão próximo à minha poltrona. “Agora, ouça só. O que diz o americano esperto? O tabaco é a alma do mercado negro. Por isso vamos banir o tabaco. O que diz o fumante esperto? Não posso viver sem cigarro. Os americanos banem sua importação, então tenho que ficar preparado para o dobro dos preços. O que dizem os poloneses espertos? Os alemães não podem viver sem tabaco. Os americanos banem sua importação. Vamos então investir trinta mil dólares para comprar cigarros americanos e jogá-los no mercado negro. Um maço custa vinte centavos de dólar e será vendido a cento e vinte marcos. Isso significa seiscentos marcos por dólar. Hurra! Uma grande barganha para nós! Então o que diz o russo esperto? Sem tabaco, os alemães não podem viver. Seis marcos por cigarro é preço demasiadamente elevado a longo prazo. Então vamos produzir cigarros em grande escala. Da marca *Droog* no lugar do *Chesterfield*. A dois marcos, em vez de seis, por cigarro. Que belo negócio!”

“E que tal o gosto?”

“Nada mau. Decerto melhor que as guimbas dos outros.”

Balanço a cabeça. “É mesmo um negócio e tanto! Eles parecem sempre encontrar uma forma de passar a perna nos outros.”

Heike sorri. E, pela primeira vez, deixa descuidadamente o cigarro queimar sozinho no cinzeiro.



Sexta-feira, 4 de julho de 1947

Pânico! A Conferência de Paris fracassou. “Os ministros do Exterior da França, da Inglaterra e da Rússia não conseguiram chegar a consenso,” publica o *Tägliche Rundschau*.

“A intenção do Plano Marshall é privar de sua autossuficiência os países europeus independentes e deixá-los sob o controle americano,” declara Molotov em Paris. “A Rússia se opõe ao Plano Marshall porque ele racha a Europa em duas.” Após fazer a declaração, Molotov se curva polidamente, diz até breve e se retira. Bidault o acompanha até a porta. “*C’est fini*,” suspira o francês quando volta. Este é o fim da esperança, o fim de uma Europa indivisível.

Sem qualquer menção ao fato, a cortina entre o Leste e o Oeste começa a descer no Elba. As gentes ainda não sabem disso. No máximo, suspeitam, devido às primeiras consequências indiretas.

Pânico! O preço dos alimentos e das necessidades domésticas no mercado negro dispara velozmente. Não há gasolina à venda. Quantias inacreditáveis estão sendo pagas por carros e motocicletas. A separação é iminente, sugerem essas medidas. Economize o que puder! Para o Oeste... para o Oeste... Sentimo-nos em cima de gelo derretendo, prestes a ceder a qualquer momento. Conseguiremos chegar ao litoral? Mas qual litoral?

A França atravessa tremenda crise. Greves, descoberta de tramas subversivas, os partidos da esquerda e da direita conseguem ganhos sucessivos e ameaçam esmagar o pequeno e moderado centro. Na Espanha, o fascista Franco. A Itália está próxima de virar comunista. Para onde se olha: coletivização, catástrofe ou quase catástrofe.

Talvez sejamos nós os errados. Individualistas e contra a tendência mundial, postamo-nos no caminho do

destino coletivista do século XX. O que resta de uma França democrática está se tornando gaullista, e se a Espanha marchar com Franco, a Itália, com Togliatti, e a Polônia e a Alemanha Oriental – o que significa a Rússia – com Stalin?

Uma situação bizarra em que uma faixa estreita entre o Elba e o Reno, a Alemanha Ocidental, está defendendo, com a Inglaterra, a democracia na Europa. Contra o fascismo do Oeste e o comunismo do Leste. Num dia qualquer, talvez até convoquem de volta dos mortos Herr Hitler para fechar o fosso coletivista. Salve-se quem puder! Mas para onde? E por quê?



Segunda-feira, 7 de julho de 1947

Agitado, Frank entra no meu quarto. “Notícias confiáveis asseguram que os aliados ocidentais sairão de Berlim nos próximos três meses. Tire as malas do porão. É hora de fazer as malas.”

Fico apavorada. A perspectiva de ir embora novamente com malas e bagagem depois de nem dois anos de paz parece-me um infortúnio sem tamanho.

“Pense nos nossos amigos judeus,” alerta Frank. “Os que saírem por último levarão a pior, felizes se escaparem com vida.”

“Que acontecerá com Berlim? O que dizer da ponte? Quem ficará se dermos o mau exemplo?”

Tentando me confortar, Frank me abraça. “Não vamos sair logo,” ele tenta me garantir. “Entretanto, aos poucos temos de nos conscientizar de que algum dia teremos de ir embora. E então não gostaríamos de estar do lado ‘totalmente bombardeado’ da cortina. Com um lenço na mão, nosso único bem restante.”

Três horas mais tarde, as primeiras malas tomam o caminho do trem-correio. Um pouco de todas as coisas, seguindo o padrão das malas preparadas para os abrigos antiaéreos.

Naquela noite, compareço a uma recepção dos Aliados para a imprensa. “O que você faria se estivesse em nosso lugar?” – pergunto a um jornalista americano.

“Se eu ainda não tivesse dezoito anos, me filiaria ao partido comunista. Se fosse mais velho, deixaria a Europa.”

“Por que se filiar ao partido comunista?”

“Porque em dez anos, no máximo, a Europa será comunista,” replicou o jornalista, “e porque não vale a pena para um moço ser da oposição a vida toda.”

Bela perspectiva! O coquetel que eu estava bebendo perdeu o sabor. “Mas vocês não nos levarão junto... quero dizer, quando forem embora?” – ousei perguntar.

Ele permaneceu impassível. “Em tal emergência...” Faltou o restante da frase. Tacitamente, concluí que, também em tal emergência, Deus só ajudará quem ajudar a si próprio.



Terça-feira, 8 de julho de 1947

Tem tudo para dar errado. A cada dia, novos fatos tornam muito claro quão inexoravelmente os países a leste e a oeste do Elba evoluem em direções diferentes. O tesouro municipal de Berlim, que substituiu os bancos fechados desde o fim da guerra, já quase não fornece notas alemãs, e sim só quase notas russo-aliadas. A gente as chama de “notas menos,” porque um sinal de menos antes do número de identificação as torna diferentes das impressas pelas potências ocidentais. “Notas menos” não são – ou são mui relutantemente –

aceitas pelos bancos da Alemanha Ocidental. Aqui também um fosso nos separa. “Não vai adiantar nada,” lembro-me dessas palavras de nossos conhecidos comunistas depois da votação com indicação de greve. “Em 1º de Maio vai haver a unidade... e seis meses depois exigiremos uma fusão.” Os seis meses se passaram. Mas seus objetivos permanecem imutáveis. Imperceptivelmente e com persistência inabalável, eles se aproximam da concretização desses objetivos. Infelicidade dos oponentes que ainda não estão preparados para essa mentalidade. Para os que, sem suspeitar, deixam-se seduzir por ela vezes sem conta.



Quarta-feira, 9 de julho de 1947

Inglaterra e França ainda não perderam a esperança. Mandaram convites para vinte e duas nações se reunirem em 12 de julho com o objetivo de debater o Plano Marshall. Dezesesseis nações já concordaram em comparecer. A Tchecoslováquia está entre elas. Seu primeiro-ministro, contudo, está fazendo uma suspeita visita a Moscou. A Alemanha Ocidental será supostamente representada por seus governantes militares. Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Polônia e Albânia declinaram do convite: “Muito obrigado, não precisamos de nada,” declararam elas sobre a proposta americana de ajuda, e se afundaram cada vez mais atrás da sombra do “grande irmão.” Em Paris, falam muito sobre uma porta que “permanece aberta.” Temos de esperar para ver quem, afinal de contas, passará por ela.



Sexta-feira, 11 de julho de 1947

Nem Hungria, nem Finlândia. Em vez disso, no último minuto, um dos convidados escafedeu-se de novo. Herr Gottwald, o primeiro-ministro da Tchecoslováquia. “Meu amigo, que carão devem ter-lhe passado em Moscou!” – diz Heike, demonstrando mais esperteza que respeito.

Mais cedo do que esperávamos, os fronts em cada lado da “cortina” se consolidaram. Bloco Ocidental contra Bloco Oriental. Estados satélites da União Soviética, dizem os aliados ocidentais, contra estados satélites do capital dos Estados Unidos, dizem os aliados do leste. Uma coisa é certa: a linha divisória corre pelo meio da Alemanha... “Faça as malas!” – insiste Frank.



Segunda-feira, 21 de julho de 1947

Em Paris, conseguiram um acordo com surpreendente rapidez. Incrível como é mais fácil negociar quando não há por perto alguém que sempre diz “não” quando os outros dizem “sim,” e sempre diz “sim” quando os outros dizem “não.” Por vezes, fica-se até em dúvida se os aliados ocidentais ainda estão interessados em chegar a entendimento com a Rússia. Já em junho, pareceu que a concordância de Molotov em ir a Paris, em vez de agradar os aliados, os surpreendeu. Um membro necrosado precisa ser amputado. A criação do Cominform talvez tenha provocado tal percepção nos aliados ocidentais, talvez os tenha feito finalmente entenderem a tática do aliado oriental. A tática soviética é criar a desordem. Onde o caos prevalece, onde a fome e o descontentamento reinam, o povo se volta automaticamente para o comunismo. Sendo assim, eles fomentam as greves, interferem na reconstrução, desvalorizam a moeda, perseguem uma

política negligente de todas as formas concebíveis. Cada mês de impasse beneficia o rearmamento – um ganho precioso de tempo para terminar o desenvolvimento da bomba atômica. A América tem a bomba. E desde o discurso de Marshall em Harvard eles parecem ter também chegado à conclusão de que só uma Europa economicamente sólida pode compor um bloco capaz de barrar o avanço soviético para oeste.

E qual o papel da Alemanha nesse programa? Nós criticamos os pais tolos que tratam seu filho adolescente como uma criancinha, enquanto, ao mesmo tempo, desejam vê-lo glorificado como herói. O filho supostamente tem de ser, ao mesmo tempo, o “bom menino” e uma personalidade notável cujo brilho reflita sobre os pais. Dois opostos irreconciliáveis numa mesma pessoa. Os americanos classificariam tal conflito com seu ditado: “Comer o bolo e também guardá-lo.” Aplicado à nossa situação, o ditado poderia ser assim alterado: “A Alemanha como baluarte contra o bolchevismo, enquanto são desmanteladas todas as fábricas que poderiam tornar o país competitivo.” E onde seria constituído tal baluarte: no Oder, no Elba ou no Reno? Talvez o destino tenha dado aos aliados ocidentais a tarefa de, imperceptivelmente, ficar puxando cada vez mais para baixo a Cortina de Ferro.



Sábado, 2 de agosto de 1947

Um suspiro de alívio! A saída de Berlim foi postergada. Na verdade, é discutível se, em alguma ocasião, foi seriamente considerada. Entre os líderes confiáveis no governo militar, ressalta-se que a América jamais cedeu um posto avançado.

E quanto ao boato? Surgiu porque a Inglaterra não quer – ou talvez não possa mais – arcar com o custo da ocupação de Berlim. Nada que cause grande preocupação. A América assumiria o encargo e, no futuro, cobriria oitenta por cento dos custos da ocupação. Os berlinenses se acostumarão a falar menos e menos sobre as potências de ocupação inglesa e francesa. A nova composição apenas confirma uma verdade indiscutível. Há só dois oponentes no mundo: Rússia e Estados Unidos.

Isso nos deixa mais seguros em Berlim? Os constantes altos e baixos da esperança e do medo nos ensinaram a encarar o problema de nossa situação de ponto de vista diferente. Decerto, os aliados ocidentais não desistirão de Berlim. Mas não poderão evitar que a cidade se transforme num bastião. Numa fortaleza, não há espaço para a atividade cultural. Fortaleza é um front. E só aqueles que se consideram combatentes devem permanecer. “Deus Misericordioso,” rogamos, “mostre-nos o caminho.” Quanto mais claramente entendemos que, um dia, teremos de deixar Berlim, mais fraca nossa determinação de, na verdade, fazê-lo. Estaremos depositando nossa esperança numa passagem subterrânea que nos deixe escapar da fortaleza no último momento? Corre um único trem por dia de Berlim através da linha demarcatória. A viagem dura doze horas e é feita de pé durante todo o trajeto até Hanover. A inspeção das bagagens e a verificação dos documentos de identidade no posto de controle de Marienborn duram quatro horas. Caso se tenha olhos de ver, dificilmente há sinal mais convincente de quão frágil é a comunicação entre Berlim e o Oeste.



Domingo, 17 de agosto de 1947

O destino decidiu sobre o dilema de Frank, ao providenciar sua convocação a Munique. Em 1º de setembro, ele deixará Berlim. Temo só de pensar sobre isso. Estaremos separados! Não teremos mais condições de dizer um ao outro: “Não estou muito feliz hoje.”

A correspondência via correio leva cinco dias de Berlim a Munique. Por vezes, dez. Com mais frequência, quinze e até vinte. Escreve-se totalmente no vazio e, deste vazio, vez por outra, resulta uma resposta. Ou nenhuma. Tudo depende da sorte.

Há dois anos, Andrik morreu. Fabian foi embora e Dagmar se mudou. Jo Thäler vive no hospital. No fim da guerra, éramos uma comunidade. O que terá nos separado? Fico assustada. Tenho vontade de dizer: “Fique, Frank.” Mas não digo. Não seria razoável. Não se segura a pessoa que tem a chance de escapar da fortaleza.

Nos últimos dois dias correram rumores de que o despacho de mobília para o Ocidente estava banido. O trem entre zonas ainda funciona. Demora cerca de quatro semanas para se conseguir uma permissão de trânsito interzonal, um cartão de registro e uma passagem. Na estação de Charlottenburg, todos os dias, entre nove e uma da tarde, as pessoas se digladiam por um lugar no trem.

“Fique aqui, Frank,” exclamo de pé ao lado da sepultura de Andrik. Mas da terra não emana som algum, apenas o odor da putrefação.



Quarta-feira, 20 de agosto de 1947

“Frank está de partida para Munique... Frank está de partida para Munique.” A frase não para de ecoar na minha cabeça. Caminho pelas ruas, e cada árvore, cada ruína escurecida pela fumaça, lembra-me: “Estivemos juntos aqui.” Como se pode viver separados. Sabendo-se dos quatorze dias consumidos pela correspondência, das quatro semanas em pé na fila para se obter selos e permissões, e do duvidoso – pra lá de duvidoso – trem interzonal.

Preparamos duzentos pacotes. Cada um pesando oito quilos. Esse é o limite, segundo as últimas regulamentações, para o transporte de bens para as zonas ocidentais. Para transporte de cargas, tantas permissões são requeridas que se pode estar morto antes de conseguir todas. O transporte dos fardos é incerto. Quem deseja certa garantia faz a movimentação com pacotes registrados. Cada um deve pesar no máximo dois quilos. Em prestações módicas, pode-se assim dizer. Uma pessoa cuidadosa chegou a preparar mais de mil pacotes. Assumimos os riscos. Três vezes oito quilos de partes de bicicletas constituem, pelo menos, uma bicicleta.

Apenas uma semana e meia para a partida de Frank...



Sexta-feira, 22 de agosto de 1947

... faltam só nove dias. O que é mais importante? Permanecer fiel à cidade ou fiel a uma pessoa?

“Você ainda me tem,” conforta-me Heike.

“É verdade,” sorrio, e a olho com gratidão.



Segunda-feira, 1º de setembro de 1947

Arrumar a mochila, fazer sanduíches, encher uma garrafa de uísque com café. Frank viajará por trinta e

cinco horas.

Em casa, participamos de um café da manhã de despedida no condomínio da caixa d'água. Sobre a mesa, a foto de Andrik. Cada um de nós se recolhe aos próprios pensamentos. A gente fica em silêncio quando há muita coisa a dizer de um para o outro.

Ontem ouvimos o boato de que Makar Ivanov estava na Sibéria. Como é rápido para se chegar à Sibéria! E quão longe é Munique! Olhando o relógio, Frank se levanta da mesa. Deixa os olhos vagarem pela sala. Foi aqui que falsificamos documentos de identidade, escondemos nossos ilegais, trememos de medo das bombas inglesas e onde, por nove anos, alimentamos esperanças, arriscamos, lutamos e duvidamos.

Éramos uma equipe. Berlim era uma equipe, os vitoriosos constituíam uma equipe. Neste exato momento – posso sentir – o grupo de resistência Onkel Emil está deixando de existir, o milagre daquela comunidade afunda, definitiva e irrevogavelmente, nas sombras do passado. Viver significa adaptar-se. Levamos dezesseis meses para entender que a adaptação à situação do pós-guerra significa separação.



Quarta-feira, 10 de setembro de 1947

O “deslocado” é uma pessoa fora do lugar. Gradualmente, quase se tem a impressão de que metade do mundo está fora do lugar. Quando forem consultados daqui a duzentos anos os livros de história, talvez lá esteja escrito: “... a segunda migração europeia começou por volta do ano 1900 e terminou em torno de 1960, depois da Terceira Guerra Mundial.” Três linhas numa enciclopédia sob a letra M de migração e, por trás delas, um oceano de lágrimas, de hecatombes, de mortes e interminável ir e vir de massas de refugiados. Quando começou? Com os gregos expulsos da Ásia Menor, com os armênios que os turcos expeliram, com os emigrantes russos, os espanhóis, os italianos, ou com os alemães? Serão os refugiados do Leste os últimos dos emigrantes ilegais para a Palestina? Ninguém está onde gostaria de estar, ninguém está onde deveria estar de direito.

“Os deslocados são a escória fascista da Europa,” diz a revista *Neue Berliner Illustrierte*, patrocinada pelos russos. “São procurados em seus próprios países como criminosos de guerra e preferem a vida nômade na Alemanha ao retorno.” Mas para onde deveriam ir esses infelizes? Ontem, no porto de Hamburgo, quatro mil e quinhentos refugiados judeus foram desembarcados do navio *Exodus* e levados para campos de internação próximos a Lübeck. “Queremos nos sentir em casa em algum lugar,” decidiram eles e, em meados de julho, embarcaram para Haifa sem autorização. As autoridades inglesas de imigração ficaram furibundas. Os navios foram abordados e os emigrantes ilegais forçados a se transferirem para três navios britânicos de transporte que rumaram de volta à Europa. “Queremos nos sentir em casa em algum lugar,” insistiram os refugiados, e entraram em greve de fome. Os navios navegaram para a França. Os passageiros se recusaram a desembarcar. “Levem-nos de volta para a Palestina,” exigiram. Decorreu um mês. Os navios-transporte rumaram para Gibraltar e, de lá, para Hamburgo. Na zona inglesa de ocupação, os passageiros podem ser desembarcados à força, se necessário. São “os deslocados”!

A Inglaterra não os quer. A América não os quer. Os Estados Unidos vêm retardando há um ano sua própria oferta de admissão de dez mil pessoas. Ao mesmo tempo, ponderando sobre a possibilidade de realocar alguns milhões de pessoas no restante arruinado da Alemanha.

Um grupo de deportados de Königsberg chega a Berlim. Com olhos encovados, mais parecem defuntos. Dos duzentos mil alemães, seis mil ainda estão vivos, relatam eles. Em porões, buracos, enterrados no chão como minhocas. Sobrevivendo do lixo, por vezes de cadáveres humanos, eles mais se assemelham a animais do que a humanos, mais a cadáveres do que a seres vivos. Os que fazem os relatos pouca semelhança

guardam com os humanos. Os deslocados!

Trens de carga rolam pela Rússia. Transbordando de figuras esfarrapadas. Crianças e mulheres, com uns poucos homens entre elas. “Quem são vocês? De onde vêm?” – os passageiros dos trens que trafegam em sentido contrário gritam para elas. “Somos os últimos de Breslau,” – consegue dizer uma débil idosa desdentada.

São os deslocados! A camada mais baixa na hierarquia social da humanidade. Os jornais se queixam sobre a imoralidade dos campos de realocação, sobre o mercado negro nas barracas da UNRRA, a Administração de Ajuda e Reconstrução da ONU. “Elementos antissociais,” criticam os artigos e, com muita certeza, gostariam de acrescentar: “Aí estão eles, os judeus de novo!”

Como é possível reintegrar se a pessoa está fora de lugar? Há dois mil anos, a maioria dos judeus está fora de lugar. Há vinte anos, alguns europeus, e há vinte anos, a maioria dos alemães. Uma vez desenraizado, é difícil para alguém criar raízes novamente. Emigrantes quase nunca conseguem. Se tudo correr bem, talvez seus filhos consigam. Tem de ser um destino terrível viver como o Judeu Errante, sem lar, sem objetivo, anexos aos “deslocados.”



Quinta-feira, 18 de setembro de 1947

Notícias de Frank. O sul da Alemanha está passando pela pior seca em cem anos. Rios secaram, muitos distritos estão sem água, apagões de energia, transtorno nos transportes, poeira, calor e depressão profunda, muito profunda. A sexta das pragas egípcias se abateu sobre nós. A praga da guerra, a praga dos estupros, a praga da miséria dos refugiados, a praga do frio, a praga das enchentes, a praga da seca. Qual será a sétima?

Já por muitas semanas, o céu se mantém invariavelmente azul. As safras murcharam. O gado muge nos estábulos. Fica-se imaginando o que o céu reserva em seguida para testar a humanidade.



Quarta-feira, 24 de setembro de 1947

Em Nuremberg, os julgamentos se sucedem. Os dezenove sentenciados do outubro passado foram seguidos por muitos outros. Os advogados e promotores nazis, os médicos nazis, os diretores responsáveis pela I.G. Farben, funcionários dos altos escalões, membros de cargos elevados no partido. Pelo ano e meio passado, não houve dia sem que os jornais publicassem ao menos uma coluna de primeira página com notícias sobre os julgamentos de Nuremberg. A gente já nem presta mais atenção ao que é publicado. Um tribunal mundial em sessão permanente deixa de causar sentimentos de remorso. Tem destaque no jornalismo aquilo que seja mais sensacionalista. O tapete do quarto de Heinrich Himmler vai para a América a preço muito elevado. Uma taça horrorosa de prata na qual um espertalhão gravou “Adolf Hitler – ao seu estimado guarda-caça do Reich” rende para seu dono quatro pacotes de Chesterfields. A Justiça cobre o rosto.

E quem se sai bem nos tribunais que funcionam a ritmo de lesma? Aquele que pode provar que foi “coagido” a se filiar ao partido. Aquele que pode convencer a corte de que ajudou um ou vários judeus durante o regime nazi. Quando se lê um relatório da absolvição de acusados pelos tribunais fica-se com a sensação de que para cada judeu perseguido há cerca de sessenta membros do partido que pleitearam ter tentado atenuar sua terrível sorte, nem que fosse por doação ocasional de batatas. Para não falar nos

cinquenta milhões de não membros dos quais se pode acreditar com mais facilidade em amor tão corajoso pelos seus irmãos humanos. Em alguns distritos de Berlim, por cerca de mil marcos se podem obter documentos e depoimentos que provam “que a pessoa foi coagida” ou que ajudou um judeu com algumas batatas.

“O conceito básico está errado,” dizem os mais razoáveis. “Aquele que se deixa ser coagido a fazer alguma coisa não é uma pessoa corajosa. E, por certo, não é democrata. Se nossos juízes quiserem nos ensinar democracia, não podem premiar “ter sido coagido” e sim as confissões. Eles estão lançando sobre o futuro da Alemanha um bom número de irresponsáveis.”

Cada procedimento de desnazificação leva cerca de dez meses. Três para conseguir uma data de julgamento, dois para a confirmação do veredicto pelas autoridades alemãs e cerca de seis meses para a confirmação final a ser dada pela devida autoridade de ocupação. Entrementes, a pessoa fica no vácuo. Nem carne, nem peixe, nem cidadão, nem criminoso. Fora do lugar – um deslocado, um DP, *Displaced Person*.



Segunda-feira, 29 de setembro de 1947

Algumas vezes pondero sobre a forma como as coisas atingiram patamar tão medonho. E a mim parece que todas as desventuras derivam do fato de ninguém ser capaz de se colocar no lugar do outro. Nem os não nazis no lugar dos nazis, tampouco as PDs no lugar das não PDs e muito menos os vitoriosos no lugar dos vencidos. Todos pensam que se comportariam de maneira diferente caso estivessem na situação do outro. Melhores, mais éticos e mais responsáveis. Ninguém critica a si mesmo. E no toma lá da cá das acusações recíprocas, as pessoas se esquecem de uma coisa que precisamos – dar um bom exemplo.



Quarta-feira, 5 de outubro de 1947

O temor de inverno que se aproxima constitui a maior preocupação pendente sobre todos os berlinenses. O medo de ter de congelar ao longo de outra estação fria. Heike conseguiu dois fogões caseiros feitos de telhas. No mercado negro, porque com os cupões de racionamento não se obtém muita coisa. Há pouco tempo, uma agência de distribuição de cupões fechou porque não foi capaz de adquirir nada além de um lenço ao longo de seis meses. Os aquecedores custaram quatrocentos cigarros, e mais cinquenta para sua instalação. Pagáveis em “Droogs,” o amigo dos pobres.

“E como você pensa em usar, qual será o combustível?” – pergunto.

Heike sorri de maneira encorajadora. “O tempo dará a resposta.”

Como se ela tivesse antevisto o futuro, a “resposta” chegou antes de vinte e quatro horas. Veio sob a forma de um homem que tocou a campainha quando anoitecia. Humildemente ele enfia e tira as mãos dos bolsos de seu paletó e murmura alguma coisa sobre uma boa oportunidade que requer ação rápida. De todos os seus resmungos, só uma palavra atinge meus ouvidos como se fosse um choque elétrico: carvão!

“Quanto?” – indago de imediato.

“Mil quilos.”

“E qual o preço?”

Mais uma vez a resposta vem em meio a resmungos.

“Trinta e cinco marcos ou quilo e meio de pão por cinquenta quilos de carvão,” consigo captar. E ainda

dá para entender de sua cantilena confusa:

“Trabalhador... descarregando... fome...”

Um milagre! Minha consciência, que não aprova o mercado negro, tenta debalde resistir à tentação. Não adianta. *Se estivesse mais quente, talvez...* Rapidamente, calculo nossos estoques. Temos pão em quantidade suficiente. O suprimento para toda uma semana está na cozinha. Que o pagamento seja em pão! O homem recebe quatro fôrmas de pão. Em duas horas entregará o carvão...

“Em duas horas?” – pergunta Heike cheia de dúvidas e sorrindo maliciosamente.

Esperamos até a meia-noite. Esperamos até as três da madrugada. Os aquecedores permanecem frios, e nosso estômago, roncando de fome. Nem uma só migalha de pão restou na casa. Heike passeia na ponta dos pés em torno de mim como se eu estivesse doente. Seu olhar diz que ela está ligeiramente zangada. Quatro fôrmas de pão! Para um homem que bateu na porta?

“Ele pareceu tão amigável,” tento debilmente me justificar.



Sexta-feira, 17 de outubro de 1947

De cautelosas investigações, concluímos que os famintos entregadores de carvão devem ter morrido de indigestão. Dezesete fôrmas de pão caíram em suas mãos. Por semanas eles vinham fazendo bom negócio com o medo do inverno que assaltou as pessoas. Caí direitinho! Que boba fui! Adeus carvão. Adeus aquecedores funcionando. E o pior é que não se pode nem dar queixa na polícia. Quem tem telhado de vidro...



Segunda-feira, 20 de outubro de 1947

Os vitoriosos ainda não conseguiram decidir se vão comer o bolo ou ficar com ele. Comam, aconselha o medo – especialmente o francês – de uma nova agressão alemã. Fiquem com ele, sugere o temor – especialmente o americano – de uma agressão soviética. Quatro dias atrás Marshall pediu “medidas imediatas para evitar um colapso político, econômico e psicológico na Europa.” Ao mesmo tempo, os jornais publicaram uma lista de complexos industriais a serem desmantelados nas zonas unidas ocidentais de ocupação: 682 fábricas, entre elas 302 produtoras de material bélico. Não dá para imaginar o que restará depois disso.

Há exatamente um ano tiveram lugar as primeiras eleições em Berlim. A administração que se seguiu, instalada pelo governo soviético em 1945, deveria, em princípio, ter resultado num governo livre da cidade. O que aconteceu com ele?

Reuter, eleito prefeito, não foi reconhecido pelos russos. Com muita arbitrariedade, a potência russa de ocupação interfere no trabalho do conselho municipal. A discussão impera em todas as suas reuniões. Resistência passiva da parte do Partido da Unidade Socialista contra todas as medidas burguesas. Como todo ato importante do governo da cidade requer autorização unânime do Conselho de Controle, pouca coisa pode ser feita. “Não,” dizem os russos, com um sorriso polido, se a proposta é dos social-democratas. “Não,” dizem os aliados ocidentais, sorrindo também polidamente, se a iniciativa é do Partido da Unidade Socialista. Um passo à frente, dois para trás. O conselho municipal caminha pisando em ovos.

Estrangeiros que nos visitam dizem que Berlim é a cidade mais interessante do mundo. Ficaríamos mais à

vontade se não fôssemos tão interessantes. Somos pouco mais que o tatame sobre o qual dois ases de luta livre disputam o campeonato mundial. Se eles tivessem escolhido Kötchenbroda para o lugar do duelo, talvez Kötchenbroda fosse o foco de interesse. De Marienborn ninguém sabia também coisa alguma até que ela se tornou uma rachadura na Cortina de Ferro.

O destino decidiu em favor de Berlim, e ela resultou uma cidade de quatro potências. Os berlinenses batalham ardentemente para estar à altura de sua sorte. Eles a viam como uma “ponte” por volta de 1945. Como uma “cabeça de ponte,” em 1946 e 1947. Em 1948, a cidade será um “capacho”; em 1949, talvez mesmo um “campo de batalha.”



Sexta-feira, 31 de outubro de 1947

Os aliados hostis começam a tirar as máscaras. Os Estados Unidos anunciam uma extensa campanha de propaganda contra o comunismo. Todos os jornais e revistas de orientação americana deverão tomar parte nela. O desagradável ruído do entrecchoque de espadas soa sobre a Alemanha. E como Berlim é o ponto focal, o som é mais forte sobre ela.

Ao mesmo tempo, todos eles se aprontam para outra conferência de ministros do Exterior em Londres. Impressionante é a paciência dos diplomatas na busca de uma saída para uma situação na qual as possibilidades de comunicações foram exauridas há muito tempo.



Terça-feira, 4 de novembro de 1947

Um recorte do *Neue Zeitung* cai por acaso em minhas mãos. Título do artigo: “A situação por zona.”

“Os franceses,” diz o autor, “acreditam que os alemães não têm o direito de participar da política. Nem da política interna. Eles não encorajam os partidos, tampouco os sindicatos. Desanimam as ambições dos membros dos partidos e impedem todo o entusiasmo parlamentar. Acreditam que, por si própria, uma administração pobre é melhor do que a boa política. A mentalidade da zona deles é determinada por uma espécie de descontentamento político.

“Os russos pensam diferentemente. A política é necessária. Política deles: a do Partido da Unidade Socialista. Apoiam os membros desse partido e patrocina seus propagandistas. Acreditam que a má política é ainda melhor do que uma boa administração. E como são coerentes, fazem de tudo para a concretização dessa ideia. Daí a razão de o Partido da Unidade Socialista estar prosperando. Mas a mentalidade da zona deles é de medo.

“Os ingleses creem que aquilo que se mostrou bem-sucedido com eles também deve dar certo na Alemanha: um sistema de voto majoritário, democracia social, economia planejada, total liberdade de crítica. Na verdade, apenas a crítica vem funcionando. Os alemães na zona inglesa são mestres nela. A mentalidade da zona deles é de sabe-tudos frustrados.

“Os americanos acreditam que uma atitude democrática é preferível a qualquer dogma político. Em consequência, sua atitude para com a política interna alemã é a menos determinada. E a atitude alemã para com eles é a menos ressentida. Paradoxalmente, a mentalidade da zona americana de expectativa calculada é a mais europeia.”

Observações inteligentes às quais pouco acrescentar. Salvo talvez a caracterizar a mentalidade da quinta

zona – a cidade de Berlim das quatro potências. Tal mentalidade pode ser mais bem sintetizada com uma só frase: a dança à beira da cratera de um vulcão.



Sexta-feira, 14 de novembro de 1947

De vez em quando, a cratera se abre e engole um dançarino ou outro. Ela agora engolfou o jornalista Dieter Friede. Poucos dias atrás, ele recebeu um telefonema em seu apartamento em Wilmersdorf e lhe pediram que fosse visitar um amigo em Friedrichshagen que sofrera um acidente. Friede foi e não voltou. Cada vez mais pessoas saem e nunca mais voltam. Desaparecem – desintegram-se no ar. A polícia faz de conta que não sabe. Herr Margraf, o chefe de polícia, é membro do “Comitê Nacional para uma Alemanha Livre” e não gosta de ver interferência nos interesses soviéticos.

“Onde está Dieter Friede?” – perguntam, alarmados, seus amigos.

“Onde está Dieter Friede?” – a imprensa ocidental se interessa pelo assunto e o leva de porta em porta, de ouvido em ouvido, até que todos os berlinenses se assustam e se juntam ao coro: “Onde está Dieter Friede?”

Numa reunião do conselho municipal a questão é levantada. A imprensa da zona oriental zomba: Ele foi visto num bar! Bêbado no setor ocidental! Mas ele não foi visto lá, como também não o foram os outros 5.413 berlinenses que, segundo os dados compilados pelo Partido Social Democrata, desapareceram da cidade desde 1945.

De que vale encenar Sartre e Shostakovich, Thornton Wilder e Benjamin Britte. De que vale poder ver filmes em quatro línguas e nossa cidade ser a mais interessante do mundo, se podemos ser levados de nossa residência sem saber se nosso destino acabará na Sibéria ou nas mãos dos interrogadores da GPU? Em Nuremberg, há gente sentenciada à morte por tal tipo de violação. Mas Nuremberg fica na zona ocidental, e Berlim...

Pobre Dieter Friede! O fato de ele ter feito reportagens sobre a zona oriental não é motivo para atraí-lo a uma cilada e fazer com que desapareça. Oh, Andrik, adorado Andrik! Talvez você tenha morrido na hora certa. Frank está em Munique e Jo Thäler raramente aparece. Ele também foi forçado ao isolamento pela marcha dos acontecimentos.

À noite, quando chega enfim a hora de Heike e eu nos encolhermos juntas defronte da lareira fria, a sensação é que jamais a temperatura subirá de novo. Ouve-se um swing pelo rádio. Giramos o dial e o ritmo em cinco compassos do coral de uma igreja russa chega a nossos ouvidos. Gentil, suave e devoto. “Se eles todos fossem assim,” suspira Heike, levantando resignadamente as mãos.



Quarta-feira, 26 de novembro de 1947

A conferência de Londres começou ontem. Como sempre, até agora só fomos informados de que todos os importantes chegaram. Acompanhado de sua segurança pessoal e de uma escolta da polícia londrina, o primeiro “Não” de Herr Molotov foi dito mesmo antes de a conferência ter início.

Chegou também o ministro do Exterior da Áustria. Apenas para estar lá em caso de necessidade. Nosso “vitorioso irmão no Eixo” sonha com uma “paz honrosa.” Para então estar em condições ainda melhores de esquecer seu antigo nazismo.

“Com certeza será um fracasso,” profetiza o homem comum das ruas. “Vai fracassar simplesmente porque

não pode dar certo.”



Sexta-feira, 12 de dezembro de 1947

Com muita paciência, o ministro austríaco do Exterior espera em seu quarto de hotel. Não deve ser fácil ficar muito tempo ocioso. Pouco progresso é obtido na conferência de Londres. Em vez disso, outra coisa aflora, furtivamente, como uma pantera, e perigosa como uma epidemia. Uma greve geral na França. Uma greve geral em Roma. Crescente agitação nos Bálcãs.

Enquanto Herr Molotov está em Londres dizendo “Não” com um sorriso polido, sua quinta-coluna tentar deixar a Europa madura para o ataque. Por favor, que não haja catástrofe agora, oramos em silêncio. Não agora que está tão frio e tão escuro.



Sábado, 13 de dezembro de 1947

Uma canção muito popular na cidade é cantada e assobiada nos bares e na rua:

*Se você conhece o Gustavinho,
Não deixe a Bewag* saber
Ele marca rápido pra trás,
Mesmo assim marca sempre certo;
Deixe o medidor girar bem doido,
Que sua luz vem sem problema.*

Ao ouvir a canção, o pessoal sorri de cumplicidade. “Evidentemente, existe o Klein Gustav! Mas você também pode...” E movimentando as mãos como se estivessem afrouxando um parafuso, o sorriso delas se torna ainda mais malicioso.

“Afiml, do que se trata?” – pergunta o não iniciado.

É uma questão relacionada ao marcador do consumo de energia elétrica que, mais uma vez, é apenas suficiente para manter a gente viva. E como a necessidade é a mãe da criatividade, ela possibilitou a invenção do pequeno Gustav, um miraculoso dispositivo que, adaptado ao medidor de eletricidade, faz com que ele ande para trás.

Mas você também pode... É claro que se é capaz de cometer uma série de ilegalidades quando seus dentes batem de frio. Sem aquecimento a gente é apenas meia pessoa. Com aquecimento, nos transformamos em trapaceiros de medidor, que quase não ousamos abrir a porta quando a campainha toca. Porque pode ser... oh, meu Deus, pode ser o funcionário encarregado da medição.

Se parcela tão expressiva da população viola a lei, alguma coisa deve estar errada com ela. Ou com as pessoas. Na Inglaterra, dizem, não há trapaceiros de medidor. Seguramente não há também Gustavinhos. Mas na Inglaterra a gente também não desaparecem assim do nada. E ninguém lá teme ser punido por algo que não cometeu.



Terça-feira, 16 de dezembro de 1947

Após três semanas inconclusivas, a conferência de Londres se encerrou. “Não faz sentido continuar debatendo,” declarou Marshall.

Nós já pensávamos assim quando a reunião começou. Mais uma vez, fala-se em “portas abertas” e “comunicações ainda possíveis.” É estranho como cada época parece precisar de um slogan. No período nazi estavam constantemente “desmascarando” seus adversários; agora, estão sempre “com a porta aberta.”

“Há uma corrente de ar,” dá vontade de gritar. A questão é saber quem vai se resfriar primeiro.



Sábado, 20 de dezembro de 1947

De novo, circulam rumores de que uma reforma monetária é iminente. Com o tempo, tais previsões já não causam tanta preocupação. Simplesmente não se pode ficar pagando o aluguel com cinco meses de adiantamento. De qualquer maneira, nas transações diárias, o dinheiro já não é um fator importante. Se você vai ao cabeleireiro para lavar o cabelo, tem de levar o sabonete, uma toalha e cinco lascas de madeira. Com um quilo de trapos dá para se conseguir um pano de chão. Cinquenta quilos de trapos valem um terno. Por três quilos de ossos pode-se obter um sabonete. É possível trocar dois quilos de papel usado por um livro. Com sorte, juntando-se dois quilos de velhos *Völkischer Beobachter*, pode-se até conseguir um Homero, ou outros favoritos, de Pushkin a Goethe, Shakespeare e Racine. Dois quilos de jornais nazis concretizam a maravilha de se comprar a companhia dos maiores cérebros mundiais.



Quarta-feira, 24 de dezembro de 1947

Pela primeira vez em muitos anos, Heike e eu estamos passando o Natal sozinhas. Frank enviou um telegrama. Jo vai celebrar no hospital.

Como fazemos em todos os feriados, à noite pulamos a cerca do cemitério. Pelo menos Andrik não vai se sentir sozinho. Os amontoados das sepulturas estão cobertos de neve. De repente, Heike para e fica atenta. “Ouça,” sussurra, “tem alguém aqui.”

Prendendo a respiração, aguçamos o ouvido na escuridão. Um sentimento de grande desconforto. Escuta-se apenas o bater de nosso próprio coração, mas continua a sensação clara de que há alguém por perto. Esses olhos que não se pode ver o estão observando; os pensamentos também estão dirigidos para você e não há como discerni-los.

Uma gota cai de uma árvore próxima e atinge a lápide da sepultura abaixo. Ficamos acuadas. Procuo fósforos. “Está maluca?” – murmura Heike. “Eles nos verão!”

Aos poucos, nossos olhos vão se acostumando à escuridão. “Não é nada. Não é nada mesmo,” tento acalmar nós duas, enquanto perscruto o que está à nossa volta no escuro.

Heike se abaixa para pegar alguma coisa. Um ramo de sempre-viva. Parece familiar. *Mas isso é... agora sei.* Ontem coloquei um punhado de flores na sepultura de Andrik. “Ladrões!” De um salto, estou na sua sepultura. Ladrões! Não há mais flores. Nem a pequena árvore de Natal. Também sumiram as tábuas do

banco próximo à sepultura.

“Mas logo na Véspera de Natal,” gagueja Heike e, horrorizada, olha para a mistura lamacenta de neve e terra que se formou no chão. Essa não é a primeira vez que eles saqueiam o cemitério. Para que os mortos precisam de flores quando os vivos nada têm para comer? Para que necessitam de bancos quando aquele que precisa de madeira congela diante de um fogão frio? Atrás da cerca de arbustos alguma coisa amassa a neve. Não nos viramos.



1948



Sexta-feira, 2 de janeiro de 1948

Feliz Ano-Novo! O rei Miguel da Romênia abdicou. Em Bucarest, foi proclamada uma república popular. O Rei pode se considerar com sorte por terem deixado que saísse ileso do país.

Aqui o Bloco Oriental – lá o Bloco Ocidental. Embora esteja suspenso o embargo para os despachos interzonais de bens pessoais, sua concretização é tão complicada que, em termos práticos, nada mudou: uma

permissão de realocação para as zonas ocidentais, uma ordem de isenção, uma declaração regulamentar acompanhando a declaração da aduana, autorização dada pelo comandante militar local e um manifesto de embarque expedido pela autoridade alemã de transporte interzonal, autorizado pela administração militar russa. Porém, de qualquer modo, que tipo de permissão poderia ser dada pela administração militar russa? Decerto nenhum despacho de bens para pessoas com simpatias pelo Ocidente. Sentimo-nos impotentes diante do desastre que se aproxima e ainda mais incapacitados para tentar evitá-lo.



Sábado, 10 de janeiro de 1948

“Você ouviu?” – diz baixinho meu jornalista, inclinando-se sobre o balcão em atitude confidente. “Stalin morreu.”

Surpreendida, recuo. “Quando?”

“Anteontem.” Ele aperta os lábios e pisca de um modo pleno de significativos. “Revolução,” sussurra profeticamente.

“Parece que Stalin morreu,” diz Heike quando chego.

“Você não acredita nisso, não é?” – replico.

“Por que, só para variar, essa notícia não pode ser verdadeira?” – contrapõe Heike. “Mais cedo ou mais tarde, até os ditadores morrem.”

Mas não os certos e na hora adequada, penso, desanimada. Quase sempre com anos de atraso.



Segunda-feira, 19 de janeiro de 1948

Será que Stalin morreu? Está seriamente enfermo num leito do Kremlin? Não sabemos. Há três dias, o governo militar soviético revogou todas as permissões para a travessia das fronteiras, quer dizer, acabou com todas as permissões para a saída de carro de Berlim.

“É temporário,” tentam nos garantir as autoridades. “Novas serão expedidas. As atividades continuam normais.”

Bem, eles poderão expedir permissões em algum dia do futuro. A única pergunta é “Para quem” ou, melhor ainda, “Para quem eles negarão?” Por enquanto, todo o tráfego pela fronteira está interrompido. Controles rigorosos em todas as estradas principais. As rotas secundárias estão fechadas com barreiras. As pessoas sussurram entre si: “Se isso não é um ensaio geral...” E, mais tenazes que nunca, brigam por um lugar no trem interzonal.



Quinta-feira, 29 de janeiro de 1948

Apegamo-nos a cada palavra do general Lucius Clay, pesando cada possível interpretação. Ficará ele em Berlim? Os americanos deixarão a cidade?

“Se os russos bloqueassem a ferrovia, supriríamos nossas tropas pelo ar, e aos russos não restaria outra escolha senão tomar também os suprimentos de alimento dos setores ocidentais,” dizem que o general

declarou há pouco tempo.

Muito bem dito! E nós, como nos sairemos então? O exemplo da zona russa não é muito encorajador. Testemunhar o retorno dos prisioneiros de guerra da União Soviética quase nos dá vontade de ligar o gás.

Heike somou o que nos resta do cartão mensal de racionamento. Quatro quilos de pão, um quilo de massa. “Temos de conseguir um suprimento de emergência,” sugere ela. Sopa de farinha de centeio ainda é melhor do que um cozido de folhas de espinafre e casca de árvore.



Segunda-feira, 2 de fevereiro de 1948

Finalmente, após nove meses de requerimentos, questionários e investigações políticas, a editora para a qual trabalho recebeu licença das devidas autoridades militares para funcionar. Ao mesmo tempo, a aquisição de papel tornou-se mais e mais difícil devido às restrições de transporte. Batalhamos para cada tonelada. Nada pode ser publicado sem papel. Os russos têm. É compreensível que só o forneçam para os que seguem sua linha. Mas para nós sua propaganda soa cada vez mais dissonante. Não porque signifique comunismo, mas porque implica compulsão de aceitá-lo. Coerção, por meios inaceitáveis, para que se dance de acordo com a música soviética. Não desejamos felicidade à moda russa.



Quarta-feira, 18 de fevereiro de 1948

Está um frio de rachar. No caminho para a editora, a impressão é que minhas orelhas vão ser decepadas. Gente apressada e brusca me ultrapassa. Na sala editorial todos se juntam em torno do único fogão.

“Falta papel de novo,” diz o editor-chefe quando chego. No mercado negro, o preço subiu para três mil marcos a tonelada. “Os soviéticos cobram-nos preço alto por sua ideologia.” Ele rabisca no borrador à sua frente. “Se continuarem tornando tão difícil a obtenção de permissões de trânsito, teremos de desistir mesmo antes de começar.”

“Ou tentar uma licença russa,” resmunga o estagiário de seu canto, escrevendo uma espécie de lista com os dedos dormentes de frio. Dou uma olhada no que ele escreve:

“Mr David Smith, 119 West Avenue, Chicago,” consigo ler. “Mrs Gladys Brown, 7740 Bradford Street, Los Angeles.”

“O que você está fazendo?”

Ele levanta o olhar do papel. “Estou copiando endereços para para pedir pacotes da CARE,*” resmunga. Espantei-me. “Para pacotes da CARE?”

“Bem,” responde ele teimosamente, “se eles mesmos não têm a ideia sozinhos...”

Sinto meu sangue congelar. “Então você simplesmente copia quaisquer endereços?”

“Tiro do *Quem é Quem*,” concorda ele, não parecendo atinar com a causa de minha irritação.

O editor-chefe faz um ruído gutural como se limpasse a garganta. Sem uma palavra, aponta para dois recortes de jornal à sua frente. Leio no primeiro deles: “Só hoje recebi a triste notícia de que minha querida mãe, Mrs Rose X, minhas três irmãs, Hanna, Clara e Käthe, bem como meu sobrinho Franz K. e minhas sobrinhas Esther e Miriam, morreram em Auschwitz.” Uma moldura negra, um nome e um endereço na Califórnia. Emocionada, coloco o recorte de lado. Sete pessoas! De uma só família! Olho para o segundo recorte. Três linhas sublinhadas com lápis azul: “... por causa desse anúncio, recebi quarenta cartas de

alemães que não conheço, dos quais trinta e sete pediram-me pacotes de auxílio.”

Olho para o editor-chefe. Ele sorri. Olho para o estagiário. Sinto vontade de estapeá-lo. “Querem nos matar de fome,” rosna ele em tom rebelde.

Fico sem fala de tanta raiva. “E quantos pacotes você enviou quando milhões de chineses passaram fome na China?”

“Ou na Índia e na Grécia?” nossa secretária acrescenta.

Um silêncio desconfortável. Todos constrangidos. Então nosso estagiário pega o papel com a lista e o amarrota. *Eu também não enviei pacote nenhum*, penso. Admirável a grandeza daqueles que mandam pacotes de auxílio para desconhecidos. Não importa se essa pessoa resida na China, Índia ou... na Alemanha.



Quinta-feira, 19 de fevereiro de 1948

Irritada, Heike desliga o rádio. “Esta notícia bateu todas as outras,” escuto-a dizer espumando de raiva. “Sabe quem eles acabaram de prender? Madame Scholtz-Klink. Nossa querida líder feminina do Reich.”

“Pensei que ela estivesse morta.”

“Qual nada. Estava escondida num castelo. Sob falso nome. Acho que conseguiu até a desnazificação. Vão acabar lhe dando um prêmio.” Heike estremece. “Como sempre. Os pequenos são enforcados enquanto os chefões escapam.”

“Já estávamos perfeitamente convencidos disso em 1945,” tento amenizar sua cólera.

“Então, pior ainda,” insiste Heike.



Domingo, 22 de fevereiro de 1948

As diferenças se intensificam. Uma crise governamental em Praga. A minoria comunista assume o poder. Parece que a Tchecoslováquia também está se tornando soviética. Xequê contra o Ocidente! – sorri Stalin.



Segunda-feira, 23 de fevereiro de 1948

Em Londres, representantes da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos debatem a reconstrução econômica da Europa Ocidental. Xequê contra o Leste! – sorri Truman.



Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1948

Moscou oferece à Finlândia um pacto militar semelhante ao da Romênia e da Hungria. Se for ratificado, a independência da Finlândia estará fadada à morte. Xequê no Ocidente, sorrisos...



Quinta-feira, 26 de fevereiro de 1948

Bélgica, Holanda e Luxemburgo também consultados pela conferência das três potências em Londres. Planejam a criação de um estágio preliminar para um governo alemão, pela expansão do conselho econômico de duas zonas. Xeque contra o Leste, sorrisos...



Quarta-feira, 3 de março de 1948

Na Tchecoslováquia, foram formados comitês de ação para expurgar todo o país dos elementos políticos não confiáveis. Desgraça para quem pensar de modo diferente! Xeque... sorri Stalin.



Sábado, 6 de março de 1948

Dois dias atrás, começaram as negociações em Bruxelas para um pacto europeu ocidental. Xeque.... sorri Truman.



Terça-feira, 19 de março de 1948

A Rússia protesta contra as resoluções da conferência das três potências em Londres e, sob o título “Comissão Econômica Alemã,” propõe a criação de um governo da zona oriental. Xeque – mas não xeque-mate.



Sexta-feira, 19 de março de 1948

Enquanto os barômetros do poder sobem alternadamente no Leste e no Oeste, os partidos em Berlim se preparam para um comício político em 18 de março para comemorar a revolução de 1848.

“Liberdade, paz, democracia,” gritam cinquenta mil manifestantes na Platz der Republik do setor ocidental. Uma chuva torrencial cai sobre eles. O vento leva as palavras dos oradores a flutuar diretamente sobre a ondulante multidão. Entoam canções revolucionárias.

“Nada de outra ditadura! Retorno de nossos deportados!” – brada Franz Neumann, presidente do Partido Social-Democrata em Berlim, brandindo o punho cerrado na direção do setor oriental.

“Liberdade... liberdade... liberdade,” aplaude a multidão.

Dois oficiais soviéticos, no meio dos manifestantes, permanecem silenciosos. Não demonstram receio e seus olhares parecem duros como ferro.

“Fomentadores de guerras, nazis, reacionários, secessionistas,” brada o orador, brandindo o punho

cerrado na direção do setor Ocidental.

“Unidade... unidade... unidade,” aplaude a multidão.

Alguns jornalistas americanos, no meio dos manifestantes, permanecem silenciosos. Não demonstram receio e seus olhares parecem frios como o aço.



Domingo, 21 de março de 1948

As imprensas ocidental e oriental disputam para ver qual das duas agiganta mais seu próprio comício enquanto apequena o do outro setor. Cada lado acusa o outro de ser lacaio, enquanto um observador fica imaginando qual dos dois comícios teria a aprovação dos revolucionários de 1848.

Ontem uma delegação finlandesa chegou a Moscou para concluir as negociações sobre o pacto com a Rússia. “Se a Finlândia cair, seremos os próximos,” prediz o homem da rua.

E os indícios apontam cada vez mais nessa direção. Quase de hora em hora surgem notícias alarmantes. No sábado, os soviéticos abandonaram o Conselho de Controle após acalorados debates. O Partido da Unidade Socialista – imitando o exemplo tcheco – formou comitês de ação para expurgar elementos indesejáveis. Massas de gente continuam fugindo para o Oeste. Poucas semanas atrás, após seus líderes terem passado algum tempo em Karlshorst, os distritos partidários, na zona Oriental, do Partido Democrata Cristão e do Partido Liberal Democrático, os únicos permitidos na zona soviética de ocupação além do Partido da Unidade Socialista, foram inesperadamente enxugados. Uma caça às bruxas começou naqueles distritos de Berlim que não se alinharam com rapidez. Quase diariamente, desapareceram pessoas de forma misteriosa.

“Faça o que puder para cair fora de Berlim,” escreve Frank. “Se esperar demais pode não dar tempo.”

Mas para onde deveremos ir? Minha editora está sediada em Berlim, e quando falo com a autoridade de licenciamento sobre uma possível evacuação, eles olham para mim surpresos. “Mas por quê? *Nós* vamos ficar em Berlim.”

E nós? Pela centésima vez discutimos a questão no escritório da editora. Será que eles vão mesmo ficar?

“Claro que não,” diz um.

“Claro que ficarão,” diz outro.

“É muito simples,” diz um terceiro. “Berlim será trocada pela Turíngia e será restabelecido o *status quo* de 1945.” Tal formulação, que leva muito em conta o prestígio dos ocidentais, é expressa com tal fluência que se pode logo concluir não ser a primeira vez que é exposta.

Para mim, todo o problema não parece nada simples. E vendo a fisionomia abatida de meus colegas parece que a questão, para eles, também não é tão simples assim.



Quinta-feira, 25 de março de 1948

Dieter Friede. Dieter Friede! Entrementes, o mistério de seu desaparecimento foi esclarecido de maneira terrível.

Em 1º de novembro, às duas da tarde, três funcionários da GPU, em trajes civis, se apresentaram na residência de um tal Dr Dau, médico em Berlim Oriental.

“Escreva,” disseram eles com muita educação, “que um homem chamado Seiler está no seu apartamento

com um sério ferimento no joelho.”

“Mas não conheço ninguém que se chame Seiler,” pondera o médico.

“Escreva,” repetem os funcionários. O tom de voz é polido, mas firme. O Dr Dau escreve.

“Telefone agora para Herr Friede e peça que ele venha ver o homem ferido em seu apartamento.”

“Mas não existe pessoa alguma ferida em minha casa,” protesta o médico.

Um dos funcionários tira um pedaço de papel do bolso. “Aqui está o telefone de Herr Friede. E agora, por favor...” O tom de voz é polido, mas firme. O Dr Dau telefona. Pede a Herr Friede que venha ao seu apartamento.

Anoitece. Passa a noite e a manhã do dia seguinte. Na sala de espera ficam sentados os funcionários da GPU. Eles são educados, porém determinados. Por fim, chega Dieter Friede. Pouco depois, uma limusine cor de vinho o conduz na companhia de seus captores.

Em algum lugar no Oeste, reside sua filha Christiane, que tem cerca de doze anos. “Espero que papai tenha a chance de se matar antes que o matem,” diz a criança, chorando depois de saber das notícias. Há algo de muito errado quando uma menina de doze anos fala em “se matar.” A ordem mundial não deveria permitir que isso acontecesse. Mas a ordem mundial...



Quarta-feira, 31 de março de 1948

... está se desintegrando cada vez de maneira mais alarmante. Ao longo da linha demarcatória, acontecimentos dramáticos parecem ocorrer. Há rumores sobre cercas de arame farpado, concentrações de tropas e número crescente de policiais. O despacho ilegal para o Oeste dos bens de um apartamento de dois quartos custa vinte mil marcos. “Que nossas almas sejam salvas,” suspiram milhões de berlinenses.

O general Clay, falando em Washington, é citado por ter dito que a linha demarcatória entre as ideologias do Leste e do Oeste corre ao longo do Elba. “Acreditamos ter sido capazes de estabelecer lá uma fronteira e que podemos mantê-la,” acrescentou.

E quanto a Berlim? Ou a Turíngia? E o *status quo* de 1945? Se pelo menos pudéssemos antever o futuro no raio X! Mas talvez então precisássemos rezar como a filha de Dieter Friede, esperando ter a possibilidade de nos matarmos antes.



Sexta-feira, 2 de abril de 1948

Eis o quadro! Os soviéticos apertaram um botão e a já débil comunicação entre o Leste e o Oeste ficou reduzida a um mínimo. “Para dar fim às irregularidades e garantir um trânsito interzonal organizado,” é a explicação oficial deles, e efetivamente impõem de imediato uma vigilância rigorosa sobre todos os despachos de Berlim e para Berlim, assim como controles estritos sobre todos os viajantes do Ocidente que passam por sua zona.

Notícias sobre as áreas de fronteira espocam em rápida sucessão. “Polícia militar e civil desdobradas em força no entorno de Helmstedt... os dois trens americanos oficiais, regularmente programados, parados em Marienborn... os trens oficiais ingleses não têm permissão para passar... sessenta e sete passageiros do trem oficial francês detidos por funcionários russos.”

Na Porta de Brandemburgo e em outros postos de controle entre o setor russo e os ocidentais, soldados

soviéticos e a polícia alemã estão parando todos os veículos que cruzam as linhas demarcatórias. A cidade ferve de ansiedade. Nunca antes a guerra foi pressentida com tanta iminência.

Tão logo chego em casa, corro para o rádio. Sintonizo na RIAS – a estação americana. “O general Clay foi autorizado a tomar todas as medidas necessárias. Estamos preparados para qualquer coisa.” Um grande peso é tirado de meu coração. Vê-se, portanto, que eles estão fazendo alguma coisa!

A estação Berlim – a voz da União Soviética. “Expansão do tráfego interzonal.” O quê? Será que ouvi direito? “Algumas passagens na fronteira foram temporariamente fechadas para que sejam feitos os reparos necessários nos trilhos ferroviários submetidos a desgaste incomum.” Por conseguinte, temos então: trabalhos de manutenção nas pontes, nos trilhos ferroviários defeituosos e dificuldades técnicas. E eles surgiram como aparições espirituais assim que o “Aladim” Sokolovski esfregou sua lâmpada mágica. Temporariamente! Temporariamente, e apenas de brincadeira, os trilhos ferroviários de Marienborn serão reparados nos Montes Urais. É melhor os americanos comecem a agir agora!



Domingo, 4 de abril de 1948

E agiram. Pelo menos é o que publica em letras garrafais o jornal de hoje: “O general Clay tem permissão para, se necessário, abrir fogo.”

“... abrir fogo,” essas palavras se alastram de boca em boca por toda a cidade em apenas uma hora. As pessoas as transmitem umas às outras, sussurrando ou falando ao telefone, e depois sorriem aliviadas. Há semanas não temos notícias tão reconfortantes. Mas queremos realmente outra guerra?

“É a única saída,” afirmam. “Enquanto não surgir solução para a luta pelo poder entre Rússia e Estados Unidos, não haverá paz.”

“Isso é uma loucura,” replicam os mais razoáveis. “Mas a experiência tem demonstrado que os ditadores sempre vão até aonde os democratas deixam. Movimento a movimento. Por que os americanos não pensam também na reparação de algumas pontes? Por que não apresentam a ideia da necessidade de áreas de serviço a cada duzentos metros ao longo da rodovia de Helmstedt até Berlim? Equipadas, por exemplo, com carros de combate. Não haverá guerra se os americanos estiverem preparados para um conflito armado.”

Estará correto esse raciocínio? Enfim, por enquanto, todo o tráfego nas passagens da fronteira está interrompido, e o general está autorizado “a abrir fogo se necessário.”



Segunda-feira, 5 de abril de 1948

Agora, a autoridade militar aliada parece que vai se dissolver. “Para facilitar e acelerar suas tarefas,” o comandante soviético propôs a suspensão de diversos comitês de trabalho e, ao mesmo tempo, anunciou que os representantes soviéticos não mais participarão deles. Registramos o fato e ficamos esperando pelas “áreas americanas de serviço.” No estágio atual, Berlim Ocidental está recebendo pelo ar aquilo que não pode conseguir por via terrestre. Há três dias foi estabelecida a chamada Ponte Aérea pelos ingleses e americanos, e foi noticiado que cerca de vinte e cinco toneladas de alimentos já foram aerotransportadas para a cidade. Vinte e cinco toneladas equivalem a vinte e cinco mil quilos. Como a população dos setores ocidentais da cidade é de aproximadamente dois milhões de habitantes, isso significa doze gramas e meia por pessoa. Sem contar as forças de ocupação. Que Deus nos proteja se tivermos que depender

permanentemente desses meios para o abastecimento.



Quinta-feira, 8 de abril de 1948

Tão inesperadamente como começou, o bloqueio foi suspenso. Ninguém mais fala sobre trilhos defeituosos, e parece que as pontes foram reparadas da noite para o dia. Chegam cartas das zonas ocidentais. “Aprontem-se para sair. Aproveitem a chance. Da próxima vez, as portas serão cerradas e não reabrirão tão cedo.”

Mais uma vez, tento minha sorte com as autoridades de licenciamento. Balançam negativamente a cabeça. “É uma questão de orgulho,” dizem-me. “*Nós* ficaremos aqui.”

“É claro,” gaguejo, sentindo-me uma traidora.



Sábado, 17 de abril de 1948

A aparência de normalidade é enganosa. Por baixo do manto de ilusória ordem, a atividade é febril. Em 7 de abril, as agências dos correios em Berlim foram notificadas de que, a partir daquele dia, todos os despachos para o Oeste precisariam de autorização russa. A despeito de todos os esforços, elas ainda não tinham conseguido adquirir os formulários necessários para o requerimento de autorização. Os pacotes continuam se empilhando nas agências do correio. Mil, dois mil, três mil. Em vão, as autoridades postais solicitam o direito de não receber mais encomendas. Como no conto do mingau que não podia ser detido na borda da panela, os depósitos transbordam de pacotes. E ainda não há carros de combate entre Helmstedt e Berlim. “Não podemos começar uma guerra em Berlim por causa de pacotes,” dizem os americanos. Claro que não. Também não por causa do corredor interzonal. *Um* corredor como motivo para uma guerra mundial decerto seria suficiente.

Amanhã haverá eleições na Itália. Há a possibilidade de os comunistas tentarem um *coup d'état*. De maneira geral, supõe-se que os americanos, nesse caso, intervirão. Esperamos que a situação não chegue a tal ponto. A Finlândia já provou que é possível manter a posição sem entrar em guerra. Após seis semanas de negociações, eles conseguiram evitar o abocanhamento por parte da Rússia. Jamais pensamos que a Finlândia pudesse servir de inspiração para nós.



Quinta-feira, 22 de abril de 1948

Aguentar firme. Não perder a cabeça. Rilhar os dentes e se munir de coragem com a possibilidade de, mais cedo ou mais tarde, as coisas mudarem.

Três de nossos conhecidos desapareceram nos últimos dias. Um era jornalista, o outro, um social-democrata, e o terceiro estava empregado numa repartição americana. Levava documentos de um órgão para outro e jamais voltou. Está desaparecido há trinta e oito horas. Não adianta nada os tribunais condenarem sequestradores semanas após semanas. Os ladrões de carne humana continuam inabalavelmente ativos. A lista de homens e mulheres que sumiram em Berlim desde 1945, publicada pelo

Tagesspiegel, cresce a cada dia. “Vamos esperar que eles consigam se matar antes,” rogamos com fervor para cada nome.

Como o chefe de polícia Margraf se mantém calado, a imprensa se encarregou de dar divulgação ao assunto, instruindo as pessoas sobre como se proteger contra sequestradores e prisões ilegais. “Façam que eles se identifiquem... Lembrem-se do números de seu crachá e distintivo, comecem a gritar caso eles usem a força, resistam, esperneiem, atraiam o máximo possível de atenção de modo que vizinhos, membros da família e pessoas das proximidades notem,” alerta. E isso acontece em pleno século XXI!



Sexta-feira, 23 de abril de 1948

A Itália também conseguiu aguentar. Nenhum *coup d'état*, nenhuma derrubada, nenhuma necessidade de intervenção militar. Talvez os soviéticos venham gradativamente a entender que, com o advento da Segunda Guerra Mundial, eles deixaram escapar a chance de bolchevizar a Europa. Talvez até cheguem a um acordo em Berlim. Heike e eu celebramos esse raio de esperança no horizonte com uma rodada de schnapps. A oito marcos e cinquenta o copo.

“Caro à beça,” reclamo.

Mas Heike sorri. “Fugindo da reforma monetária,” diz ela, e entorna alegremente seu copo.



Sábado, 1º de maio de 1948

Faixas, manifestações, comícios festivos no 1º de Maio. Mais uma vez os partidos fraternais caminham em direções opostas. Nas agências do correio, cresce a montanha de pacotes em mais uma centena de milhar e, desde ontem, cinco vagões ferroviários atulhados com correspondência do Oeste estão parados em Marienborn, esperando em vão a liberação. Receio que tenhamos bebido cedo demais nosso schnapps. Chega de raio de esperança.



Quarta-feira, 12 de maio de 1948

Rádio Moscou: “Troca de notas diplomáticas entre a América e a União Soviética. Desejo mútuo de discutir e acertar as grandes diferenças.”

Rádio Londres: “O governo inglês só tomou conhecimento dos renovados contatos entre os Estados Unidos e a Rússia pelos jornais.”

Rádio Paris: “Não será a pomba da paz de Moscou uma bomba da paz?”

Rádio Estocolmo: “Em caso de conflito, os países escandinavos têm de tentar ficar de fora.”

Rádio Berlim: “Os Estados Unidos e a União Soviética concordam com negociações adicionais.”

“Tentativas para aparar arestas. Troca de opiniões. Os Estados Unidos não alimentam intenções hostis ou agressivas em relação à União Soviética.” Como incêndio fora de controle, essas notícias correm mundo. Inflamam pessoas, despertam discussões acirradas. A América negocia com a União Soviética! Se negociarem, não haverá guerra. Se negociarem.... Oh, esperança, raio de esperança. Oh, que maravilhoso

despertar de esperanças renovadas!

Agora, por que os aliados não tiveram conhecimento disso? Por que, ficamos matutando, os russos demonstraram tanta pressa para anunciar essa nova tentativa de paz?



Quinta-feira, 13 de maio de 1948

Porque ela, mais uma vez, fracassou. Um esclarecimento de posições, mas não do problema. O que resta do “raio de esperança” é a “porta” que “ainda permanece aberta.” A Rússia fala sobre isso, enquanto no Conselho de Controle e na linha demarcatória as portas vão se fechando uma atrás da outra.



Segunda-feira, 24 de maio de 1948

Na porta de nosso edifício foi afixado um aviso: “Caso você deseje impedir a derrocada da Alemanha, assine a petição por um plebiscito.”

No prédio vizinho lê-se outro aviso: “Uma Alemanha dividida prolongará nossa desgraça. Uma Alemanha unificada garantirá nosso pão de cada dia.”

Foram afixados avisos em todas as portas dos edifícios de nossa rua. As calçadas e as ruas estão cobertas de panfletos. “Berlim luta por um plebiscito. Grande campanha do Partido da Unidade Socialista de 23 de maio a 13 de junho. Plebiscito pela unificação da Alemanha.”

A mensagem soa tentadora. Porém, por trás do plebiscito está o comitê do povo. Por trás do comitê do povo está o governo da zona oriental. Por trás do governo da zona oriental está a Administração Militar Soviética.

“A favor do plebiscito para evitar a partição da Alemanha,” diz o Partido da Unidade Socialista.

“Contra o plebiscito como uma questão de política externa soviética,” diz o Partido Social-Democrata.

Portanto, um diz “sim” e o outro diz “não.” Se você não estiver seguro pode decidir no “par ou ímpar.” Deve-se, no entanto, admitir que, julgando-se pelas aparências, a justificativa moral está do lado soviético. Eles exigem o que nós deveríamos querer. Unidade, reforma monetária unificada, retirada das forças de ocupação e paz na Alemanha. Então, por que resistir? Porque temos medo. Ficamos com medo desde 1933. Primeiro, da Gestapo, dos campos de concentração e dos riscos de manifestar opiniões antinazis na Alemanha de Hitler. Depois, da GPU, dos campos de concentração e dos riscos de manifestar opiniões antissoviéticas na Alemanha ocupada pelos russos. Desconfiamos da nova conclamação pela paz porque nela discernimos a fatal repetição futura da anexação. Intimações de chave e fechadura. O pequeno ponto de Berlim trancafiado na vasta zona soviética. Todos os países de influência soviética foram isolados do mundo ocidental desde 1917. E nesses países quem não se conformar com a vontade dos mandantes desaparece por trás de grades.

Desde 1945, duzentas mil pessoas da zona oriental, presumivelmente, foram transportadas para a Rússia. Cerca de trinta mil definham nos campos de concentração de Sachsenhausen e Buchenwald. Talvez Makar Ivanov esteja entre elas. E o conde X, ou outro de nossos vizinhos, ou Dieter Friede, ou aquele funcionário do Partido Social-Democrata que, há duas semanas, quando foi à crisma de sua sobrinha na zona soviética acabou levado à noite por soldados e policiais, e desapareceu.

A lista das pessoas que pranteamos cresce cada vez mais. Talvez tal fato não seja critério para a decisão.

Pode haver círculos em Berlim, ou mesmo na zona oriental, em que amigos não sumiram. Até sob o regime nazi, muitas pessoas não se lamentaram quanto ao desaparecimento de amigos, não sabiam coisa alguma sobre os campos de concentração e as prisões, não conheciam judeu nenhum ou pessoas politicamente perseguidas, e que juravam pelo que era mais sagrado que tudo aquilo não passava de história de horror arquitetada. Então talvez agora estejamos sendo muito parciais na escolha dos amigos, muito rígidos na condenação de certos procedimentos. Como ver coerência nisso tudo?

Dia 15 de maio, foi proclamado o Estado de Israel na Palestina. No mesmo dia, os árabes fizeram cinco incursões aéreas contra Tel-Aviv. Ontem, a capital judaica, Jerusalém, quase capitulou. Como ver coerência nisso tudo?



Terça-feira, 1º de junho de 1948

Os preços estão subindo. Uma mercadoria escassa atrás da outra desaparece do mercado negro. A reforma monetária agora parece certa. “Desvalorização de dez para um... Os russos concordam com ela... Os russos não concordam com ela... Berlim terá moeda oriental... Berlim terá moeda ocidental... Berlim terá sua própria moeda especial.” Podemos optar por qualquer das soluções a fim de nos prepararmos para ela.

“Para começar, penso que deveríamos supor que será o Reichsmark,” diz Heike resolutamente e, esvaziando o conteúdo de sua bolsa na mesa, começa a contar. Conta com ardor por longo tempo. Finalmente, olha para uma pilha de notas e diz: “Hoje valem porcarias, amanhã serão papel de parede. Opto pelas porcarias.”

“O que você quer dizer?” – pergunto interessada.

“Quero dizer que, hoje, esta pilha de papel ainda dá para comprarmos um monte de besteiras, enquanto, amanhã, ela pode simplesmente ter o valor dos pedaços de papel que mal darão para usá-los como papel de parede.”

De tarde, saímos para “investir Reichsmarks.” As oportunidades de investimentos são limitadas. Brinquedos, artigos domésticos, abajures, cosméticos, condimentos para cozinhar, bijuterias. “Porcaria” é a palavra exata para a maioria do que há no mercado. Heike preparou uma lista: brinquedos para distribuir, artigos domésticos para nosso uso próprio, um ou dois abajures – desde que não sejam muito feios – e, decerto, nenhum condimento para cozinhar, nenhum artigo de artesanato e, dos cosméticos, apenas aqueles que se pode supor com alguma certeza que não prejudicarão a saúde e a beleza. “*O que significa nenhum deles,*” concludo, lembrando-me de experiências passadas com pastas de dente que viraram cimento, batons que se esfarelaram e loções fedorentas e tônicos capilares consistindo só de água com a adição de algum agente corante não identificado.

As lojas estão apinhadas como nos dias de paz. Aparentemente não somos ou únicos que, nesses dias, estamos inclinados a estocar brinquedos, artigos grosseiros de cozinha e abajures medonhos.

“O que iremos fazer com toda essa porcaria?” – pergunto com desalento enquanto caminhamos pela Steglitzer Hauptstrasse carregando nossas compras. Seis facas de cozinha que não cortam, seis colheres de estanho com bordas que cortam, um inútil prato para sabão, quatro colheres de pau repletas de rachaduras, dois abajures sem soquetes ou interruptores, mas com cúpulas assustadoramente horrorosas, e, a despeito de tudo, seis tubos de pasta de dente que vira cimento, seis estojos de batom que esfarela e brinquedos – brinquedos suficientes para abrir uma loja.

“Não se preocupe,” Heike tenta me confortar, “pelo menos pegamos o que havia de melhor. Os que chegaram depois de nós se darão mal.”



Sexta-feira, 11 de junho de 1948

Febre de compras, medo da desvalorização da moeda, multidões lotando as lojas. O frenesi pelo investimento se alastra como uma epidemia induzindo as pessoas a gastarem seu dinheiro, levando-as a consumir, a zanzar para cá e para lá pelas ruas, não permitindo que elas descansem até que tenham comprado alguma coisa com sua última nota de cem marcos. Preços inacreditáveis são pagos por mercadorias escassas. Meio quilo de morangos por vinte e cinco marcos, meio quilo de cerejas por doze marcos.

“Não estamos vendendo as cerejas,” teimam os donos das cerejeiras dos subúrbios ocidentais. “Vamos esperar pela reforma monetária.”

“Então vocês podem esperar sentados,” retrucam irados os potenciais compradores e correm para a oportunidade seguinte.

Investir, investir... só para evitar a ruína! De hora em hora, o valor do Reichsmark cai. As notas vão virando simples papel impresso. Uma gorjeta de cinco marcos, uma esmola de dez, vinte marcos para um mendigo. Centenas de marcos são consumidos em bares que servem bebidas alcoólicas, milhares são gastos em biroskas que vendem bebidas ilegalmente. O assunto da conversa no metrô: onde investir dinheiro. O assunto da conversa na editora: onde investir dinheiro. O assunto da conversa em casa, nas ruas, à esquerda e à direita, dentro e fora: onde investir dinheiro.

“Eu compro café,” diz uma pessoa. “Pode-se sempre usar o café.” E ela compra seis quilos por mil e duzentos marcos cada meio quilo. Suas economias de três anos de trabalho. Desvalorização: dez para um. O café que essa pessoa beber depois da reforma monetária vai ser muito caro.

Outra compra cem cinzéis, uma outra, dois mil tubos de ensaio de laboratório, ainda outra gasta trezentos marcos com laxantes, e outra mais, noventa marcos com chás curativos. Nas estações ferroviárias municipais, pessoas sobraçando discretas pastas lucram como nunca vendendo chocolates, balas e caramelos americanos. Elas desaparecem quando a polícia surge, mas voltam ainda em maior número tão logo a barra fica novamente limpa. Berlim está em liquidação. Berlim está em pânico. Investir, investir... só para evitar a ruína.



Segunda-feira, 14 de junho de 1948

Mesmo assim, ainda não sabemos se os soviéticos concordarão ou não com a reforma. Segundo as reportagens publicadas pela imprensa “uma porta está sempre aberta” também nessa matéria. Todavia, sondagens nos círculos dos aliados revelam a triste informação de que “o fechamento temporário da fronteira” é esperado para breve. Que tipo de porta é essa que permanece aberta, quando a principal é de novo fechada? Pelo menos para nós, que não vivemos à sua frente, e sim por trás dela.



Terça-feira, 15 de junho de 1948

Os preços sobem a cada hora. Meio quilo de café, dois mil marcos. Um cigarro, trinta marcos. Você tem

muita sorte se conseguir encontrar um só cigarro porque os operadores do mercado negro estão começando a se preparar para os negócios futuros. Estocando... estocando, e não vendendo nada em Reichsmarks.

Os últimos artigos inúteis e produtos decorativos desaparecem das vitrines das lojas. “Fechado por motivo de doença... Temporariamente fechado devido à falta de mercadorias.” Avisos de “Vendemos tudo,” afixados nas portas de vidro das lojas, alastram-se como o tifo.

Entro no meu bar favorito. Três dias atrás, ele estava apinhado de fregueses e os garçons suavam, atarefados, servindo de mesa em mesa, com bandejas repletas e carteiras estufadas de dinheiro. Agora, as cadeiras estão vazias. Só no balcão do bar um solitário cliente bebe um modesto espumante. Cerveja – esgotada, bebidas destiladas – esgotadas, fósforos, cigarros, fumo – nem pensar! Peço. Imploro. Suplico ao garçom, ao porteiro, ao proprietário. Revelando grande esforço e angústia, este último luta contra si mesmo e, finalmente, me arranja um Chesterfield todo amassado. “Só porque é você! Meu último!” – diz ele e, sem o menor escrúpulo, me cobra quarenta marcos pelo cigarro. *Os que chegam por último pagam os preços mais altos*, digo para mim mesma, sentindo-me bastante imoral com a situação.

Passando todo o tempo no afã de investir o dinheiro, quase não se tem um momento livre para ler jornais. Supostamente, Sokolovsky ainda fala sobre uma reforma monetária conjunta, enquanto finge que não vê o que se passa à sua volta. No intervalo das compras, consegue-se saber alguma coisa sobre trens e despachos de cargas detidos, sobre a construção de novas trincheiras ao longo da fronteira, sobre viajantes que são presos e – oh, a velha desculpa – sobre a ponte na rodovia entre Helmstedt e Berlim que tem de ser interdita por período indeterminado devido a “obras de reparação urgentemente necessárias.”



Quarta-feira, 16 de junho de 1948

As multidões foram entrando em pânico, a febre de compras virou compulsão. Investir, estocar, embolsar para vender de novo. O preço do café dispara para dois mil e quatrocentos marcos. Heike e eu ficamos em casa e, contentes, inspecionamos nossos brinquedos, utensílios domésticos, abajures e cosméticos. Em comparação com as porcarias que restam agora, realmente nos demos bem. As colheres de pau rachadas e as facas de cozinha que não cortam a nós parecem produtos de alta qualidade.

“E, além do mais, não tivemos nossas roupas rasgadas,” diz Heike satisfeita. “É gratificante para a autoestima poder comemorar nossas compras enquanto outras pessoas ficam com as roupas em frangalhos para consegui-las.” Ela então liga o rádio e, com ar de satisfação preguiçosa, ouve as notícias.

Ainda não há data fixada para o anúncio da reforma monetária. Em vez disso, acirradas discussões no quartel-general militar dos aliados. E – desgraça atrás de desgraça – o tribunal de Marburg declarou que o major Herber, acusado de “ter forçado a entrada no gabinete do general Olbricht, em 20 de julho de 1944, com um grupo de oficiais fortemente armados, prendendo o general e atirando no coronel conde von Stauffenberg, dando assim um golpe fatal na operação de 20 de julho,” não podia “ser responsabilizado.” O rádio fica então silencioso... Em seguida... ele desvenda a verdade sobre Dieter Friede. Frank Howley, chefe do governo militar americano em Berlim, dá publicidade à sua correspondência sobre o assunto com o general Kotikov, o comandante soviético da cidade.

Em 7 de novembro, o governo dos Estados Unidos solicita formalmente explicações das autoridades soviéticas competentes. Em 17 de novembro, o general Kotikov responde: “Sua carta requerendo uma investigação referente ao desaparecido jornalista Dieter Friede infelizmente só chegou às minhas mãos nesta manhã. A esta altura só posso informar ao senhor que nem eu nem meu estado-maior sabemos qualquer coisa sobre o assunto.” O general conclui sua carta com promessa protocolar: “Tomarei todas as

providências na esfera de minha responsabilidade para investigar por completo a matéria e notificarei imediatamente o senhor sobre os resultados.”

Exatamente um mês depois, em 8 de dezembro, chegou a “imediata notificação.” “Eu gostaria de informar ao senhor que, depois de minuciosa investigação sobre o caso de Dieter Friede, conduzida pelo quartel-general militar russo, ficou esclarecido que as autoridades russas não mantêm sob custódia um alemão com este nome, seja no dia mencionado pelo senhor, seja depois dele. Ninguém com tal nome foi encontrado nos hospitais ou em outras instituições dentro do setor russo. Se Dieter Friede realmente desapareceu, aconselhamos o senhor a questionar os outros comandantes das potências aliadas de ocupação.”

Tudo isso ocorreu há sete meses. Os russos anunciam agora que prenderam Dieter Friede em 2 de novembro e que ele se encontra sob custódia desde então. “Era um espião. Ele mesmo admitiu,” disseram os russos para justificar a ação. Mas por que o negaram durante sete meses? Por que mentiram e fizeram declarações nas quais nem eles próprios acreditavam? Ouvimos o relatório e nosso sangue congela nas veias. Makar Ivanov supostamente também admitiu alguma coisa. “Desceram o porrete nele,” para que confessasse. O que importam propriedade e investimento, de que valem todas as palavras sobre unidade, paz, governo do povo, enquanto a realidade nua e crua é essa? Tão brutal, mentirosa e incompreensível.



Quinta-feira, 17 de junho de 1948

Cada nota de marco queima em nossas mãos ou bolsos como se fosse brasa. Comprar, comprar, não importa se o produto adquirido será utilizado ou não. Um boato se espalha pela cidade: “Os selos, supostamente, manterão seu valor.” Com os olhos ardendo de ganância, magotes de compradores chegam a pular as janelas das agências postais em busca de selos. Filas quilométricas se formam às suas portas com pessoas se empurrando e aos brados. “Dez folhas de selos de vinte e quatro pfennigs. Quinhentos cartões-postais locais, quinhentos internacionais.” As pessoas estocam selos em quantidades suficientes para suprir seus bisnetos.

Também há a suposição de que as passagens ferroviárias válidas para dez viagens manterão seu valor. O mesmo ocorreria com as passagens de bonde válidas para cinco viagens. Quase ninguém mais compra passagens só de ida. Se a loucura continuar nesse ritmo iremos todos parar em hospícios. Apesar disso, ninguém sabe se Berlim será incluída na reforma monetária. Marco oriental, marco ocidental, marco de Berlim. As pessoas agem com base em suspeitas. “Venha o que vier, de qualquer maneira estaremos quebrados.”

Um comunicado especial difundido pela rádio. Às seis da noite de amanhã será anunciada a data da mudança monetária nas zonas ocidentais. Na noite de hoje, os russos abandonaram, pisando duro, a reunião dos comandantes aliados. O que significa que eles não concordam com a reforma.



Sexta-feira, 18 de junho de 1948

Faltam ainda duas horas. Ficamos grudados nos rádios. As pessoas zanzam pelas ruas. Quase não há loja aberta. Quinze minutos, dez minutos... Silêncio! Será a calma que antecede ou a que sucede as tempestades? Quem sabe. Lá vem! O radialista limpa a garganta. Ouvimos claramente sua respiração e o mexer em papéis. “A primeira lei exarada pelos governos militares dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França para

reformular a moeda alemã entrará em vigor dia 20 de junho. Desvalorização de dez para um. A nova moeda se chamará Deutsche Mark. A antiga será retirada de circulação a partir de 21 de junho. Moedas e notas com valor nominal não maior do que um marco, bem como os selos, permanecerão temporariamente como moeda de troca a um décimo de seu valor nominal.” E então: “... de início, Berlim, como cidade das quatro potências, manterá seu antigo sistema monetário. Não há barreiras econômicas entre Berlim e as zonas ocidentais.”

Zune um vento tempestuoso de força 11, só inferior à força 12 dos furacões. Ele sopra sobre as linhas demarcatórias, sobre os limites entre setores e sobre as rotativas dos jornais.



Sábado, 19 de junho de 1948

A Administração Militar Soviética protesta. O Partido da Unidade Socialista protesta. O Conselho do Povo, que é o parlamento da zona oriental, inspirado no regime soviético, convoca uma reunião extraordinária para protestar. O marechal Sokolovski apela aos cidadãos da Alemanha: “A moeda separada ocidental é ilegal. Berlim faz parte da zona oriental. A circulação das notas impressas na zona ocidental é ilegal na zona russa de ocupação e em Berlim, que é integrante da parte soviética. A importação de tais notas será punida por lei.” Diacho, a ameaça parece muito clara!

“Se forem inteligentes, eles fecharão as fronteiras,” diz Heike. “Do contrário, ficarão com Reichsmarks até o pescoço. Em dois dias pode haver uma inundação de notas vindas de lá...”

A fronteira já está fechada. Com ruído metálico típico, a Cortina de Ferro finalmente desceu entre Helmstedt e Marienborn à meia-noite passada. E a AMS acabou de anunciar: “Com referência à reforma monetária em separado, a Administração Militar Soviética foi forçada a tomar as seguintes medidas de modo a proteger os interesses da população e da economia:

- estão suspensas todas as viagens da e para a zona soviética de ocupação na Alemanha.
- está proibido qualquer tipo de tráfego veicular que venha das zonas ocidentais, inclusive o que ocorre na rodovia entre Berlim e Helmstedt.
- está suspensa a passagem de pedestres das zonas ocidentais para a zona soviética de ocupação através dos postos de controle ao longo da linha demarcatória.”

Agora ficamos numa situação complicada! Agora sim caímos na ratoeira! Nós, pobres camundongos de Berlim!



Domingo, 20 de junho de 1948

“E agora?” – pergunto a Heike. “E agora?” – Heike me pergunta. “E agora?” – espantam-se todos os berlinenses neste domingo de reforma da moeda ocidental.

Os jornais não oferecem muitas informações de valor. Apenas que atividade febril se instalou nas rotativas da imprensa licenciada do Leste, e muitos rumores circulam sobre os propósitos e as intenções das autoridades de lá. As pessoas comentam sobre uma nova moeda para a zona oriental. Novas notas estariam sendo estampadas. Fala-se também sobre perfurações e sobre as chamadas etiquetas que, presas ao antigo dinheiro, improvisariam uma moeda emergencial. De qualquer forma, parece que, até o último momento, os russos não esperavam que o Ocidente tomasse aquela medida, nem estavam de nenhum modo preparados

para ela.

Não temos mais dinheiro para gastar e, mesmo que tivéssemos, dificilmente haveria qualquer possibilidade de usá-lo. A tensão dos últimos dias, de repente, deu lugar a um vácuo. A questão da reforma monetária parece ter deixado todos os berlinenses com dispepsia. Uma sensação de ressaca paira no ar. As pessoas se sentem deixadas nuas no frio.

“A melhor coisa a fazer é sair para uma caminhada,” recomenda Heike. “Talvez um pouco de ar fresco tire toda essa confusão de nossa cabeça.”

Nem bem ela acaba de pronunciar tais palavras, já estamos na rua. De tarde, andamos ao longo do Havel até a praia Kladow, num dia quente de verão.

“Você topa pegarmos um bote?” – pergunto, olhando avidamente para as refrescantes ondulações do Havel.

Heike concorda alegremente. Alugamos a canoa numa loja à margem do rio. Ela se chama *Small but mine* e não parece muito resistente. Pouco depois, estamos flutuando bem no meio do curso d’água. À esquerda e à direita, as margens vão passando lentamente. Juncos e pinheiros. Em algum lugar, tiros são disparados.

“Você sabe com certeza se estamos no setor americano ou inglês?” – indago a Heike.

Ela sorri. “Nem num nem no outro. Mas se você quiser se familiarizar com a geografia, deixe-me apresentá-la,” – aponta ela para a margem do rio à direita, “zona inglesa de ocupação,” aponta para a margem à esquerda, “zona ocupada pelos americanos,” e com um gesto abarcante dos dois braços voltados para a frente – “zona russa de ocupação.”

“E quanto ao Havel?”

“Um enclave trizonal. Em caso de dúvida...” Ela para de falar e aponta para as letras de latão escurecido que formam o nome de nossa canoa.

Sinto-me um pouco impressionada com o simbolismo daquela coincidência. Fico observando o estreito braço de rio e a frágil canoa na qual navegamos. Balançando, impotente, entre as potências mundiais, *Small but mine, pequeno mas meu*, uma casca de noz na correnteza. Se vier uma tempestade, a canoa vai virar. Só nos resta rezar para que o tempo permaneça firme.



Segunda-feira, 21 de junho de 1948

Dizem jornais do Leste: “Imensas quantidades de Reichsmarks estão sendo contrabandeadas para a zona soviética de ocupação.” Aumento no controle das fronteiras. Aumenta a tensão entre o Leste e o Oeste. Na editora, o ambiente é de depressão. Todas as fábricas que fornecem papel para as gráficas licenciadas do Oeste estão situadas no outro lado da linha demarcatória. Hoje, eles provavelmente demoliram, devido a “urgentes obras de reparação,” a ponte sobre o Elba, próxima a Magdeburg, por onde até então fluía todo o tráfego rodoviário entre Helmstedt e Berlim. Damos assim adeus às nossas esperanças de um comboio de viaturas dos aliados ocidentais abrindo caminho à força pelo corredor interzonal.

A luta entre as potências está sendo travada às nossas costas. Há cada vez menos papel para impressão e menos eletricidade para o funcionamento das rotativas. O que significa sensível decréscimo a cada semana – talvez, a cada hora – das chances de exercer nossa profissão. Se ao menos fôssemos uma publicação militante. Mas somos uma simples revista cultural, encurralada dentro da fortaleza Berlim, licenciada pelo Oeste, mas sem qualquer possibilidade de apoio soviético...

“Perspectivas não muito animadoras,” sintetiza nosso editor.

Duas horas mais tarde, a autoridade que expede as licenças nos informa que, com vigência imediata, temos permissão para imprimir parte da revista na Alemanha Ocidental. Mas como chegar até lá? Como trazer o material impresso?

“Vamos esperar para ver,” diz nosso editor-chefe, transpirando otimismo. “De qualquer maneira, eles não estão nos deixando no limbo. Vamos descobrir modos e meios...”

Assim, o dia que começou pleno de preocupações termina mais uma vez com esperanças renovadas.



Terça-feira, 22 de junho de 1948

O preço de meio quilo de café disparou para três mil marcos. Um Chesterfield, setenta e cinco marcos. Fica-se imaginando de onde as mercadorias ainda procedem. Há um zumbido no ar como no tempo das bombas. Com aviso em cima da hora, o governo militar americano aumentou em diversas vezes o tráfego aéreo para Berlim.

“Temos capacidade,” declara o general Clay, “para dar suprimento por via aérea e por tempo indeterminado aos dez mil americanos hoje em serviço estacionados em Berlim.” E acrescenta com otimismo: “As autoridades russas de ocupação não deixarão as populações alemãs dos setores ocidentais da cidade morrer de inanição.”

Não temos tanta esperança. Embora digam que Sokolovsky, supostamente, aceitou o convite dos aliados ocidentais para uma conferência das quatro potências sobre reforma monetária, ele, aparentemente, ordenou a aceleração das misteriosas atividades que têm lugar nas oficinas gráficas do *Tägliche Rundschau*. O que podemos fazer? Marcar passo e esperar para ver o que eles decidem sobre nós. Cara ou coroa – Reichsmark, marco do Leste ou marco de Berlim.

“No Ocidente agora eles estão comendo tortas de morango,” diz Heike sonhadora, enquanto nos preparamos para dormir ao som do ruído dos aviões.

“E fumam Chesterfields a dez pfennigs cada cigarro,” completo a informação recebida através da rádio RIAS, ao mesmo tempo que apago no cinzeiro os poucos milímetros que restaram do meu cigarro.

“Fico pensando se um milagre monetário também pudesse ocorrer aqui e fizesse aparecer nas lojas, da noite para o dia, todas as mercadorias em falta,” medita Heike. Ouço-a então puxar o cobertor sobre a cabeça e murmurar sonolentemente: “Tortas de morango.”

Uma hora depois, desperto. Sinto-me inquieta. Caminho até a janela aberta e observo a noite. As árvores sussurram embaladas pela brisa noturna. Do cemitério vem um odor de terra e de flores murchas. Andrik jaz lá, muito solitário. “Andrik,” chamo baixinho, na esperança de que possa responder. Mas ele não responde. As árvores param de balançar. Nenhum som pode ser ouvido, nenhuma brisa. O silêncio, que não oferece qualquer eco, fica tão insuportável que corro para o rádio e sintonizo um programa da madrugada.

Notícias: “A conferência dos especialistas em finanças das quatro potências de ocupação terminou às dez e meia da noite sem que fosse alcançado qualquer acordo. Não fixaram data para uma próxima reunião.”



Quarta-feira, 23 de junho de 1948

Edição extra do *Tägliche Rundschau*: “Decreto nº 111 do comandante da Administração Militar

Soviética na Alemanha. Reforma monetária democrática na zona soviética de ocupação na Alemanha e em Berlim. A partir de 24 de junho de 1948, novas notas entrarão em circulação em todo o território da zona soviética de ocupação da Alemanha e na área da grande Berlim: o Reichsmark e o Rentenmark, como antes, com cupões especiais presos a eles. As moedas permanecerão em circulação com seu valor nominal. As únicas notas legais de troca na zona soviética de ocupação e na área da grande Berlim são o Reichsmark e o Rentenmark com cupões especiais a eles presos. A partir de 28 de junho de 1948, será suspensa a circulação dos marcos emitidos pelas autoridades militares dos aliados bem como a dos Reichsmarks e Rentenmarks sem os cupões especiais. Assinado: W. Sokolovsky, marechal da União Soviética.”

Edição especial do *Telegraph*, diário berlinense licenciado pelos ingleses: “As ordens soviéticas para a mudança da moeda na área da grande Berlim estão em contradição com o acordo das quatro potências para a administração da cidade. Nos setores francês, inglês e americano, elas são nulas, inválidas e não se aplicam aos habitantes desses setores. Os contraventores serão punidos. Serão tomadas as providências necessárias para a entrada em circulação da nova moeda das zonas ocidentais nos três setores do oeste da grande Berlim.”

Aí vamos nós! Em vez de uma nova moeda, temos duas. E, a partir de depois de amanhã, a Cortina de Ferro ao longo do Elba terá seu complemento na Cortina de Ferro através de Berlim. Alguma coisa perigosa está fermentando. Estranhos conversam entre si nas ruas, debatendo com preocupação a precária situação. Às quatro da tarde, o conselho da cidade deverá se reunir em sessão extraordinária. “Os debates serão acirrados,” comentam todos com quem conversamos.

Às três da tarde, eu e Heike nos dirigimos para a prefeitura. Quanto mais nos aproximamos do prédio, mais alarmantemente congestionadas se mostram as ruas. Caminhões, bicicletas, pedestres. Parece que todos os membros do Partido da Unidade Socialista foram convocados. Bandeiras vermelhas tremulam no ar. Faixas são agitadas acima das cabeças: “Queremos uma só moeda.” Na frente do portão da prefeitura, a multidão engrossa perigosamente.

Alguém grita: “Abaixo os secessionistas!”

Outro responde: “Malditos soviéticos!”

As pessoas se esgoelam. Suas faces se contorcem como se estivessem experimentando convulsões. A multidão avança. Aos trancos e empurrões como se fosse um vagalhão de lava. Para lá! Aos solavancos e cotoveladas, uma onda de gente se lança à frente. “Estão invadindo a prefeitura,” brada uma mulher.

Somos levados pela corrente. “Arrombaram a porta,” escuto alguém gritar. “Estão ocupando o salão de reuniões.”

Bastilha! – imagino, alarmada. É tudo ou nada. Adentramos a prefeitura. A torrente vai nos levando pelas escadas e corredores. Debalde, Suhr, o presidente social-democrata do conselho da cidade, tenta se fazer ouvir. “Não daremos início à sessão antes que as galerias sejam evacuadas,” brada ele para a multidão.

Apupam-no. “Deem-lhe um direto no olho... queremos ver os secessionistas,” gritam. “Comecem a sessão... comecem.”

Então aparece Louise Schröder, a vice-prefeita. “Sejam razoáveis. Vão para casa. Vocês podem ouvir os debates de hoje pela rádio RIAS.” Suas palavras são recebidas com vaias e zombarias. Ela pede, implora, roga. Em vão.

Decorrem duas horas. Os indesejáveis convidados permanecem firmes na posição. Por fim, Chvalek, membro do conselho da cidade e filiado ao Partido da Unidade Socialista, ocupa a tribuna. “Camaradas,” exclama. “Esperem lá fora. Nossa facção os manterá informados sobre o curso dos debates.”

Suas palavras funcionam como petróleo sobre águas agitadas. Quando se está acostumado à disciplina partidária, ouve-se o líder. Por cerca de cinco minutos, a multidão vacila entre a baderna e a ordem, até que se aquieta. O “assalto à Bastilha” foi interrompido. Ao som da “Internacional,” os manifestantes esvaziam as

galerias.

“Na França, eles não teriam desistido,” diz Heike quando chegamos de novo ao lado de fora, ofegantes e com a aparência de bastante cansadas. “Para ser um revolucionário é preciso, obviamente, também algum talento.”

Temos sorte por não possuí-lo, penso, esfregando a perna dolorida. Ou será que esse é o nosso azar?



Quinta-feira, 24 de junho de 1948

Começaram as represálias. Na linguagem diplomática elas são chamadas sanções. A palavra “sanção” soa mais branda e menos brutal. Desde a manhã de hoje, os soviéticos cortaram o fornecimento de eletricidade para os setores ocidentais. Não há rádio, luz ou eletricidade para cozinhar, o que significa – como tantas vezes antes – impossibilidade de aquecer um pouco de água para o café. Nosso fogão de tijolos de 1945 foi desmontado. Heike prepara um café da manhã à base de pão e ameixas molhadas. Definitivamente, precisamos providenciar algumas velas para a noite. Mas com que dinheiro compraremos as velas? Como pagar por alguma coisa sem correr o risco de ser preso?

Começa hoje a troca da moeda no setor oriental. Com a apresentação do cupom para açúcar do cartão de racionamento de alimentos para junho, cada cidadão recebe setenta cupons de marcos a uma taxa de troca de um para um. Até cinco mil marcos do antigo dinheiro podem ser imediatamente trocados por quinhentos marcos das notas com cupons. Tudo que exceder esse total será verificado. Os ativos dos partidos, dos sindicatos e das empresas estatais não serão desvalorizados.

Os marcos com cupons valem também nos setores ocidentais. Mas apenas para comprar alimentos racionados, pagar aluguéis, adquirir passagens nos transportes públicos, pagar tarifas postais e telefônicas e contas de eletricidade e gás. As moedas retêm seu antigo valor.

Amanhã tem início a troca da moeda nos três setores ocidentais. Com a apresentação e o carimbo no cartão de identidade, cada cidadão recebe uma cota *per capita* de sessenta Deutsche Marks à taxa de câmbio de um para um. Tudo que exceder esse total deverá ser registrado. As moedas ficarão com apenas um décimo de seu antigo valor. O Deutsche Mark está proibido no setor oriental. Qualquer tentativa para colocá-lo lá em circulação será considerada “prejudicial à economia” e punida de acordo com o Decreto nº 111 do marechal Sokolovsky.

Na Estação do Zoológico, esquina da Potsdamerstrasse com a Kurfürstenstrasse – o velho centro do mercado negro para pão branco e bolos – folhas inteiras de cupons já estão sendo negociadas contra Reichsmarks, com um sobrepreço de cinquenta por cento. Notas de mil marcos já trocam de bolsos com extrema rapidez. Todos se transformam em fabricantes do novo dinheiro. A dez passos da multidão, por trás da primeira parede em ruínas, colam-se os cupons nas notas remanescentes de Reichsmarks. Esse tipo de atividade exige rapidez. Lamber e colar, lamber e colar. Emerge-se das ruínas como capitalistas dos marcos com cupons. “Atenção! Batida da polícia!” Um carro da polícia dobra a esquina em velocidade. Todos correm em diversas direções. Como se fossem camundongos, os fugidios banqueiros do mercado negro desaparecem nos buracos mais próximos. A rua fica deserta mesmo antes de os policiais terem tempo para dar uma olhada no entorno. Encolhendo os ombros, eles reembarcam no jipe e seguem caminho. Mais cedo ou mais tarde, estarão de volta. Talvez dentro de uma hora, talvez de duas. E as pessoas desaparecerão de novo, para reaparecer no mesmo local poucos minutos mais tarde – com a mesma ganância – amontoando-se em volta das folhas de cupons. Dinheiro, dinheiro! A qualquer custo. Pegue-o, amontoe-o, junte o máximo que puder.



Sexta-feira, 25 de junho de 1948

Último dia da velha moeda. Pânico de última hora. Metade dos moradores do setor oriental ainda não tinha trocado suas cotas *per capita*. Eles começam então a correr de um local de troca para outro. Em todos os lugares, o mesmo tipo de aglomerado aflito, em todos os lugares a mesma pergunta: Onde se pode conseguir o máximo? Como se obtém a melhor taxa?

“Primeiro no Leste, depois no Oeste,” aconselham os espertos. “É preciso mostrar a identidade no Leste, mas não o seu cartão do açúcar no Oeste.”

Uma ideia capital, pensam os mais astutos, e ao adquirirem toda uma coleção de cupom de açúcar, coletam suas cotas *per capita* por atacado. Um cupom em cada local de câmbio.

“Ladrões de centavos,” desprezam os milionários em Reichsmarks. Contratam algumas pessoas para trabalharem para eles, oferecem participação nos lucros e os enviam para as filas de espera. Três pessoas na fila em cada local de câmbio. A cota de setenta marcos *per capita* mais cinco mil marcos do câmbio imediato à taxa de um para dez. Depois de pagarem cinquenta por cento para cada transação bem-sucedida à pessoa que esperou na fila, eles ainda ficam com quantia substancial. Nada mau para começar.

No entanto, é difícil começar! As lojas estão vazias, e parece que não serão abastecidas tão cedo, como aconteceu no Oeste, com artigos maravilhosos. Para se vender alguma mercadoria é preciso primeiro tê-la. Mas a Administração Militar Soviética determinou uma suspensão imediata dos suprimentos regulares de bens para os setores ocidentais da zona oriental ou do setor oriental de Berlim. Também desde ontem não há mais tráfego de cargas através da linha demarcatória. O governo militar russo se desculpa. “Após a suspensão de todo o tráfego de passageiros a administração dos transportes teve também de interromper temporariamente todo o tráfego de cargas devido a problemas técnicos na linha ferroviária. Providências estão sendo tomadas para a reparação da linha com a maior brevidade possível.”

Se você não quiser acreditar, não acredite. Enquanto não houver gente para protestar seriamente, não faz a menor diferença se você acredita ou não.

Nos círculos americanos dos altos escalões essa é considerada a crise mais séria entre os aliados ocidentais e a União Soviética desde o fim da guerra. Nós somos o campo de batalha onde tal crise ocorre. Somos o objetivo, o elemento de manobra e seu protagonista involuntário. E isso é o que chamam reforma monetária. Não temos luz, nem rádio. E, à luz de velas, podemos pensar ao nosso bel-prazer como lidar com tão questionável distinção.



Sábado, 26 de junho de 1948

Por enquanto, já temos o bastante para nos ocupar na tentativa de lidar com nossas duas moedas. O novo marco entrou hoje em vigor. Ainda não temos ideia de onde ele pode ser usado e quanto vale. No setor leste, ocorreram as primeiras prisões de pessoas que portavam dinheiro ocidental. Por “fraude e violação do Decreto nº 111.” Nas bancas, paga-se com uma moeda de dez pfennigs ou com uma nota de um Rentenmark por um jornal. Na padaria, compram-se dez gramas de margarina com uma moeda de cinquenta pfennigs ou com cinco Reichsmarks sem cupons colados. A taxa de câmbio para o “papel de parede” cai de hora em hora. Hoje de manhã era de oito para um em relação à moeda ocidental. De tarde, já é de dezoito para um. Nos setores ocidentais, os selos valem dez por cento de seu valor nominal.

Contudo, como se pode pagar por eles igualmente com dinheiro oriental, tem-se a opção de gastar duas moedas de dez pfennigs ou duas notas de Reichsmarks sem cupons colados por dois selos de dez pfennigs. Toda Berlim está enlouquecendo. E os contraventores são os que mais lucram com esses excessos no câmbio.

Os governos militares expedem um decreto atrás do outro para manter a situação sob controle. Porém, como cada decreto exarado pelo Ocidente é imediatamente seguido por um contradecreto expedido pelo Leste, a confusão não diminui. O *Tägliche Rundschau* publica que, infelizmente, os problemas técnicos da linha ferroviária Berlim-Helmstedt são muito mais sérios do que anteriormente considerados e que os severos cortes de energia nos setores ocidentais se devem a defeitos na operação da usina de Golpa-Tschornnewitz, que supre Berlim com eletricidade.

Como consolo, o coronel Howley, comandante americano de Berlim, garantiu-nos que, a despeito da suspensão da entrega de bens da zona oriental e malgrado a interrupção no fornecimento de leite da zona oriental para os bebês dos setores ocidentais, não devemos desesperar. As reservas de alimentos no setor americano são suficientes para outros trinta dias de abastecimento. Diz mais... “Não deixaremos gente em Berlim passar fome,” afirma em alto e bom som. Ficamos aliviados. Portanto, não só as forças de ocupação, mas nós também temos razões para esperanças... E estamos de novo esperançosos! Porque, até agora, o coronel Howley sempre cumpriu suas promessas.



Domingo, 27 de junho de 1948

Eletricidade duas horas por dia. Nos domingos, apenas uma. Para equalizar o tratamento, grupos agendados para o suprimento foram estabelecidos. De modo que todos tenham a oportunidade de receber sua cota de energia elétrica durante período razoável. O período em que a energia elétrica nos é fornecida vai da meia-noite às duas da madrugada. Antes e depois de tal período, temos de nos arranjar sem eletricidade, sem luz e sem rádio.

Recentemente, caminhonetes da RIAS equipadas com alto-falantes têm transitado pelas ruas do setor ocidental em substituição aos noticiários. É muito constrangedor estar no foco das questões mundiais e só sermos informados sobre elas entre meia-noite e duas da manhã. Por isso corremos para fora sempre que a caminhonete da RIAS aparece. Ela divulga as últimas e mais importantes notícias: “A ponte aérea aumentou para cem voos por dia. Está proibido o nado em lagos e rios porque eles estão provavelmente poluídos pelos esgotos em vista da falta de energia. Mais presos pela posse de Deutsche Marks no setor oriental. Taxa de câmbio do ‘papel de parede’ em relação ao Deutsche Mark – trinta para um.”

A caminhonete da RIAS prossegue em seu roteiro. Ficamos consternados com as notícias. Parece que as coisas não melhorarão tão cedo.



Terça-feira, 29 de junho de 1948

Pelo contrário. Mais uma vez, os comentários da imprensa sobre a situação política vão de “grave” a “muito boa” e a “extremamente grave.” Como se fosse por acaso, o subsecretário americano da Defesa, o chefe do Departamento de Planejamento do Exército Americano, o comandante das tropas inglesas ao longo do Reno e um enviado especial de Truman chegaram a Berlim ao mesmo tempo.

“Decisões prestes a serem tomadas,” dá o *Tagesspiegel* em grande manchete. “Com essa última série de violações dos acordos, o expansionismo russo criou em Berlim uma situação sobre cuja gravidade os Estados Unidos não alimentam quaisquer ilusões. No governo, processam-se conversações para decidir que medidas necessitam ser adotadas, ou terão necessidade de ser adotadas, devido aos atos dos russos. As decisões serão anunciadas em breve.”

“Que não nos venha uma segunda Munique,” é o que se ouve por todos os lados.

A rádio Moscou anuncia a resolução acordada em Varsóvia pelos ministros do Exterior dos estados satélites da Rússia para resolver o conflito na Alemanha: “Formação de um governo totalmente alemão. Paz com a Alemanha. Retirada de todas as tropas de ocupação um ano após o acordo de paz. A fronteira Oder-Neisse será mantida. O Ruhr controlado pelas quatro potências.”

Se tivéssemos realmente paz... O que aconteceria se, após a retirada das tropas de ocupação, houvesse outro movimento pela unidade, a longamente acalentada “convocação pela fusão”... Quem então diria “não”? Quem diria “sim”? Quem garantiria que seríamos capazes de dizer “sim” ou “não” sem coerção? A América é muito longe, a Rússia é bem perto. A apenas um dia de marcha para se tornar nossa guardiã. Por que ficamos tão desconfiados a ponto de vermos sempre ciladas em cada proposta russa? Talvez dessa vez eles sejam mesmo sinceros.

Bloqueio – enquanto ouvimos o ruído dos aviões da ponte aérea a cada oito minutos. Bloqueio – somos lembrados pelas horas sem eletricidade, pelas caminhonetes da rádio RIAs, a rodovia deserta para Helmstedt, os trilhos enferrujados da linha ferroviária interzonal, pelos bondes cancelados, pelas fábricas ociosas e pelas ruas e casas sem luz no setor ocidental da fortaleza Berlim.

“Secaremos os setores ocidentais de Berlim como uma verruga estrangulada,” teriam dito os soviéticos. E, *desta vez*, tencionam mesmo fazê-lo.



Sexta-feira, 2 de julho de 1948

Na estação Zoológico do metrô, a moeda está sendo comercializada. Basta você se misturar com o aglomerado de gente que apinha as ruas da passagem subterrânea que vai até a Igreja do Memorial, e segurar, deixando à vista, notas das zonas Ocidental e Oriental. Em menos de dois minutos a transação monetária já estará em curso. “Você quer marcos do Leste...?” “Precisa de marcos do Oeste...?” Isso é sussurrado ao seu ouvido. Um olhar furtivo em volta... a pessoa abre sua carteira de dinheiro... e como num passe de mágica os seis marcos do Oeste que estão em suas mãos se transformam em quinze notas de “papel de parede.” Quatro dias atrás, a taxa de câmbio despencou de trinta ou mesmo quarenta para dois e meio. Por quê? Sabemos tão pouco sobre os mistérios da taxa de câmbio quanto sabemos sobre qualquer coisa que afete os altos e baixos de nossas vidas sob o bloqueio.

“Tente tirar algum sentido do que se segue,” queixa-se Heike. “Fósforos, só com dinheiro ocidental. Cebolas, metade oriental e metade ocidental. Fornecimento de passas, dinheiro ocidental. Cupons de açúcar, moeda oriental. Uma réstia pequena de cebolinhas, meio a meio. Sabão, moeda oriental. Agentes para tintura líquida, dinheiro ocidental. Será que somos acrobatas matemáticos, ou coisa parecida?”

“Tente entender alguma coisa,” diz nosso editor. “Os jornais são comprados apenas com moeda oriental. Para sua impressão é necessário dinheiro ocidental. Nossos empregados têm direito a vinte e cinco por cento de seus salários em moeda ocidental, mas nossa receita é cem por cento em dinheiro oriental.”



Sábado, 10 de julho de 1948

“É impressionante como tudo por aqui mudou nas últimas três semanas,” escreve Frank de Munique. “Ninguém mais fala sobre calorias porque há o suficiente para se comer. As lojas estão repletas de mercadorias, há fartura de jornais e revistas para serem adquiridos. Só não temos dinheiro... As notícias que nos chegam de Berlim são alarmantes. Preocupo-me com vocês. Venham para o Oeste!”

Devemos ir embora? Devemos ficar? Fico observando as lojas vazias. Converto a moeda oriental na ocidental, e a ocidental na oriental. Leio no *Tagesspiegel* que o abastecimento de gás teve de ser cortado, que o fornecimento atual de eletricidade não poderá mais ser mantido, que cinquenta por cento de todas as empresas de Berlim Ocidental já tiveram que fechar as portas por falta de energia e que os metrô e bondes só estão funcionando até seis da tarde. Ouço que a Administração Militar Soviética já apresentou trinta notas de protestos por violações nos regulamentos do tráfego aéreo no corredor da ponte aérea e que, a partir de hoje, ela estará também suspendendo o tráfego hidroviário entre Berlim e as zonas ocidentais devido a “trabalhos de recuperação nas comportas de Rathenow.” E penso: *Está na hora de ir embora.*

Depois, viajando de bonde para Moabit, sento-me ao lado de uma mulher. Cuidadosamente, como se temesse entornar alguma coisa, ela olha para dentro de sua bolsa de compras. Começamos a conversar.

“Vou visitar alguns amigos,” diz ela. “Os russos, aparentemente, interromperam o fornecimento de água para Moabit. Vou até lá levar-lhes um pouco de água. Assim, pelo menos, eles poderão passar algum café.”

Água para Moabit. Em garrafas vazias de vinagre e de água mineral. Olho para a mulher e penso: *Não podemos abandonar pessoas que carregam água de Charlottenburg até Moabit para fazer café.*



Terça-feira, 20 de julho de 1948

Numa hora vamos – noutra ficamos. Ora vamos – ora ficamos. Se ao menos soubéssemos o que irá acontecer. Não conseguimos decidir. A Ponte Aérea se estabiliza. A cada três minutos passa um avião. Recentemente eles começaram a transportar até carvão para Berlim. “Devemos ficar,” asseguram-nos os americanos todos os dias. Mas que razões têm eles para ficar?

“Porque a ponte aérea lhes proporciona grande oportunidade de treino de pilotos para uma guerra eventual,” dizem com desdém os antiocidentais. “E porque, com a expansão dos aeroportos de Berlim, eles estão construindo as melhores bases aéreas bem debaixo dos narizes dos russos. Ou será que vocês pensam que eles estão ficando por sua causa?”

Ponte – cabeça de ponte – capacho, recapitulo calmamente e para mim mesma os diversos estágios de nosso declínio. *Será que somos simplesmente um capacho?...* “Berlim luta pela liberdade da Europa. A coragem do povo de Berlim Ocidental está salvando a democracia na Europa,” garantem-nos um político da zona ocidental atrás do outro. Telegramas de apoio chegam de todos os países. Na Baixa Saxônia doam um dia de sua ração de alimentos para os berlinenses. Estão sendo arrecadados manteiga, carne, queijo, leite em pó e suprimentos médicos. “Com agradecimentos à nossa corajosa capital.”

As caixas estão se empilhando nos aeroportos. Só falta espaço de carga para seu transporte. A compaixão mundial nos sensibiliza bastante. Portanto, afinal de contas, não somos meramente um capacho. E se pudermos aguentar por um pouquinho mais de tempo...



Sexta-feira, 23 de julho de 1948

Não há luz, rádio ou eletricidade para cozinhar. *Felizmente estamos no verão*, penso todos os dias. Os dias são mais longos e não importa muito que dias a fio comamos apenas pão com margarina e cebola. E pode-se também beber água. Mas como as estações de tratamento da água pararam suas operações, é aconselhável só bebê-la depois de fervida. E é possível fervê-la à noite. Entre meia-noite e duas da madrugada, quando o grupo de racionamento “C” (de César) recebe sua energia da semana. Por vezes, a energia elétrica chega um pouco antes, às onze e meia. Por isso, ficamos sentados à espera. Tateamos pelo apartamento como cegos. Bocejamos e conversamos sobre o bloqueio. Comentamos sobre o fato de a ponte aérea poder ou não ser mantida e sobre a capacidade de Berlim aguentar.

“Berlim vai aguentar firme,” dizemos enquanto acendemos a vela da noite. “É uma questão de energia e nervos.”

“Berlim não pode aguentar por muito tempo,” concluímos quando a vela é toda consumida e os minutos vão escoando lentamente. Nossa conversa vai se tornando cada vez mais arrastada. Tudo o que queremos é dormir. Se a situação persistir assim por muito tempo acabaremos desistindo... É uma questão de nervos. Por causa do desgaste, Heike começa a chorar.

“Ah,” de repente exclamamos quase a uma só voz, “luz!” E passamos a correr por todos os lados, sorrindo, como se tivéssemos bebido vinho. Na direção do interruptor, na do fogão, na do rádio. Para cozinhar, lavar alguma roupa, passar uma blusa, ouvir as notícias. Principalmente, ouvir as notícias. A RIAS transmite noticiários de hora em hora durante toda a noite. Ouvimos as estações do Ocidente, sintonizamos as estações do Leste. Acima de nós o barulho dos aviões... É uma questão de nervos. Entre meia-noite e duas da manhã, sentimos os nervos fortalecidos. Não somos capachos, e sim heróis. Somos convocados para defender a liberdade na Europa. Às duas da madrugada, nosso dia se encerra. Às sete da manhã começa um novo. Sem luz, sem rádio, sem a possibilidade de cozinhar.



Domingo, 25 de julho de 1948

É uma questão de nervos. Faz um mês que nasceu o “papel de parede.” Hoje é seu dia de falecimento. Segundo decreto do chefe da Administração Militar Soviética, o marco com cupom colado, no setor leste de Berlim e na zona oriental, será trocado por marcos impressos pelo Banco Central alemão. A taxa de câmbio é de um para um. A quota per capita é de setenta marcos. Tudo que exceder esse total será creditado numa poupança que o proprietário poderá, supostamente, resgatar a partir de 15 de agosto, depois que a “autenticação e validação” das notas submetidas forem verificadas. A partir de amanhã, as notas com cupons não serão mais aceitas. Os locais de troca para as cotas per capita bem como para as contas de poupança estão localizadas no setor oriental. Mais uma vez, corremos para trocar nosso dinheiro. Filas intermináveis. Gente se empurrando, se ofendendo e gritando. Uma solicitação do conselho da cidade para a organização de locais de troca também nos setores ocidentais foi rejeitada pela Administração Militar Soviética. Portanto, só nos resta agora correr para Köpernick ou Lichtenburg, para Weissensee ou Hoppergarten, a fim de nos vermos livres dos marcos com cupons. Às seis da tarde, o metrô e os bondes interrompem suas operações. “Eles acham que podem fazer conosco o que quiserem,” resmungam as pessoas, enquanto se acotovelam em trens superlotados. Herói ou capacho. O que acontece hoje nada mais é do que luta pela



Sexta-feira, 30 de julho de 1948

Cada vez mais a impressão é que o bloqueio veio para ficar. Nossas experiências com o nazismo e o pós-nazismo já nos ensinaram que, de todos os resultados possíveis, quase sempre é o pior que vinga: uma situação insuportável torna-se permanente.

Em 6 de julho, as três potências ocidentais protestaram em Moscou contra o bloqueio de Berlim, mas concordaram em negociar tão logo ele fosse suspenso. Em 15 de julho, a União Soviética informou seus aliados ocidentais que também concordaria com negociações à base das quatro potências, mas que não tinha a intenção de interromper o bloqueio como pré-requisito para tais negociações futuras. Duas “portas abertas” e ninguém passa. Anteontem foi anunciado que os embaixadores dos três aliados ocidentais em Moscou deveriam entregar pessoalmente ao ministro do Exterior a resposta de seus respectivos governos à última nota soviética. “Herr Molotov não se encontra na cidade,” foi o comunicado de hoje do Ministério do Exterior russo à imprensa. Não havia data fixada para seu retorno.

Tudo parece incerto. As “portas abertas” estão rangendo e, acossados por esse desagradável ruído, nos preparamos lentamente para sermos uma cidade nas linhas de frente pela vida. Talvez tenhamos de ir mesmo para o Oeste. Faço uma pesquisa na agência americana de viagens. Dizem-me que todos lugares à venda em Deutsche Marks estão esgotados para as próximas duas semanas. A menos que – e eles olham para mim disfarçadamente – eu possa pagar em dólares. Mas possuir dólares é ilegal. No mercado negro, cada dólar é vendido por vinte e oito marcos do Oeste. E com muita discricção porque um alemão pego com a moeda americana vai para a prisão. Na melhor das hipóteses, eu poderia pedir a uma pessoa autorizada a ter dólares que comprasse a passagem para mim como presente, e eu a reembolsaria com a taxa de câmbio do mercado negro... Isso é uma coisa que vem sendo feita, porém não se fala a respeito, dizem-me, dando discretamente a entender que “já fizeram.” A passagem aérea de Berlim para Frankfurt custa vinte e oito dólares. Vinte e oito vezes vinte e oito. Quem tem 784 marcos para pagar por apenas uma passagem de ida de Berlim para Frankfurt? Sem mencionar a possibilidade de parar na cadeia caso flagrado.

“Venham! Venham!” – insiste Frank em todas as cartas. No entanto, mesmo que ele estivesse à morte e eu não pudesse vê-lo de novo – ainda assim não teria condições de ir. As passagens aéreas vendáveis em Deutsche Marks estão esgotadas pelas próximas duas semanas. Meus “marcos com cupons” estão numa “conta poupança” no setor oriental. Nossa editora fatura apenas em dinheiro da zona oriental. E como nossa revista não é militante e sim meramente cultural, temos baixa prioridade quando se trata da distribuição de papel por via aérea. Portanto, podemos nos considerar sortudos se a venda da diminuta tiragem da revista cobre pelo menos a maior parte dos nossos custos em marcos do Leste. Berlim é uma prisão da qual apenas uns poucos afortunados – e de vez em quando – obtêm permissão para uma saída limitada. Lealdade em relação à cidade – ou lealdade para com alguém? Odeio estar numa prisão.



Terça-feira, 3 de agosto de 1948

Na noite passada, os três embaixadores ocidentais em Moscou foram diretamente a Stalin. “Eles passaram pelos portões do Kremlin exatamente às cinco para as nove, hora de Moscou,” foi noticiado hoje. Além

disso, nenhum outro comentário.



Quarta-feira, 4 de agosto de 1948

Todos os jornais russos publicam o *communiqué* oficial do encontro de Stalin com os diplomatas das três potências ocidentais. Ele é composto por trinta e quatro palavras: “Em 2 de agosto J.V. Stalin, presidente do Conselho de Ministros da União Soviética, recebeu o embaixador americano W. Smith, o embaixador francês Chataigneau, e F. Roberts, representante pessoal de Bevin, ministro do Exterior inglês. O ministro do Exterior soviético, V. Molotov, compareceu à reunião.” Ponto-final. E continuamos sabendo tanto quanto antes. Os jornalistas de todo o mundo mergulham no terreno das especulações. O fato de os três embaixadores terem deixado o Kremlin “sorrindo e de bom astral” e de, após o retorno à embaixada americana, “eles nem esperarem o elevador e subirem os três lances de escadas até o gabinete de Smith” é interpretado como bom sinal. Além disso, havia anos que Stalin não participava de “reunião tão longa.”



Quinta-feira, 5 de agosto de 1948

“Nada a comentar,” diz o secretário de Estado Marshall em Washington.

“Nada a comentar,” diz o ministro do Exterior Bevin em Londres.

“Nada a comentar,” diz o ministro do Exterior Schuman em Paris.



Quarta-feira, 11 de agosto de 1948

Nada a comentar. No entanto, no dia 9, os três embaixadores se reuniram com Molotov, e espera-se que esse primeiro encontro seja seguido por muitos outros mais demorados... É uma questão de nervos!



Sábado, 14 de agosto de 1948

Propostas e contrapropostas. Os textos não foram publicados. Num dia, a situação parece favorável, no seguinte, torna-se desfavorável de novo. O Leste diz: negociações das quatro potências e, então, o levantamento do bloqueio. O Oeste diz: suspensão do bloqueio e, então, as negociações das quatro potências.

“É uma desgraça quando quatro famílias vivem na mesma casa e uma delas força as outras três a entrarem pela chaminé, e não pela porta,” dizem na Inglaterra.

Oscilamos entre a esperança e o desespero. Mas tal oscilação, embora lenta, também pode ser muito estressante, quando não se é o cão que briga pelo osso, mas o osso por que brigam os cães.



Quinta-feira, 19 de agosto de 1948

Em Herrenchiemsee, na Baviera, é organizada uma convenção para a preparação da nova constituição alemã. Uma constituição da Alemanha Ocidental! As fronteiras entre as zonas ocidentais deixaram de existir. As barreiras entre os setores em Berlim ficam cada vez mais altas. “Suspensão do bloqueio para que depois venham as negociações das quatro potências.”

“Não, negociações das quatro potências e, então, o levantamento do bloqueio,” continuam argumentando em Moscou.

Enquanto discutem em Moscou sem “nada a declarar,” e em Herrenchiemsee são feitos os preparativos para a formação do estado da Alemanha Ocidental, nós ficamos aqui sem eletricidade e sem rádio, comendo batatas e vegetais desidratados, ameixas e carne enlatada, matutando se a situação é de herói ou capacho.

“Muito simples,” diz Heike. “A única diferença é que o Ocidente tem uma chance e Berlim, não. Salvo ser engolida, no fim, pela zona oriental.”

“Mas os americanos estão ficando,” objeto.

“É verdade, estão ficando. Como o guarda ou o salva-vidas que vigia a arrebentação. Porém, o que venha a ocorrer em Herrenchiemsee só nos interessa como espectadores e não... e não como beneficiários,” ela completa a frase com um suspiro.

“*Espectadores!*” Quanto mais penso sobre isso, mais tenho de concordar com Heike. “A linha demarcatória entre as ideologias do Ocidente e do Oriente corre ao longo do Elba,” disse Clay há meio ano. “Erigimos aqui uma fronteira e pretendemos mantê-la.”

Estamos a leste dessa fronteira. Vigiamos a arrebentação soviética. O problema dos “pais tolos,” o problema de “comer o bolo ou ficar com ele,” foram resolvidos de maneira surpreendentemente simples. A fronteira corre ao longo do Elba. O que está situado do outro lado é Alemanha, será Alemanha. Uma pequena, mas amistosa Alemanha. Sem a agressividade prussiana, sem ameaçar a reivindicação pelo *status* de potência mundial, não infectada pelos soviéticos, adequada e digna para ser integrada à grande família das nações europeias. A única proteção contra o avanço do bolchevismo é uma Europa Ocidental economicamente estável. O Plano Marshall ajuda a consecução desse objetivo. A Alemanha Ocidental consegue um governo. A Alemanha Ocidental torna-se um estado alemão. Economicamente sustentável e suficientemente pequeno para não constituir potencial ameaça. Sólido bastião contra o avanço do bolchevismo. A boa criança não agressiva na família das nações europeias. Quanto ao que existe deste lado do Elba... esqueça! Quanto menos se falar sobre isso mais fácil será esquecer. Esta é a amarga verdade – provavelmente a única que pode salvar a Europa.

Desde minha infância, sou uma favorável aos Estados Unidos da Europa. Agora que eles se aproximam da concretização, estou aqui de pé numa torre de vigia, e trezentos quilômetros de “ideologia oriental” me separam de sua fronteira. Da Europa dos meus sonhos – e de Frank. De que vale um pacifista numa torre de vigia de arrebentação? O que faz uma revista cultural com pouco papel na fortaleza Berlim?

“Mantendo a posição,” dizem-me. “Tornando possível o impossível!”

“Não,” rechaço a maneira familiar e fatalista de pôr a situação em palavras.

“Você não deve desertar do destino da comunidade,” instam--me com certa reprovação.

“Sim,” tenho de admitir contritamente. Mais uma vez fico dividida entre o “sim” e o “não.”



Domingo, 22 de agosto de 1948

Na Potsdamer Platz, onde se encontram os limites entre os setores americano, inglês e russo, passa a linha demarcatória entre as ideologias do Leste e do Oeste. Foi lá que, três dias atrás, pela primeira vez, alemães atiraram contra alemães. Berlinenses contra berlinenses. Já há algum tempo, Margraf, o chefe de polícia, declarou que só receberia ordens da potência soviética de ocupação e, em resposta a tal afirmação, os aliados ocidentais criaram uma força policial separada para seus setores. A polícia do Leste a chama de “polícia ilegal do Oeste,” enquanto a polícia do Oeste os tacha de “polícia ilegal do Leste.” Assim começou uma irritante rivalidade entre as duas. Sequestros através da fronteira. Incursões policiais. Pessoas arrastadas de um setor para o outro. Protestos. Tiros disparados, pedras arremessadas. Pessoas detidas. Pessoas feridas. Quem é o inimigo?

Em Moscou, eles negociam – sem nada a declarar. Em Herrenheimsee, trabalham na formulação de uma constituição para a Alemanha Ocidental. Entre três e quatro mil toneladas de suprimentos são aerotransportados diariamente para Berlim. E a taxa de suicídio da cidade – normalmente de um e meio por dia – subiu para sete. Uma questão de nervos!



Quarta-feira, 1º de setembro de 1948

O bloqueio será suspenso. Não dá para acreditar, mas eles dizem que é verdade. Ontem à tarde, pela primeira vez em cinco meses, todos os quatro governos militares se reuniram no prédio do Conselho de Controle para debater o levantamento do bloqueio e a introdução de uma moeda uniforme para toda Berlim. Só após o esclarecimento das condições técnicas referentes aos dois assuntos, um *communiqué* sobre o estágio das negociações em Moscou será publicado. Em Helmstedt, trens carregados com carvão e alimentos já esperam a fim de trafegar para leste tão logo seja aberta a fronteira. Os berlinenses estão contentes. Não mais batatas desidratadas e carne enlatada. Não mais cortes de energia. Não mais cansativas conversões entre marcos do Oeste e do Leste. Papel para as revistas e, o que é mais importante, não mais inimizade e ódio irrestrito entre berlinenses.

No dia de hoje, começou a funcionar em Bonn o primeiro parlamento alemão eleito no pós-guerra. Agora, também nos beneficiaremos de seu trabalho. À noite, Heike e eu iluminamos o apartamento com quatro velas em vez de uma. Quem sabe? Talvez já tenhamos luz amanhã pelo simples acionamento dos interruptores.



Quinta-feira, 2 de setembro de 1948

Continuam as conversações entre os governadores militares. Os rumores de que o bloqueio seria suspenso não foram confirmados. Sentamo-nos em volta de uma só vela à espera da chegada da eletricidade.



Sábado, 4 de setembro de 1948

Exercícios antiaéreos soviéticos no corredor da ponte aérea. O marco do Leste caiu para 3,2, e, no Conselho de Controle, eles ainda se reúnem a portas fechadas. Pela terceira vez, uma assembleia do conselho da cidade teve de ser adiada por causa de manifestações do Partido da Unidade Socialista na frente da prefeitura.

“Venham para Munique,” escreve Frank. Sua carta levou vinte e um dias para chegar às minhas mãos.



Segunda-feira, 6 de setembro de 1948

Heike entra correndo no quarto. “*Putsch* na cidade!” – exclama. “O Partido da Unidade Socialista está dando um *coup d’état*.”

Fico em pé de um pulo. “Onde?”

“Na Parochialstrasse. Eles tomaram a prefeitura. A polícia do Leste isolou todas as ruas que levam a ela. Se eles conseguirem agora...” Ela esfrega as mãos.

Pelo amor de Deus, vamos ouvir as notícias! Ligo o rádio. Não funciona. Vem-me à cabeça que, nesta semana, a seção “C” (de César) recebe energia das vinte e duas horas à meia-noite. Olho meu relógio. Vinte para as nove. Hora e meia de espera. Corro para a janela, debruço-me bem para fora e tento auscultar a noite. Tudo quieto. Na Bismarckstrasse, duas mulheres puxam vagarosamente um carrinho de mão. Aguço os ouvidos. Nenhum barulho, nada de ruído de disparos. “*Se tivessem sucesso, já estariam por aqui,*” tento me tranquilizar. “*Não podem ter vencido.*”

Por fim, dez da noite. RIAs: pelas onze da manhã, grupos, colunas em marcha e caminhões conduzindo manifestantes comunistas apareceram diante da prefeitura. Quebraram as vidraças das portas de entrada, dominaram os funcionários que tentaram resistir e ocuparam o salão da assembleia e as galerias. Por volta das duas da tarde, um membro do comitê executivo do Partido da Unidade Socialista abriu uma reunião do conselho da cidade apenas com a presença de representantes do Partido da Unidade Socialista e de líderes dos sindicatos do Partido Democrata Cristão da zona oriental. Mais ou menos às três da tarde, os manifestantes saíram da prefeitura. Às oito e quinze, o prédio foi ocupado pela polícia do Leste e todos os acessos a ele foram isolados. Às seis e trinta da noite, todos os conselheiros da cidade, com exceção dos representantes do Partido da Unidade Socialista, se encontraram para uma reunião de emergência na Taberna Acadêmica, em Steinplatz, setor inglês. Decidiram promover reuniões apenas nos setores ocidentais até que a situação se normalize de novo, e fixaram a data de 14 de novembro para a eleição de uma nova assembleia municipal.

Então, eles fracassaram! Ou pelo menos não foram bem-sucedidos no *coup d’état*. A partir de hoje, não só teremos duas forças policiais como também duas assembleias municipais. Talvez tenhamos amanhã dois governos da cidade e uma “Muralha da China,” com ameias e guaritas, correndo ao longo do limite entre setores. É provável então que venha a ser necessário um visto para se ir de Charlottenburg a Unter den Linden. Exatamente como imaginamos em julho de 1945 quando começou a ocupação das quatro potências. Talvez.

Hoje, no Conselho de Controle, os governantes militares promoveram a mais longa reunião até agora. Ela durou cinco horas e quarenta e cinco minutos. É uma questão de nervos.



Segunda-feira, 13 de setembro de 1948

Na quinta-feira passada, foi a vez de cem mil berlinenses se manifestarem na Platz der Republik em favor das liberdades democráticas e contra os eventos escandalosos que tiveram lugar na prefeitura. A ação foi provocada por raiva fundamentada e por uma justa causa. As donas de casa abandonaram seu fogão, as cabeleireiras deixaram suas clientes nos secadores de cabelos, os vendedores de jornais fecharam sua banca. Todos acorreram ao mesmo local pensando: *Temos que nos manifestar! Somos parte do Ocidente. Somos berlinenses. Somos uma comunidade com destino a cumprir. E é muito bom fazer parte dela...*

Depois que a manifestação terminou, incidentes perigosos tiveram lugar na Porta de Brandemburgo. A bandeira soviética do portão foi arrancada e esvaçada, e as pessoas começaram a bradar gritos de guerra e a fazer ameaças. A polícia russa interferiu. Tiros foram disparados. Uma pessoa morreu e diversas ficaram feridas. Cinco manifestantes foram presos. Um tribunal militar soviético condenou ontem cada um a vinte e cinco anos em campo de trabalhos forçados. Isso significa a morte. Mais cedo ou mais tarde num campo de concentração ou numa mina de urânio.

Numa manifestação organizada no último domingo pelo Partido da Unidade Socialista, no Lustgarten, cem mil habitantes da zona oriental e do setor oriental de Berlim fizeram uma homenagem às “vítimas do fascismo de todas as facções políticas e religiosas.” Será que lá também donas de casa abandonaram seus fogões, cabeleireiras deixaram a cliente no secador de cabelo e os vendedores de jornais fecharam a banca para “se expressarem”? Correndo e pensando: *Somos berlinenses. Somos uma comunidade com destino a cumprir.*

Parece estranho quando os fatos são observados dessa perspectiva. Como se tivéssemos designado para nós mesmos uma missão que não depende de nós. Estará dentro de *nossas* possibilidades determinar se os aliados permanecerão unidos ou entrarão em choque? Estará dentro de *nossas* possibilidades fazer ou não parte da Alemanha Ocidental? Estará dentro de *nossas* possibilidades deliberar se o bloqueio de Berlim continuará ou não? Fazemos demonstrações contra ou a favor. Com demasiada exaltação infantil, estamos sempre três passos à frente das respectivas potências de ocupação.

“Os alemães são como galos de briga numa rinha espanhola,” algum “neutro” disse recentemente. “Cada potência de ocupação coloca seu galo de briga na rinha. E os galos adversários começam a se bicar e esporear até que um deles é retirado morto e o outro fica em frangalhos, quase à morte. E mesmo às portas da morte o galo vitorioso estica o pescoço e emite um triunfal cocoricó.



Quinta-feira, 16 de setembro de 1948

O edifício do Conselho de Controle está vazio. Fracassou a conferência dos governadores militares, e novas providências estão sendo estudadas em Moscou. Diz-se que vão apelar de novo diretamente a Stalin. O generalíssimo Stalin saiu de férias. Viajou há alguns dias e tirará um mês de descanso no mar Negro.

Os soviéticos são espantosamente conservadores em suas desculpas. Reparos em pontes ou em comportas de represas, trilhos ferroviários defeituosos e viagens de férias. Agora, supostamente, a questão de Berlim será repassada ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. Pela terceira vez desde o fim da guerra, os adjetivos nos comentários sobre a situação política foram do “ruim” ao “pior,” passando pelo “perto do pior.”



Segunda-feira, 20 de setembro de 1948

Estamos usando nosso último papel. “No futuro previsível, nenhum papel para revistas poderá ser aerotransportado,” declarou a agência que emite as licenças.

Dá para entender. Antes do papel para revistas não ligadas à política do dia a dia, carvão deve ser transportado pela ponte aérea para as empresas que imprimem os jornais diários que noticiam o que está acontecendo politicamente. E antes que papel seja aerotransportado para essas companhias, batatas e frutas desidratadas, carboidratos e proteínas precisam ser trazidos para quem trabalha em tais empresas. A possibilidade de suprimentos ilegais a partir do setor ou da zona oriental está cada vez menor. Nos postos de controle dos cruzamentos, até diminutas quantidades de alimentos são confiscadas pela polícia do Leste. Controles no metrô, controle nos trens do sistema ferroviário municipal. Batidas policiais nas ruas, inspeção de bagagens e confisco de toda a moeda ocidental encontrada nos inspecionados.

Não é impossível obter papel ilegalmente. Porque, a despeito de tudo, os soviéticos têm interesse na moeda ocidental. Mas como usar dinheiro ocidental se não temos? A taxa de câmbio está variando entre 3,5 e 4,5 marcos. Qualquer artigo no mercado negro requer a moeda ocidental à taxa de 3,5 a 4,5 vezes o valor em marcos do Leste. Não faz então sentido comercializar mercadorias cujo custo de produção é maior do que o de venda. Isso significaria para nós perder cinquenta mil moedas de dez pfennigs a cada duas semanas. Em decorrência, descartamos a possibilidade de obter papel ilegalmente. “Temos de aguentar firme... tornar possível o impossível,” insiste obstinadamente nosso editor-chefe.

Os representantes do Ocidente deixaram Moscou hoje. De mãos vazias. Agora cabe à Organização das Nações Unidas “aguentar firme” e tentar tornar possível a impossibilidade de um acordo Leste-Oeste no conflito de Berlim.



Terça-feira, 5 de outubro de 1948

Jo Thäler foi embora de Berlim. “Não faz qualquer sentido ficar aqui,” disse ele ao partir. “Berlim está perdida.”

Uma atrás da outra, as pessoas se preparam para sair da cidade. Com vinte quilos de bagagem se for via aérea. Com uma mochila e pequena mala caso se ouse transpor ilegalmente a fronteira. Tudo o mais deve ser deixado para trás. Não é a primeira vez que começamos vida nova sem mobília. Nosso círculo de amigos íntimos encolhe a olhos vistos. Fica cada vez mais difícil encontrá-los. É impossível ir a pé aos lugares que gostaríamos, e mesmo numa cidade grande o dia de um pedestre não tem mais de vinte e quatro horas. Para não citar o problema dos apagões. “Venha às nove da noite,” diz um amigo. “De nove às onze da noite temos eletricidade. Assim poderemos oferecer-lhe chá quente.” “Apareça à meia-noite,” diz a cabeleireira à cliente. “De meia-noite às duas da manhã temos energia elétrica. Se você morar perto, não há problema.”

Há que viver de modo diferente. Por exemplo, os ligados a um “cabo dos aliados.” O “cabo dos aliados” é uma expressão que significa sorte em Berlim Ocidental. Ela implica estar a linha de energia da casa da pessoa conectada a um cabo que fornece energia às repartições e residências oficiais das potências de ocupação. Embora elas estejam também sujeitas aos cortes no abastecimento, têm luz das seis às onze da noite. E às onze da noite, a pessoa pode ir para a cama satisfeita, pois já ouviu sem interrupções o noticiário, cerziu suas meias, lavou roupa, preparou seu jantar, serviu os amigos, leu seu jornal, em suma, fez tudo que uma pessoa normalmente gosta de fazer depois de chegar do trabalho.

Nós não estamos ligados a um “cabo dos aliados.” É uma questão de sorte. No entanto, quando se vive

numa área “eletrificada,” fica-se com penosa consciência do fato.



Quinta-feira, 14 de outubro de 1948

Nosso editor-chefe arquitetou uma forma de permanecermos em Berlim mesmo sem o papel. “Tive uma inspiração,” diz, sorrindo de alegria. “Compomos em linotipo a revista em Berlim, levamos as matrizes pela ponte aérea para o sul da Alemanha e imprimimos lá, para depois recebermos toda a edição de volta em Berlim pelo trem postal.”

“Malgrado a inspiração, você parece esquecer que suas quatro fases requerem a cooperação dos soviéticos,” não consigo deixar de observar. Ele olha para mim com ar de reprovação. “O trem postal está funcionando!”

Seu otimismo me sensibiliza. Observo seu rosto esquelético, seu terno demasiadamente frouxo. Ele jamais se queixou das batatas desidratadas ou dos cortes de energia. Seus dedos estão amarelados por fumar até o fim guimbas de cigarros e, a seus olhos, quem vai embora de Berlim é um traidor. Trai a causa comum e todos os berlinenses. A causa da liberdade.

Em prol da liberdade, o conselho da cidade de orientação ocidental mudou-se hoje da prefeitura e ocupou instalações no setor inglês. Duas assembleias municipais, dois departamentos de polícia, dois governos da cidade e também – há pouco tempo – duas universidades. A “Muralha da China” ao longo do limite entre os setores cresce devagar, mas inexoravelmente.



Sábado, 23 de outubro de 1948

As noites estão ficando mais longas, os dias se tornando mais frios. É só encontrar um conhecido na rua que ele pergunta: “Você tem carvão. Você sabe onde se pode conseguir carvão?”

As previsões para este ano são de um inverno mais ameno. Como já nos desesperamos quanto à suspensão do bloqueio, apegamo-nos à possibilidade de um inverno não tão rigoroso. Qualquer coisa, menos congelar de novo como no inverno de 1946. Sem eletricidade, no escuro em volta de fogões frios. Naquela ocasião, eles nos forneceram cinquenta quilos de briquetes. Para durar por todo o período do inverno. Neste ano, não se ouve coisa alguma sobre a alocação de carvão.

“Registrem seus cartões de racionamento de alimentos, junto com seus cartões de registro residencial, no setor oriental,” publicam os jornais do Leste. “A potência soviética de ocupação tem capacidade de suprir também as pessoas dos setores ocidentais.”

Uma oferta tentadora quando se raciocina com a possibilidade de vasta distribuição de carvão. Todavia, um raciocínio utópico quando se considera a necessidade de cruzar o limite entre setores com as compras feitas. Em trens superlotados e passando pelos controles da polícia do Leste, sempre correndo-se o risco de as rações de banha, de carvão ou de carne não estarem disponíveis naquele dia. Então, que sejam consumidas batatas desidratadas, decidem os berlinenses ocidentais. Demonstrando uma vez mais – em parte por heroísmo, em parte por instinto de sobrevivência – seu espírito de unidade contra o Leste.



Quarta-feira, 27 de outubro de 1948

Por todo um mês, o Conselho de Segurança da ONU, presidido pelo ministro do Exterior Bramuglia da República Argentina, vem tentando trabalhar uma solução para o conflito de Berlim. Foi concebida uma agenda detalhada para que se chegasse a um determinado grau de consenso entre posições distintas: suspensão do bloqueio e então conferência das quatro potências *versus* conferência das quatro potências e então levantamento do bloqueio. Raciocinando que aquilo que não pode ser conseguido consecutivamente talvez seja aceitável simultaneamente, Bramuglia e seus colegas neutros arquitetaram uma proposta correspondente e a apresentaram aos representantes das duas facções oponentes. “Sim,” votaram os ocidentais. “Não,” disse Vishinsky, o delegado soviético, vetando a resolução em nome da Rússia. Por conseguinte, parece ter fracassado também essa tentativa de salvar Berlim.

“Vá para o Ocidente,” aconselha-me Heike agora. “Os que não têm razão alguma para permanecer deveriam ir embora. Após Stalingrado, não há lugar para a Academia, uma publicação educacional humanista está deslocada em linhas de frente.”

“E você?” – pergunto.

Ela dá de ombros: “Enquanto pudermos fazer teatro aqui...”

“Enquanto o trem postal estiver operando...” completo sua linha de pensamento, e nenhuma de nós duas termina a frase.



Sexta-feira, 29 de outubro de 1948

O amigo inglês de Andrik também deixou Berlim. Muitos integrantes das forças de ocupação foram substituídos nos últimos meses. Completaram seu tempo de serviço. Novas pessoas ocuparam seus cargos. É preciso primeiro fazer amizade com elas. Mas isso é difícil porque a maioria só fala inglês. Quando perguntamos por quanto tempo durará ainda o bloqueio, elas respondem com um sorriso filosófico: “Oh, cerca de cinquenta anos.” Deve ser mais fácil imaginá-lo por cinquenta anos para quem, sendo membro de uma potência de ocupação, recebe eletricidade das cinco às onze da noite, ou que pode simplesmente voltar para seu país se não gostar mais daqui. Nosso lugar é em Berlim. Com dinheiro ocidental e oriental. Abastecidos via aérea e separados do restante da Alemanha por duzentos quilômetros de ideologia oriental. Uma torre de observação em meio às ondas que arrebatam. Suas paredes vão sendo erodidas, cada vez mais perigosamente toda a semana, pelos choques sucessivos das ondas.

O Comitê do Povo se prepara para nova reunião. Dizem que assuntos importantes serão debatidos. Preparativos para um estado oriental, elaboração de uma constituição que foi minutada para o território ocupado pelos soviéticos. O general Seydlitz, coparticipante da rendição em Stalingrado e vice-presidente do comitê nacional “Alemanha Livre,” tem viajado através de toda a zona oriental inspecionando a Polícia do Povo. Refugiados que chegam daquela zona informam que o efetivo de tal força cresceu para duzentos mil homens e que ela está bem equipada e armada. “É muito improvável que ela tenha recebido armas apenas para desfiles ou ações policiais,” acrescentam os refugiados, sugerindo que devemos estar preparados para outra tentativa de derrubada do governo – quando as noites forem mais longas, e o inverno, mais rigoroso. Nessas circunstâncias, a demanda de Varsóvia quanto a “uma retirada de todas as forças de ocupação depois da assinatura do acordo de paz” não soa nada tentadora.



Terça-feira, 2 de novembro de 1948

Eleições presidenciais nos Estados Unidos. É grande a possibilidade de Dewey, o candidato republicano, ser eleito. “Se ele ganhar a eleição, a política em relação à Rússia se tornará mais dura,” dizem os berlinenses, não muito certos do que preferem.



Quarta-feira, 3 de novembro de 1948

Ele não ganhou. Para surpresa geral, Truman – e não Dewey – venceu a eleição.

“Isso prova que o povo não quer a guerra,” concluem os otimistas.

“Isso prova que o bloqueio continuará,” dizem, resignados, os pessimistas.

O preço no mercado negro do carvão é de quinze marcos da moeda da Alemanha Ocidental por cinquenta quilos. O berlinense mediano compra seu combustível a quilo. Ainda não se fez menção alguma à alocação de carvão. No entanto, correm boatos de que ela não será maior do que doze quilos e meio. O metrô e os bondes vivem apinhados de catadores de gravetos. Cada passageiro carrega seu feixe. Tem-se sorte quando não se é atingido pelo volumoso fardo que as pessoas transportam e quando se consegue manter intacto nosso próprio feixe. Os que têm jardins cortam suas árvores. Enfrentando as dificuldades. Se pelo menos soubéssemos quanto tempo ainda teremos de resistir!



Sexta-feira, 5 de novembro de 1948

Está tudo acabado! O trem postal parou de funcionar. “Detido na fronteira,” declara abertamente a explicação oficial. Cinquenta mil exemplares de nossa revista estão parados em algum lugar entre Helmstedt e Marienborn. Entre Bebra e Eisenach, ou onde o trem tentou cruzar a linha demarcatória. Em palavras mais claras isso significa: falência. Na verdade, não é a primeira no curso dos últimos quatro meses. E, provavelmente, também não será a última. Contudo, o sentimento é mais intenso quando ocorre conosco. Afeta mais diretamente quando é sentido na pele, e não apenas lido nos jornais. Cabograma de Frank: “Pegue o primeiro avião que decolar.”

“Vamos resistir!” – proclama, obstinado, nosso editor-chefe. “Em 5 de dezembro haverá eleições em Berlim. Em 5 de dezembro, tudo será decidido.”



Segunda-feira, 22 de novembro de 1948

Estamos sentindo frio. Heike atiza as brasas no fogão e suspira: “Se ao menos tivéssemos aquelas cinquenta mil revistas. Quem é capaz de dizer em que parte da fronteira entre zonas elas foram deixadas para apodrecer?”

Nossas reservas estão se esgotando. Vamos para a cama vestidas como se estivéssemos partindo para uma expedição à Groenlândia.

“A gente fica tão feia,” reclama Heike, olhando para si mesma debaixo de três suéteres, dois pares de

roupa de baixo de lã e quatro xales de padrões diferentes.

As pessoas ficam, de fato, feias, penso, ao observar meus colegas homens, com suas faces azuis de frio, seus corpos cobertos por camadas e camadas de roupas de cores indefinidas. Treze dias para as eleições. No setor oriental, elas foram proibidas. A justificativa oficial é que em breve terão lugar eleições gerais livres para toda Berlim. Simultaneamente, foi decretado para o setor leste da cidade que o dia 5 seria “um domingo de trabalho para a reconstrução de Berlim.” Com distribuição especial de cupons de alimentos. “Talvez até com carvão,” espalha-se o boato. Cento e dez mil berlinenses vivem nos setores ocidentais e trabalham no setor leste. Eles têm medo de faltar ao trabalho e não participar da obra de reconstrução naquele domingo. Se participarem, não poderão votar. É uma questão de nervos!



Quarta-feira, 1º de dezembro de 1948

“A maior parte dos membros do conselho da cidade eleito em 20 de outubro de 1946 não cumpriu suas obrigações. Portanto, o conselho será dissolvido,” decidiu o “bloco Democrático de Berlim,” e a decisão foi anunciada ontem por Geschke, vice-líder do Partido da Unidade Socialista no conselho da cidade, numa reunião especial que teve lugar no setor oriental. Como preparação para as eleições democráticas gerais, foi organizado um conselho democrático provisório da cidade. Com Friedrich Ebert, filho do ex-presidente do Reich, encabeçando-o como prefeito, e o conselho deve iniciar imediatamente o desempenho de suas funções. Congratulações! Em consonância perfeita com o fato de termos duas assembleias municipais, temos agora dois prefeitos. A Administração Militar Soviética garante todo o seu apoio para o segundo. E, defronte da universidade – a de orientação oriental – dez mil berlinenses promovem uma manifestação. Pela paz, pela unidade e pela democracia. E contra o “conselho secessionista da cidade.”



Domingo, 5 de dezembro de 1948

Eleições em Berlim Ocidental. Não houve distúrbios. Também nenhuma tentativa de interferência em sua realização. Diz-se que foi impressionante o comparecimento dos votantes.



Terça-feira, 7 de dezembro de 1948

Berlim Ocidental votou. Dos cerca de milhão e meio de eleitores cadastrados, um milhão e um quarto votaram contra as políticas do Partido da Unidade Socialista. Um resultado admirável, levando-se em conta que ele provavelmente será pago com uma intensificação do bloqueio, com um inverno sem carvão, com noites sem eletricidade e com uma dieta permanente de batatas desidratadas, vegetais desidratados e carne enlatada. Sentimos que ganhamos asas. Sensação de que é muito bom ser berlinense. É maravilhoso viver numa cidade que prefere a morte à escravidão, que optou por experimentar mais privações no lugar da ditadura.

“Agradecimentos aos defensores da liberdade,” chegam telegramas de todas as partes do mundo. Todavia, o trem postal não mais opera e a luta pela liberdade requer também alguns itens básicos para a existência.



Segunda-feira, 13 de dezembro de 1948

Quando chego ao trabalho, o editor-chefe me recebe com as palavras: “Nenhum papel.” No órgão que concede as licenças, o funcionário encarregado me diz: “Nenhum papel.”

A ponte aérea... “Este é o inverno mais nublado em oitenta anos,” afirma o meteorologista. O aerotransporte faz o que pode. Mas nem ele é capaz de fazer o impossível.

“Você tem que ir embora daqui,” insiste Heike. “Uma vez no Oeste talvez você...”

“Apreste-se e saia daí,” insiste Frank. “Tenho certeza de que no Oeste você poderá...”

Andrik, penso nele. Como posso abandonar *Andrik*? Na névoa que encobre o cemitério, as lápides parecem fantasmas. Nenhum consolo vem dos montes umedecidos de terra. Nenhum consolo vem de *Andrik*. Que bobagem procurar aqui por ele...

Logo no início da tarde vou à agência de viagens da Companhia Aérea Transoceânica. Dizem-me que posso fazer uma reserva para o dia 29. Uma reserva não é ainda uma decisão. Talvez o voo seja cancelado naquele dia. Pode haver neblina, tempestade de neve ou qualquer outro incidente...



Sábado, 18 de dezembro de 1948

Recebemos a primeira alocação de carvão. Doze quilos e meio de carvão betuminoso. Exatamente como os boatos previram.

A neblina continua prejudicando o aerotransporte. Será que os céus estão em conluio com os soviéticos? Minha reserva de voo é para daqui a onze dias. Heike e eu falamos pouco sobre o assunto. Também não estou preparando coisa alguma para a viagem. Agimos como se nada fosse mudar. Chegando em casa já no escuro. Esperando pela eletricidade. Conversando sobre o bloqueio. Especulando sobre o dinheiro oriental e o ocidental. Nosso beijo diário de boa-noite. Oh, minha querida pequena Heike!



Terça-feira, 21 de dezembro de 1948

Algo horroroso está ocorrendo. A vila de Stolpe, na extremidade norte de Berlim, com cerca de mil habitantes que votaram “pela liberdade” em 5 de dezembro, foi entregue pelos franceses, sua anterior potência de ocupação, à zona oriental. “Incorporada a Brandemburgo, segundo o acordo de 29 de outubro de 1945.” Nesta manhã, entre uma e três da madrugada, tropas soviéticas ocuparam a vila inopinadamente. Seus habitantes estão desesperados.

“E o que faremos se, algum dia, Berlim for incorporada como Stolpe?” – perguntam alguns críticos. Ah, se soubéssemos! As pessoas em nosso entorno parecem atônitas e angustiadas, e todas fazem a mesma indagação: será esse o futuro dos que votaram pela liberdade?”



Quarta-feira, 22 de dezembro de 1948

O conselho ocidental da cidade protesta contra a inesperada entrega de Stolpe e a violação dos direitos humanos. Ele faria qualquer coisa para dar apoio aos habitantes de Stolpe que não desejam permanecer sob mando soviético. Porém, o que dizer da casa deles? Do apartamento, seu emprego, de seu gado e de todas as suas rotinas diárias? As pessoas intensificam de novo a fuga para o Ocidente pela fronteira. Melhor a morte do que a escravidão. Melhor viver sem quaisquer posses no Ocidente do que sob o terror em casa.



Sexta-feira, 24 de dezembro de 1948

Todos os meus documentos estão em ordem. Dentro de cinco dias, embarcarei no voo para Frankfurt. Não digo “sim,” nem “não.” A previsão do tempo anuncia persistência da neblina. Quem sabe...

“Diga-se de passagem, eu trouxe para casa alguns galhos de abetos,” Heike me diz quando a noite cai. Esqueci completamente. É Natal. Quando a eletricidade chega, ela prepara um ponche com brandy e açúcar. “Saúde,” Heike murmura entre dentes. Não olhamos uma para a outra.



Domingo, 26 de dezembro de 1948

Despedidas. Andando pelas ruas, tenho vontade de tocar em cada pedra. Abordo estranhos para perguntar banalidades. *Eles são berlinenses*, penso. A afinidade que sinto por eles, o amor. Aqui ninguém diz que eles roubaram nossa bomba atômica. Ninguém quer reintroduzir o castigo físico ou permitir que o juízo que se faça de uma pessoa dependa de ela ser da Baviera, de Baden ou de Berlim.

Meu editor me encara como se eu fosse uma desertora. Mas ele também não mais alimenta esperanças. Não há muita gente da qual tenho de me despedir. Caminho pelas ruas como num sonho. Lá longe, em frente àquela passagem de nível, morreu Andrik. Ele também amava Berlim e, por certo, não gostaria de ir embora. Ali está a casa em que eles vieram buscar os Jacobs, os Bernsteins e a pequena Evelyn, que só comeu uma vez na vida uma pera autêntica. O café onde Heinrich Mühsam se sentava para organizar os papéis já não existe há muito tempo, destruído como a vila na Ihnestrasse, em Dahlem. Ponho algumas flores na sepultura de Ursula Reuber e Eva Richter. Vocês quiseram que fôssemos os administradores da obra incompleta de sua vida. Será que cumprimos a missão, será que carregamos a chama ao longo dos tempos? Penso no conde Moltke, em Trott, em Wolfgang Kühn, em Anna Lehmann, Peter Tarnovsky e Margot Rosenthal. Penso em Herr Erichsohn, que jamais conheci, que não queria ir, mas decidiu ao contrário. E me sinto um pouco traidora. Mas será que sua missão não transcende Berlim, não transcende tempo e lugar? As palavras de Freya Moltke vêm-me à mente: “É uma dádiva ter permissão para carregar a chama. Algum dia – no fim do deserto – ela também estará esperando por nós – a criança.”

Já é tarde quando volto para casa. Heike corre para me receber no vestíbulo. Seu sorriso parece-me um pouco forçado. “Estive esperando por você.”



Quarta-feira, 29 de dezembro de 1948

Jamais imaginei que vinte quilos de bagagem fossem tão pouca coisa. Faço as malas com uma balança ao lado. Roupas de inverno. Quando o verão chegar já estarei de volta por muito tempo. Não quero agora ser tomada por sentimentalismos. Heike conseguiu uma garrafa de conhaque. “À nossa,” brinda. E, de novo, não olhamos uma para a outra.

Tenho de ir embora agora. São duas horas para se chegar ao Aeroporto Tempelhof. Há controles rigorosos. Toda bagagem é vistoriada. Há revista corporal. Declaração regulamentar de que não se leva mais do que trezentos marcos do Oeste. Então, uma corda separa os que embarcam dos que ficam para trás. “Heike,” gaguejo. Ela acena. Vejo sua face de menina em meio à densa neblina.

“*Neblina,*” digo a mim mesma. “*O avião não vai decolar.*”

No lado de fora, os motores roncam. “Passageiros do voo de Berlim para Frankfurt queiram embarcar,” anuncia alguém pelo serviço de alto-falantes. Mecanicamente, começo a me mexer. Mecanicamente, afundo no meu assento e ajusto o cinto de segurança. “A caminho da liberdade,” diz a pessoa sentada ao meu lado. “*A caminho da liberdade,*” desejo responder, mas as palavras engasgam em minha garganta.

Os motores soam mais forte. Estamos rolando pela pista. De início lentamente, depois rápido e mais rápido até que, com um solavanco, o avião ganha altura. Jardins, luzes, paredes de prédios, trilhos ferroviários, ruas desaparecem na neblina. Em algum lugar lá embaixo, Heike está de pé chorando, como choro eu também. Em algum lugar lá embaixo, desaparecendo na neblina, está Berlim, Berlim ocupada.

Epílogo

Quem foi Ruth Andreas-Friedrich, a autora do *Diário de Berlim ocupada 1945-1948*?

Nascida em 23 de setembro de 1901, em Berlin-Schöneberg, era filha do Conselheiro Privado da Guerra, Dr Max Behrens – cujo título faz que pareça mais marcial do que na verdade era – e de sua esposa Margarete.

Andreas-Friedrich passou sua infância em Berlim, Stettin e Metz, e frequentou uma escola secundária para meninas em Magdeburg até 1918. De 1922 a 1923, trabalhou como aprendiz numa livraria de Breslau. Mudou-se para Berlim e, em 1924, casou-se com Otto A. Friedrich, gerente industrial que, depois da Segunda Guerra Mundial, tornou-se presidente da Associação de Empregadores da Alemanha Ocidental.

Sua filha Karin Friedrich – que é a Heike do livro – nasceu em 1925. O casamento de Ruth Andreas-Friedrich terminou em divórcio em 1930.

Nos anos 1920, Andreas-Friedrich começou a trabalhar como jornalista, escrevendo resenhas de livros e artigos para o *Neue Badisch Zeitung* e para o *Königsberger Allgemeine*, e, mais tarde, escreveu para diversos jornais e revistas femininos. “Desde o início da guerra, fui responsável pela coluna de perguntas e respostas, e por todas as questões atinentes às relações humanas da revista *Die Junge Dame*,” escreveu ela numa autobiografia em 1946.

Depois da guerra, Andreas-Friedrich se tornou permissionária e coeditora da revista semanal *Sie*, mas, em 1948, deixou Berlim – como descreve nesta obra – porque as condições de trabalho ficavam cada vez mais difíceis, e se mudou para a Alemanha Ocidental, onde continuou exercendo as atividades como jornalista em Munique. Em 1955, casou-se com o professor Walter Seitz, diretor do Hospital Universitário de Munique. Andreas-Friedrich faleceu em 12 de outubro de 1977 na capital da Baviera.

Caso se observem os livros e artigos que Andreas-Friedrich publicou, fica evidente que com apenas dois livros ela penetra no mundo da literatura: *Diário de Berlim clandestina 1938-1945*, publicado pela primeira vez em inglês nos Estados Unidos em 1946, e sua sequência *Diário de Berlim ocupada*, que contém as observações de 1945 até sua partida da cidade, em dezembro de 1948. Os dois livros revelam de maneira extremamente genuína testemunhos pessoais da história alemã de 1938 a 1948, isto é, da véspera da guerra à fundação das Alemanhas Ocidental e Oriental.

Mas não foi apenas ambição literária que a impulsionou a escrever e publicar seus diários de 1938 a 1945. Ela queria que o povo alemão sentisse alguma coisa diferente de vergonha *vis-à-vis* os estrangeiros; desejou testemunhar que existiram aqueles que permaneceram em Berlim não porque eram colaboradores nazis – ela mesma poderia ter emigrado facilmente para a Suécia – e sim porque quiseram arriscar a própria vida para ajudar seus concidadãos judeus e não judeus politicamente perseguidos – mandá-los em segurança para o exterior enquanto ainda era possível, escondê-los, alimentá-los, adquirir para eles cartões de racionamento e documentos de identificação. Seus registros nos diários durante os anos de guerra são centrados na assistência que ela e seu amplo círculo de amigos, sob ameaça de morte ou de campo de concentração, proporcionaram aos oponentes e vítimas de Hitler. Ela descreve para nós em cores vivas a sagacidade, seguidamente testada, com que encontraram lacunas no sistema de vigilância da Gestapo, da polícia e da SS, e com que falsificaram documentos; descreve também o desespero que se abatia sobre todos quando não conseguiam ocultar alguém ou salvar a vida de uma pessoa. Na realidade, por causa de sua dedicação a tais atividades numa cidade que gradualmente se transformava em ruínas, Ruth Andreas-Friedrich contribuiu para que de mil e quinhentos a dois mil judeus fossem capazes de sobreviver ao Reich em Berlim, a própria capital nazi. Não surpreende que Alfred Frankenstein, num obituário publicado em 1977 no *Israel Nachrichten*, tenha escrito: “Ela é um daqueles cidadãos germânicos que salvou a reputação de seu povo durante a fase mais negra. Que sua memória seja reverenciada.”

Os que se interessarem por mais detalhes sobre as atividades de Ruth Andreas-Friedrich em Berlim como participante do grupo de resistência Onkel Emil podem consultar o Apêndice da edição alemã de 1986 do livro *Berlin Underground*, que relaciona o codinome dos membros do grupo e contém documentos que pormenorizam suas ações.

Após a guerra, Andreas-Friedrich continuou a escrever sobre seus registros nos diários e, em 1949, seu primeiro ano na Alemanha Ocidental, que viria a ser mais tarde República Federal da Alemanha, reuniu suas observações num segundo manuscrito sob o título *Diário de Berlim ocupada: 1945-1948*. Aqui, mais uma vez, a autora revelou-se perspicaz observadora da cidade de Berlim e de seus habitantes. Através de seus olhos, percebemos o misto de coragem e depressão, de desafio e disposição para adaptar-se àquele estado de coisas. Aliviados por terem sobrevivido e, ao mesmo tempo, atônitos com o que se passava, os berlinenses de

suas páginas se atiram à cansativa luta diária pela sobrevivência, limpando escombros e participando da reconstrução.

As entradas nos diários de 1945 a 1948 são tocantes e devastadoras por duas razões. Em primeiro lugar, são descrições concisas, penosas, mas sem autocomiseração, de uma cidade tão lamentavelmente bombardeada, da fome, do frio e de privações tão horrorosas que dificilmente podemos imaginar coisa pior. Em segundo lugar, porém igualmente dignos de nota, são os maus presságios da autora quanto a uma restauração da Alemanha, fundamentados na razão e num senso de vergonha, que a consideram ilusória ou pelo menos irrealizável no futuro próximo. Suas anotações deixam clara a inescapável evidência do fracasso de um verdadeiro recomeço para a Alemanha, com Berlim servindo de modelo – um fracasso político e moral com base em muitas razões.

Como Andreas-Friedrich testemunha com seu estilo sintético ainda que eloquente, mesmo para os alemães mais razoáveis e para os que mais desejavam mudanças, a fome e o frio, no início, foram mais concretos que “culpa coletiva” ou vergonha. Não havia tempo para meditação séria numa fase em que a população tinha de recorrer a meios mais selvagens, escambo, mercado negro, a fim de manter de alguma forma a família viva.

Ademais, Berlim, pelo verão de 1945, tornara-se uma cidade dividida em quatro setores governados pelas potências aliadas. No setor soviético da antiga capital, como na zona da Alemanha ocupada pelos russos, o medo da Gestapo e o invasivo sistema nazi de vigilância foram então substituídos pelos temores em relação aos russos ocupantes e ao comunismo stalinista que eles importaram e puseram brutalmente em prática com a ajuda dos comunistas alemães.

Quando a zona oriental, que depois constituiria a República Democrática da Alemanha tendo Berlim Oriental como capital, descambou imediatamente de um regime totalitário para outro, sua população, ao contrário do restante da Alemanha, não teve a oportunidade de respirar livremente ou de praticar a democracia. E enquanto os russos celebravam a vitória sobre um país que havia invadido e devastado o deles de 1941 a 1944, e matado vinte milhões de seus compatriotas, os sentimentos antissoviéticos que restaram dos tempos nazis afloraram de novo. Tais sentimentos, reforçados pelo tratamento que os alemães do Leste sofreram sob o stalinismo, puderam então ser explorados pelas potências ocidentais na sua propaganda da Guerra Fria.

“O III Reich desapareceu como um fantasma,” escreveu a autora em 2 de maio de 1945. No entanto, para Ruth Andreas-Friedrich e seus amigos, a surpresa e o alívio com a queda do regime de Hitler desapareceram com quase igual rapidez. Já em maio de 1945, durante a primeira crise entre os aliados, o conflito entre o Leste e o Oeste, que iria deixar Berlim na linha de frente, ficou óbvio.

É difícil hoje precisar que combinação de mal-entendidos, erros de cálculo e manobras de poder político levou à Guerra Fria, a qual assumiu pela primeira vez uma aparência sólida durante a primavera de 1947 quando a Cortina de Ferro começou a baixar sobre a Europa e através da Alemanha. O *Diário de Berlim ocupada* descreve alguns dos fatores que não permitiram aos alemães uma proveitosa autorreflexão naquele tempo. Enquanto os repatriados transferidos dos territórios do Leste cedidos à Rússia e à Polônia em Potsdam fluíam através de uma Berlim atulhada de destroços e exalando podridão, as já miseráveis condições se transformavam em amarga luta pela sobrevivência. Igualmente devastadores eram os desdobramentos na esfera política local. Em 1946, o Partido Social Democrata, rico em tradições e caracterizado pela corajosa resistência sob o regime nazi, foi forçado pelos comunistas do leste da Alemanha, apoiados pelos russos, a se fundir com estes últimos para formarem o Partido da Unidade Socialista que, a partir de então, liderou politicamente – e arruinou – o estado da Alemanha Oriental.

Também contraproducente, escreve Andreas-Friedrich, foi o processo de desnazificação concebido pelos aliados e posto em vigor de maneira tão rotineira e ingênua que fracassou na distinção entre os inofensivos e

os abomináveis membros do partido nazi. Os Julgamentos de Nuremberg, se bem que moralmente justificáveis, foram processados de forma igualmente ineficaz. E quando em 1948-49 os soviéticos concretizaram o bloqueio de Berlim, tentando cortar todas as ligações da cidade com o Oeste e liquidar pela inanição dois milhões de pessoas – como os alemães haviam tentado fazer com Leningrado alguns anos antes – cresceram os ressentimentos contra a Rússia e o comunismo, e os berlinenses ocidentais sentiram-se nas linhas de frente de uma guerra.

Ruth Andreas-Friedrich desapontou-se também ao ver os membros de sua pequena célula de resistência enveredarem por direções politicamente distintas depois de 1945 e ao constatar como os integrantes do grupo Onkel Emil dispersaram-se quando não mais compartilharam de uma causa comum. E com uma visão quase profética que antecipou os eventos de 13 de agosto de 1961 – a construção do muro atravessando Berlim – ela registrou na entrada de 6 de setembro de 1948: “Talvez tenhamos amanhã dois governos da cidade e uma ‘Muralha da China,’ com ameias e guaritas, correndo ao longo do limite entre setores. É provável que então venha a ser necessário um visto para se ir de Charlottenburg à Unter den Linden, o bulevar que começa na Porta de Brandemburgo.”

Já em 1948, Andreas-Friedrich tinha a premonição de que um muro seria o último recurso, a consequência inevitável da tentativa de isolar a Europa Oriental da Ocidental, a Alemanha Oriental da Ocidental, Berlim Oriental da Berlim Ocidental. Tenho absoluta certeza que ela teria vivido as emoções infinitamente profundas com as quais, no outono de 1989, os alemães finalmente celebraram a queda do odioso muro.

Entretanto, trabalhar em Berlim em 1948 tornou-se uma experiência cada vez mais frustrante para Andreas-Friedrich. As condições do bloqueio eram tais que, devido à falta de papel, dificilmente se podia publicar qualquer revista. Em 29 de dezembro de 1948, ela deixou sua amada cidade. “... viver aqui entre ruínas parece equivalente a já estar repousando no próprio caixão,” escreveu o poeta Gottfried Benn a um amigo, a partir da dividida, bloqueada e gélida cidade.

Benn foi capaz de aguentar aqueles dias terríveis, mas Ruth Andreas-Friedrich não conseguiu mais viver na Berlim do pós-guerra. Ainda assim, ela a descreveu para nós de uma forma totalmente despretensiosa e, exatamente em função de seu estilo modesto, nos presenteia com um documento acurado, singular e inesquecível.

Jörg Drews

Bielefeld, Alemanha Ocidental

Janeiro de 1990.

* [CARE](#), Cooperative for American Relief Everywhere (cooperativa americana para ajudar sobreviventes da Segunda Guerra em qualquer lugar)